



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

**Territórios de Sentido:  
uma geoantropologia da fronteira entre a  
ciência e a espiritualidade**

ALESSANDRA FONSECA LEAL  
Uberlândia/MG  
2016

ALESSANDRA FONSECA LEAL

"Territórios de Sentido":  
uma geoantropologia da fronteira entre a  
ciência e a espiritualidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPOSGEO, na Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de doutora em Geografia

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território

Orientador: Prof. Carlos Rodrigues Brandão

Uberlândia/MG  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA  
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Programa de Pós-Graduação em Geografia

ALESSANDRA FONSECA LEAL

**"Territórios de Sentido":  
uma geoantropologia da fronteira entre a ciência e a  
espiritualidade**

---

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (orientador) - UFU-MG

---

Profª. Dra. Joelma Cristina dos Santos – UFU-MG

---

Prof. Dr. Túlio Barbosa – UFU-MG

---

Prof. Dr. Jadir de Moraes Pessoa – UNIUBE-MG

---

Profª. Dra Andréa Maria Narciso Rocha de Paula – UNIMONTES-MG

Data: **04.04.2016**

Resultado: **aprovada com distinção**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

L473t  
2016

Leal, Alessandra Fonseca, 1984-  
"Territórios de Sentido" [recurso eletrônico] : uma geoantropologia da fronteira entre a ciência e a espiritualidade / Alessandra Fonseca Leal. - 2016.

Orientador: Carlos Rodrigues Brandão.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Geografia.  
Modo de acesso: Internet.  
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5328>  
Inclui bibliografia.  
Inclui ilustrações.

1. Geografia. I. Brandão, Carlos Rodrigues, 1940-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

---

Glória Aparecida  
Bibliotecária - CRB-6/2047



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
 Instituto de Geografia  
 Programa de Pós-graduação em Geografia



ATA DE DEFESA DE TESE DE DOUTORADO ACADÊMICO No. 128 PPGEQ Ano: 2016

Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGEQ, do Instituto de Geografia – IG, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

DATA: 4/4/2016

INÍCIO: 15:00h

ENCERRAMENTO: 19:00h

LOCAL DA DEFESA: Campus Santa Mônica – Bloco \_\_\_\_ Sala \_\_\_\_

DISCENTE: Alessandra Fonseca Leal

Nº. MATRÍCULA: 21213GEO001

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

LINHA DE PESQUISA: Análise, Planejamento e Gestão dos Espaços Urbano e Rural

TÍTULO: "TERRITÓRIOS DE SENTIDO: uma geocritologia da fronteira entre a ciência e a espiritualidade".

|   |           |
|---|-----------|
| Prof.(a) Dr(a): Carlos Rodrigues Brandão<br>Orientador (a) (Presidente) | UFU       |
| Prof.(a) Dr(a): Andrea Maria Narciso Rocha de Paula                     | UNIMONTES |
| Prof.(a) Dr(a): Jadir de Moraes Pessoa                                  | UFG       |
| Prof.(a) Dr(a): Joilma Cristina dos Santos                              | UFU-FACIP |
| Prof.(a) Dr(a): Túlio Barbosa   | UFU       |

Em sessão pública, após exposição de cerca de 30 minutos, o(a) aluno(a) foi arguido(a) oralmente, sendo que a Banca Examinadora considerou o(a) candidato(a) aprovado(a) com louváveis

Esta defesa de Tese de Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, legislação e regulamentação internas da UFU.

Na forma regulamentar, foi lavrada a presente Ata que é assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Carlos Rodrigues Brandão (Presidente) - UFU

Andrea Maria Narciso Rocha de Paula – UNIMONTES

Jadir de Moraes Pessoa - UFG

Joilma Cristina dos Santos – UFU - FACIP

Túlio Barbosa – UFU

Aluno(a) Alessandra Fonseca Leal

Aos homens da minha vida,  
Meu pai, Gilberto Ferreira Leal (in memoriam);  
meu irmão, William, meus sobrinhos, João Luca,  
Artur Pietro e Miguel Felipe;  
Ao Maharaji ji e ao Prem Baba, meu guru, minha  
vida.



## Gratidões

*“Sorte é isto: merecer e ter”*

*João Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas*

*A gratidão é talvez a primeira virtude da alma. Quando a alma começa a se revelar você sente gratidão pela vida, pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pela floresta, pelo mar, pela terra.*

*Prem Baba*

Agradeço a meu pai, Gilberto, que você esteja nos braços do amor e da luz. Gratidão por ter estado, mesmo diante das demandas do partir. Gratidão pela vida e pelo afeto. Gratidão pelo perdão e pelo sim. Você segue agora em meu coração e em cada ato que pratico. Agradeço a ela, minha mãe querida, “Dona Duda”, pelos cuidados e por ter dito o sim, por escolhido e nunca ter desistido de nós. Gratidão pelas gentilezas silenciosas e frequentes, pelas preocupações e pela compreensão acima de tudo. Gratidão pelo suor, pelo trabalho que dispuseram não só por mim, mas por meus irmãos e sobrinhos. Amor...

Gratidão à minhas irmãs (Nádja, Érika e Daiane), a meu irmão (William), minha cunhada (Flávia Alessandra), às luzes da minha vida (João Luca, o Buda, Artur Pietro, o Krishna e Miguel, o Ram) pela existência em minha vida, pelo que me ensinam com as manifestações de afeto e de ira. Nádja, com você aprendo sobre a força e a perseverança. Érika, com você aprendo a doação e o serviço. Daiane, você me ensina sobre a coragem de ir em busca dos sonhos. William com você aprendo sobre a leveza da paternidade e a paciência do construir. Flávia Alessandra, como você me ensina sobre a união, a compaixão e a compreensão. Gratidão por escolher nossa família.

Gratidão ao Opará – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre comunidades tradicionais do rio São Francisco. Você, enquanto grupo e entidade, ensinou-me sobre o poder da união e da mobilização, a criação em conjunto e principalmente a reconhecer minhas raízes, minha origem em amor e poesia. Gratidão! Gratidão Andréa Maria, Graça Marcia, Maristela Côrrea, Angela Fagna, Geraldo Inácio, Érika Adriana, Fernanda Amaro, Marcelo Chelotti, Juliana, Mauro, Sérgio, Thais, Thays, e outras tantas pessoas que o nome possam escapar da minha memória neste momento. Gratidão por darem força, contribuírem, construírem e fazer acontecer tudo o que acontece no Opará e para além dele. Gratidão a contribuição de vocês como colegas de trabalho e amigos.

Gratidão à Carlos Rodrigues Brandão, orientador de horas de estudo e vida, orientador e amigo. Sem você esse trabalho com certeza não teria chegado ao final. Gratidão por convidar-me a confiar na contribuição que ele pode oferecer ao mundo e a estar e a tecer e a fazer e a contribuir. Aprendo muito com você sobre solidariedade e serviço, aprendo sobre ciência e espiritualidade em seus antagonismos, paradoxos e semelhanças.

Gratidão às pessoas tão pertencentes às raízes que me constituem e que foram amigos e “sujeitos agentes” de pesquisa durante os seis anos de trabalho com o Opará. Gratidão a cada entrevistado, a cada pescador, agricultor, dona de casa, criança, adolescente, adulto, senhor(a), a cada comunidade, aos benzedeiros, curandeiros, parteiras que fizeram parte do primeiro esboço de pesquisa. Gratidão à cidade de Grão Mogol que me recebeu nesse período. Gratidão ao Norte de Minas, a Montes Claros, terra mãe que me deu as bases para que eu tenha chegado onde hoje estou. Gratidão sincera!

Gratidão às comunidades alternativas que me receberam nessa trilha da busca do sentido: ENCA, Rosa dos Ventos, Patrimônio da Penha, Figueira, Piracanga, sangha Prem Baba. Aos grupos de Constelação Familiar, de Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa – TSFI, Leitura de Aura e Reiki. Vocês abriram portas, insights para as percepções, para a expansão da consciência, para a busca mais profunda e o encontro com o sentido. Minha gratidão mais verdadeira.

Gratidão a Irene Cotrim, Alexandra Caymmi e Mimansa por apresentarem-me as dinâmicas ocultas e reveladoras dos sistemas familiares; à Angelina Athaide, Amélia Clarck por ancorarem a Leitura de Aura no Brasil e mobilizarem todo o movimento pela cura e expansão da consciência; à Prem Tara, ao Prem Ragi e à Manuela Barroso por mostrem-me o caminho até o Prem Baba, meu pai, meu guru.

Gratidão aos amigos que facilitaram e tornaram amável e fascinante a trilha da descoberta, do mergulho interior Su Marie e Maria, Prem Tara e Lumi, Cecília, Dario Garce, Fafá Martins, Gabriel, Sandra Bettine, Lin, Anne Cauê, Prem Nandini, João Lunar, Celeste Deza, Nacho, Natália Carneiro, Magui Wati, Liz Centeno, Vanessa Shakti, Bhushan, Keninha, Lara, Júlia, Magela, Jéssica Gontijo, Eva, Dean, Aya Mali, Sunrhi, Rosário, e a quem por acaso tenha me faltado o nome neste momento. Gratidão aos eternos amigos da Rosa dos Ventos, Sandra Sgarbi, Leila Rita, Noemi Barreiro, Daniel Thygel, Zé Brandão, Tião, Renan Antonio, Luci Micheau, Geneviève Boudreau Youla Bourgoïn, Tuirá Tule, Henrique Max, Flávia Amaro, Anas Paulas, Joyce, João Bá, João Rio, João Arruda, Alik, Nádia Campos, Fernando Guimarães, Lucimar, e também quem tenha por acaso me faltado o nome. Aos amigos da vida

dos entremeios, das raízes e dos percursos: Manu Alvarez, Ana Macedo, Isabel Avelar, Magda Macedo, Ester Sanei, Martha Raquel, Laura Moreno, Marcia Marcela, Marília, Marcelo, Lígia Rolfsen. Gratidão à Sangha Prem Baba e aos amigos-irmãos de Piracanga. A todos vocês minha gratidão profunda: juntos somos um e todos sentimos o um. Gratidão pelo pertencimento, pelo compartilhar, pelas escolhas em comum, por estarem.

Gratidão por estarem, por compartilhem-se, pelo carinho e acolhida que torna fluído o caminhar. Vocês despertam a alegria e o amor em mim. Gratidão

Agradeço aos amigos entrevistados que contribuíram diretamente para a construção desse trabalho: Arthur Shaker, Ivamney Lima, Giridhari Das, Cecília Cabral, João Rio e Kênia Santos. Gratidão!

Agradeço à Cynara, João Fernandes, Izabel pelo apoio e auxílio em todos os momentos e a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia que contribuíram e contribuem com o curso. Gratidão!

Gratidão à banca, Túlio Barbosa, Joelma Santos, Andrea Maria Rocha de Paula e Sueli Bernardes, que com carinho leram e contribuíram valiosamente para com este trabalho. Gratidão!

Gratidão à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal, pela bolsa que possibilitou voos e mergulhos entre ciência e espiritualidade.

Gratidão profunda ao meu guru Prem Baba, que trouxe luz e amor a meu ser e que me mostra o caminho do amor e da entrega. Gratidão infinita à Maharaji ji, por tudo, por todo o trabalho o serviço à humanidade, gratidão por esta linhagem linda, gratidão por me guiar. Quando eu já havia decidido desistir, foi você que se apresentou mostrando que o caminho era mais leve do que eu imaginava. Gratidão!

Gratidão ao Universo e aos seres de luz, aos seres da natureza, a guardiões, guias, anjos e arcanjos que me acompanham e que me auxiliam no caminhar. Agradeço ao caminho que se fez possível e permite o fluir e o aprender. Gratidão eterna e incondicional!

Gratidão! Gratidão! Gratidão!



*Caminha e o caminho se abrirá*  
Gassho

*Aliviar os sofrimentos imediatos de outrem é um dever, mas, não basta: é preciso remediar as próprias causas do sofrimento. Mas, isso não era claro para mim. Eu me dizia: quando eu vejo meu mestre, o aspecto físico dele, a maneira como fala, como age, o que ele é... tudo isso me dá a convicção íntima de que existe aí alguma coisa essencial que eu espero aprofundar. Existe aí uma fonte de inspiração, de certeza, uma perfeição com a qual desejo me impregnar. Ao longo das minhas viagens à Índia, eu me dei conta de que, quando estava junto ao meu mestre, facilmente esquecia o Institut Pasteur, tudo o que minha vida na Europa representava, e de que, quando eu estava no Institut Pasteur, minha mente voava para o Himalaia. Foi aí que tomei uma decisão da qual nunca me arrependi: a de me ver no lugar onde desejava estar! Não há nenhuma incompatibilidade entre a ciência e a vida espiritual. Mas, para mim uma assumia mais importância do que a outra.*  
Matthieu Ricard. *O Monge e o Filósofo*, 1998.



## Resumo

O objetivo desta pesquisa é analisar e evidenciar como as fronteiras entre ciência e espiritualidade estão se estreitando, o que em alguns casos poderia indicar uma tendência a uma crescente integração, discutindo a partir das biografias e das histórias de vida o conceito de território de sentido. Nessa perspectiva, visualizaremos os territórios de sentido, que se constroem a partir da relação entre homem e universos simbólicos e homem e sistemas de sentido, que embora sejam abarcados por um lugar, não necessariamente se vinculam a um território físico. Como metodologia de pesquisa trabalho com três grupos de pessoas, aqueles que uniram ciência e espiritualidade, aqueles que deixaram a ciência pela espiritualidade e aqueles que nunca tiveram na ciência, mas, de alguma forma conectados com um caminho mais intuitivo e devocional. Trabalho com biografias, entrevistas em jornais, revistas e internet de personalidades conhecidos entre os caminhos da ciência e da espiritualidade e histórias de vida de pessoas com quem encontrei nessa trajetória entre a ciência e a espiritualidade. Relatarei também minha própria história de vida, a minha trajetória profissional e interior, como mais um exemplo entre o de tantas pessoas que, tal como eu mesma, num primeiro momento entram em crise diante do desafio de fazer interagir uma formação original acadêmico-científica, com uma busca pessoal de caminhos outros que não compatível com a formação na universidade. Em termos de construção teórica dialogarei com teóricos da antropologia como Evans-Pritchard e Carlos Rodrigues Brandão, além de geógrafos como Milton Santos, Haesbaert, Geraldo Inácio Martins e Yi-Fu Tuan para esclarecermos categorias como religião, magia, espiritualidade, sistema simbólico, sistema de sentido, território e fronteira. E também para “geograficar” tais categorias. Os territórios de sentido, são assim desenhados à medida em que o sentido de vida é resgatado e em que a busca desse significado traça conexões semânticas entre universos simbólicos e sistemas de sentido variados. É nessa trajetória entre territórios, esse limiar da fronteira que, a nosso exemplo da ciência e da espiritualidade, acontecem o lugar fecundo para o sentido e para a expansão da consciência, a quebra de paradigmas, de crenças, valores, modelos, sistemas, e universos já postos e enrijecidos. Assim a espiritualidade, longe de ser um sistema doutrinário rígido, permite a criação de sistemas de sentido que envolvem o percurso e a escolha de crenças peculiares a cada um. Permite também, driblar crenças e símbolos ortodoxos e repletos de julgamentos (como céu e inferno, bem e mal), assim como doutrinas ortodoxa como o catolicismo, o protestantismo e a maior parte das religiões legitimadas e estruturadas.

**Palavras-chave:** território, território de sentido, fronteira, entre-lugar, ciência e espiritualidade.



## Résumé

L'objectif de cette recherche est d'analyser et de démontrer comment les frontières entre la science et la spiritualité se rapprochent l'une de l'autre et ce qui peut indiquer les tendances à s'intégrer, et ce, en faisant valoir des biographies et des histoires de vie concernant la notion de sens du territoire. Selon cette perspective, nous verrons les territoires de sens qui sont construits à partir de la relation entre l'homme et l'univers symbolique et de l'homme et le système de sens. Bien qu'ils puissent être représentés par un seul endroit, les territoires de sens ne sont pas nécessairement liés à un territoire physique. Un travail avec une méthodologie de recherche sera fait avec trois groupes de personnes, ceux qui ont rejoint la science et la spiritualité, ceux qui ont quitté la science de la spiritualité et ceux qui n'ont jamais rejoint la science, mais qui d'une certaine manière sont liées à un chemin plus intuitif et dévotionnel. Je travaillerai avec des biographies, des interviews de journaux, des magazines, des histoires de vie et des personnalités Internet qui ont connues des moyens et des trajectoires entre la science et la spiritualité. Je rapporterai également ma propre histoire de vie, ma carrière professionnelle et intérieure, comme étant un autre exemple parmi les nombreuses personnes qui, comme moi, d'abord ont connu une crise avant de relever le défi de trouver une formation académique et scientifique originale, avec une recherche personnelle qui nécessite des moyens incompatible avec la formation universitaire. En termes de construction théorique, j'utiliserai l'anthropologie théorique d'Evans-Pritchard, de Carlos Rodrigues Brandão et des géographes tels que Milton Santos, Haesbaert, Geraldo Inacio Martins et Yi-Fu Tuan pour clarifier les catégories de la religion, de la magie, de la spiritualité, de la symbolique, du système de direction, du territoire et des frontières. Ce qui permettra de "géographier" ces catégories. Les territoires de sens, sont conçus de manière à ce que le sens de la vie soit retrouvée et que la poursuite de ceux-ci tracent des connexions sémantiques entre l'univers symbolique et les systèmes de sens variés. Dans cette trajectoire entre les territoires, le seuil de la frontière et de la crise qui, dans notre exemple de la science et de la spiritualité, devient l'endroit fécon pour l'expansion de la conscience, pour briser les paradigmes, les croyances, les valeurs, les modèles, les systèmes. L'univers symbolique se consolide. Donc, la spiritualité, loin d'être un système doctrinal rigide, permet la création de systèmes de sens autour de l'itinéraire et du choix des croyances propres à chacun. Il permet également de contourner les croyances et les symboles orthodoxes. Il complète les jugements (tels que le ciel et l'enfer, le bien et le mal) ainsi que les doctrines orthodoxes comme le catholicisme, le protestantisme et les religions les plus légitimes et structurés.

**Mots-clés:** territoire, territoire de sens, frontière, entre-lieu, science et la spiritualité.



## Lista de Abreviaturas e Siglas

ÁGORA – Núcleo de Propriedade Intelectual  
BBC – British Broadcasting Corporation  
BBT – Bhaktivedanta Book Trust  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CATI – Coordenadoria de Apoio Técnico  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
DNA – Ácido Desoxirribonucleico  
EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural  
ENCA – Encontro de Comunidades Alternativas  
EUA – Estados Unidos da América  
FACHA – Faculdades Integradas Hélio Alonso  
FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais  
FATHO – Escritório de Propriedade Intelectual  
FUNARTE  
IAM – Técnica Integrada de Meditação Amrita  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas  
ISKCON – International Society for Krishna Consciousness  
MA-OM – Método de Meditação da Amma  
MBA – Gestão Estratégica de Marketing  
MBSR – Mindfulness Based Stress Reduction  
MEB – Movimento de Educação de Base  
MST – Movimento dos Sem Terra  
OMS – Organização Mundial de Saúde  
ONG – Organização não Governamental  
ONU – Organização das Nações Unidas  
OPARÁ – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre comunidades tradicionais do Rio São Francisco  
PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar  
RENASSÊNCIA – Renascer Essência  
SBB – Sociedade Budista do Brasil  
SEMIE – Piscina Pública de Limeira  
SUS – Sistema Único de Saúde

SVM – Sociedade Vipassana de Meditação

TRAVESSIAS – Museu da Pessoa do Sertão

TSFI – Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa

TV – Televisão

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO – União das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

USP – Universidade de São Paulo

WPT – Wisconsin Public Television



## Lista de Ilustrações

### LISTA DE FOTOS

|           |  |         |
|-----------|--|---------|
| FOTO 1 –  | Capa .....   | 1       |
| FOTO 2 –  | Para onde vamos .....  | 17      |
| FOTO 3 –  | Travessia de territórios, territórios de fronteiras<br>.....       | 29      |
| FOTO 4 –  | Trajetórias de vida .....  | 60      |
| FOTO 5 –  | Deepak Chopra .....  | 65      |
| FOTO 6 –  | Fritjof Capra .....  | 69      |
| FOTO 7 –  | Amit Goswami .....   | 72      |
| FOTO 8 –  | Matthieu Ricard .....  | 76      |
| FOTO 9 –  | Bruno Gimenes .....  | 81      |
| FOTO 11 – | Mātā Amritanandamayī Devi – Amma .....                             | 83      |
| FOTO 12 – | João de Deus .....   | 87      |
| FOTO 13 – | Territórios de sentido na vida .....                               | 95      |
| FOTO 14 – | Arthur Shaker<br>.....   | 199     |
| FOTO 15 – | Fotos Casa de Dharma .....   | 107     |
| FOTO 16 – | Ivamney Lima e Mooji<br>.....                                      | 113     |
| FOTO 17 – | Fotos Ivamney clown, Grupo Zen em Campinas, Lima e Mooji           | 123     |
| FOTO 18 – | Giridhari Das<br>.....   | 126     |
| FOTO 19 – | Fotos Paraíso dos Pândavas .....                                   | 131     |
| FOTO 20 – | Cecília Cabral<br>.....  | 136     |
| FOTO 21 – | Fotos Cecília Cabral .....   | 142     |
| FOTO 22 – | João Mendes Rio<br>.....   | 147     |
| FOTO 23 – | Fotos Renascência e fotos os três Joãos: Rio, Bá e Arruda<br>..... | 155     |
| FOTO 24 – | Kênia Santos<br>.....  | 158     |
| FOTO 25 – | O capítulo da minha vida .....                                     | 165     |
| FOTO 26 – | No Opará .....   | 176-177 |
| FOTO 27 – | Com Carlos Brandão e Andréa Maria .....                            | 177     |
| FOTO 28 – | Ato Psicomágico .....  | 181     |
| FOTO 29 – | Piracanga .....  | 184     |
| FOTO 30 – | Na Rosa dos Ventos .....   | 200-201 |
| FOTO 31 – | Na Índia .....   | 202     |
| FOTO 32 – | Antes, durante e depois .....                                      | 203     |

|           |                                  |     |
|-----------|----------------------------------|-----|
| FOTO 33 – | O encontro das travessias .....  | 205 |
| FOTO 34 – | Onde chegamos .....              | 240 |
| FOTO 35 – | Referências Bibliográficas ..... | 252 |

## LISTA DE FIGURAS

|             |   |     |
|-------------|---|-----|
| FIGURA 1 –  | Fluxograma ciência e prática devocional .....           | 24  |
| FIGURA 2 –  | Figura 1 .....  | 35  |
| FIGURA 3 –  | Figura 2 .....  | 36  |
| FIGURA 4 –  | Figura 3 .....  | 37  |
| FIGURA 5 –  | Figura 4 .....  | 37  |
| FIGURA 6 –  | Figura 5 .....  | 38  |
| FIGURA 7 –  | Territórios de Sentido de Alessandra à Prem Sarit ..... | 199 |
| FIGURA 8 –  | Fluxograma 1 .....                                      | 211 |
| FIGURA 9 –  | Fluxograma 2 .....                                      | 211 |
| FIGURA 10 – | Territórios de Arthur Shaker .....                      | 215 |
| FIGURA 11 – | Sistema de Sentido de Arthur Shaker .....               | 216 |
| FIGURA 12 – | Sistema de Sentido de Ivamney Lima .....                | 216 |
| FIGURA 13 – | Territórios de Ivamney Lima .....                       | 217 |
| FIGURA 14 – | Sistema de Sentido de Giridhari Das .....               | 218 |
| FIGURA 15 – | Territórios de Giridhari Das .....                      | 219 |
| FIGURA 16 – | Territórios de Cecília Cabral .....                     | 220 |
| FIGURA 17 – | Sistema de Sentido de Cecília Cabral .....              | 221 |
| FIGURA 18 – | Sistema de Sentido de João Mendes Rio .....             | 222 |
| FIGURA 19 – | Territórios de João Mendes Rio .....                    | 223 |
| FIGURA 20 – | Territórios de Kênia Santos .....                       | 224 |
| FIGURA 21 – | Sistema de Sentido de Kênia Santos .....                | 225 |

## LISTA DE QUADROS

|            |   |         |
|------------|---|---------|
| QUADRO 1 – | Travessias .....                            | 212-213 |
| QUADRO 2 – | Territórios de Sentido: entrevistados ..... | 229     |
| QUADRO 3 – | Territórios de Sentido: biografias .....    | 235-236 |



## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Apresentação: para onde vamos...   | 18  |
| 1. Travessias de territórios, territórios de fronteiras  | 30  |
| 1.1. Sistemas de sentido   | 30  |
| 1.2. Territórios de sentido  | 32  |
| 1.3. Travessia dos territórios: lugar de fronteira   | 38  |
| 1.4. Lugar de fronteira: política do território  | 48  |
| 1.5. Magia, religião e espiritualidade   | 54  |
| 2. Trajetórias de Vida   | 61  |
| 2.1. Território de sentido científico profissional e território de sentido devocional profissional     | 65  |
| 2.1.1. Deepak Chopra   | 65  |
| 2.1.2. Fritjof Capra   | 69  |
| 2.1.3. Amit Goswami  | 72  |
| 2.2. Território de sentido científico não profissional e território de sentido devocional profissional | 76  |
| 2.2.1. Matthieu Ricard   | 76  |
| 2.2.3. Bruno J. Gimenes  | 81  |
| 2.3. Território de Sentido Devocional profissional   | 83  |
| 2.3.1. Amma - Mātā Amritanandamayī Devi  | 83  |
| 2.3.2. João Teixeira de Faria – João de Deus   | 87  |
| 2.4. Travessias, territórios, entre-lugares  | 91  |
| 3. Territórios de sentido na vida  | 97  |
| 3.1. Território de sentido científico profissional e território de sentido devocional profissional     | 98  |
| 3.1.1. Arthur Shaker   | 98  |
| 3.1.2. Ivamney Augusto Lima  | 112 |
| 3.2. Território de sentido científico não profissional e território de sentido devocional profissional | 125 |
| 3.2.1. Giridhari Das   | 125 |
| 3.2.2. Cecília Cabral  | 135 |
| 3.3. Território de Sentido Devocional profissional   | 147 |
| 3.3.1. João Mendes Rio   | 147 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.3.2. Kênia Santos  | 157 |
| 4. O capítulo da minha vida  | 166 |
| 4.1 Sandra   | 166 |
| 4.2. Alê e Allé  | 171 |
| 4.3. Prem Sarit  | 182 |
| 4.4. Para além dos nomes   | 192 |
| 5. O encontro: travessias, trajetórias e territórios                     | 206 |
| 5.1. Trajetórias: travessias de territórios                              | 206 |
| 5.2. A perspectiva das trajetórias de vida                               | 213 |
| 5.3. A perspectiva das travessia, da descoberta e do viver em fronteiras | 225 |
| Conclusão  | 241 |
| Referências Bibliográficas   | 253 |
| Entrevistas e Reportagens  | 256 |
| Sites  | 259 |
| Vídeos   | 262 |



# Apresentação

## Para onde vamos...



---

<sup>1</sup> **Caminhos.** Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em [https://sosamelasilva.files.wordpress.com/2013/01/varios\\_caminhos.jpg](https://sosamelasilva.files.wordpress.com/2013/01/varios_caminhos.jpg). Acessado em 12/02/ 2016.  
Capa: **Rio São Francisco.** Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: <http://www.lppm.com.br/?q=node/302>. Acessado em Acessado em 12/02/ 2016.

## Apresentação: para onde vamos...

Devo antecipar que apesar de se basear essencialmente em depoimentos de pessoas, como quase histórias-de-vida, este trabalho apresentado como uma tese de doutorado em geografia nada tem de um exercício de memória social. Ou, se tem, há de ser muito mais através de trilhas de uma geo-antropologia (meu orientador é um antropólogo) do que por caminhos de uma história das mentalidades.

Começo por recordar fatos que, imagino, são bem conhecidos de quem me leia. Acredito que vivemos hoje, bem mais do que há apenas cinquenta anos atrás, um tempo em que em todas as suas áreas todo o universo do chamado "mundo científico" tem sido questionado, agitado e sacudido. Não apenas novas teorias que surgem, florescem e passam, sucedendo-se no tempo e entre os espaços, mas todo um mundo de novas integrações entre todas as áreas das ciências. Um acontecer de que o conhecido "Manifesto da Transdisciplinaridade" foi um dos pontos de partida e pode ser tomado como um bom exemplo. Além disto, presenciamos o que alguns denominam de "salto quântico" das ciências em busca de saberes outros, antes considerados como meros e distantes "objetos de pesquisa".

O mundo do Ocidente, através também de suas ciências, abre-se ao Oriente e aprende com ele. *O Tao da Física*, conhecido livro de Fritjof Capra pode um bom exemplo de tudo isto. E não apenas o Oriente, mas as ciências, da Antropologia à Geografia, à Biologia e à Ecologia aprendem com as chamadas "tradições populares"; com as culturas dos "povos primitivos"... nunca tão primitivos, na verdade.

Tomo aqui o caso da Antropologia, a ciência de base de meu querido orientador, e em que me apoio aqui profundamente. Nos últimos anos novos pesquisadores vindos da Índia, da Jamaica, da China, aqui mesmo do Brasil e do outros países da América Latina, emergem a cada dia mais. Surgem, estudam, pesquisam e escrevem e publicam. E cada vez mais de igual para igual eles dialogam com as chamadas "antropologias centrais" (EUA, Inglaterra e França). Assim, as chamadas "antropologias periféricas" conquistam a cada dia mais e mais espaços. E não são poucos os casos de indígenas que aqui no Brasil ingressam em universidades, cursam pós-graduação e escrevem "de lá pra cá". O surgimento de uma nova "antropologia

perspectivista<sup>2</sup>" ao lado de uma "antropologia reversa"<sup>3</sup>, interessada em saber como os "outros povos" pensam "a gente", está tocando o "fundo dos fundamentos" de toda uma antropologia clássica secular. Estaria o mesmo acontecendo com a Geografia?

Assim, as ciências sociais e as da natureza abrem-se interativamente a saberes outros. Levam em conta a sabedoria de povos ancestrais, de povos indígenas, de sacerdotes africanos, de navegadores e cartógrafos das ilhas da Melanésia, para aprenderem com eles novos olhares em todos os campos do saber.

Vejam os exemplos das "novas cartografias brasileiras" (com as quais nós iremos nos reencontrar em nossa conclusão desta tese) como no caso do projeto desenvolvido pelo antropólogo Wagner Berno de Almeida. Essas novas interações entre ciências "oficiais" e outros saberes atingem também a relação entre as ditas ciências e outras modalidades de saberes, sentidos e significados. Fronteiras são ultrapassadas, olhares e teorias antes antagônicas agora dialogam. Barreiras são abertas e algumas escancaradas. Territórios cerrados se abrem e em alguns campos e vertentes de ciências transita-se de um "território" para o outro sem nenhum problema. Ou com bem menos problemas e temores do que há anos atrás.

Comecei esta introdução desta maneira porque pessoalmente eu mesma me reconheço como uma pessoa situada num "entre-lugar", para empregar aqui a fórmula que Homi Bhabha, antropólogo indiano, tornou conhecida. Uma pessoa de entre-fronteiras, mais do que alguém apenas "indefinido".

Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novas signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.20)

Neste sentido reconheço que não discrepo muito de meu próprio orientador, Carlos Rodrigues Brandão. Se pensarmos apenas em sua bibliografia, veremos que entre livros e artigos publicados ele abarca diferentes campos da antropologia (antropologia do campesinato, de questões de etnia, da cultura popular, da religião, do meio ambiente), da

---

<sup>2</sup> Trata-se do resgate de aspectos próprios de inúmeras cosmologias dos povos ameríndios, podendo ser categorizado a partir de dois pressupostos: primeiramente, o mundo é povoado de muitas espécies de seres (inclusive não-humanos) dotados de consciência e de cultura; em segundo lugar, cada uma dessas espécies vê a si mesma e as outras espécies como humana, vendo todas as demais como não-humanas, isto é, como espécies de animais ou de espíritos. O antropólogo Philippe Descola relata o caso dos achuar da Amazônia, por exemplo, que estabelecem uma diferença ontológica de grau, mas não de natureza entre plantas, homens e animais. O perspectivismo quebra um padrão duro de pensamento que a ciência sempre assumiu. Para ele, a ciência é apenas uma forma possível de organização e sistematização da realidade, deixando de ser terreno único ou privilegiado de conhecimento.

<sup>3</sup> Trata-se de uma vertente da antropologia que abre espaço para que os ameríndios e indígenas possam registrar como eles vêm a cultura ocidental, a partir do olhar da cultura e visão de mundo deles. É um termo que nasce da teoria do antropólogo norte-americano Roy Wagner "a invenção e a noção de cultura".

educação e da própria literatura, entre o conto e a poesia para adultos e crianças. Ele associa uma vida de docente e pesquisador, que em completa cinquenta anos em 2017, com uma atuação como ativista-militante junto a movimentos populares, (a exemplo o MEB – Movimento de Base e da Ação Católica dos seus tempos de estudante) desde o começo dos anos sessenta até hoje.

Se pensarmos em suas orientandas e em seus orientandos, que já se aproximam de setenta pós-graduados e graduandos, veremos que ele orientou pessoas vindas de diversas áreas, e que trabalharam como pesquisadoras nos mais diversos cantos. Alguns foram cientistas e docentes de carreira. Outros associaram a isto o serem militantes junto a movimentos populares, como o MST, sobre o qual elaboraram suas teses. Outros pendularam entre antropólogos, educadores e artistas. E outras pessoas, ao lado de seus pensadores para com a ciência, vinham de uma vivência ou de uma confissão religiosa ou espiritual com que dividiam as suas vidas. Ou então a encontraram no percurso de suas vidas acadêmicas. Meu orientador foi professor e ou orientador de cristãos militantes, evangélicos, budistas (uma delas doutora em geografia e em antropologia), espíritas, adeptos do Candomblé, Hare Krishnas, adeptas de Sathya Sai Baba, Santo Daime e outras mais. Assim, e com o devido incentivo dele, ousei introduzir as questões de minha pesquisa de tese a partir de uma "etnografia de mim mesma".

Na presente pesquisa estarei vivenciando uma travessia entre as “duas (ou três) margens do rio” o tempo todo. Estarei buscando compreender, a partir de depoimentos pessoais, como entre pessoas de renome internacional e pessoas “como nós”, aqui no Brasil, incontáveis mulheres e homens de “origem acadêmica” e de uma reconhecida ou iniciante prática intelectual de fundo ou vocação acadêmica, associam outros saberes, outros olhares e outras sensibilidades aos saberes e valores da ciência universitária. Estarei procurando compreender como, a partir desta associação tais pessoas convivem com o entrecruzamento de duas ou mais “tradições do saber”.

A partir do meu próprio exemplo, e me sentindo acompanhada por pessoas como o meu orientador, como Amit Goswami, como Fritjof Capra, como Arthur Shaker e tantas outras e outros que, cada uma de acordo com a sua vocação, ousaram trilhar territórios entre fronteiras e habitar, aqui e ali, espaços de vida e de trabalho que aos olhos de outros poderiam parecer não-lugares, buscarei compreender e explicar o que significa para elas e eles este “viver em entre-lugares”.

Ora, se pudermos colocar de um lado o que simplificarei aqui como “tradição científico-acadêmica ocidental” (que algumas pessoas identificariam como “tradição de

vertente cartesiana-cientificista”) e, de outro, como “tradições alternativas de saberes originários e ou orientais” (que algumas pessoas reconheceriam como “tradições não-cartesianas e de vocação holística”) creio que no momento presente e de uma maneira muito geral e diversificada, as relações entre uma “tradição” e a outra poderiam ser as seguintes:

a) As duas tradições simplesmente se desconheceriam, sendo cada uma praticada em territórios geográficos e socioculturais diversos e distanciados. Represento assim tomando “C” para tradições científicas-ocidentais, e “A” para tradições alternativas.  $C // A$

b) As duas tradições se oporiam, sendo uma antagônica frente à outra, e não reconhecendo na “outra” qualquer critério de validade e de confiabilidade.  $C \times A$ .

c) As duas se reconheceriam a partir de critérios de desigualdade. Isto é: a “outra” existe e se apresenta, mas é ilegítima, imperfeita ou inferior.  $C/A$  ou  $A/C$ .

d) As duas se reconheceriam com diferentes, mas não como desiguais, operando cada uma legitimamente em seu campo próprio de saberes, sentidos e significados.  $C = A$ .

e) Ademais de se reconhecerem, as duas tradições tenderiam a interagir de forma crescente, podendo vir a gerar em alguns campos do saber, ou mesmo em todos, novas e inovadoras formas, descobertas e modelos de criação científica.  $C + A$

A partir deste esboço de alternativas, que apenas um estudo bastante mais demorado e acurado poderia aperfeiçoar, e mesmo sabendo que talvez o que apresento abaixo tem a ver mais com ex pesquisadora do que com fatos e dados comprováveis, eu reconheço que uma “duplicidade de vocações” talvez tome hoje em dia uma destas quatro direções de interação entre saberes, significados de mundo, sentidos de vida e práticas pessoais e/ou sociais:

- a. **A direção ciência-política:** quando o cientista acadêmico e, quase sempre, professor, dedica-se também a uma atividade política partidária, como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, ou não (ou nem sempre) partidária, como Milton Santos e Paulo Freire.
- b. **A direção ciência-arte:** quando o cientista e professor faz interagirem a atividade acadêmica com alguma atividade artística, mesmo que esta segunda não seja profissionalizada. Aqui lembro o diplomata Guimarães Rosa, escrito e integrante da Sociedade Brasileira de Geografia.
- c. **A direção ciência-religião:** quando o cientista e professor, além de aderir a uma religião declara e professá-a, atua “pastoral” e socialmente através dela.

d. **A direção ciência-espiritualidade:** quando o cientista e professor, ao lado de suas atividades acadêmicas não apenas vive, mas dedica-se a práticas sociais de autoconhecimento, de cura do corpo e do espírito, de busca alternativa do bem-viver, e assim por diante, em geral consideradas “espirituais”, “exotéricas” ou mesmo “mágicas”. Aqui também são inúmeros os casos e será a eles que a minha pesquisa estará dedicada.

Em minha conclusão a esta tese abrirei mais ainda este quadro sumário, tomando como “sujeito da questão” o próprio geógrafo. Mas, por agora, o esquema apresentado acima é o que me parece mais oportuno e útil para os meus passos seguintes. Devo lembrar que os entrecruzamentos de e entre territórios do saber (categoria que definirei mais à adiante) e de práticas sociais aqui enunciados, em muitos casos podem interagir e produzir situações envolvendo pessoas que, ao longo de sua maturidade, abarcam ao mesmo tempo um cientista-professor reconhecido, um artista, um praticante de alguma religião ou espiritualidade. Em uma outra direção, um cientista e professor pode ser também um ativista político e um literato, como o próprio Darcy Ribeiro. Um antropólogo, fundador de universidades, político e romancista.

Fora estas alternativas mencionadas aqui, devo relembrar um fato novo, que é vem a ser um crescente abertura de vagas em nossas universidades para estudantes de etnias indígenas, de comunidades quilombolas, de comunidades camponesas tradicionais e de movimentos sociais. Penso as profundas transformações que o próprio mundo acadêmico viverá a partir dessas novas aberturas, e destes novos ingressos, ao lado dos novos e desafiantes diálogos que a partir daí irão “invadir” os mundos da ciência e da universidade.

Dessa forma, dentre todas as alternativas de combinações, tomarei aqui como ponto de partida, e como eixo e foco de direcionamento desta pesquisa, a direção ciência-espiritualidade. E desde esta escolha penso organizar as minhas alternativas de interações entre territórios simbólicos de saberes, de crenças e de práticas, em pelo menos cinco eixos:

1. **Território de sentido científico profissional + território de sentido devocional profissional:** Pessoas com formação acadêmica que durante ou após a sua formação optaram por tomar um caminho próximo, mas também marcadamente devocional, e que na prática comungam e fazem interagirem “os dois lados”. Exemplo, uma pessoa formada em fisioterapia que depois viaja à Índia e se especializa em yoga e em massagem ayurvédica, associando o que aprendeu na academia com o que aprendeu fora dela. Ou um médico de formação ortodoxa-ocidental que mais tarde se especializa em “medicina

chinesa” e que se apresenta como tal. Exemplos conhecidos são: Amit Goswami (físico quântico e espiritualista), Deepak Chopra (médico holístico e ayurvédico), Fritjof Capra (físico teórico da educação ecológica) e o líder humanitário Sri Prem Baba.

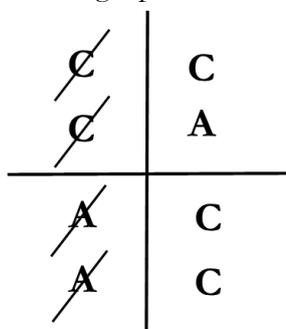
2. **Território de sentido científico não profissional e território de sentido devocional profissional:** Pessoas com formação acadêmica ortodoxa, que mais adiante em suas vidas acrescentam aos seus saberes outros saberes, e se abrem a associar diferentes sistemas de sentido, entre conhecimentos científicos e crenças de opção, abandonando os saberes e as práticas da academia, buscando uma formação e uma prática devocional. Exemplo: uma pessoa formada em psicologia e que mais adiante se torna taróloga, iridióloga e leitora de aura, abandonando por completo a psicologia. Como por exemplo Bruno J. Gimenes, um engenheiro que abandona a profissão para dedicar-se a práticas de autoconhecimento e despertar da consciência. Outro exemplo: Matthieu Ricard, um biólogo molecular convertido em um monge budista, que hoje contribui com pesquisas sobre felicidade e estados da mente.
3. **Território de sentido científico profissional e território de sentido devocional não profissional:** Pessoas com uma formação acadêmica e que já vivenciaram práticas devocionais, mas que preferiram optar pelo universo científico. Um bom exemplo é o professor Túlio Barbosa, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia.
4. **Território não científico e Território de sentido devocional profissional:** Pessoas sem formação acadêmica, e que desde cedo nas suas escolhas viveram seguindo a sua própria intuição, ou o que consideram um chamado ou um fluxo natural, ou mesmo “a voz do coração”, sem necessariamente embasarem suas crenças, saberes e práticas em uma formação acadêmica e ou científica. Um exemplo seria o do médium João de Deus e, um outro, o da “avatar” indiana “Amma do abraço”.

Focarei a minha pesquisa em três dos quatro eixos listados acima: *científico profissional e profissional devocional*; e *científico não profissional e devocional profissional*, e *devocional profissional*, ressaltando os universos de fronteiras em que profissionais acadêmicos e profissionais-devocionais comungam em um entre-lugar, optando por combinações de práticas científicas, ao lado do que chamarei aqui de práticas integradas e holísticas, mas, não necessariamente acadêmicas.

Esclareço aqui que as entrevistas e os textos sobre a trajetória de vida de cada entrevistado foram apresentados a cada um, e foram lidos e aprovados, sendo aqui incluídos com as devidas adequações e autorizações.

Utilizo o termo “devocional” para expressar uma escolha que, desde o ponto de vista de seu praticante, “nasce do coração”, emerge da intuição, ou floresce desde um caminhar que não passa necessariamente por uma escolha cientificamente racional e/ou acadêmica.

O desenho abaixo ilustra os eixos de alternância que aqui nos interessam. No desenho, **C** representa ciência ou acadêmico, e **A** devocional profissional, no caso uma escolha de um tipo alternativo. Os quadrantes em tipo normal indicam o universo dos “cientistas puros”, não fazendo, portanto parte dos grupos com os quais trabalharei. Interessam-nos exatamente aqueles grupos de pessoas que se encontram nas duas interseções, e eles foram marcados em negrito no quadro abaixo. O terceiro grupo com o qual trabalharei inclui pessoas que não



necessariamente passaram pela universidade, mas estiveram desde muito cedo alinhadas com uma busca na vida.

BRANDÃO, Carlos R. (org.) **Fluxograma ciência e prática devocional**. 2015

O objetivo da presente pesquisa é analisar e evidenciar como as fronteiras entre ciência e espiritualidade estão se estreitando, o que em alguns casos poderia indicar uma tendência a uma crescente interação, delineando e discutindo o chamo aqui de territórios de sentido, a partir de trajetórias de vida. Para tanto, irei, em um primeiro momento, buscar entre livros e sites de internet alguns depoimentos envolvendo histórias de vida de personagens de um universo científico acadêmico holístico, como Amit Goswami, Deepak Chopra, Fritjof Capra. Ou pessoas que já estiveram no campo específico da ciência, mas, que adiante optaram por seguir por um caminho próprio. Um caminho reconhecido como alternativo, devocional (alinhando profissão e crença) como Bruno J. Gimenes e Matthieu Ricard. Ou pessoas que já estiveram inseridas em territórios extra científicos.

Como sequência e ordenação da pesquisa, em um primeiro momento estarei trabalhando com pessoas nacional ou internacionalmente reconhecidas, e buscarei os seus

dados referentes ao meu estudo em livros, em biografias ou em material vindo da informatica. Buscarei, a seguir, depoimentos de outras pessoas mais próximas, e também pessoas de meu conhecimento pessoal e de minha amizade. Mulheres e homens que imagino estarão dispostas a cooperar, para lograr, por meio de entrevistas, obter informações e narrativas sobre as suas trajetórias em e entre territórios diversos de saber, sentidos e práticas.

Em um quarto capítulo relatarei também minha própria história de vida; a minha trajetória profissional e interior, como mais um exemplo entre os de tantas pessoas que, tal como eu mesma, num primeiro momento entram em crise diante do desafio de fazer interagir uma formação original acadêmico-científica com uma busca pessoal de caminhos outros. Caminhos que não os da ciência e de uma vida profissional compatível com a formação na universidade.

Assim, como nos relatos de personagens e pessoas tracejarei um croqui demonstrando como no espaço, entre cidades e lugares, aconteceu o meu próprio multi-percurso. Um percurso que me sinto vivenciando até o presente momento, e que me leva por caminhos que atravessam não somente diferentes territórios de um mesmo domínio, mas diferentes planos de territórios. Talvez de trans-territórios.

Assim, depois de estudos de aprofundamento na questão, pretendo dar a algumas categorias da geografia, a partir da própria ideia de território, alguns significados interativos. Tomando o meu próprio exemplo, a minha formação acadêmica, entre cursos e pesquisas levou-me a transitar entre espaços e lugares primeiro de Minas Gerais e, depois, de outros lugares do Brasil e do mundo, entre o Peru e o Canadá. Também as minhas buscas espirituais levaram-me a trilhar caminhos entre diversos territórios geográficos, entre a Serra do Caparaó, o Sul de Minas, a Bahia e a Índia. Em alguns momentos cruzei fronteiras e reterritorializei momentos de minha vida fazendo interagirem minhas pesquisas científicas e minhas buscas espirituais.

Se puder vir a trabalhar com a ideia de territórios simbólicos, mais uma vez deverei narrar como tanto em minha vida acadêmica quanto em minhas buscas espirituais, transitei entre diferentes territórios de saberes e sentidos. E, assim, vivi até hoje o que tenho chamado aqui de territórios de sentido, ou de não-lugares. Talvez melhor será dizer: entre-lugares.

As pesquisas documentais e de campo envolverão questões como: Quais os caminhos e territórios interiores e exteriores trilhados por tais personagens na fronteira entre a ciência e a espiritualidade? Quais os deslocamentos e territórios vividos e entrecruzados na história de vida de tais pessoas? Quais os percursos científicos, intelectuais e espirituais que elas realizaram, ou estão realizando ainda? Como se deu ou se dá ainda e agora a formação

profissional, acadêmica ou não? E quais os caminhos de uma assumida “vida interior”, espiritual? Em que creem tais pessoas? Para onde acreditam elas que irão após a sua morte? Quem são elas agora? Ou melhor, “O que sou eu?”

Em termos de construção teórica dialogaremos com estudiosos da antropologia como Evans-Pritchard, Pierre Bourdier e Carlos Rodrigues Brandão, além de geógrafos como Milton Santos, Rogério Haesbaert, Geraldo Inácio Martins e Yi-Fu Tuan para esclarecermos categorias como religião, magia, ciência, espiritualidade, sistema simbólico, sistema de sentido, território e fronteira. E também para “geograficar” tais categorias.

Como doutoranda de Geografia, estou pensando em tornar as minhas questões e reflexões as mais geográficas possíveis. Sendo orientada por um antropólogo e tendo realizado minha pesquisa de mestrado com um forte acento antropológico, na verdade também nesta tese de doutoramento eu me vejo em um outro território de fronteiras. Na verdade, a minha abordagem será francamente, como Carlos Brandão gosta de definir, geoantropológica.

Nesse sentido, é bom lembrar que esse escrito é uma contribuição para o registro de um recorte no tempo e no espaço sobre como a ciência e a espiritualidade, mais do que a religião, têm ora conflituado, ora dialogado. Meu foco visa procurar compreender como as trajetórias de vida delineiam territórios de sentido que não estão necessariamente vinculados a uma relação direta entre homem e natureza, mas, entre homem e universos simbólicos e mais, como tais territórios ganham sentido à medida que cada um encontra, seja na espiritualidade, nas terapias, na ciência, na militância, um sentido, um propósito de vida que as vincula às suas práticas profissionais de uma forma devocional. Para isso, direciono o olhar entre as trajetórias de vida de pessoas que estiveram e estão entre a ciência e a espiritualidade. O que nos leva a perceber como cientistas ora academicamente reconhecidos, ora “exoterizados”, estão abrindo caminhos em territórios de entre-lugares de fronteira, para construir novos e alternativos modelos de ciência. E também como tais “vidas liminares” estão se refletindo na interação entre o mundo da ciência e no campo da espiritualidade.

Este trabalho também espera contribuir para um alargamento dos limites de conceitos usuais, sobretudo no campo das ciências. A difícil dicotomia ciência-religião de maneira geral dicotomiza também opções pessoais. Ou bem sou cientista, ou bem sou religioso. A ciência não alcança, a meu ver, todos os entremeios da fé; e a religião não explica sistematicamente o próprio fundamento de sua fé.

---

<sup>4</sup> Por vida interior entenda os caminhos que levam a uma reflexão do espírito e de algo para além da formação profissional.

Esta divisão provoca entre as pessoas uma adesão prioritária ora em uma direção, ora na outra. Os próprios cientistas durante muito tempo, limitados pelas restrições de um materialismo mecanicista, expressavam-se em sua grande maioria como descrentes de qualquer doutrina religiosa. Hoje, o termo religião, muito embora continue distante no núcleo de identificação de pessoas profissionais e de cientistas, tem se flexibilizado bastante, ou tem alargado o seu campo pela sua abertura à espiritualidade/s.

Compreendo que uma espiritualidade, longe de ser um sistema doutrinário rígido, permite a criação de sistemas de sentido que envolvem o percurso e a escolha das crenças peculiares a cada pessoa. Permite também driblar crenças e símbolos ortodoxos e repletos de julgamentos (como “céu e inferno”, “bem e mal”), assim como doutrinas ortodoxas presentes ainda no catolicismo, no protestantismo e também na maior parte das religiões legitimadas e estruturadas.

Ampliar o conceito de religião, estendendo-o ao domínio da espiritualidade, permite de alguma forma uma atualização nas reflexões e no próprio sentido da experiência religiosa ou espiritual. Agora, bem mais próxima da ciência, como na física quântica, enquanto ciência que também se “desmaterializa”, aceitando o campo das possibilidades, aproximando-se assim da espiritualidade. É um caminho de reconciliação das duas partes de um difícil casal: ciência e espiritualidade.

Desta forma, um novo momento histórico da ciência e da espiritualidade estaria contribuindo também para com a abertura de portas para a livre expressão do ser, da fé e da liberdade de escolha. Agora, mais do que nunca as pessoas encontram o direito e o espaço para exercerem tais direitos em suas mais diversas formas de manifestações da religiosidade e práticas espirituais, ou mesmo não espirituais. Isto mesmo que não tenham nenhuma explicação ou sentido lógico coerente com os sistemas de sentido já reconhecidos.

Desdubro agora a proposta da presente tese:

No capítulo um: *Território de Fronteira*, em que trato do referencial teórico e busco esclarecer as categorias que fundamentam a minha pesquisa, como: território, fronteira, lugar e sistema de sentido. Categorias como magia, religião, espiritualidade e ciência também aparecem numa breve discussão. Estas últimas, não tanto para teorizar ou aprofundar historicamente, mas, trazer conceitualmente categorias que permeiam esse trabalho.

No capítulo dois: *Trajétórias de vida*, em que pretendo dialogar com a biografia de personagens da fronteira entre a ciência e a espiritualidade, relatando suas trajetórias de vida entre deslocamentos de territórios e lugares de vida, evidenciando pensamentos e sistemas de sentido próprios a cada um, e procurando “geografizar” o lugar de fronteira em que se situam.

No capítulo três: *Territórios de Sentido na vida*, em que trago a esta tese as entrevistas realizadas por mim, buscando uma vez mais, e agora com maior afinidade, delinear trajetórias de vidas entre deslocamentos de territórios e lugares de vida, trabalhando agora junto a pessoas próximas, pessoas do povo, assim como eu e você, que se desafiaram a romper uma demanda social de atuação profissional, para alinhar a profissão a um optado sistema de sentido, a uma “voz do coração”. Aqui trago o meu olhar para os momentos de escolhas de direcionamento de vida, com foco sobre qual o lugar terá sido o pano de fundo para tal escolha, delineando assim o território de sentido de cada um dos entrevistados.

No capítulo quatro: *O capítulo da minha vida*, relato minha própria história de vida, desaguando na narrativa do próprio surgimento da ideia desta abordagem de tese. Seguindo o modelo dos dois capítulos anteriores, procedo a uma narrativa de memória geo-histórica, criando um croqui que desenha a vida profissional e os lugares e territórios em que estive, ao lado de como migrei de uma via profissional essencialmente acadêmica e de base científica, para uma experiência mística e espiritual, ao longo de um caminho rumo ao interior de mim mesma.

No capítulo cinco: *O Encontro: travessias, trajetórias e territórios*, reúno o essencial de todos os depoimentos dos capítulos antecedentes, e procuro estabelecer, não tanto uma profunda análise de discursos, segundo o modelo da linguística e da antropologia, mas uma geoantropologia de travessias e itinerários.

Lembro aqui ainda que durante a escrita desse trabalho ora escrevo em primeira pessoa e ora em uma terceira, não como uma confusão linguística como poderia parecer, mas, como estratégia metodológica. Quando falo na terceira pessoa estou envolvendo você leitor, leitora, e de um modo geral um nós coletivo, representativo de toda uma cultura que partilhamos. Quando escrevo na primeira pessoa estou assumindo o meu ponto de vista, as minhas escolhas e a minha escrita.

Compartilho ainda que este trabalho para mim representou a experiência de um esboço, uma imagem de travessias entre territórios. Vivo este trabalho como um desenho de um movimento que ganha sentido. Em momento algum tive a pretensão de me aprofundar nos meandros da física quântica ou da espiritualidade, mas sim apresentar uma proposta de reflexão analítica desses movimentos, tal como ele me foram apresentados pelos meus interlocutores.

Confesso a quem me lê que escolher este caminho de tese e realizar as suas pesquisas não foi um caminho fácil. Talvez pela própria complexidade do tema que aparentemente é simples, mas que se revelou bastante complexo. Talvez por saber que ao falar de fronteiras

entre a espiritualidade e a ciência, eu a todo momento falo sobre mim mesma. Dessa forma, foi até aqui um árduo exercício, que espero ter finalizado com algum êxito. Assim, convido quem me leia a prosseguir a leitura pelas páginas, como quem também trilha um caminho que corta e recorta estranhos e desafiadores territórios de fronteiras, entre-lugares e até mesmo de “terceiras margens de rios”.

Ganesha



Om

Ekadantaya Vidmahe  
Vakratundaya Dhimahi  
Tanno Danthi Prachodayath  
Om Shanti Shanti Shantih  
Om Gam Ganapataye Namaha

Ganesha



Om

Eu medito no Senhor  
que possui uma só presa,  
com sua tromba curvada.  
Que ele possa nos dar conhecimento  
e inspiração.



# Capítulo 1

## Travessias de territórios, territórios de fronteiras<sup>5</sup>



---

<sup>5</sup> Imagem Tratado de Tordesilhas e Tratado de Madri. Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/a-expansao-territorial-os-tratados-limites.htm> e em [http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/tratado\\_madri.html](http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/tratado_madri.html). Acessado em: 13/02/2016. (Adaptação

# I. Travessias de territórios, territórios de fronteiras

## 1.1. Sistemas de sentido

Em diálogo com o meu orientador e a partir de ideias aprendidas com ele não tanto em seus escritos, mas em aulas e em orientações, trabalharei aqui com o conceito de *sistema de sentido*. No entanto, para os efeitos desta tese, estarei ampliando e diferenciando alguns elementos de seu modelo original. Tal como ele, estarei chamando aqui de *sistema de sentido* toda e qualquer configuração de saberes, de significados, e ou de valores e de princípios, que buscam compreender, interpretar e de algum modo tornar compreensível e legitimada toda, ou uma parcela definida da realidade, em qualquer uma de suas dimensões. Assim como toda e qualquer configuração de saberes, significados e valores que codificam gramáticas sociais e prescrevem preceitos, princípios ou mesmo regras e normas de ações humanas em qualquer um de seus planos e domínios.

Carlos Brandão (2008) costuma classificar assim os diferentes *sistemas de sentido*, partindo dos mais simples e pragmáticos para os mais complexos e teóricos:

- a) *Práticas do fazer* – conjuntos de instruções e regras que orientam uma ação prática, como o cozinhar feijão, edificar uma casa ou dirigir um automóvel.
  
- b) *Éticas do agir* – gramáticas, códigos ou conjuntos de valores, preceitos e princípios que codificam normas sociais de interação em seus mais diversos planos. Um exemplo simples: como dirigir um automóvel não apenas respeitando as “leis do trânsito”, mas procurando agir de forma civilizada e solidária.
  
- c) *Lógicas do pensar* – conjuntos de saberes e significados, que buscam compreender, interpretar e tornar difundidas partes ou o todo de uma realidade, em qualquer de seus planos, do mais pessoalmente individual (a psicologia), ao mais territorialmente natural e social (geografia) e, ainda, ao mais universalmente existente, em suas dimensões mínimas (física quântica) ou máximas (cosmologia, astronomia).
  
- d) *Universos simbólicos* – conjuntos de saberes, significados e crenças (mitos, lendas, narrativas sagradas, etc.) que na fronteira com, ou fora de um domínio científico tradicional, buscam interpretar a realidade, abrangendo quase sempre esferas do real para além do imaginário científico, como a existência de territórios outros do existente, tais como “o céu ou o inferno”, assim como dimensões imaginária ou realmente existentes no ser humano, para além dos campos de conhecimento científico, tais como a alma, os espíritos, o “karma”. O destino, e assim por diante.

Nesta perspectiva, a matemática, por exemplo, é um sistema de sentido dentro de um outro mais amplo, a ciência em si mesma. Por sua vez, a matemática pode desdobrar-se em sistemas específicos, como a aritmética, a álgebra, a geometria e outros campos e domínios. De igual maneira, a filosofia é um amplo sistema de sentido que compreende tanto vocações específicas, como a metafísica, a lógica, a ética e a estética, quanto uma variedade de diferentes teorias, vertentes e correntes ao longo da “história da filosofia” e na própria “geografia de sua contemporaneidade”.

O mesmo acontece com a geografia, que hoje, bem mais do que antes, desdobra-se em diferentes campos específicos de estudo e de pesquisa, entre diversas teorias. E isto na medida em que, tal como outros sistemas de sentido de base científica, ela abre-se ao diálogo com a pedagogia, com a ecologia, com a antropologia e até mesmo, em suas fronteiras mais radicais, com saberes e significados provenientes de sistemas de sentido não geo-historicamente ocidentais, e nem reconhecidos como provenientes das ciências.

Em uma dimensão mais pragmática, vemos como hoje em dia uma importância crescente – e imposta, a nosso ver – é atribuída à dimensão das puras *práticas do fazer*, dada a importância das tecnologias na sociedade pós-moderna, sobretudo no que toca o campo da informação, principalmente a de “base eletrônica”, e também dado o crescente aumento de um critério instrumental e funcionalmente pragmático levado à própria ciência. Estamos mesmo vivendo a “era da informação”, ou a “época dos manuais”.

Lembramos de passagem que importantes pensadores de nossa atualidade próxima ou mais remota, como Martin Heidegger, Zigmunt Bauman, Boaventura de Souza Santos e Milton Santos, entre tantos outros formularam e seguem formulando severas críticas a um tecnicismo pragmático que, não raro, se coloca fora do alcance, ou por cima das éticas do agir, e chega mesmo a pretender como fundador de uma “nova ética”.

Para efeitos de nossa pesquisa, estarei me centrando nos dois planos finais da classificação de Carlos Brandão. Estarei atenta a um fenômeno que vem do remoto passado até os dias de hoje e que retoma uma importância central e de maneira afortunada e apresenta como uma ampla tendência universal que “nada contra a maré” do neo-pragmatismo entre as ciências, as tecnologias e outros campos e territórios de sistemas de sentido. Diria mesmo que esta tendência universal retoma um lugar essencial em todo o pensamento científico do Ocidente. Para empregar aqui uma linguagem própria à geografia, partindo sobretudo das ciências de ponta no ocidente, vivemos um ainda lento, mas já visível, crescente e desafiador movimento de desterritorialização **de** diferentes sistemas de sentido, em direção a uma

reterritorialização **entre** diferentes campos de um mesmo sistema amplo de sentido, como aquele que nas e entre as ciências faz interagirem a geografia, a antropologia, a biologia e a ecologia; ou como aquele entre sistemas de sentido situados em territórios de saberes e significados diferentes, como aquele que aproxima a física do taoísmo, ou a biologia das universidades a sistemas de etnobiologia de tribos indígenas.

Estou, portanto, falando aqui de um fracionamento, de uma ruptura ou mesmo de uma franca abertura de barreiras e fronteiras, acompanhada de uma crescente neo-interação entre os sistemas de sentido oriundos da “pura ciência”, e aqueles que provém de outros campos, como a arte, a religião, e ao que estarei chamando aqui de espiritualidades. De alguma maneira, vemos em nosso tempo acontecer às avessas o que se imagina que ocorreu em tempos arcaicos, quando Oriente-Occidente aprendiam um com o outro (o que seria da filosofia ocidental se os árabes não tivessem preservado Aristóteles, e o que seria da matemática sem o zero do indianos, etc.?), e quando entre o médico, o astrólogo, o alquimista, o artista, o curandeiro, o cientista e o místico da idade Média as fronteiras eram inexistentes, ou mínimas... apesar da Inquisição.

Dentre todas as alternativas possíveis de abordagem da questão que estou delineando aqui, estarei focando o meu olhar e a minha atenção sobre o que estarei denominando aqui – e procurando definir logo abaixo - de **territórios de sentido, travessias entre territórios ou fronteira** entre diferentes categorias de sistemas de sentido, sobretudo tal como eles são vividos e compartilhados pelos sujeitos que, através de suas biografias, de suas “entrevistas à distância” ou através de suas “biografias interpessoais) estarão narrando de suas vidas. E, ao longo de suas vidas, as suas buscas, dilemas, trajetórias e travessias, aquilo que importa a esta pesquisa.

## **1.2. Territórios de sentido**

Na geografia de nossos dias a categoria “território” ganhou um olhar absolutamente central. E da geografia ele parece estender-se a outras ciências e mesmo culturas. Sabemos que hoje “território” é a palavra-chave entre comunidades indígenas, quilombolas, de “povos da floresta”, etc. Tal como tem acontecido com outras ciências, dependendo de cada variante teórica o território pode assumir diferentes conotações. O que parece unificar de algum modo todas elas é o fato de que a presença humana e o complexo de relações entre

categorias de seres humanos e de relacionamentos do tipo homem-espaço (lugar, espaço, ambiente, paisagem, etc.) é o eixo de compreensão do que seja um território. Tanto assim que praticamente todos os derivados desta palavra, de uma maneira ou de outra tem a ver com modalidades de relações entre pessoas, entre classes sociais, entre etnias, entre comunidades, enfim, entre a natureza e qualquer dimensão do fator humano. Palavras como: **territorializar**, **desterritorializar**, **territorialização**, **territorialização**, etc, traduzem bem esta interação.

A presente pesquisa “sertanejamente” versa sobre uma “geografia da travessia” ou da “errância”. Uma abordagem em que a lembrança de João Guimarães Rosa é emblemática. Um enfoque que incide sobre pessoas do “mundo da ciência” e de outros “mundos do saber e do sentido”, que se reconhecem vivendo e praticando suas ideias, suas crenças e os seus ofícios em um território de fronteira ou, se quisermos, em uma “estrada de mão dupla”. Tomo aqui a categoria território em sua concepção provavelmente mais ampla e, ao olhar crítico de algumas pessoas, mais abstrata possível.

Estarei falando de **território(s) de sentido** para, trazer até aqui uma conotação mais justificadamente geográfica a esta categoria. E isto não se deve apenas ao fato de esta ser uma tese em geografia. Deve-se ao fato de que tanto na literatura a respeito do tema, quanto nos depoimentos de pessoas com quem estive dialogando pessoalmente, ou através de entrevistas lidas em livros, em biografias, em artigos ou através de alguma alternativa da informática, praticamente todas e todos se identificaram como autores-atores de uma vida caracterizada por deslocamentos, por travessias entre territórios geográficos. Errâncias programadas ou inesperadas de uma cidade para outra, de uma para outras regiões de um país, de uma nação para outra, de um continente para outro, como viajantes ocasionais, como imigrantes ou até mesmo como exilados ou refugiados.

Em sua imensa maioria, os meus interlocutores reconhecem que através de suas travessias - não apenas entre espaços geográficos - eles ocupam hoje um ou mais **territórios de sentido profissionais**, ocupacionais e/ou vocacionais. **Territórios de fronteira** envolvendo não apenas em sua periferia, mas no seu próprio núcleo, conhecimentos, teorias, ideais, ideologia, crenças e até mesmo devaneios (ao estilo de Gaston Bachelard) provenientes de um mesmo sistema de sentido, em seu plano mais amplo, ou proveniente de diferentes sistemas de sentido. Exemplifico o que apresento aqui logo abaixo.

Assim, uma categoria de base em nossa pesquisa será **território de sentido**. A maneira como compreendo tal categoria envolve em seu núcleo algo pensado, vivido e praticado

dentro de círculos e circuitos de coletividade, ainda que aqui nesta pesquisa isto esteja sendo expresso através de depoimentos, de memórias e de narrativas pessoais, individualizadas.

Carlos Brandão citou em uma das suas aulas ou em algum momento das infindáveis horas de orientação uma frase de alguém de quem já não me lembro, que traduz o que quero dizer: “compreendemos algo quando somos parte do que é compreendido”. Acredito que este “somos parte” pode, especialmente, possuir um sentido mais social, ou mais simbólico. Pode ser: quando fazemos parte do círculo sociocultural em que aquilo é compreendido; ou pode ser: quando simbólica e intelectualmente (ou também espiritualmente, a meu ver) fazemos parte do círculo daquilo que é compreendido.

Posso trazer aqui alguns exemplos: em um plano mais abrangente, é possível reconhecer que dentro dos espaços geográficos, sociais e culturais de uma cidade do Triângulo Mineiro, a Universidade Federal de Uberlândia configura-se como um **território de sentido social**, com predominância absoluta da ciência, em sua versão contemporânea e ocidental.

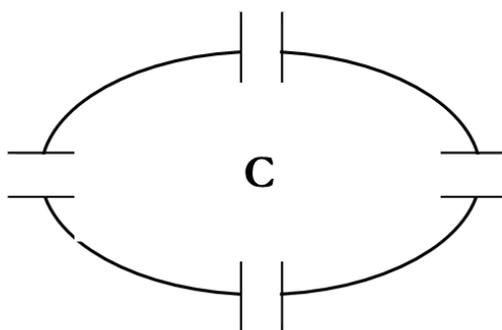
A seguir, podemos reconhecer que no interior de um de seus campi, o Instituto de Geografia particulariza tal território, ao abrangê-lo como e através da ciência da geografia em suas várias tradições científicas. E podemos reconhecer que no interior do Instituto de Geografia uma parcela de pessoas, entre docentes e discentes pesquisadores, identifica-se como de “geógrafos culturais”, tanto através de seu “laboratório”, quanto através das práticas de partilha de saberes que seus participantes compartilham, configurando um território, ou um espaço de saberes ainda mais específico. É possível que neste caso não apenas “a pura ciência”, mas critérios adicionais e interativos de natureza filosófica ou mesmo ideológica estejam presentes.

Falo agora do que estou considerando como **travessias**. Dentro do território de sentido delineado pela ciência da geografia, um doutor em geografia pode, entre a sua graduação e o seu doutorado, migrar de uma formação e de uma base teórica marxista para uma de base fenomenológica. Ele estará vivendo uma **travessia** dentro das fronteiras de um **mesmo território de sentido**. Um outro geógrafo poderá migrar da biologia para a geografia. E meu próprio orientador migrou da psicologia para a antropologia, e após dez anos no POSGEO da UFU, ele quase se considera um geo-antropólogo. Eu mesma que migrei das letras para o desenvolvimento social e, depois, para uma geografia antropológica, já que sob orientação de um antropólogo e em um programa de geografia.

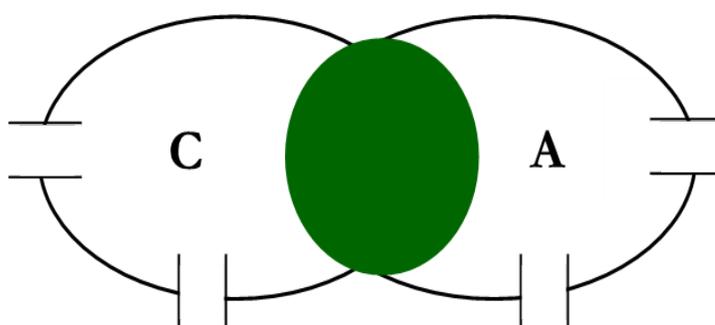
Em uma direção próxima – e que será a mais importante aqui - podemos considerar que um conjunto de professores e estudantes, que ademais de viverem as suas práticas científicas devidas, reúnem-se também na própria universidade, ou em casa de um deles, ao redor de estudos “extracurriculares” de zen budismo. Tenho também um amigo que se encaixa perfeitamente como exemplo, Geraldo Martins. Estudante de mestrado e doutorando da UFU frequentava e recebia reuniões em casa de um grupo do budismo Zen. Um outro grupo de estudantes poderá criar na universidade uma equipe de “pastoral universitária”. Estas pessoas estarão situadas entre, e estarão configurando dois territórios de sentido.

Pode ser que entre as pessoas do primeiro grupo (geografia-zen budismo) haja pessoas que se identifiquem como geógrafos praticantes também (e complementarmente) do zen budismo. Mas pode haver pessoas que se reconheçam como zen budistas que estudam geografia. É provável que a maioria saia da faculdade disposta a tornar-se profissional e vocacionalmente um pesquisador e professor da geografia, mantendo as suas crenças e práticas zen budistas. Mas pode ser que um ou dois abandonem a ciência da geografia e se dediquem a uma formação puramente zen budista, a exemplo o Matthieu Ricard que deixou a biologia por trinta e cinco anos, entrou num mosteiro budista e só retornou à ciência agora, para contribuir com pesquisas que justamente comprovam os benefícios das práticas budistas. Assim, vemos que ele faz isto não para “comprovar” ou “justificar” um budismo, mas para que seja mais um caminho possível para o bem-estar das pessoas, para contribuir com um mundo mais cooperativo, mais altruísta em suas palavras.)

Tomando ainda o geógrafo como o sujeito. Partindo de tais supostos, podemos acreditar que como opção de vida a maioria dos profissionais da geografia vive, como opção de sistemas de sentido, dentro de um território de sentido único, o da ciência da geografia em uma de suas teorias, vertentes ou correntes. A geografia é o seu “chão do pensar”, é a sua opção de saber, é a base de sua vocação e identidade (“eu sou uma geógrafa”) e de sua profissão (“sou uma professora e pesquisadora do POSGEO da UFU”). Represento esta pessoa uni vocacional na figura 1. Nela, as pequenas “vias de saída” representam “portas abertas”, mas não assumidas vocacionalmente, para outros sistemas de sentido. Como o geógrafo amante de música sertaneja.



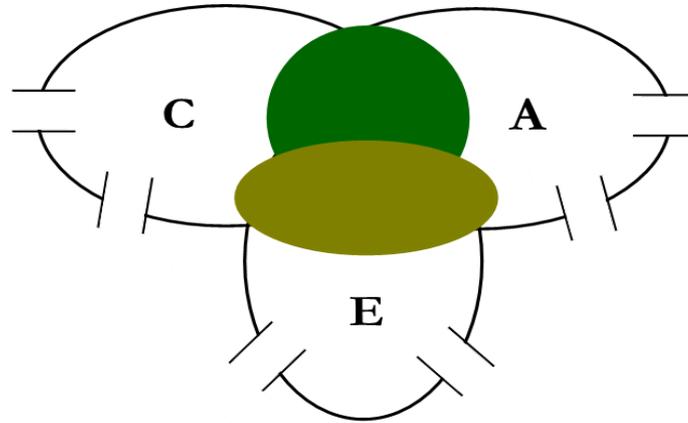
Imaginemos a seguir uma pessoa “do mundo da geografia” que ao longo de sua vida ou de sua formação universitária compartilha a ciência da geografia como uma vocação e até mesmo uma atividade proveniente do sistema de sentido da arte. João Guimarães Rosa, diplomata e romancista, ou Darcy Ribeiro, antropólogo e escritor de romances são apenas dois exemplos entre tantos. Esta situação pode ser representada com esta figura.



LEAL, A. (org). **Figura 2.** 2015

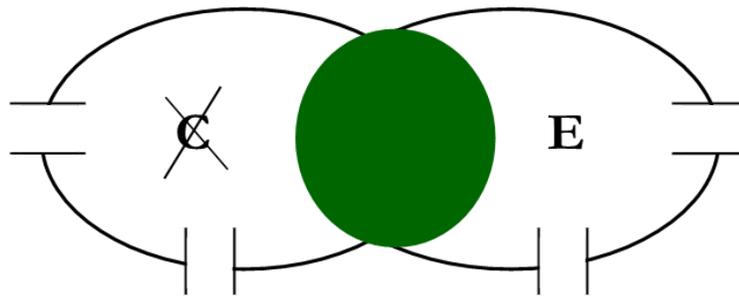
De igual maneira, lembro agora um geógrafo que embora vivendo o núcleo de suas ideias e crenças, assim como de suas atividades dentro do campo da geografia, logo, dentro de um prioritário território de sentido, estende-o de forma a abarcar também outros. Ele, assim como os do parágrafo acima, estará entre-vivendo em e entre espaços específicos e em territórios de fronteira ao longo de sua vida. Ele caminha não só mais de um território, mas possui um sistema de sentido mais complexo e envolvendo elementos multiculturais.

Esta terceira figura poderá nos levar a imaginar múltiplas escolhas. As letras “C”, “A” e “E” traduzem: domínio da ciência, domínio da arte, domínio da espiritualidade. Assim, uma pessoa pode centrar seu imaginário, sua identidade e sua atividade vocacional-profissional na ciência, e volver a uma vocação artística e ou espiritual como um complemento. Poderá tomar a arte ou a espiritualidade como núcleo de sua vida, vivendo a sua dimensão de cientista como um complemento. Manuel Bandeira e Cecília Meireles sempre foram mais poetas do que professores de literatura.



LEAL, A. (org.). **Figura 3.** 2015

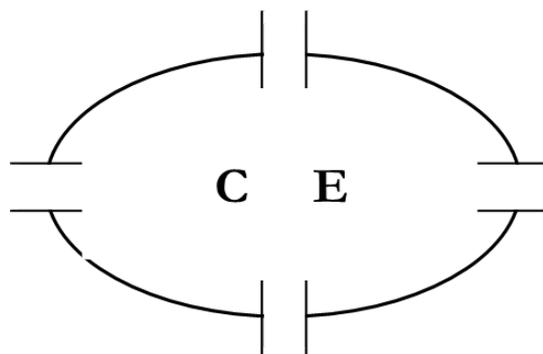
Há ainda a possibilidade de uma pessoa que poderá abandonar por completo (ou quase por completo) a sua adesão ao sistema de sentido da ciência, e tornar-se um praticante de uma espiritualidade ou mesmo um pleno guia espiritual. Representemos esta opção na figura 4.



LEAL, A. (org.). **Figura 4.** 2015

E por último, trago aqui uma figura 5, na qual é possível imaginar uma pessoa que assim, como no primeiro grupo – o exemplo do “puro geógrafo” – possui um sistema de sentido fundamentado na ciência geográfica, mas que por sua vez, descobriu no hinduísmo, o significado de sua vida. Ele não se contenta em desenvolver as suas práticas espirituais sozinho, pois acredita que elas fariam bem a humanidade, e então desenvolve uma forma de unir uma à outra num único sistema de sentido, criando um único território de sentido, que embora também seja “de fronteira”, já não é mais uma travessia. Aqui posso dar o exemplo de Deepak Chopra e de Fritjof Capra, com quem nos encontraremos adiante. Pessoas que, como Chopra, atuando na medicina, encontram meios de associar à medicina tradicional métodos da ancestral e indiana sabedoria ayurveda, partindo do suposto de que a união da duas alcançaria um resultado que apenas uma ou outra sozinhas não o alcançariam. Nesse grupo é possível

encontrar pessoas como Amit Goswami, que a partir da ciência descobriram o sentido da vida, da consciência através de uma espiritualidade ao mesmo tempo científica e ao que estou chamando aqui de devocional.



LEAL, A. (org). **Figura 5.** 2015.

### 1.3. Travessia dos territórios: lugar de fronteira

Neste sentido detenho-me afora em um esforço para definir com mais clareza, e para emprego em minha pesquisa, as categorias: território, fronteira, lugar e entre-lugar.

O território na perspectiva “Miltoniana” pode ser compreendido em pelo menos dois aspectos: funcional e simbólico. Na perspectiva funcional, o território é um recorte do tempo-espaço caracterizado pelas relações humanas, pelas ações das relações humanas. Para existir território há de haver uma experiência histórica num tempo-espaço, o que gera um conhecimento e um domínio do espaço geográfico. Este conhecimento por sua vez origina a significação (nos termos de Hasbaert), ou um universo simbólico (nos termos de Brandão) que é a caracterização simbólica, assim como o entrelaçamento de éticas do agir com lógicas do pensar.

O real acontecimento repetido na matéria do universo simbólico com as práticas do agir criam no tempo-espaço uma memória, que consolida não só a teia das relações humanas (Capra) das pessoas que ali vivem, experimentam e se relacionam, como também estrutura um sistema de sentido que permite a construção de uma identidade comum a esta teia. Assim, a experiência num tempo-espaço que gera éticas do agir, lógicas do pensar, permite o domínio do espaço-tempo, como um sistema de sentido que sustenta práticas do fazer e éticas do agir, criando uma memória e uma identidade de um grupo de pessoas que, por sua vez,

caracterizam o território.

O território, um espaço geográfico, um espaço físico, como, por exemplo um país: “o território é um nome político para o espaço de um país” (SANTOS, 2008, p. 19.), que é apropriado por um povo que ali cria, configura e constitui símbolos, enquanto é formado por estes mesmos símbolos.

Na perspectiva de Haesbaert é política, pois ele acredita que a configuração do território se dá a partir das relações de domínio sobre o espaço-tempo. Ele lembra origens: “terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem o domínio da terra (jurídico-política)” (HAESBAERT, 2005, p. 6774). A terra, enquanto espaço condicionante para a existência do território, ou mesmo da experiência humana. Daí o terror, aterrorizar. Aquele que é impedido de entrar, de ter acesso à terra carregada do universo simbólico para o indivíduo.

Nesse sentido, Milton Santos concorda com o viés político, pois aborda território enquanto solo de uma nação, enquanto universo simbólico comum de um povo. “A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2006, p. 14).” É essa definição que vai permear toda a discussão que gira em torno das apropriações e expropriações de terras. Todo o conflito de terra e território é identitário, como o caso triste das guerras atemporais no Oriente Médio. Passa por este conceito também a defesa, ou não, de salvaguarda de terras indígenas, terras tradicionalmente habitadas por um povo, veredeiro, vazanteiro, geraizeiro. Povos do sertão mineiro que possuem um modo de vida alicerçado em um universo simbólico experimentado num dado espaço-tempo. Logo, no interior ou na fronteira de um território.

O território, nesse sentido, constitui formas, mas “o território são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. (SANTOS, 2005, p. 225). Há uma noção não apenas prática no território, mas, também funcional e existencial. Eu diria que é da natureza do homem criar territórios, pois é da sua natureza criar símbolos, sistemas de sentido onde habitar. E o habitar um lugar de natureza socializada funda tanto um território material quanto a simbologia humana deste território que “estava ali”, mas que passou a existir através da ação e da significação humana.

Há que lembrar ainda a noção de valorização, de valor-iz-ação. Valor em ação, que de um lado vincula-se à funcionalidade do mesmo, pois é valorizado à medida que produz valor.

Segundo Marcel Roncayolo, um valor, num sentido produtivo, versa sobre uma produtividade. Um território que produz riquezas (uma Fernando de Noronha que por sua beleza natural única gera valor turístico, um Irã e Iraque com suas zonas petrolíferas). A funcionalidade objetiva e material do território o torna de imediato um “território”, num primeiro momento, porque forja relações concretas entre pessoas e terra, pessoas e pessoas através de interações diretas com o objeto na e da terra. Ou seja, um território barranqueiro forjará um barranqueiro, um pescador, pela ação que “demanda” o pescar e, por sua vez, criará uma relação comum com o vizinho pescador, levados ambos pela cooperação e por relações de compadrio, ou pela competição e disputa de um mesmo território. Neste sentido o que importa é a condição técnica, econômica e social de produção no tempo-espço, naquele território.

Num segundo momento, porque essas relações estabelecidas são dirigidas para o controle e tessitura dele próprio. Inicia-se um círculo em que o território define o sujeito e o sujeito define o território.

As ações que têm como base controlar o território, tem antes um território de representação do qual partem as ações e ideais de controle. Neste caso, é sempre uma relação de múltiplas nuances, cujo ponto de referência, às vezes, nem é o próprio grupo social, mas representações “inventadas” de territórios desejados. Isso nos leva a concluir que em qualquer momento sempre que se pensa em territórios, há variadas escalas de relações, entre homens e entre estes e o mundo que os envolvem. (MARTINS, 2010, p.122)

Assim, a referência do território nem sempre está em suas relações, sua funcionalidade ou no grupo que ali experiência um modo de vida, mas reside também nas representações ou símbolos criados para a construção de um território desejado ou idealizado. Um exemplo disso é o processo de construção dos territórios nacionais, como o exemplo do Brasil, especificamente. Cria-se um hino, configuram-se símbolos, cria-se um modelo de identidade que é difundido e introjetado no imaginário coletivo de um grupo de pessoas, de um povo. Um povo que o aceitando (por se tratar de “nosso território”, da terra em que vivemos”) o repetem, sem que necessariamente haja um compromisso com os verdadeiros símbolos experimentados pelo grupo que ali vive (SOUZA, 2000). Às vezes, ainda, esses símbolos são apropriados e adequados a uma necessidade política de construção de uma identidade importante para algum efeito social e ou político. Notemos que este fato não leva a um juízo de valor, a um sentido negativo ou positivo, já que muitas vezes tal construção tem como objetivo facilitar e fortalecer genuinamente um povo. Embora outras, sim, representem apropriações para os privilégios de um pequeno grupo social e hegemônico.

Politicamente, segundo Roncayolo, é este movimento o que caracteriza o processo de territorialização do espaço. Ou seja, há uma reorganização social, e diria que também, simbólica, de um espaço em função da criação de uma unidade sociocultural, a partir da criação de uma identidade, de um sistema de sentido comum e essencialmente único daquele grupo, muito embora cada indivíduo de tal grupo possua o seu próprio sistema de sentido repleto de símbolos e de outros universos simbólicos. Neste sentido, o sistema de sentido difere um grupo e um território de outros.

Outro elemento da territorialização é a constituição de sistemas políticos definidos e também diferenciadores, como o conjunto de leis e de regras, e o estabelecimento de limites e de liberdades. No Brasil, por exemplo, os jovens tiram carteira de motorista a partir dos 18 anos, nos Estados Unidos da América a idade mínima é 16 anos. Há também a reorganização ou sistematização de mecanismos de controle social e manipulação sobre os recursos naturais. Ou seja, como e quanto dos recursos naturais podem ser explorados, quais são os limites e permissividades. E, ainda, a reelaboração da cultura e da história de um território. O processo de territorialização é aquilo que vai constituir a história e o sistema simbólico do território e que, por sua vez, irá também contribuir para a sua constituição e efetivação. E é consequentemente o que vai enfim definir o valor desse território.

Desta forma, segundo Martins são múltiplas as possibilidades de se constituir um território. Notemos que nas relações entre homem e território o lugar é aquilo que media os grupos sociais. Nesse sentido, há além das relações humanas a relação entre o homem o lugar ou lugares. Aqui nos encontramos de novo com a perspectiva simbólica do território.

Entendo que se falamos de relações entre pessoas e pessoas e espaço-tempo (seja território, seja lugar, seja natureza) haverá em algum momento também uma relação derivada de afetividades. Afetos, emoções que se desenrolam natural e continuamente, pois tanto quanto racionalidade, sentimentos, afetos, emoções são a própria natureza humana. Como habitar, como vivenciar sem haver em algum momento afeto por aquilo que me toca e que eu toco? A medida que se relaciona com a terra e com o outro, a medida que cria uma história e uma memória, símbolos deste processo, o homem cria também laços que ultrapassam a funcionalidade operacional, e mesmo produtividade de sua sobrevivência para alcançar o belo, para tocar o outro e ser tocado. “O que define o território não é o que ele contém ou produz, mas a intensidade e qualidade das relações envolvidas na sua elaboração, ou seja, o quão efetivo é a historicidade do processo de territorialização” (MARTINS, 2010, p. 121).

Haesbaert (2005) explana sobre o “continnun funcional simbólico”, acentuando que essa relação simbólica é também funcional e operacional através dos mecanismos de controle e manipulação política. Eu tendo a concordar com este sentido, pois que a relação afetiva entre o homem e outro, e o homem e sua terra, também é um argumento de poder, seja para legitimar o território, seja para ativar intenções políticas. No entanto, o que toca essencialmente a natureza simbólica das relações do homem no território é exatamente o ponto em que ele cria não apenas a partir de uma construção forjada, mas, a partir de um sentido em que a relação entre ele e o espaço e entre ele e outro acontece em sua essência. A relação e o relacionar-se essencial, ou natural é que cria o símbolo, o sistema de sentido espontâneo, que também em algum sentido pode ser caracterizado como devocional.

Quero trazer aqui um termo pouco usual no mundo acadêmico, mas que em neste caso passa a ser importante: o **devocional**. O devocional como sendo aquilo que gera e mantém uma relação íntima e afetiva com algo ou alguém através de uma adesão mais forte e incisiva do que um simples saber, como o da ciência. Um devoto pode dar-se a morrer por aquilo a que se devota, enquanto dificilmente um físico faria o mesmo em nome daquilo que sabe cientificamente. O devocional semanticamente aqui abordado envolve o afeto e o sentido-de-afeto entre o criador e a criatura, se pensarmos desde um ponto de vista de várias religiões. E tem como base a presença e a ação natural e espontânea do homem, como pessoa ou indivíduo.

Nesta perspectiva, “se as relações são mais simbólicas, o território pode ser um “abrigo”, “lar” e/ou “segurança afetiva”. É o lócus em que o ser experimenta ser, ou seja, que permite o viver.

Estar no território, ter um território traz a sensação de segurança, de abrigo. O território, porém, só é possível depois da apropriação sistemática das tramas do tempo-espaço. A partir disso, uma tessitura fina é construída a fim de permitir que ele seja uma condição do existir humano. Não há homem sem territórios. O contrário também não pode ser dito. Não há veredeiros sem as Veredas, as Veredas, como ambientes naturais existem, mas como elemento simbólico, sem aquele que cria as significações, elas são tão somente Veredas. (MARTINS, 2010, p.123)

Dessa forma, em uma sutil interseção, o conceito de território confunde-se com o de lugar. O lugar, para mim, é uma categoria quase bucólica. Pensar os lugares de vida, de experiência, de experimento. “Essa sociedade humana se realiza no espaço banal, no lugar, no cotidiano, em um movimento complexo, cheio de determinações, de mediações e surpresas.” (ARROYO, 1996. p. 60). É o espaço de vida que permite as associações e modos de vida que

se delineiam e tomam formas ora influenciados pelas características físicas, ora pelos valores e crenças advindos das relações materializadas nele.

O espaço, enquanto espaço em si, pode ser entendido como a relação entre o “sistema de ações e sistema de objetos” (SANTOS, 2004), em que as ações, os movimentos e os fluxos transformam e interferem nos objetos, nos fixos, da mesma forma em que o movimento também modifica os fluxos. É a relação entre a área e as possibilidades de atuações do homem. É de incursão, de caminhos a serem trilhados, “uma folha em branco em que se pode imprimir qualquer significado” (TUAN, 1983. p. 61).

À medida que adquire significado e formas simbólicas, ou seja, que se constrói o universo simbólico, o espaço ou território transforma-se em um lugar. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983. p. 21). À medida que as experiências e as sensações e emoções oriundas dessas experiências nesse espaço esboça formas, valores, crenças, realidade,<sup>6</sup> e assim, um modo de vida.

Retomo as categorias de Carlos Brandão: éticas do agir, práticas do fazer, lógicas do pensar e universos simbólicos para observá-las a partir do viés do lugar. É, pois, no lugar que todas elas acontecem e se desenvolvem. O lugar é afetivo, pois possui memória, possui registro de vida. Ele só é lugar na medida em que há vida e registro dela. As práticas do fazer, alicerçadas pelas éticas do agir, lógicas de pensar que em si estruturam o universo simbólico, constroem o lugar e existem a partir da experiência do viver no espaço.

O lugar, se pensado paralelamente ao espaço, é o repouso. É no lugar que o movimento ganha sentido, e no instante deste sentido há o repouso. Lembremos do símbolo em si. Uma criança ao rabiscar o peixe na terra batida do quintal de casa materializa um lugar ao criar um símbolo. O ato de rabiscar é em si um movimento. Entretanto, o acontecido (a criança que desenha, mais o desenho, mais a terra) são simbologias, e a simbologia em si é um repouso; é um instante de quietude. Uma pausa que ganha significado e transforma o espaço em lugar. O símbolo e com ele os sentidos, os significados e os valores constituem o repouso que permite o descanso no lugar. São os significados e valores que tracejam e humanizam um lugar.

É no lugar que se constitui a vida. Ele é o lar e o lar é o lugar. Como quando a “casa” construída vira o “lar” que se habita. O lar é o reflexo dos sentidos e das crenças, assim como

---

<sup>6</sup> (...) “o real são os afazeres diários”, o cotidiano. (TUAN, 1983. p. 161).

de um modo de vida, que por sua vez só é possível em um espaço transformado em um lugar. O lar é descanso, é ao mesmo tempo espaço de conflito, de embates, de possibilidades e depósito de crenças, de materialização das relações e do modo de viver. Tanto um quanto outro representam significados e neste momento descanso.<sup>7</sup>

“O lugar expressa relações, registra onde e como os homens se encontram e se reencontram com os outros, num espaço real e concreto.” (SANTOS, 1999, p. 111). Está relacionado ao cotidiano e ao mundo vivido e, conseqüentemente, às criações e delineios do imaginado; do mundo vivido no entre-lugar. O lugar não físico, mas que se faz presente por meio de espaços míticos no lugar. É o lugar imaginário em que as imagens do simbólico são refletidas e percebidas. É o lugar que não necessariamente sustentado no espaço físico se concretiza no espaço indefinido e não tocável, mas existente, pois que possui sentido e experiência.

Eu não apenas vivo em um lugar, mas eu sou dele. No limite entre a geografia do meu lugar e a minha biografia neste lugar, mais eu pertencço a ele do que ele me pertence. Isto é tão forte que eu posso nunca mais voltar a “um lugar meu” de onde saí, e, lá longe, nem por isso ele deixa de ser “o meu lugar”. Por isto mesmo o sentido do exílio, desde antes dos gregos, sempre foi algo mais do que um “ser expulso de um lugar”. Exilar sempre significou sempre deixar o de onde-se-é (...) (BRANDÃO, 2008, p. 45).

Nesta perspectiva, no ponto de encontro da afetividade do homem e suas relações o lugar e o território são sinônimos. O lugar, por sua vez, existe num dado tempo num espaço, e, assim, num território, mesmo que este lugar continue existindo na memória do indivíduo e não mais em um território físico. “É o território que (...) traça limites, especifica o lugar e cria características que irão dar corpo à ação do sujeito” (MUNIZ-SODRÉ, 2002, p. 23). Martins (2010, p. 127) lembra que ‘o meu lugar’ é sempre o ‘meu território’, o contrário também pode ser afirmado. Ou seja, quando na infância vivo no território da cidade de Montes Claros convivendo com vizinhos, crianças de minha idade, com as quais brinco criando casas de barro, bonecos de argila, guisados de folhas, galhos e lama, jogo pari-bola, queimada, porta-bandeira, pique-esconde, pega-pega. Onde vivo em ruas de terra, vazias de carro e povoadas de crianças e gritos, crianças soltas e criadas entre si. Este território é o território da cidade de Montes Claros no Estado de Minas Gerais E para mim é um território afetivo e essencialmente simbólico no tempo em que acontece, no seu aqui e agora, e é o lugar da

---

<sup>7</sup> Revisita à dissertação de mestrado “**Semear cultura, Cultivar culturas populares, Colher patrimônios: a gestão social da cultura e do patrimônio cultural às margens do Rio São Francisco**”, defendida em setembro de 2011 no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFU.

minha infância, pois em minha memória ele é repleto de afetividade e sentido... para minha criança.

No entanto, hoje, vinte anos depois, Montes Claros continua sendo território, mas aquele lugar da infância que aconteceu naquele território existe apenas em minhas memórias e nas daqueles que ali conviveram comigo. O território hoje existe com outros símbolos, outras tramas, outras relações, dando base inclusive para a existência de outros lugares. O lugar agora da infância dos meus sobrinhos e de encontro com meus pais, irmãos, cunhada, amigos e familiares. Lugar que existirá num tempo outro, enquanto o território segue presente e se reinventando constantemente. Os lugares são criados constantemente em seus significados afetivos. O território é que se reinventa, que acontece no tempo e espaço do acontecer presente. Ainda que repleto de afetividade ele deixa de ser a medida que se modifica.

“O que podemos concluir com esta análise, é que o território tem dimensões ‘materiais e psicológicas’ que estão intimamente ligadas à organização da vida social.” (MARTINS, 2010, p.124). O território é constituído por ser espaço físico de vida. Ele só é território por abarcar a ação de vida do homem e por ser lugar de interação com o mesmo. Ou seja, o território existe pela ação funcional e simbólica que o inventa e reinventa constantemente, envolvendo também o homem que se constitui produtiva, simbólica e identitariamente através de sua relação com o território. O território abarca o lugar e o lugar sustenta a história do território. O lugar cria uma memória, enquanto o território cria uma história. O lugar carrega emoções e pode ainda ser apenas objetivo. Mas pode ser também um território de sentido. É importante lembrar aqui que o território, tal como a natureza da criação humana, é reinventado, reeditado, reconstruído constantemente.

Esclareço ainda uma diferença do que pode ser objeto de confusão. O território afetivo, sinônimo de lugar, é também diferente do território de sentido com que trabalho nesta pesquisa. O **território afetivo** é um lugar, enquanto o **território de sentido** é o tempo-espaço onde e através do qual o homem experiencia a vida e seus sentidos e significados. Assim, em um mesmo território físico e social de vida, podemos vislumbrar o território de sentido profissional, o território de sentido devocional, o território de sentido acadêmico, o território de sentido da arte, enfim as multiplicidades dos sentidos do território de sentido. Ele acontece em um espaço físico ou não, em um determinado tempo. Ele pode contribuir para a constituição de um universo simbólico, pode ser objetivo, funcional, produtivo e simbólico, mas, não necessariamente.

O que o define enquanto “de sentido”, mais do que apenas “afetivo”, é a noção de

uma definição, de um recorte, ou integral, tal como o território de sentido da vida de uma pessoa. Ele não necessariamente está no espaço físico, pois pode estar sustentado em pluri-territórios, em redes, em teias. Assim os territórios de sentido da ciência, ou um território de sentido social de teor ideológico e político. A ciência, embora aconteça num espaço físico enquanto território de sentido é constituída não por uma localidade específica, assim como o que tem em comum entre uma ciência que acontece se desenvolve nas mais variadas localidades.

A respeito de **território de sentido** acadêmico trago o meu exemplo: experienciei ao vivo saberes e sentidos de teor científico em Montes Claros, Uberlândia, Rimouski-CNA, (lôcus diferentes), mas, que se unificam ao configurarem o meu território de sentido acadêmico, de experiência científica. Vivi e vivo um **território de sentido profissional**, onde exerço minha profissão em Montes Claros, Piracanga, Alto Paraíso, São Paulo ou Caldas. Comparto com outras pessoas um **território de sentido devocional** onde vivencio minhas experiências de dedicação afetiva que experimento em Piracanga, Alto Paraíso e Rishikesh. Tais múltiplos territórios podem ainda se comunicar, podem interagir, como quando o território profissional-devocional que experimento enquanto desenvolvo atividades profissionais, aplicando minhas práticas devocionais, ou práticas que estão vinculadas ao meu propósito de vida (afeto, emoção, intimidade de minhas escolhas e opções de vida).

Lembro ainda que o **território de sentido acadêmico**, que não necessariamente é o território em um pleno sentido acadêmico, pois meus estudos de vida, como de inúmeras pessoas, podem incluir formações muito variadas distantes ou não da academia. Um curso de Leitura de Aura, de Respiração para Renascimento, ou mesmo Ativismo Quântico. O território afetivo não necessariamente é um território de sentido, mas o território de sentido frequentemente é um território afetivo, principalmente o **território de sentido devocional**.

Neste ponto creio ser importante trazer a ideia de **entre-lugar**, que neste trabalho pode ser também compreendido como **território de fronteira**.

Entre-lugar é uma categoria transcrita por Silviano Santiago e criada pelo indiano Hommi Bhabha para discutir as diferentes culturas em fronteira, ou seja, no ponto de encontro em que são diferentes, tendo um largo arcabouço de similaridades entre elas.

Uma grande dificuldade enfrentada foi a de procurar reproduzir em português os e complexos jogos de linguagem e a ambiguidade que perpassa a escrita de Bhabha. Tentamos obter equivalentes em nossa língua para os diversos neologismos criados pelo autor e para aqueles que constituem conceitos-chave em sua obra. Muitas vezes usamos como inspiração outros neologismos já incorporados a linguagem crítica; assim, para os termos *in-between*, *time-lag* e outros afins, partimos da conhecida

formulação de *entre-lugar*, de Silviano Santiago daí os termos *entre-meio* e *entre-tempo*, por exemplo. Em alguns casos, optamos por uma tradução literal, principalmente para termos que já começam a ser adotados pelo discurso crítico acadêmico mas que ainda não se encontram dicionarizados, como ocorreu com *agency*, já conhecido como *agência* ou *intervenção*, ou com *empowerment*, traduzido como *aquisição de poder*. (Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves in Apresentação O local da Cultura de Homi Bhabha.)

É um ponto de encontro em que os grupos sociais ou culturais podem se desentender ou podem realmente se encontrar. É um lugar de choque e de polêmica em que há momentos de enfrentamento em nome da diversidade e de uma acentuação das diferenças. A inovação da ideia de Bhabha está no romper com a noção passiva de oposição entre dominante X dominado, para dialogar com Mikhail Bakhtin no que toca à “circularidade cultural”. Ou seja, o conceito perde o sentido de oposição e de exclusão para ganhar o de inclusão. Tende para a noção de momento de transição e transformação.

Esses entre-lugares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.16).

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o "novo" que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético ela renova o passado, revigorando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver. (BHABHA, 1998, p.23 – itálico do autor)

Segundo Bhabha este lugar de interseção e de enfrentamento-deslocamento permite que experiências intersubjetivas e coletivas de identidade se tornem ainda mais abertas e múltiplas, já que permite a troca e abre precedentes para rupturas. Assim, a mudança seria de interesse comunitário e o valor cultural entre atores-autores culturais tenderia a ser negociado. Para ele viver no entre-lugar é viver em fronteira, espaço entre o ato de representação e a presença do grupo social ou cultural.

De acordo com Geraldo Inácio Martins, estar em fronteira é “estar em constante movimento, conflitos e readequações”. (2010, p. 125) A fronteira é, ao mesmo tempo, o lugar de encontros e de diferenças. Ao passo que aponta para o que é possível em termos de antagonismo, abre-se também para o que está em transformação. É o ponto onde se encontram o antigo e o novo. É o ponto onde se deixa algo para se abrir a outro algo. Eu diria que é não apenas o que possibilita as transformações, mas, algo que existe porque existe na

mudança e no movimento.

Neste sentido, o momento em que o diálogo entre ciência, magia, religião e espiritualidade se encontram, é mais do que um exemplo de entre-lugar e de um território de fronteira. É a própria fronteira, o próprio entre-lugar. Assim, temos o exemplo de Deus, que como sujeito central da religião deixa de ser unicamente “filosófico” para tornar-se objeto também da ciência. A ciência por sua vez, que tendo negado em várias de suas vertentes durante muito tempo a possibilidade da existência de Deus e da maleabilidade da matéria, pode abrir-se para a teia de variabilidade e infinitas possibilidades e dimensões da matéria-energia. Agora a matéria não é mais tão dura, sólida e previsível. Essa mudança pode parecer simples num primeiro instante, mas ela se abre entre espaços diversos e profundos, como todo o pensamento e formação do sistema educacional desde o ensino básico. Poderá vir o tempo em que da física chegarão saberes e descobertas que a aproximarão muito de tradições religiosas antigas, cada qual com a sua linguagem para traduzir uma mesma realidade.

O pensamento cartesiano é uma das bases de toda a sociedade ocidental hoje. Consciente ou inconscientemente ele configura o olhar, a visão, o ponto de partida de estudos, de objetivos de vida, de direcionamentos de estudos, pesquisas, organizações, de tecnologias, de sistemas econômicos, sociais, de gestões e planejamentos de estado. Questionar a rigidez da matéria é questionar a base de toda a sociedade ocidental. Assim, estamos num momento histórico de fronteira que se abre e movimenta interativamente não só na dimensão filosófica e científica, mas também espiritualmente, já que Deus enquanto consciência pode ser pensado como espírito e matéria, logo, como objeto de ciência.

Li em alguma página da internet enquanto pesquisava sobre áreas de fronteira, algo como “a importância do planejamento para as cidades de fronteira”. Acredito que a frase venha a calhar bem nesse momento de fronteiras abertas entre ciência e espiritualidade, ou seja, é preciso um bom planejamento para o caso daqueles que já estão em um entre-lugar (a exemplo os autores do primeiro grupo que trabalharemos no próximo capítulo).

#### **1.4. Lugar de fronteira: política do território**

Retomo a noção de território enquanto espaço que define relações de poder. Ele pode ser jurídico-político, simbólico-cultural e econômico e seu caráter é sempre identitário.

O lugar de fronteira em que se encontra a ciência e a espiritualidade, e consequentemente os sujeitos de pesquisa deste trabalho, destaca-se como político por dois motivos. O primeiro por abrir espaço para a mudança de paradigma. Toda mudança, ainda que seja, no momento de sua chegada, um desafio para os grupos sociais já estabelecidos, é também uma inevitável abertura e, por esse motivo, ela é essencial. O novo leva-nos a questionar e interrogar e, a partir do estranhamento, permite ampliar a consciência. Assim, observo a fronteira enquanto item político, uma dimensão de político ativo, que promove a mudança, lembrando a ideia de circularidade cultural de Mikhail Bakhtin (apud Bhabha), em que a fronteira gera um movimento não de exclusão, mas, de transformação, de estranhamento. A fronteira enquanto espaço de mudança, enquanto movimento.

O segundo ponto dá-se a partir do político, do território enquanto agente de poder. A intenção aqui não é alicerçar ou fortalecer o território enquanto preponderante de uma classe dominante do poder sobre uma massa, mas reconhecer a força política de um território seja ele científico, artístico, profissional ou espiritual. Pois que se sua construção cria discursos, cria atos e práticas. E, tais criações podem se direcionar rumo a uma manipulação controlada do poder, ou em direção a um sistema cooperativo e colaborativo. Aqui tocamos novamente no detalhe entre um sistema cartesiano pautado na matéria ou um sistema em que a matéria é uma teia de possibilidades.

Assim, com um outro olhar, tomemos a fronteira no seu sentido de movimento. Fronteira etimologicamente vem de *front*, ou “de frente”. Segundo Le Fèbvre (in Groupe Frontière) na antiguidade, por volta do século XIII fronteira era um termo que definia aquilo que estava para além do visto, ou seja, o desconhecido. Ou ainda, o *front*, o ponto de encontro entre dois exércitos, o *front* de batalha, de frente para a batalha. No século XVI com o surgimento dos estados, o termo foi transferido para os limites territoriais. Fronteira enquanto lugar de limite definiu-se claramente à medida em que a discussão sobre o território foi também se fortalecendo com a evolução das estratégias militares e cartografias. E, não esqueçamos, com o processo de colonização a saída dos europeus do seu continente para outros continentes e territórios, provocou a “implementação” do sentido de território e de fronteira, efetivadas com as demarcações de amplas áreas de colonização.

Nessa perspectiva, a fronteira surge e se amplia pelo mundo a partir de um movimento de domínio e monopólio, ao mesmo tempo em que é também o exercício do poder para consolidar o poder. Mattos analisa este conceito afirmando a fronteira enquanto poder

político que se instaura, assinalando a distinção de “o meu X o teu” (MATTOIS, 1979). O meu território, o meu país, o meu Estado é diferente do seu território, do seu país, do seu Estado.

Hoje a noção de fronteira tem sido ampliada em virtude das mudanças geográficas e do surgimento do movimento das redes, que abre e estende o conceito de território no sentido de um espaço unicamente físico, para o território muitas vezes virtual ou situado justamente no entre-lugar.

O papel de algumas fronteiras políticas, conforme já assinalado, parece estar incorporando novos elementos funcionais, acompanhando assim o processo de relativização multiforme do Estado em relação a elas. Em função da evolução das redes geográficas, principalmente pelos transportes multimodais e também pelas telecomunicações, está ocorrendo maior comunicação e trocas comerciais entre países pelo espaço mundial, o que gera uma *mudança* das funções da fronteira para estas áreas e novas leis nacionais são elaboradas para melhor controle destas mudanças. (SILVA, 2008)

A fronteira nem tanto enquanto função, mas enquanto fenômeno, tem se modificado em virtude das próprias transformações do homem, no que acompanha a dinâmica do território e se reedita constantemente. Nesta linha, as cidades, os lugares que se encontram em fronteira rompem com o sentido tradicional de fronteira dos estados nacionais, alcançando o que se define, segundo Silva (2008), como o lugar de convergências de redes e de relações. É nesse ínterim que a fronteira dialoga com a minha pesquisa.

Tais lugares ou cidades, na medida em que tecem suas relações em e entre redes, envolvem uma “trama de relações, de contradições, de conflitos formais e informais, colocando os lugares em uma posição de destaque geopolítico. (...) Sua presença relativiza também o peso das condições naturais na caracterização das fronteiras políticas.” (SILVA, 2008). Ou seja, a fronteira, olhar de *front* para além dos limites da visão do conhecido, provoca uma polemização que alarga o próprio conhecido em direção ao desconhecido. A realidade da fronteira reativa novos usos políticos que se configuram em formas firmadas na potencialidade da reestruturação dos discursos e sistemas políticos.

De acordo com César e Albuquerque, a fronteira delimita uma abrangência de fenômenos sociais e culturais em suas dimensões políticas, culturais e econômicas. O estudo está ainda marcado por uma dicotomia, uma separação entre uma linha de demarcação político-jurídica frente à zona de interação sociocultural e econômica. No que tange ao limite político, ou seja, a uma delimitação arbitrária e acordada entre dois grupos (estados, nações,

idades, tribos), ela é aquilo que possibilita identificar a abordagem de uma geopolítica<sup>8</sup>, já que caracteriza o poder, o domínio de um território e a criação de uma identidade a partir deste. Isto mesmo que essa fronteira seja um território de conflito e de dicotomias, pois a oposição e os desarranjos provocados por tais agitações caracterizam também o movimento e a inter-relação das diversidades socioculturais e das próprias relações do homem com a terra, com a vida e com o próprio homem.

A noção de fronteira ainda aparece, mormente de forma implícita, enquanto bordas das zonas de transição na biologia (ecossistemas) e na climatologia (zonas climáticas), e enquanto limites de fenômenos sociais e/ou políticos para o campo do direito internacional, da história e da sociologia. Nestes casos, a multiplicidade de usos da categoria fronteira pelos geógrafos se deve ao contato frequente com essas outras especialidades que também produzem uma visão espacial de seus fenômenos ou objetos de estudo. (CÉSAR e ALBUQUERQUE, 2012).

As interlocuções com e entre fronteiras de redes, de ecossistemas, de zonas climáticas podem ser ampliadas para o sentido de rede com o qual Fritjof Capra trabalha. Ou seja, os sistemas vivos são redes que se interconectam e são interdependentes, não hierarquizadas, pois não há domínio do mais forte sobre o mais fraco. E, como redes, são sistemas alinhados, organizados dentro de outras redes. Os seres vivos são, enquanto uno, um fio de uma rede que forma a “teia da vida”. Essa perspectiva amplia a noção de ecossistemas e da natureza da vida.

Nessa linha, as fronteiras de redes, de ecossistemas, de fenômenos sociais e políticos, de grupos culturais ampliam a perspectiva da fronteira como lugar preferencial do político, na organização sistematizada de uma fronteira. Isso sem falar das redes em mídias e internet. Ela, repito, deixa de ser essencialmente um espaço físico e estende-se a territórios de sentido, territórios semânticos e mesmo a entre-lugares dessa própria fronteira. O que quer dizer, por exemplo, que a fronteira de uma rede de economia solidária, que permeia as redes virtuais da internet e a rede de relações humanas, de trocas econômicas e materiais, de sistema de sentido e valores, ocupa todo um território, na medida em que cria um espaço de relações entre homem e homem, homem e criação, interações, construções, etc. Mas ela é também uma fronteira, pois que associa construções de um sistema de sentido e de grupos comunitários com construções de sistemas de sentido típicas do neocapitalismo.

A tradição geográfica acadêmica brasileira tem enfatizado com naturalidade a dimensão cooperativa das zonas fronteiriças, tributo das menores distâncias e das vantagens fiscais entre as fronteiras.

---

<sup>8</sup> Embora geopolítica (estratégias e relações internacionais envolvendo os Estados, suas soberanias e relações de poder, de caráter militar) e geografia política (relações e caracterizações espaciais relacionadas ao poder do Estado, de caráter científico) tenham uma tênue diferença, seus conceitos se intercalam e dialogam neste trabalho.

As interações cooperativas nas zonas de fronteira são aceleradas com a globalização e os processos de integração regional, mas são anteriores a elas como observou o fundador da geografia política. De forma que o eterno retorno do conceito de fronteiras não faz mais que jus ao movimento do real, numa totalidade sempre fragmentada, representada por projetos de poder e por diversidades culturais e políticas em base territorial. (CÉSAR e ALBUQUERQUE, 2012).

Esta nova perspectiva da compreensão da fronteira enquanto lugar de encontro e união de diversidades e diferenças, e não mais apenas como foco de conflitos devidos a diferenças, apontada para um caminho de interseção e unificação. E descontrói, como apontam César e Albuquerque, a visão de fronteira como contenção, como separação, que tanto vigorou no sentido de fronteira dos territórios nacionais. Além de promover uma integração entre os grupos, sistemas e redes, fortalecendo políticas da cooperação. O “tributo das menores distâncias e das vantagens fiscais entre as fronteiras” é ultrapassando a semântica do econômico, uma distância de interação, de relacionar-se, de co-criar, de conviver. Como veremos nos capítulos seguintes, a cooperação, o altruísmo, o serviço voluntário e o serviço generoso ao outro proporciona uma transformação que transpõe as rasteiras vantagens fiscais, pois o econômico deixa de ser um objetivo para tornar-se a consequência dos acordos dos grupos envolvidos.

A discussão da fronteira enquanto limites territoriais de sentidos e de nações torna-se assim essencial numa visão geopolítica, pois que contribui para a atualização da fronteira, e mesmo do território, enquanto disputa de poder, em direção a uma dimensão interativa e cooperativa. Como sugere Wanderley Messias da Costa<sup>9</sup> em seu livro e tese de doutorado, “*Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*”, movimentos e empreendimentos cooperativos, colaborativos trans-fronteiriços, quando em programas e projetos integracionistas, nascem não apenas das iniciativas geopolíticas de estados nacionais, mas também de ativistas, grupos e redes.

Observando os autores no estudo de caso do próximo capítulo, vejo como principalmente os sujeitos do primeiro grupo polemizam o universo científico ao fazerem ele dialogar em “estado de fronteira” com as artes, as tradições originárias e orientais e as espiritualidades. Nesta interação, em outros termos algumas vertentes de ciências da natureza

---

<sup>9</sup> Costa faz um levantamento do processo evolutivo e surgimento da geografia política e da geopolítica, incluindo a diferenciação de seus conceitos (geopolítica # geografia política) de sua origem até os dias de hoje. Ele aborda os avanços e a importância das categorias para a ciência geográfica, analisando sua própria perspectiva política para a área. Ele argumenta sobre o discurso geopolítico aplicado às relações de um discurso para legitimar ações de dominação dos Estados imperialistas, da amplitude internacional e das tendências da cadeira nos próximos anos. O livro de Costa é interessante para a compreensão do panorama da Geopolítica e da Geografia Política no âmbito da geografia e do mundo.

tocam saberes e significados que, em outras linguagens, são corriqueiros em religiões e espiritualidades ancestrais. Não apenas as ciências, mas tudo o que os seres humanos criam e codificam, acaba sendo colocado em áreas zona de fronteira. Em diferentes entre-lugares ou mesmo não-lugares, pois o que todos criam, cada um a seu modo, é um espaço de diálogo ainda precariamente entre, por exemplo a ciência e a espiritualidade. Relembro a interação entre saberes e práticas ocidentais e a interação com saberes e práticas ancestrais, orientais e de vocação “holísticas”, como a ayurveda, a yoga e a meditação. A inclusão das comprovações científicas da física quântica, da morfogenética, numa perspectiva holística e espiritualizada atrai um número crescente de pesquisadores ocidentais.

Lembro-me de uma entrevista de Fritjof Capra dizendo que suas pesquisas há trinta anos atrás provocaram tanto estranhamento que foram classificadas como pseudociência. Hoje com o projeto da educação ecológica ele viaja pelo mundo dando palestras e implementando as metodologias oriundas de suas pesquisas. Chopra, de igual maneira, foi tido como pseudocientista, charlatão, falacioso, quando quebrou com paradigmas antigos da medicina tradicional, incluindo a yoga, a meditação e o cuidado com a alimentação sem seus programas de saúde.

Ultrapassar o limite de um território, da medicina, na ciência e do cientificismo, para além de um limite conhecido, causa um sempre estranhamento e provoca críticas e julgamentos. Mas trata-se de algo que se adentra no desconhecido reconfigurando discursos científicos e sistemas políticos, como, por exemplo, a educação ecológica de Capra e o ativismo quântico de Amit Goswami.

Este é o momento de lembrar aqui dos sujeitos do “segundo grupo”. Pessoas que optaram por deixar o território científico, por não verem nele uma abertura para o diálogo com o holístico. Pessoas que ousaram passar de um paradigma científico e ideologicamente cientificista para um holístico e espiritual.

De sua parte, os sujeitos do “terceiro grupo”, colocam-se como essencialmente devocionais, ultrapassando também as fronteiras de um âmbito conhecido, quando politizam suas práticas em um território nem tão científico, mas francamente social. A Amma, por exemplo, uma mulher que mesmo sem saber ler e escrever, gera e dinamiza centenas de projetos sociais, desde escolas básicas, a universidades e clínicas médicas. Aqui estão situados sujeitos que enfrentam as barreiras dos limites de práticas tradicionais, polemizando, conflitando, mas também contribuindo para a construção de uma nova rede, de uma outra

história. Ao polemizarem com o estabelecido e consagrado, eles desestruturaram a hegemonia de um discurso, possibilitando o surgimento de um outro, novo e renovador.

Uma polemização que preconiza a dicotomia do “meu X teu” sugerida por Mattos, aparece no momento do “tempo da fronteira” em que o discurso científico materialista se diferencia do discurso científico “da matéria maleável”, da ciência e da espiritualidade. No entanto, historicamente, essa fronteira abre-se quando o desconhecido vai se tornando conhecido. Quando as diferenciações vão se atenuando, assim como o delineamento da faixa de fronteira<sup>10</sup>, que aos poucos se transforma em uma aberta zona de fronteira<sup>11</sup>, para em algum momento se constituir num único território, como aponta César e Albuquerque na perspectiva cooperativa das fronteiras. A dicotomia faz parte de momento no processo de unificação dos limites, ela diminui à medida que se estreita a faixa de fronteira, abrindo caminho para o território colaborativo.

Nessa lógica, a construção do território de sentido, do entre-lugar configurado pela ação e pela atuação social dos sujeitos desta pesquisa, contribui também para a construção de novas estratégias políticas. Agora não mais estratégias militares de guerra, de domínio de uma porção de terra, mas, justamente estratégias de ruptura de uma única visão como base de educação e de perspectivas de vida. Ou seja, uma nova política de organização dos sistemas da teia das relações humanas, que por sua vez fundam suas ações no mundo.

O ativismo quântico de Goswami, por exemplo, propõe um sistema organizacional em que o sujeito, a partir do autoconhecimento e do seu empoderamento enquanto pessoa, pode atuar criando ações cooperativas e colaborativas, fundadas em práticas que se integram e que propõem a ampliação da consciência e a própria conexão com ela. O Centro do Bem-Estar de Deepak Chopra é outro exemplo, quando ele propõe uma medicina que une a alopatia com a programas que buscam o bem-estar, e a ativação da consciência.

## **1.5. Magia, religião e espiritualidade**

As definições de magia e religião interagem com e se multiplicam entre mundos polissêmicos de práticas mágicas múltiplas e religiões inúmeras. Desenrolam-se entre conflitos

---

<sup>10</sup> A faixa de fronteira trata-se de uma extensão maior em relação a anterior (zona de fronteira). (SILVA, 2008)

<sup>11</sup> A zona de fronteira é composta por 'faixas' territoriais de cada lado do limite internacional, sendo sua extensão geograficamente limitada a algumas dezenas de quilômetros a ambos os lados dos limites. (SILVA, 2008)

e discursos sacerdotais em que cada vertente de crença e culto defende a sua exclusiva verdade e o valor de suas promessas, assim como a oferta de cura e a benzedura, segundo os mais diferentes estilos, ao lado daqueles que apenas se mantêm no exercício das suas práticas herdadas e atualizadas sem, contudo, se preocuparem com conceituações e definições teóricas elaboradas.

Hoje é comum ouvir-se falar em “experiência religiosa”, ou “religiosidade” ou, ainda, espiritualidade, como formas de escapar dos ditames das delimitações doutrinárias da religião. Ou bem se é católico, ou bem se é budista, ou bem se é protestante. Ao contrário, cada vez mais as pessoas libertam-se das definições ou identificações para com apenas uma doutrina, uma religião, um sistema de crença ou de sentido. É comum pessoas afirmarem que seguem esta ou aquela religião, mas, que também está intimamente “aberto a qualquer outra”. Ou, então, que se foi longinquamente batizado em uma religião, mas que já não mais a segue como os seus pais, por exemplo.

Para Franco Crespi as complexificações das redes de comunicação e da globalização ampliaram e “aprofundaram as percepções que os indivíduos têm da sua relação com a sociedade. E que aparece como uma realidade, cuja gestão se torna cada vez mais difícil”. (CRESPI, 1999). Isso provoca uma espécie de dispersão das identidades individuais, algo que dificulta e pode diluir o sentimento de pertencimento ao grupo. A multiplicidade de símbolos, de funções nos grupos, na mesma medida em que promove reflexões sobre a individualidade, e atuações fundadas na subjetividade, contribui poderosamente para a própria construção de identidades coletivas e individuais, promovendo um desenraizamento do indivíduo. Desenraizamento este que talvez aponte para um novo momento. Para uma necessidade de aprender a ser outro, como um alguém que não apenas vive da repetição de cosmovisões e doutrinas, mas cria ele próprio, com os seus outros, aquilo em que crê.

Tudo acompanhado de sentimento de dispersão e de desconexão, na mesma medida em que também provoca uma inquietação no indivíduo, associada a uma revisita, agora consciente, às tradições e à conseqüente valorização da mesma, criando núcleos e circuitos em que uma pessoa pode reconhecer-se una e individual no exercício da sua experiência. As identificações passam a ser construídas a partir da vivência individual, e a experiência espiritual e ou religiosa torna-se talvez mais forte do que um conceito ou do que as normas de conduta estabelecidas científica e oficialmente. Neste contexto o que é sentido e percebido no corpo é mais verdadeiro do que as escrituras sagradas e os códigos institucionais.

O crescimento da consciência, do caráter histórico-cultural de conceitos como natureza, razão, leis da história, indivíduo etc., frisa o caráter sempre relativo de qualquer conhecimento, configurando o saber filosófico, não tanto como reflexo objetivo da realidade, mas antes como atividade de interpretação elaborada no interior de uma tradição histórico-cultural particular. (CRESPI, 1999, p. 13)

Crespi lembra ainda que o autoritarismo das religiões institucionalizadas fere a noção analítica, subjetiva e reflexiva da experiência religiosa, comprometendo a capacidade de organizar a “experiência existencial” de acordo com a própria subjetividade do indivíduo.

Cria-se, assim uma espécie de situação esquizógena, na medida em que aquilo que se sente é, de fato, o contrário daquilo que é afirmado a nível cognitivo. Assim em lugar de mediar a experiência, a representação absolutizada a nega, colocando em primeiro plano, com relação à vivência, a dimensão da vontade e do dever ser.” (CRESPI, 199, p. 20)

Isto provoca, segundo Crespi, limitações na constituição do caráter e da capacidade de comunicação e reflexão do indivíduo. A imposição de uma estrutura pronta e definida na constituição da personalidade e do caráter leva à obediência absoluta das normas e crenças enrijecendo o pensamento e condicionando pessoas a serem a-individuais, ou desprovidas de individualidade. Segundo o autor, tais pessoas, a-individuais “seriam incapazes de se comunicarem consigo mesmas, de amarem a si mesmas, de entrarem em relação com os próprios componentes inconscientes.” (CRESPI, 1999, p.21).

O rompimento com a verdade absoluta, com as certezas institucionais das religiões e mesmo das ciências, e a valorização de conceitos e percepções subjetivas, possibilitam a abertura a múltiplas verdades que convivem e interagem, mesmo quando questionadas e rejeitadas por instituições consagradas. Elas criam num espaço, ou num primeiro instante uma crise, mas, proporcionam a desconstrução de crenças e pensamentos fechados, que limitam a percepção de si próprio e conseqüentemente de uma fluidez de ações e interações no mundo.

Esta convivência alicerça cada vez mais uma noção de espiritualidade e de experiências religiosas, em que não existe necessariamente um princípio de um Deus ou deuses, bastando a experiência, a vivência, a sensação e o sentimento do sagrado, do transcendental, do sacramento especial.

Segundo Crespi, a experiência religiosa subjetiva pode “se tornar uma das principais forças de desmistificação das formas alienantes de absolutização presente na realidade social e na própria religião” (CRESPI, 199, p. 16). Possibilidade essa que Marcel Mass já havia

apontado como característico da magia na época de polarização marcante entre religião e magia.

José Jorge de Carvalho lembra que uma tal pluralidade e polissemia do que ele chama de campo religioso, ultrapassa a fronteira do religioso, e abarca a dimensão do idioma analítico. A abertura das fronteiras ultrapassa a própria fronteira, e provoca um efeito que ainda está em processo de análise. Segundo ele, “a sexualidade, a expressão artística, as identidades políticas, étnicas, nacionais e as próprias identidades pessoais são agora vistas como muito mais plurais e diversificadas.” (CARVALHO in MOREIRA & ZICMAN, 1994, p.70). As próprias instituições são obrigadas a acompanharem a maré de aberturas e de fluidez. Há uma crescente desnaturalização das categorias tradicionais, que é acolhida intelectualmente como positiva e se torna importante para que o indivíduo se perceba enquanto auto-reflexivo, complexo e problemático “pelo próprio desafio da pluralidade interna”.

O sagrado ganha neste contexto um conceito resignificado. Agora não é mais apenas o permitido e o aceito, marcados em sua antítese com o profano, o proibido e o demoníaco. Mas trata-se de uma sensação de comunhão, de ampliação da consciência, de compreensão do outro. Aliás, como particularidade da conjuntura atual até mesmo a definição do sagrado irá variar de acordo com as múltiplas experiências religiosas e a diversidade de experiências de diversas pessoas e grupos.

Por outro lado, as diversas experiências seriam um campo fecundo para o desenvolver do ser-consciente, reflexivo e aberto a compartilhar experiências. Uma pessoa centrada na essência dos seus próprios pensamentos e reflexões pautadas, por sua vez, em suas percepções vivenciadas. Dessa forma, o termo “espiritualidade” torna-se importante e necessário, pois que abarca uma multiplicidade de manifestações religiosas, místicas e mágicas que perpassam não apenas o universo religioso, mas as artes, as terapias, as técnicas de cura e outras mais. Multiplicidades que fazem interagirem elementos intelectualmente criados pelas instituições, ou magicamente significados através da atuação do mestre, do guia, do guru, do mago ou mesmo do feiticeiro.

Neste sentido, o conceito de espiritualidade como percepção subjetiva, plural, multivariante e diversa da experiência religiosa, mística ou mágica, como complexos de vivências que norteiam a sensação do sagrado, torna-se relevante. A espiritualidade seria a percepção subjetiva internalizada e já revisitada de uma experiência individual ou coletiva. Carvalho sugere que a “espiritualidade implica uma dimensão de subjetividade trabalhada, de

uma experiência que transcende a norma ou a expectativa formal da comunidade (CARVALHO in MOREIRA & ZICMAN, 1994, p.73).

Espiritualidade e **sistemas de sentido** (BRANDÃO, 2004) são conceitos que abarcam a pluralidade e a diversidade do contexto atual das manifestações místico-religiosas, assim como das manifestações que, miscigenadas, ultrapassam as fronteiras religiosas para alcançarem o universo de novas buscas, de experiências de paz e de cura, e do generoso cuidado com o outro. A espiritualidade como experiência que transforma o pensamento e a cosmovisão do indivíduo, é fundamental para que, provido de seus próprios valores e sistemas de sentido, ele possa partilhar por sua vez tais fundamentos no seu trabalho, na arte, na cura, e também na criação de novas metodologias participativas e econômicas, enfim, qualquer que seja.

Lembro que em seus estudos, Evans-Pritchard chama a atenção para um ponto que talvez seja o mais saliente no estudo da religião: as relações que ela desenvolve entre pessoas e sociedade, sociedade e crenças, sociedades e sociedades, estruturas simples, mágicas e estruturadas sistematizadas e intelectualizadas.

O que nos parece restar é que cada estudo constitui-se como uma peça em um quebra-cabeças, como uma contribuição que culminará, esperemos, em um belo e complexo mosaico final. Se os Deuses existem ou não, não é aqui e agora o mais importante. E nem se um grupo social acredita em um ou em vários deuses. O que importa seria talvez o fato de que todos os povos e todas as culturas apoiam-se em sistemas de crenças, como uma busca de uma explicação extra-física da vida e da natureza humana. Essa explicação, seja ela socialmente estruturada ou mítica, é o que tanto move e instiga a caminhada dos estudos sobre religião e os mistérios da magia.

Se o pesquisador, como diria Evans-Pritchard, é ateu ou crente, isso poderia definir o viés através do qual ele mira a lente ou o foco do seu estudo. Um viés vindo de fora para dentro, como o do ateu, que observa as estruturas e formas sistêmicas da doutrina; ou vindo de dentro para fora, como o de um crente que busca uma compreensão de outras dimensões não apenas míticas para os ritos e as crenças de uma doutrina. O que ressalta no final é que o olhar do pesquisador é o ponto de partida de suas análises e conclusões, sejam estruturais, simbólicas, analíticas, ou venham a ser apenas uma peça a mais integrante do mosaico de que se busca compreender. Assim também na vida, o olhar daquele que olha é que delinea a perspectiva da experiência. Cabe àquele que estuda, àquele que percebe e vê a coragem para se

adentrar verdadeiramente na experiência do que busca e na vivência estrutural ou simbólica daquilo que examina para a partir dela construir as suas próprias formulações.

Para concluir este capítulo, lembro que o sistema simbólico é o conjunto de símbolos, de códigos e de significados que acompanham uma religião (BOURDIEU, 1989). É, portanto, um reflexo de uma estrutura social. Os mitos vão reproduzir os atos do cotidiano por meio de um corpo simbólico.

O sistema de sentido não está necessariamente associado a uma doutrina ou filosofia específica, mas se compõe dos sentidos, significados, saberes, sentimentos, valores, éticas e práticas derivadas, que norteiam o pensamento e a conduta (BRANDÃO, 2004). O sistema de sentido pode englobar diversos sistemas simbólicos e é delineado de acordo com as opções de cada indivíduo, de cada grupo cultural, ou mesmo de cada cultura em seu sentido mais abrangente. São as escolhas individuais ou coletivas, partilhadas, que em conjunto formam um sistema coeso, ou não. Um sistema que em um de seus níveis norteia as normas de conduta e os valores de uma pessoa ou de toda uma coletividade. Ele não se reduz ao âmbito da religião, pois não está atrelado diretamente a um grupo religioso e confessional definido, mas, ao contrário pode atravessar vários planos e dimensões de saberes e sentidos. Em uma dimensão muito abrangente, a crença em uma alma imortal e em uma vida após a morte pode nortear pessoas sem uma adesão religiosa definida, e pode ser parte do credo de diferentes religiões.

Assim também, uma pessoa pode possuir um sistema de sentido que englobe elementos da meditação budista, da alimentação vedanta, de conceitos científicos para religião, de elementos de magia, ao lado de algumas definições católicas para com o Deus, aliando tudo isto à crença na reencarnação como no Espiritismo Kardecista, e acreditando ainda em orixás como no candomblé. Um tal indivíduo faz interagirem diferentes escolhas, e pode frequentar um templo ou outro ou não. Ou pode simplesmente praticar valores e ritos de seu sistema de sentido sem crenças definidas, sem apologias e, mais ainda, sem pregações.

Prabhu Aap Jago



Prabhu Aap Jago, Paramatma Jago  
Mere Sarve Jago, Sarvatra Jago  
Sukhantak Khel Prakash Karo  
Prabhu Aap Jago, Paramatma Jago

Prabhu Aap Jago



Deus, desperte!  
Oh Senhor Supremo, desperte!  
Desperte em todo o meu Ser, desperte em todo o lugar!  
Ilumine o jogo da alegria!  
Deus, desperte! Oh Senhor Supremo, desperte!



## Capítulo 2

# Trajetórias de Vida<sup>12</sup>



---

<sup>12</sup> CARDOSO, Mônica. **Planícies douradas da região de Leon**. Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: [http://turismo.ig.com.br/destinos\\_internacionais/2010/11/19/os+varios+caminhos+de+santiago+10101113.html](http://turismo.ig.com.br/destinos_internacionais/2010/11/19/os+varios+caminhos+de+santiago+10101113.html). Publicado em: 19/11/2010. Acessado em 12/02/2016.

## 2. Trajetórias de Vida

Sabemos que tanto na história do Oriente quanto na do Ocidente, desde a Antiguidade Clássica, e até menos antes, se pensarmos em povos ainda mais antigos, coexistiam em interação – nem sempre tranquila – os territórios simbólicos de práticas, saberes e significados de uma ciência aos poucos constituída como a alternativa legítima, oficial e fortemente identitária de produção de conhecimentos legítimos e de sua aplicação tecnológica e prática, e outros campos e territórios equivalentes, situados entre a arte, a religião, a espiritualidade e as mais diferentes “ciências ocultas” (o nome tradicional dado a elas posteriormente já é bastante significativo), juntamente com práticas tidas como “mágicas”, “de feitiçaria” ou semelhantes.

Leonardo da Vinci talvez seja o mais lembrado artista, arquiteto, cientista, inventor e pensador a ser lembrado aqui. E não foram poucos os perigos que ele correu por “roubar cadáveres” para fazer pesquisas sobre o interior do corpo humano. Todos conhecemos as pendências de Galileu Galilei com a Igreja de seu tempo, por causa de suas ideias a respeito da rotatividade da Terra. Isaac Newton seria, como tantos outros cientistas de ponta de seu tempo, do passado e mesmo de hoje, um praticante rigoroso da ciência oficial, e também um homem chegado a conhecimentos vindos da astrologia e de outros saberes e “segredos” não “oficiais” e não tolerados tanto pela Igreja Católica quanto pela igreja Anglicana de sua Inglaterra. Charles Darwin teria protelado por anos as suas descobertas a respeito da origem e evolução das espécies devido às suas crenças religiosas e ao seu temor de ir as suas descobertas na contramão do cristianismo de seu tempo e, entre algumas confissões” criacionistas”, até hoje. Os exemplos são muitos e, repito, eles vem do passado remoto, quando ciências e outros campos de saberes e práticas transitavam entre territórios simbólicos com fronteiras abertas ou mesmo inexistentes.

Mesmo hoje, se em alguns territórios de saberes das ciências praticadas nas universidades existem delimitações de fronteiras com outros campos mais definidas e “protegidas”, em outras, dentro e fora do âmbito propriamente universitário, as áreas de fronteiras entre saberes e práticas diversas quase se confundem. Assim acontece com a medicina e a psicologia, por exemplo. No caso da psicologia a quebra de fronteiras entre práticas “reconhecidas” e práticas “alternativas” chegou a tal ponto no Brasil, que o Conselho Federal de Psicologia proibiu oficialmente a associação do exercício da Psicologia associado a práticas como: consulta do tarô, iridiologia, astrologia e outras semelhantes.

Mesmo fora do campo de interação ou de associação entre saberes científicos e outros, assim como de práticas de cura e bem-viver, existem hoje em dia áreas de fronteiras que se abrem e associam diferentes saberes com protestos de uma igual ou equivalente legitimidade. A própria antropologia, que em boa medida fundamenta o meu trabalho, abre-se agora para um reconhecimento de que “saberes outros” provenientes de outras culturas não se constituem apenas como bons “objetos de pesquisa”, mas configuram mesmo outras formas e sistemas de construção de compreensões da pessoa, da cultura e da sociedade, provenientes de outras culturas, e sem qualquer respaldo oficial proveniente da academia. A Antropologia Perspectivista<sup>13</sup> e uma Antropologia Reversa<sup>14</sup> desafiam as chamadas “antropologias centrais” e acadêmicas.

A minha pesquisa leva a sério essas evidências. Estamos acostumadas a tomar como tema, campo ou objetos de pesquisa formas alternativas e populares de práticas de cura, de construção de identidades, de compreensão de diferentes dimensões da realidade e de práticas de espiritualidade, cura ou bem-viver. No entanto, falta compreender, a nosso ver, de que maneiras pessoas, grupos humanos, associações e outras entidades de saberes, sentidos e práticas coexistem entre nós e através de nós, envolvendo, por exemplo, pessoas com formação acadêmica legitimada, prática científica reconhecida (medicina, psicologia, terapia ocupacional, fisioterapia e outras) ao lado de modalidades tipificadas como “liminares”, “marginais”, “alternativas”, “exotéricas”, etc.

Mesmo meu orientador, Carlos Rodrigues Brandão, é um exemplo de andarilho entre essas fronteiras, ou de um entre-lugar (Homi Bhabha). Outras pessoas de intelectuais liminares que posso citar aqui são Mathieu Ricard, Amit Goswami, Deepak Chopra, Fritjof Capra, Darcy Ribeiro e João Guimarães Rosa.

Este trabalho, “seguindo essa toada”, propõe-se relatar histórias de vida, registradas em biografias, artigos ou entrevistas, evidenciando exatamente a trajetória entre esses dois universos tão antagonizados durante tanto tempo: ciência e espiritualidade, relacionados às práticas profissionais de hoje. Algumas perguntas chave nortearam a direção do meu olhar,

---

<sup>13</sup> O conceito foi criado por Leibniz e parte da ideia do que é alterável. O perspectivismo defende que há uma única realidade, mas acrescenta que diferentes indivíduos percebem a realidade diferentemente, embora não afirme que há tantas realidades quantas percepções da mesma.

<sup>14</sup> Vertente da Antropologia que nasce da teoria “a invenção e a noção de cultura” criada pelo antropólogo estadunidense Roy Wagner. Segundo ele todo entendimento de uma cultura nasce a partir de uma visão, da perspectiva de um olhar também embebido em cultura. Ou seja, eu falo de uma cultura ameríndia, a partir de uma cultura de geraizera, ou a partir de uma tradição erudita clássica. Essa linha abre as portas para que indígenas possam pesquisar e escrever eles, a partir de seu universo simbólico, sobre nossa cultura ou sobre sua própria cultura.

como: Quais os caminhos e territórios interiores e exteriores trilhados por tais personagens auto identificados como situados em territórios de fronteira entre a ciência e a espiritualidade? Quais os deslocamentos e territórios da história de vida de tais pessoas? Quais as “travessias” e os percursos intelectuais que eles realizaram e, em alguns casos, seguem “atravessando”? Como se deu ou em que creem tais pessoas? Para onde acreditam elas que irão após a morte? O que são elas agora? Como se identificam e autodenominam? Ou, ainda, o que sou eu agora?

Seguindo, como já foi apontado na introdução e no segundo capítulo deste trabalho, retomando o conceito de territórios de sentido, organizando quatro grupos de possíveis interlocução entre os universos da ciência e da espiritualidade: território acadêmico profissional e território devocional profissional; território acadêmico não profissional e território devocional profissional, território acadêmico profissional e território devocional não profissional, território não acadêmico e território devocional profissional. Trabalharei essencialmente com três deles:

**Grupo 1. Território de sentido científico profissional e território devocional profissional:** Pessoas com formação acadêmica, que durante ou após a sua formação tomaram um caminho próximo, de assumida vocação extra-científico-ocidental, e que na prática comungam “os dois lados”. Aqui trabalharei com a biografia de autores como: Deepak Chopra, Frijof Capra, Amit Goswami.

Inúmeros são os cientistas que lograram uma interação ou mesmo uma união entre ciência ocidental e acadêmica, como um sistema de sentido original, e um sistema de sentido que defino aqui como uma espiritualidade, descrita como alternativa, holística, integrativa, cooperativa. O que percebi é que a essência da busca que baseia, ou que é um ponto em comum a tais pessoas, é a cooperação e o bem-estar não apenas de si-mesmos, mas também de outros ou mesmo de um todo. São pessoas que de alguma forma colocaram os seus trabalhos alinhados à pergunta: como promover a paz, o bem-estar e a cooperação, a união entre pessoas, comunidades, povos e mesmo a humanidade e a natureza. Ao que parece, chegar a categoria espiritualidade, religião, devoção como um assumido território de sentido profissional e devocional (fronteira) foi mais uma consequência do que propriamente um objetivo em si.

**Grupo 2. Território de sentido científico não profissional e Território devocional profissional:** Pessoas com formação acadêmica ortodoxa, que mais adiante acrescentam aos seus saberes, outros, abandonando os saberes e as práticas da academia e buscando uma

formação e uma prática extra-acadêmica, ou devocional (e, como vimos, em alguns casos até mesmo condenada pelo seu Conselho Profissional).

Grupo 3. **Território de sentido devocional profissional:** Pessoas sem formação acadêmica, e que se apresentam praticantes reconhecidos de algumas alternativas de cura física, psíquica, espiritual. Personagens como Mātā Amritanandamayī Devi, mais conhecida como Amma do Abraço, e João de Deus. É interessante observar que esse foi o grupo mais difícil de ilustrar em nossa pesquisa.

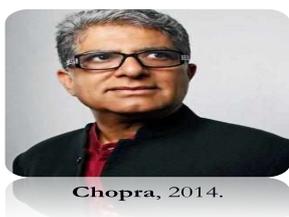
Suponho que pela facilidade de acesso hoje ao ensino superior, e mesmo aos inúmeros cursos e instituições de universidades alternativas, já reconhecidas, como a Unipaz, a Uniluz, a Humaniversidade, praticamente todos os agentes de cura, terapeutas, ou mesmo líderes espirituais ou humanitários possuem uma formação formal acadêmica. Alguns associam a formação acadêmica às formações holísticas alternativas; outros especializam-se essencialmente em sistemas de sentido e práticas alternativas. No entanto, quase todos passaram pela universidade, mesmo que num curso hoje distante de sua prática atual.

Seguindo a linha das questões, organizarei os dados da pesquisa biográfica por pessoa, e ainda de acordo com sua história de vida, trajetória profissional e acadêmica, focando meu olhar sobre as suas trajetórias (ou “travessias”) seus desdobramentos e a interação entre os seus sistemas de sentido no passado de suas vidas e ainda hoje, seguindo também a lógica dos grupos descritos anteriormente.

Lembro que a metodologia de pesquisa deste capítulo foi essencialmente pautada em entrevistas dadas a revistas, sites e canais de internet. Visitei e interagi com algumas biografias, mas, o foco foi dialogar com a fala direta das pessoas, ou seja, como elas estão se colocando e se identificando diante de outras pessoas. Assim, as entrevistas se apresentam como um meio direto e imediato de acesso a informações sobre vida, as escolhas, as travessias e as fronteiras de cada pessoa. Ressalto que não é objetivo deste capítulo um mergulho profundo em teorias ou mesmo em filosofias de vida. Desejo produzir narrativas em que o ponto principal seja o desvelar que os motivou e os inspira nas suas escolhas de saberes, de crenças, de espiritualidades, de devoções e de práticas no trabalho profissional que os motiva em suas atuações no mundo.

## 2.1. Território de sentido científico profissional e território de sentido devocional profissional

### 2.1.1. Deepak Chopra



À saúde é o espelho da nossa consciência, do que pensamos.<sup>15</sup>

Deepak Chopra nasceu em 1947 em Nova Deli, Índia, onde estudou medicina. Filho de pai cardiologista, tem nele uma referência para escolher a profissão. Estudou também em Harvard, onde começa a questionar o separatismo e materialismo no campo da saúde, propondo uma visão mais holística nos diagnósticos e tratamentos clínicos, ou seja, uma visão que leve em consideração as emoções, os pensamentos, as ações e mesmo o espaço físico de vida. Propõe também tratamentos alternativos, incluindo a medicina Ayurveda, como uma prática médica que integre corpo e mente, para gerar o bem estar. Por esse motivo, teve seu trabalho muito criticado e taxado como de autoajuda e pseudociência. Ele responde as instigações e questionamentos defendendo em seus livros e conferências as suas ideias.

Em 1985 chefa o *New England Memorial Hospital* nos Estados Unidos. Em 1985 torna-se presidente-fundador da Associação Americana de Medicina Védica. Em 1993 muda-se para San Diego e cria o Chopra Centro para o Bem Estar, *The Chopra Center For Well Being*, onde desenvolve os seus próprios programas e cursos para integração da saúde física, emocional e mental. Atualmente é diretor do *Maharishi Ayurveda Health Center* em Lancaster, Massachusetts, além de lecionar na Escola de Medicina da Universidade de Boston, com a disciplina de ciências médico-sociais.

É membro fundador da Aliança para a Nova Humanidade, fundada em dezembro de 2003, com sede em Porto Rico, tendo como objetivo o unir pessoas que criem uma massa crítica com o propósito comum para criar estratégias que promovam práticas e políticas para

---

<sup>15</sup> Chopra in OLIVEIRA, Monique. [Entrevista].

uma humanidade mais solidária. São doze membros fundadores, entre eles: Betty Williams, Roberto Savio, Sarah Ozacky-Lazar, Ricky Martin, Salomón Levis, Ashok Khosla, Kerry Kennedy, Baltasar Garzon, Antonio Fas Alzamora, Deepak Chopra, Raymond Chambers, Oscar Arias Sanchez. Hoje a associação possui mais de 500 membros. Chopra afirma que poucas pessoas unidas e em cooperação podem promover grandes mudanças no mundo. A associação foi uma forma de organizarem-se em prol deste objetivo: promover mudanças para uma humanidade solidária.

Desde criança tem como sonho ser escritor. Realiza-o dissertando sobre seu trabalho e o pioneirismo de suas práticas integrativas entre a medicina tradicional e ayurvédica. É autor de mais de oitenta livros, traduzidos em pelo menos trinta e cinco línguas, de cinco programas de TV para a rede pública dos EUA, além de gravações de vídeo e áudio.

Chopra faz interagirem organicamente a física quântica, a espiritualidade, a ciência ocidental, a medicina. No entanto, ele se tornou essencialmente conhecido pela revolução que promove em suas práticas médicas, incluindo a yoga e a meditação como práticas de cura. É interessante, que sendo indiano Chopra aprendeu meditação nos EUA em Boston.

Por meio da meditação, percebi que havia muitos mecanismos que a medicina não explicava porque olhava na direção errada. Ela, às vezes de modo eficaz, se concentra em um estado de doença, e não de saúde. Mas cheguei à conclusão de que a experiência da Ayurveda é simples, integrada. É um caminho de volta para o pleno funcionamento biológico. É preciso caminhar para uma integração de terapias. A saúde é o espelho da nossa consciência, do que pensamos. Atualmente, estudos comprovam que pensamentos geram respostas fisiológicas correspondentes, que podem ser positivas ou negativas. Cada estado de humor fica impresso em nossas células. Mas temos a capacidade de controlar algumas reações do organismo por meio do domínio dos pensamentos. A prevenção das doenças por meio de uma sintonia entre o corpo e a mente que pode ser obtida, por exemplo, com a prática da yoga e da meditação. (CHOPRA, 2013, in ISTO É)

No Centro Chopra é possível encontrar programas como Panchakarma (método de desintoxicação ayurvedico), meditação, yoga, ayurveda, massagens além do que eles chamam de Programa de cura mente-corpo.

Está ficando cada vez mais claro para a profissão médica que o enfoque reducionista, que quer dizer que só a farmacologia, só cirurgia, só a biotecnologia funciona. Isso não é assim. Isso não resolve o problema raiz. Inclusive, quando curamos uma doença, que seguem sendo doenças pandêmicas no mundo, chega outras novas. Quando nos desfazemos da varíola, da tuberculose, da malária, há outros problemas que surgem, como o câncer, o Alzheimer, os problemas degenerativos. De maneira que os mecanismos das doenças não são a origem deles. Mas, tem a ver com como vivemos nossa vida. Nossa mente, nossas emoções, nossos comportamentos, nossas relações, o estresse que é gerado com o nosso modo de vida, tudo isso influencia.

A medicina ayurvedica é uma das portas para viver de uma maneira mais holística. O que eu sugiro é que cada um possa manejar os níveis de estresse, e compreender os princípios de uma boa alimentação e liberar as toxinas: há emoções tóxicas, trabalhos tóxicos, substâncias tóxicas. É preciso fazer exercícios com todo o corpo e também com a mente. É preciso ser criativo e mudar a concepção de tempo e compreender o corpo como um campo de energia, compreender as substâncias básicas dos suplementos nutritivos. É preciso compreender aprender a coordenar a mente e o corpo. Aprender a ser doador e receptor de amor e compaixão. Se faz isso, estará sempre saudável. (CHOPRA, 2013, in Canal Oppenheimer)

Fiquei surpresa, eu defensora do veganismo, ao vê-lo falando de uma alimentação não necessariamente ideal, mas, adequada ao meio ambiente e a cultura em que vivemos. Uma alimentação que alinhe um sentido de vida, a vida e claro atendendo ao que o meio em que estamos demanda do corpo.

O que eu recomendo é que evite qualquer coisa esteja enlatada ou etiquetada, porque está morto, não há energia viva. Quanto mais a comida esteja mais próxima da sua fonte, melhor.

Se você precisa ser vegetariano? Bom, isso depende. Se você oferece uma dieta vegetariana aos monges tibetanos, isso vai provocar uma alta pressão em seus dentes e seus dentes irão cair. Mas, se você vive num país tropical, isso é muito diferente. A alimentação deve estar adequada ao meio ambiente que você vive. Sua comida deve ter as sete cores do arco-íris e dos seis dias da vida. Porque assim nós adaptamos ao mundo que nos rodeia. Por outro lado acho que não devemos ser tão compulsivos e preocuparmos tanto com isso. Acho que podemos nos guiarmos um pouco pela nossa cultura, por exemplo, na Itália há muita vinho tinto e massa, eles vivem a comida como uma festa e eles não tem os problemas que existem nos Estados Unidos.

Se você vive num meio ambiente em que vivo então é necessário. Mas, se você vive como um camponês no campo, então pode ser preciso meditar tanto. Tudo depende do meio ambiente em que você vive. Nós criamos uma sociedade onde as pessoas não tem tempo e vivem estressados pelos problemas não elaborados, onde há um nível alto de separação e divórcios, pode ser necessário. (CHOPRA, 2013, in Canal Oppenheimer)

Chopra enfatiza em sua fala a consciência como ponto central e criador da realidade. O amor, a paz, a criatividade e a harmonia são Deus e são princípios que contribuem para a evolução. “O amor não é uma emoção ou mesmo um sentimento, é a base da criação de tudo”, diz Chopra em entrevista a um canal argentino em 2011.

Segundo ele, a intenção é o que direciona a ação e o que vai definir a realidade. Dá como exemplo a tecnologia e o que ela cria no mundo hoje: armamentos, para gerar poder; controle e manipulação. A tecnologia como poder de criação é neutro, a consciência, que gera a intenção é que define para que lado ela se direciona. A tecnologia pode estar a serviço de criar uma economia igualitária, corrigir os desequilíbrios da natureza, resolver os conflitos do mundo, harmonizar diferenças culturais.

Aparentemente Chopra quebra com muitas ideias de um ideal de espiritualidade, de um modo de vida saudável. Com um olhar que busca observar o que recursos naturais, humanos e de inter-relações para alcançar uma integração do ser consigo mesmo. Segundo o autor essa seria uma dos principais benefícios da espiritualidade, ou das práticas holísticas, integrar o ser com ele mesmo e com sua experiência.

Falo de voltar as experiências mais fundamentais da espiritualidade. Ou seja, estar em contato com a alma, através disso estar mais em contato com o que nos rodeia, onde possamos experimentar nossa universalidade e identidade comum. (CHOPRA, 2013, in Canal Oppenheimer)

Em seu livro *Ciência e Espiritualidade*, em que discute exatamente as fronteiras entre religião, espiritualidade e ciência aponta rivalidade que ora aparece velada, ora francamente aberta e de como essa separação criada entre os dois caminhos cria no mundo pensamentos e crenças que distorcem o que vem a ser realmente o espiritual e mesmo resistências quanto à própria ciência. O livro é um debate entre dois mundos, a ciência representado pelo físico Leonard Mlodinow e a espiritualidade, representado por Chopra, em que cada um traz, a partir de suas pesquisas, teses e visões de mundo respostas para questões como: a perspectiva científica e espiritual, o universo, a vida, a mente, o cérebro, e Deus.

Ao que entendi, espiritualidade e ciência estão em busca de um mesmo ponto: a vida, Deus, mas, trilharam formas diferentes de experimentar esse objetivo. E esse distanciamento que cria separação de filosofias, gera afastamento de grupos e por sua vez dificulta a união do que essencialmente positivo e benéfico nas duas linhas.

(...) a ciência se debate com um problema semelhante ao da religião. A religião perdeu de vista a humildade perante de Deus, enquanto a ciência perdeu o sentido do deslumbramento, e vê cada vez mais a natureza como uma força a atacar e a vencer, com o objetivo de pôr a nu os seus segredos para benefício da humanidade.

...) a espiritualidade, a fonte mais profunda da religião, não falhou e está preparada para enfrentar a ciência de frente, com respostas coerentes às mais avançadas teorias científicas.

Se quiser vencer a guerra do futuro, a espiritualidade tem de começar por ultrapassar uma desvantagem considerável. Na imaginação popular, a ciência há muito que desacreditou a religião. Os factos substituíram a fé. A superstição foi abandonada aos poucos. (CHOPRA, 2011)

Nesse sentido, o que percebo no discurso de Chopra e também do Amit Goswami, como veremos mais a frente, vem trazer para a mesa justamente esse ponto de encontro que as vezes beira a uma rivalidade e que precisa ser discutido, conversado para estreitar novamente os laços e num caminho juntos promover o que é realmente de interesse: melhores

condições de vida para todos os seres no planeta, o pleno desenvolvimento do ser, expansão da consciência, ou integração da vida. É nessa perspectiva que aponta otimistamente o futuro de uma medicina integrada.

O futuro da medicina vai ser mais interessante, com mais tecnologia e melhores diagnósticos, combinados com um enfoque mais holístico. De maneira que teremos o melhor dos dois mundos. Teremos tecnologia moderna com sabedoria antiga ao mesmo tempo. (CHOPRA, 2013, in Canal Oppenheimer)



Fritjof Capra, 2010.

### 2.1.2. Fritjof Capra

A mística oriental fornece um quadro belo e harmônico para as teorias mais modernas do nosso mundo físico.

Capra, *O Tão da Física*

Fritjof Capra nasceu em Viena, na Áustria em 1 de fevereiro de 1939. Concluiu o doutorado em Física Teórica pela Universidade de Viena em 1966. Mora na Califórnia, nos Estados Unidos, onde criou um centro com o qual trabalha com educação ecológica. Capra diz ter se inspirado em Heisenberg para escolher a física enquanto caminho de vida. Inspirou-se ainda em Niels Bohr, Erwin Schroedinger, J. Oppenheimer.

Seu trabalho ficou mundialmente conhecido com o seu primeiro livro publicado em 1975, *O Tão da Física*. Capra lembra, em entrevista à revista Ciência Universal do Instituto Humanitas da Unisinos, em 27 de setembro de 2007, o seguinte: “Numa tarde de fim de verão, sentado diante do oceano, eu observava o movimento das ondas e sentia o ritmo da minha respiração, quando de improviso tive a consciência de que tudo em torno de mim fazia parte de uma gigantesca onda cósmica”.

Já neste livro Capra aponta a transição de uma ciência exata, materialista e mecanicista de Galileu, Descartes e Newton, em direção a uma ciência da integrada e em busca de unidade, em que tudo está interconectado. Com o aprofundamento de seu trabalho, novos elementos foram integrados: a teoria dos sistemas, caos, emergência e complexidade, o que o leva a um ecologismo espiritualizante, tema que é hoje o centro de suas pesquisas e reflexões.

A publicação do seu livro *O Tao da Física* em 1975 foi a porta para revolucionar em boa medida o universo científico. Com este livro relaciona a filosofia oriental com uma física revisitada. Mostra o caminho da física quando o mundo era matematizado, fixo e estático e como ele enfim chega a um universo aberto a possibilidades, e a uma aceitação da

não-linearidade. Ele se aproxima do hinduísmo, do budismo, do taoísmo para buscar neste novo território liminar o encontro e as semelhanças das duas linhas de pensamento.

Capra foi muito criticado e questionado com seu trabalho, principalmente quando da publicação dos livros *Tao da Física* e *Ponto de Mutação*. Afirmarções quanto da não cientificidade do seu trabalho foram frequentes. No entanto, hoje, com o amadurecimento da física e da medicina quânticas, seus argumentos estão sendo cada vez mais respeitados e, em boa medida, comprovados.

Capra optou por um modelo de vida simples e despojado. Ele evita o uso excessivo de tecnologias. Possui um celular que utiliza apenas entre o núcleo familiar. Evita ver TV (salvo para ver jogos de tnis, que diz adorar), tem um e-mail para fins profissionais, para atender a demanda dos projetos, e que não é divulgado. Mantm-se informado por meio de canais de internet, de ONG's, da BBC News, do Common Dreams. Est também conectado a uma rede de amigos pensadores e ativistas. Afirma que as suas relaes pessoais e de amizade so uma forma de se manter conectado e atualizado com o mundo. Escolhe ter tempo para si, para pensar, escrever e ter uma vida particular livre e autnoma.

Atualmente Capra, tem seu trabalho reconhecido em reas como a educao, ecologia, poltica, filosofia e na prpria espiritualidade.

O Center for Ecoliteracy<sup>16</sup> foi criado em 1995 por Capra, Peter Buckey (empresrio, agricultor) e Zenobia Barlow (criadora de modelos para educao para a sustentabilidade). O centro est localizado em Beckeley-California-EUA; e filantrpico e tem como objetivo criar programas de iniciativas de mudana. O centro publica livros, conferncias e consultorias estratgicas; e facilita o desenvolvimento profissional tanto em mbito local quanto internacional. Em 2012 o Centro estava conectado com aproximadamente 300 escolas. Tem basicamente trs linhas de atuao: educao ecolgica, alimentao e sustentabilidade, e sistemas de mudana. Todas fundamentadas no pensamento sistmico, ou seja, na crena de que somos parte de um grande ecossistema, e a sustentabilidade depende de agirmos de forma harmoniosa com o mesmo.

A educao ecolgica prepara as crianas para refletirem o que acontece ao seu redor, e o impacto de suas aes. Foi batizada de Slow School, e se destina a que a criana tenha o tempo necessrio para discutir, argumentar, refletir sobre conhecimentos, ideias, e assim compreender a cultura que est herdando, baseada na experincia e no reconhecimento dos

---

<sup>16</sup> No Brasil h o Instituto Ecoar que trabalha com a pedagogia ecolgica criada por Capra.

dons e talentos natos das próprias crianças. A experiência prática é o centro da educação slow, assim; as aulas acontecem na interação entre a teoria e a vida. As crianças são levadas a campo para observarem, sentirem o que estão lendo nos livros.

Alimentação e sustentabilidade é um convite seu a observar diretamente o impacto, desde produções em série através do sistema alimentar que possuímos hoje, até os largos monocultivos como a soja e o milho, base de todo o sistema alimentar industrializado e “fast food”, e os seus impactos locais, regionais, estaduais, nacionais e internacionais, tais como a chegada de uma rede Mc Donald’s numa cidade, ou a abertura de um restaurante ou lanchonete. Sua proposta de educação dos sentidos leva também perceber a rede que se forma quando partem de iniciativas integradas e vivas com o fortalecimento de redes locais de produtos, as cooperativas e outras alternativas de produção e distribuição sistemicamente integradas à natureza, à exemplo a permacultura.

Consequentemente, ele propõe sistemas para promover uma transição de um modelo industrial para um modelo sistêmico e sustentável. Algumas iniciativas já foram testadas, como implementação de alimentos naturais em escolas na Califórnia. Foi proposto um planejamento estudando o que é possível encontrar e ter acesso, às condições da escola, por exemplo. Ou como é possível ampliar a rede de receitas e cardápios interessantes para as crianças. As relações humanas, a cooperação, o espírito comunitário são fundamentos do Centro com vistas a fortalecer e ampliar o sistema e a sustentabilidade, pois, segundo Capra é isto o que sustenta a teia da vida.

A ideia central do trabalho de Capra, e talvez sua maior contribuição é da teia da vida, o sistema de redes.

Todos os sistemas vivos são redes, temos redes alimentares no ecossistema, no nosso corpo. Temos uma rede de tecidos. Cada tecido é uma rede de células e cada célula é uma rede de moléculas. Então a rede é o padrão básico de organização da vida. Nos sistemas sociais temos comunidades. Nos ecossistemas temos comunidades ecológicas. Se você estuda uma rede, você vê que ela vai para todas as direções. Ela não é linear. Então é isso que queremos dizer com sistemas não lineares. (CAPRA in GLOBAL NEWS, 2011).

Em seu livro *A Teia da Vida* ele aborda sistematicamente a ideia das redes, das organizações e inter-relações e interdependência da natureza, da vida. Propõe uma mudança no paradigma mecanicista de Newton e Descartes de ciência e filosofia para uma visão holística, sistêmica. A visão ecológica, em suas palavras, reconhece a interdependência de todos os fenômenos da vida e a natureza cíclica e renovadora dela. Ele defende ainda da

ecologia profunda<sup>17</sup>, como uma categoria que descreve e busca aplicar uma visão holística. A ecologia profunda, em sua definição, e seguindo o seu criador, Arne Naess, reconhece os valores característicos dos seres vivos, reconhece ali o lugar de cada ser vivo, concebendo-o como um fio da teia da vida, e como um numa rede integrada.

Uma das metáforas fundamentais de Capra sugere deixarmos de ver o mundo como uma máquina, para compreendê-lo como uma rede. A rede é um padrão básico de organização de toda a vida. Uma rede tem comunicação, dimensões biológicas, cognitivas, ecológicas, sociais. A vida cria e se recria continuamente.

A ecologia une os seres humanos ao ambiente natural. Tudo está conectado e interdependente. O ser humano é mais um dos fios na teia da vida.

Sobre promover uma mudança no mundo, responde: Eu sou escritor e educador, então a minha resposta é a educação.” (CAPRA in TV CULTURA)

O que é sustentável numa sociedade não é o crescimento econômico ou a fatia do mercado ou qualquer outra dessas coisas, e sim a teia da vida da qual a nossa sobrevivência depende.

O crescimento é uma propriedade essencial da vida. E uma economia ou sociedade que não cresce cedo ou tarde morrerá. Mas, o crescimento na natureza não é linear, não é ilimitado e apenas quantitativo. Ele é multidimensional. Algumas coisas crescem e outras decaem. Podemos e devemos optar por um crescimento qualitativo. (GLOBO NEWS, 2011)

Nesta perspectiva, a mudança de paradigma Capra irá exigir não só uma mudança de pensamento e percepção, mas também de valores de vida. Acredito que Capra chega até a ideia bastante oriental de uma expansão da consciência.

### 2.1.3. Amit Goswami



Amit Goswami, 2013.

Os estados não-ordinários de consciência, aos quais a meditação nos leva, são muito importantes para se começar a entender o processo quântico, assim como para o estudo da consciência. A física quântica afirma que o universo inteiro é criado para que a consciência possa se ver na criação. O universo é um conjunto superior: Deus.<sup>18</sup>

Amit Goswami, indiano, formou-se em 1964 em física nuclear pela Universidade de Calcutá, Índia. Foi professor na Universidade de

<sup>17</sup>Ecologia profunda é um termo criado por Arne Naess em 1970, em que a humanidade, assim como todos seres da natureza devem ser compreendidos como fios na teia da vida, deve ser respeitado e preservado para garantir o equilíbrio da biosfera.

<sup>18</sup> Goswami in Revista Planeta. [Entrevista].

Oregon até 2003. Foi professor no Ernest Holmes Institute e na Philosophical Research University, em Los Angeles. É físico nuclear e tem o seu trabalho reconhecido por alguns e questionado por outros por bater-se a favor da união entre a ciência e a espiritualidade. É um cientista ativista, criador de uma ponte entre a ciência e a espiritualidade.

Ele teve sua carreira acadêmica pautada na física nuclear até seus 45 anos, quando sentindo que não estava fazendo um bom trabalho, criticou a visão essencialmente materialista da ciência, e redirecionou o seu foco de pesquisa, tomando a matéria como um universo de possibilidades, unindo elementos de tradição oriental à física. Desde então, ele preserva a física quântica como ferramenta científica, e a consciência, ou Deus, como objeto de estudo. É um exemplo de pessoa que é transformada através de seu trabalho científico.

Goswami já foi definido como místico e teve suas ideias criticadas, por afirmar que o universo seria inconsistente sem um conjunto superior que colocasse ordem nas moléculas e átomos. Esse conjunto superior é o que ele define como consciência, ou Deus. No livro *Universo autoconsciente* ele aponta que no início do próximo milênio Deus será objeto de ciência e não da religião.

Numa entrevista em 12 de março de 2001 ao programa da TV Cultura Roda Viva ele aponta o caminho da física quântica como principal mobilizadora do pensamento materialista da ciência.

Esta mudança da ciência, de uma visão materialista para uma visão espiritualista, foi quase totalmente devida ao advento da Física Quântica. Ao mesmo tempo, houve algumas mudanças em Psicologia transpessoal, em Biologia evolucionista, e em medicina. Mas acho que é correto dizer que a revolução que a Física Quântica causou na Física, na virada do século, seria baseada nessas transições contínuas, não apenas movimento contínuo, mas também descontínuo. Não localidade. Não apenas transferência local de informações, mas transferência não-local de informações. E, finalmente, o conceito de causalidade descendente. É um conceito interessante, pois os físicos sempre acreditaram que a causalidade subia a partir da base: partículas elementares, átomos, para moléculas, para células, para cérebro. E o cérebro é tudo. O cérebro nos dá consciência, inteligência, todas essas coisas. Mas descobrimos, na Física Quântica que a consciência é necessária, o observador é necessário. É o observador que converte as ondas de possibilidades, os objetos quânticos, em eventos e objetos reais. Essa ideia de que a consciência é um produto do cérebro nos cria paradoxos. Em vez disso, cresceu a ideia de que é a consciência que também é causal. Assim, cresceu a ideia da causalidade descendente. Eu diria que a revolução que a Física Quântica trouxe, com três conceitos revolucionários, movimento descontínuo, interconectividade não-localizada e, finalmente, somando-se ao conceito de causalidade ascendente da ciência newtoniana normal, o conceito de causalidade descendente, a consciência escolhendo entre as possibilidades, o evento real. Esses são os três conceitos revolucionários. Então, se houver causalidade descendente, se pudermos identificar essa causalidade descendente como algo que está acima da visão materialista do mundo, então Deus tem um ponto de entrada. Agora sabemos como Deus, se quiser, a consciência, interage com o mundo: através da escolha das possibilidades quânticas. (GOSWAMI in TV CULTURA – RODA VIVA, 2001)

De acordo com as tendências mais atuais da física teórica, a física quântica estaria criando novas aberturas, novas possibilidades de interações dentro e fora do campo das ciências oficiais e a partir da própria linguagem científica – com todas as comprovações matemáticas e laboratoriais – no sentido de aproximar os caminhos que já dividiram e definiram vidas, aproximando de maneira ousada a matéria, a razão, o espírito e a própria divindade.

Lembro isto trazendo aqui a minha própria história como exemplo. Internamente vivi durante muito tempo – e confesso que só agora começo a superar uma tal divisão – a convicção de que ou você segue os caminhos da ciência com todo o seu perfil positivista e predominantemente materialista, ou você escolhe o caminho de alguma espiritualidade. Esta dicotomia interna fez com que eu separasse durante anos de minha vida os dois lugares, com os quais eu me relacionava de forma diferente e até antagônica. Num, a gestora de projetos prática e objetiva, e, na outra, a sensível “estudante e praticante iniciante de cura mágica”. Agora uma união acontece em mim neste mesmo processo em que nasce esta tese, dialogando inclusive com personagens com pessoas como Chopra, Capra, Goswami e Ricard.

Goswami escreve sobre a vida e a morte, a reencarnação, a consciência e Deus, a espiritualidade interagindo com a ciência, em novos paradigmas. De minha parte, acredito que a essência do trabalho do físico holístico é justamente realizar a conciliação entre ciência e espiritualidade, entre a matéria e a consciência.

Espiritualidade aparece através da intuição, e sempre acreditamos [os orientais] na intuição, porque experiências intuitivas dão crédito aos experimentos. Nunca tivemos problemas com a espiritualidade. O ocidente, por outro lado, sempre foi cético em relação a esse tipo de experiência, que satisfaz a mente ocidental é a possibilidade de provar uma teoria por meio de um experimento.

O ocidente foi cético sobre a espiritualidade até agora porque ela não pode ser certificada por meio de testes. Mas agora as teorias sobre Deus e espiritualidade são verificáveis e podem ser desenvolvidas tecnologias a partir dessa base. (GOSWAMI in REVISTA PSIQUE CIENCIA E VIDA, acessado em 18/11/15)

Somos Dioses, pero lo hemos olvidado.

El secreto de la felicidad real consiste en bajar el ritmo en nuestras vidas. Los deseos compulsivos, las adicciones, el Ego no desconecta de nuestro auténtico ser. Baja el ritmo y aprenderás a observar la realidad tal cual es. (GOSWAMI, II CONGRESO DE CONSCIENCIA CUANTICA, 2015)

Emoções negativas de maneira geral, não só a ansiedade, são o nosso maior problema. Minha solução é tentar fazer circuitos emocionais positivos em massa. De acordo com a nova teoria baseada na ideia do biólogo e pesquisador da telepatia,

Rupert Sheldrake, de campos não locais morfogênicos, esses circuitos podem ser herdados por toda a humanidade em poucas gerações

Mais do que apenas teoria, o ativismo quântico é a bússola moral da física quântica que realmente nos ajuda a transformar nossas vidas e da sociedade.

Então vamos andar a nossa conversa e fazer circuitos cerebrais das emoções positivas. Nós apenas fazê-lo. Nós praticamos. Deixe alguns de nós ser bom, fazer o bem. Seja com Deus por algum tempo, estar no ego algum do tempo, e deixe a dança gerar atos criativos de transformação. Com esta resolução, com este objetivo em mente, eu convido você para se tornar Ativistas Quântica. (GOSWAMI in REVISTA PSIQUE CIENCIA E VIDA, acessado em 18/11/15)

Nosso personagem cria o Centro para o Ativismo Quântico, *Center for quantum ativismo*, que tem como base transformar indivíduo e sociedade a partir dos fundamentos da física quântica. De forma significativa ele tem contribuído para uma ressignificação paradigmática da economia, de política e, recentemente, da saúde, além da física.

Essa é uma era de integração em geral, especificamente entre a Ciência e a espiritualidade. Esse movimento já acontece em alguma medida, mas tanto na comunidade científica quanto na religiosa há muita inércia. O movimento é lento, mas está tomando forma, podemos esperar muitas mudanças nas próximas décadas. Na nova ciência, Deus é o agente causal. Interações materiais produzem possibilidades para (Deus) a consciência escolhê-las. A Física Quântica diz que Deus é uma questão científica porque Deus tem poder causal. Nessa disciplina temos essas possibilidades quânticas que são previstas pela matemática, mas nossas possibilidades de mudança na realidade, por outro lado, não são previstas pela matemática. A questão que surge é como isso acontece, porque isso de fato acontece. Em cada observação, em cada experimento, nunca vemos possibilidades, mas eventos nas nossas experiências. Essa é uma questão de Deus. Existe alguma outra causação além da causação material? Esse Deus não é um Deus da tradição religiosa popular, ele é baseado em teoria, em tradições filosóficas espirituais. Por que não admitir que existe uma tradição que essa nova ciência está redescobrimo? A cada momento temos fenômenos que não têm interações materiais, e isso pode ser identificado porque eles têm características de não sinal, não localidade, há uma descontinuidade. Qualquer causação que não é material pode ser chamada dessa maneira.

Segundo o autor, a mudança de nossa visão de mundo deve-se refletir na percepção de quem somos e em nossas manifestações. Assim sendo, ele propõe um ativismo quântico, que é justamente o sugerir uma mudança e mesmo uma transformação de acordo com os princípios quânticos, para que indivíduo e sociedade possam crescer juntos, para assim atender às necessidades evolutivas da consciência. A nova ciência abre-se de uma nova e interativa maneira ao livre arbítrio e à criatividade, pois “para que possamos nos mover é preciso nos tornamos ativistas. O ativismo quântico é minha resposta para tudo isso,” diz o físico.

Goswami viaja pelo mundo para ministrar palestras, conferências, e cursos, como forma de expandir o seu ativismo quântico e promover uma mudança não só de nossa visão de mundo, mas também nas ações e escolhas das pessoas. Foi convidado em 2010 pelo

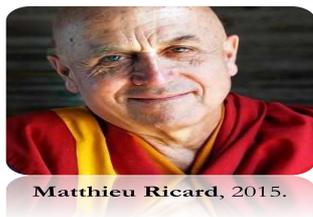
Instituto Aleph no Brasil a criar o Curso Introdutório e Avançado em Ativismo Quântico. Desde então Goswami visita o Brasil regularmente, formando pessoas interessadas em seu trabalho.

Nos cursos – cada um com imersão de quatro dias num hotel em São Roque-SP – o autor desenvolve princípios quânticos de forma integrada à vida pessoal e profissional dos participantes, com o objetivo de promover uma transformação efetiva entre as pessoas e o mundo. O programa do curso, divulgado pela Editora Goya, sugere que ser um ativista quântico é integrar as capacidades pessoais, os dons, os talentos, as emoções, a criatividade, e a intuição para o desenvolvimento pessoal e a construção de uma nova sociedade.

Ele afirmou em entrevista à Revista *Psique Ciência e Vida*, que os brasileiros com quem esteve demonstraram manter uma conexão com as emoções, o que facilita a aceitação dos novos paradigmas que propõe. Lembra que ficou impressionado com a repercussão e anuência do país e aponta semelhanças com a Índia.

## 2.2. Território de sentido científico não profissional e território de sentido devocional profissional

### 2.2.1 Matthieu Ricard



Matthieu Ricard, 2015.

O segredo da felicidade está em meditar e aprender a controlar a própria mente. Quanto mais praticar, mais será significativa a mudança no seu pensamento. E isso é transformador, mas leva tempo.<sup>19</sup>

Matthieu Ricard é francês. Nasceu em 1946 e cresceu num ambiente intelectual e classicamente europeu. Filho de Jean-François Revel, filósofo cético, escritor, jornalista e membro da prestigiada Academia Francesa, e de Yahne Le Toumelin, pintora. Recebeu uma educação clássica e formal. Conviveu com pessoas como Luís Buñuel (cineasta espanhol), Igor Stravinsky (compositor, pianista e maestro russo) e Henri Cartier-Bresson (fotógrafo francês). Aprendeu música clássica e fotografia. Estudou e concluiu o doutorado em biologia molecular no Instituto Pasteur aos 26 anos.

---

<sup>19</sup> Ricard in TED, 2015.

Logo após terminar o pós-doutorado, decidiu deixar a carreira acadêmica e seguir estudos de budismo tibetano. Em 1972 ingressa no mosteiro nepalês Shechen, fixado nas proximidades de Katmandu-Nepal, onde residiu sob a guarda de Dilgo Khyentse Rinpoche até seu falecimento em 1991. Em 1989 inicia seu trabalho com o Dalai-Lama acompanhando-o pelo mundo e realizando principalmente traduções para o francês, inclusive de seus livros. Hoje ainda vive no mosteiro Shechen.

Recebeu do presidente francês a Ordem Nacional de Mérito Francesa pelo trabalho em prol da preservação e salvaguarda de culturas dos Himalaias. É responsável hoje por mais de cem projetos humanitários no Tibete, Nepal e Índia. Ele divide o seu tempo entre os projetos, principalmente no Tibete, as viagens com o Dalai-Lama e o mosteiro no Nepal. Seus projetos de caridade como a construção de escolas, clínicas médicas, orfanatos, programas para apoio e cuidado de idosos e crianças pobres são financiados em parte com o recurso advindo dos direitos autorais dos seus inúmeros livros publicados. É internacionalmente reconhecido pelo seu conhecimento do budismo, da religião e das culturas tibetanas.

Além do serviço solidário, o de interprete e mais as responsabilidades com o mosteiro, ele dedica-se ainda à fotografia, uma das suas formações quando ainda jovem. Publicou o livro “Monk dancers of Tibet” com fotografias de pessoas, paisagens e gestos dos Himalaias, com uma particular sensibilidade.

Richard logrou unir o pensamento científico à filosofia budista com um reconhecido equilíbrio. Ficou conhecido por contribuir para as pesquisas da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos. Uma pesquisa em que eram aferidos os níveis de onda gama no cérebro de pessoas envolvidas em processos de meditação, o que provaria cientificamente que a meditação transforma as ondas cerebrais. Em uma das divulgações dos resultados da pesquisa, Richard é descrito como “o homem mais feliz do mundo”. Ele responde numa publicação na Revista Galileu a tal afirmação: “A importância da pesquisa foi provar que a mente é maleável. As conexões no cérebro não são fixas. Com esforço e tempo, elas podem ser modificadas, assim como a maneira como interpretamos o mundo”.

Richard contribui desde 2000 com as pesquisas sobre o Treino da Mente e Plasticidade Mental, do Instituto “Mind and Life”, dirigidas pelo cientista em cognição com o professor Richard J. Davidson. A grande questão destes estudos científicos é demonstrar como a meditação pode alterar a mente e melhorar a felicidade das pessoas. Ou como a felicidade é também e essencialmente um estado da mente.

As pesquisas sobre os estados da mente são desenvolvidas pelas Universidades de Wisconsin-Madison, Princeton, Harvard, Berkeley, nos Estados Unidos e Maastricht em nos Países Baixos, Hong Kong e Leipzig em Alemanha.

A base da pesquisa consiste basicamente em aferir mudanças, numa escala de -0,3 a 0,3, de acordo com a movimentação de partes do cérebro responsáveis por emoções negativas ou positivas. Dito em outras palavras, o que se testa é a geração de ondas gama conectadas à consciência, memória e aprendizado. Ricard ficou três horas seguidas dentro de uma máquina de ressonância magnética, com 256 sensores monitorando algumas áreas cerebrais. Ele alcançou 0,45 na escala, durante os testes que aconteceram enquanto ele meditava sobre o tema da compaixão. Um dos índices mais altos já registrados. A pesquisa comprovou o que Matthieu já acreditava, ou seja, que a meditação aumenta a capacidade do cérebro de sentir felicidade, ao lado da redução do sofrimento e da negatividade. (LUTZ, GREISCHAR, RAWLINGS, RICARD, DAVIDSON, 2004)

Para Ricard “a importância da pesquisa foi provar que a mente é maleável. As conexões no cérebro não são fixas e que com dedicação e tempo, elas podem ser modificadas, assim como também pode ocorrer com a maneira como interpretamos o mundo”, afirmou em entrevista à revista Galileu.

Ele acredita que a felicidade, como um estado da mente que proporciona o bem estar e o equilíbrio das emoções subsiste mesmo que tudo esteja se desconstruindo ao redor de uma pessoa. E ela pode ser alcançada com disciplina e domínio da mente.

Por felicidade eu quero dizer aqui um profundo senso de prosperidade que surge de uma cabeça excepcionalmente saudável. Isso não é um mero sentimento prazeroso, uma emoção fugaz, ou um humor, mas um ótimo estado de ser.

É como alguém que é bem estruturado fisicamente. Ele não vai ganhar uma medalha nas Olimpíadas só porque nasceu mais forte; Ele tem que treinar bastante. É claro que um cara iluminado se sairá muito melhor que alguém como eu que não consegue pular nada, mas sem treinar você não vai ter sucesso em nada. Você não treina a habilidade da felicidade por si só, entretanto, ao invés, felicidade é o subproduto, o resultado total de um conjunto de habilidades que combinadas dão sabedoria, liberdade interior e compaixão.

Uma vez que nos acostumamos a olhar para pensamentos no momento que eles aparecem e então permitindo-os a dissipar antes que eles oprimam a mente, é muito mais fácil manter controle sobre a mente e gerenciar as emoções conflitivas em nossas vidas ativas. (RICARD apud JARRAD, sem data)

Ainda na entrevista à WPT.Org ele aponta alguns dados e os efeitos de uma mente doente e dos efeitos que a meditação pode promover, treinando a mente para estados saudáveis e amorosos. O estado doente da mente provoca uma desconexão que gera uma

espécie de incapacidade operacional no mundo e nas relações. O estado egocêntrico, em que expectativa, medo, apego, ódio, orgulho pode ser transformado com o devido treino, a meditação é uma das formas de libertar a mente desse estado.

Essa manhã Sua Santidade, nosso amigo Lord Layard mencionou sobre a importância subestimada da doença mental. Ele mencionou o número de 40% de incapacitação, que significa o número de meses, dias e anos em que você não consegue trabalhar, não consegue funcionar na vida, não o número de mortes, mas dias em que não consegue funcionar. E 40% dos dias em todas as nossas vidas em que não conseguimos funcionar estão relacionados à doença mental. Por doença mental ele quer dizer, depressão (8%), outros transtornos mentais como fobia, ansiedade, distúrbios pós-traumáticos, e alguns mais sérios como esquizofrenia (somam juntos 12%). Então há também diferentes tipos de vícios que também são problemas mentais. Oito por cento das incapacitações vem do alcoolismo e dois por cento do uso de outras drogas. Isso significa que grande parte do que influencia negativamente a qualidade de vida se deve a doenças mentais. Claro que algumas delas se devem a defeitos básicos dos nossos cérebros, como algumas formas de esquizofrenias. Mas, muito tem muito a ver com o funcionamento da mente, mentes não saudáveis. Tudo isso tem muito a ver com a forma com a qual lidamos com o mundo, ruminamos o passado o tempo todo, cheios de esperanças e expectativas, medos centrados em nós mesmos. O que será que vai acontecer?! E perdemos o significado da vida, a faculdade de expressar e sentir amor. Todos esses são problemas mentais. Apego que leva a diferentes tipos de vícios, e quando se torna mais sério, mas, começa com a mente que perdeu o equilíbrio. Assim como é construído pela mente, uma mente saudável pode encontrar soluções.

Sabemos que a terapia cognitiva baseada na atenção plena que combina as técnicas de Aaron Beck que SS conhece como meditação, é uma das formas mais eficientes para reduzir e prevenir a reincidência à depressão em 30 a 40%. Para pessoas que tiveram 3 ou 4 episódios é tão eficiente quanto medicamentos.

Então, isso é de novo trabalhar com mentes saudáveis. (...) Isso torna claro que é preciso trabalharmos com mentes saudáveis, (...) **e então há todas essas abordagens desenvolvidas pelas ciências contemplativas, ciências budistas e por muitas tradições em como desenvolver uma mente mais livre** dessas emoções destrutivas de apego, ódio, ciúme, orgulho, confusão mental e como aprimorar as habilidades, os fatores que levam a uma mente saudável e ao bem-estar (bondade amorosa, compaixão, liberdade interna desses pensamentos errantes, confiança interior, força interior, e sobretudo amor altruísta e compaixão). Que sabemos que é o que dará maior satisfação para você mesmo e obviamente para os outros. Então, uma mente cuidada está intimamente ligada com esse tipo de cuidado, benevolência, altruísmo, amor, compaixão, porque essa conversa de “eu, eu eu” o dia todo é uma condição angustiante para você e para todo mundo. É uma relação perde-perde. Compaixão é a condição de maior realização da mente. E aí é uma relação ganha-ganha, todo mundo ganha. Isso pode ser treinado, (...) mas pode ser ampliado para ir mais além. Se a mente de cada indivíduo for saudável, teremos uma sociedade saudável. (RICARD em entrevista a WPT.OR em maio de 2013 – negritos nossos)

É interessante observar, que diferente de Goswami e de Chopra, Ricard aponta não uma dicotomia entre ciência e espiritualidade, mas, ele inclui as tradições espirituais, como o budismo como uma ciência, visto nos negritos da citação acima.

Segundo Ricard possuir algo, ter algo, obter algo não necessariamente gera felicidade. Pode gerar uma sensação de prazer, mas que também é passageira.

“Ter coisas não te faz, necessariamente, uma pessoa mais feliz, mas cultivar boas relações, ter qualidade de vida, isso sim te deixa mais feliz. Eu sou tão feliz, porque não tenho uma casa ou um carro. É libertador. Eu odiaria ter de ficar consertando coisas (risos) e quando viajo, posso simplesmente ir. (RICARD, em entrevista à Editora Palas Athena em maio de 2015)

Estamos confundidos, acreditando que conquistar casa, carro e mesmo lograr sucesso numa carreira profissional gera automaticamente a felicidade. Este engano gera frequentemente uma ilusão no interior da qual podemos perder muito tempo da vida em busca de algo que está fora, quando o segredo de uma possível e alcançável felicidade está dentro de nós.

Acrescento ainda outra sugestão de Matthieu, quando ele – tal como as outras “pessoas de entre-fronteiras” que estamos visitando aqui – parte da realização pessoal em primeiro plano, para um segundo plano mais aberto e conectivo, pensar o coletivo, o social. Mathieu faz um apelo ao ser solidário, ser altruísta, estar a serviço do outro. Esta prática, além de provocar ondas de bem estar no cérebro seria um passo para inverter o caminho da economia e das ações do mundo hoje. Representa uma economia a serviço da sociedade, ao invés de uma sociedade a serviço da economia. Pessoas solidárias, pensando e respeitando o outro. .

Nós amamos cooperação. Não há maior prazer do que trabalharmos juntos! (...) O altruísmo é o desejo de que o outro seja feliz e encontre a causa da felicidade. O altruísmo existe. Temos isso da evolução, do cuidado maternal, do amor dos pais, mas temos que estender isso.” (RICARD, 2015 – Palestra TED)

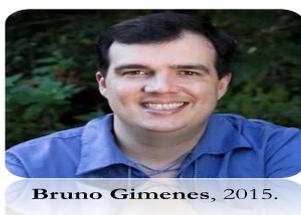
Ricard propõe uma pedagogia do altruísmo, ou a *Revolução do Altruísmo*, título de um dos seus livros. Segundo ele, temos em nós a motivação da compaixão, da cooperação, do altruísmo, mas precisamos fortalecer isso. Devemos nos empenhar em disciplinar a mente e o corpo a se abrirem para o outro, a servir o outro. Algo que temos em nós muito pouco motivado e ativo, em uma sociedade que privilegia o individualismo e o desejo do sucesso individual e do ganho.

O altruísmo existe. Você pode desenvolvê-lo internamente, encaixá-lo em sua cultura e ela se tornará mais cooperativa. Apesar de toda ganância, o altruísmo está crescendo. Há dez anos, por exemplo, empresários não iriam escutar se você falasse sobre a importância da compaixão. Hoje é diferente, percebo que há mais interesse. (RICARD, em entrevista à Editora Palas Athena em maio de 2015)

Ele propõe a revolução do altruísmo como forma de possibilitar que todas as pessoas tenham boas condições e qualidade de vida, para que as futuras gerações tenham uma chance de receber um planeta vivo e para seguir preservando os recursos naturais do planeta.

O monge tem viajado o mundo proferindo palestras, conferências, divulgando seus livros, que são, como vimos, uma ousada e criativa união entre o budismo, e a ciência, como forma de propor medidas alternativas aos que as aceitem e as incorporem aos seus modos de vida, com vistas a promover uma mudança, uma transformação interna, seja com a meditação como ferramenta, seja com o serviço altruísta, para promoverem uma transformação externa e no mundo. Afinal, é nos transformando por dentro que mudamos o “lado de fora”.

### 2.2.3. Bruno J. Gimenes



Se você encontrar e realizar a missão da sua alma a felicidade, a prosperidade e a plenitude encontram você naturalmente.<sup>20</sup>

Bruno Gimenes nasceu em Salto, São Paulo. Formou-se em química industrial pela Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba. Formou-se também em Psicoterapia Reencarnacionista pela Associação Brasileira de Psicoterapia Reencarnacionista. É mestre em Reiki, Karuna Reiki e Seichim Reiki. Atua como terapeuta holístico, palestrante e escritor desde 2003, com temas como desenvolvimento pessoal, terapias naturais e empreendedorismo. Criou com Patrícia Cândido o Centro Holístico Luz da Serra em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul, em 2005.

Desde os dezenove anos experimentava formas de se conectar o espiritual, que a seu ver não tinha nada a ver com dogmas ou religiões. Tais experiências mais tarde deram origem ao “Chamado da Luz”, livro de sua autoria, que tem como foco despertar o alinhamento entre o propósito de vida e a força espiritual que a própria vida possui.

Afirmou em entrevista ao canal do youtube Marcia Luz que escolheu a química como formação porque gosta de explicações, gosta de saber o porquê e o como das coisas. Lembrou ainda que na sua perspectiva a ciência de seu tempo costuma ser muito radical, tendendo para

---

<sup>20</sup> Bruno Gimenes, in Luz da Serra, 2006.

um lado só, e o mesmo acontece com a religião. “Então, eu fui buscar uma força espiritual que não estava nem de um lado nem de outro”. (GIMENES, julho de 2015)

Após formar-se em química, trabalhou numa indústria de eletroeletrônica durante cinco anos. Foi trabalhar no Rio Grande do Sul, e devido à longa jornada de trabalho chegou a um ponto que se sentia desconectado e triste com o caminho que estava seguindo, embora estivesse obtendo sucesso profissional.

Neste momento foi buscar nas terapias respostas e cura para a depressão em que se sentia metido. Descobriu o seu caminho no universo terapêutico e, segundo relata, não conseguia mais retornar no trabalho na indústria. Em depoimento no artigo “Viagem espiritual”, ele afirma que começou a rezar fervorosamente todas as noites antes de dormir.

Na verdade, eu estava completamente perdido e desesperado pelo rumo que a minha vida havia tomado. Eu também posso dizer sem vergonha alguma que, naquela época, como eu tinha uma rotina de curtir muito a vida noturna dos “barzinhos” da região onde eu morava, seguidas vezes, me deitei alcoolizado, e mesmo nessa condição, eu rezava pedindo aos céus por ajuda, porque eu estava achando a minha vida um verdadeiro inferno! Então, 90 dias depois, as práticas que eu utilizava me fizeram arrumar as malas para ingressar na mudança que transformou a minha vida por completo! (GIMENES, acessado em 2015)

Após enfrentar temores de largar um trabalho que gerava uma segurança profissional e de não alcançar a prosperidade com “o sonho da sua vida”, deixou a indústria e começou a dar aulas de Reiki. Com a sócia Patrícia Cândido abre o Luz da Serra, uma intuição de cursos e eventos espiritualidade, de autoconhecimento, autoajuda, propósito de vida, lei da atração, pensamento positivo.

Depois enfrentou o segundo problema: a sobrevivência. Trabalhavam muito e tinham pouco retorno. “Fazia um evento a cada três dias e o dinheiro não pagava o Data-show”, lembrou em entrevista ao canal Gabriel Rockenbach. Então, já com uma experiência mais enraizada, investiu num plano de negócios alinhado com seu propósito.

O Centro Holístico que ele criou tem como objetivo facilitar para que as pessoas possam se ajudar, contribuindo para a evolução da consciência e para um mundo mais fraterno, amoroso e de união. Tem como lema a ideia de que “em tempos modernos as pessoas precisam e querem buscar Deus de forma livre, sem dogmas ou paradigmas religiosos. Algo que ele chama de Universalismo, o que para ele significa: “A melhor religião é a do coração, a melhor filosofia é de fazer o bem”. (Luz da Serra, 2005)

O Luz da Serra oferece terapias como astrologia, numerologia, Fitoenergética, Reiki, e Psicoterapia Reencarnacionista. Gimenes é criador da técnica de cura Fitoenergética (a energia das plantas no equilíbrio da alma). É ainda autor de treze livros e três ebook's.

Define sua missão como auxiliar pessoas a encontrem também sua missão de vida.

Eu sofri muito, tive depressão para encontrar o caminho. E como eu batalhei muito para encontrar meu caminho eu decidi mergulhar nesse estudo para ajudar as pessoas a encontrarem também. Descobri nesses mais de dez anos que todo mundo tem uma missão genérica. A missão genérica se divide em três grupos: A primeira: Você tem que evoluir. Haja o que houver, aconteça o que acontecer você tem que evoluir. E na prática é si melhorar emocionalmente, curar as magoas, curar as tristezas, as carências. Todos nós somos obrigados a evoluir, ou seja, mergulhar nas emoções negativas e melhorar, e curar. A missão dois é melhorar a harmonia nas relações: nos harmonizar com seres de caminhada, nos harmonizar com os outros, nos relacionamentos familiares, conjugais, qualquer tipo de relacionamento. A gente entra em contato e começa a trabalhar as emoções. E a terceira que é gerar bons exemplos. (GIMENES,

Fitoenergética é uma técnica que capta a essência, a vibração energética das plantas, canalizando-as para equilibrar a vibração energética da pessoa, elevando a consciência, equilibrando também pensamentos e emoções.

Hoje Bruno Gimenes sistematiza todo o caminho que percorreu como uma alternativa para disponibilizar, sensibilizar e facilitar o processo de alinhamento das pessoas que o procuram. Ou seja, Ele se dedica a criar metodologias para não só descobrir sonhos e propósitos de vida, mas, para torná-los reais, fecundos e prósperos.

## 2.3. Território de Sentido Devocional profissional

### 2.3.1. Amma - Mātā Amritanandamayī Devi



Amma, 2010.

A essência de todas as religiões do mundo é a espiritualidade. Religião que não tenha princípios espirituais é como uma fruta de plástico, não tem vitalidade ou vida. A minha religião é o amor.<sup>21</sup>

Mātā Amritanandamayī Devi, ou Amma (mãe) do Abraço, como é conhecida, nasceu em Parayakadavu (agora conhecida como

---

<sup>21</sup> Amma in Amma.org, 2011.

Amritapuri) na Índia em 27 de setembro de 1953. É internacionalmente conhecida por seu trabalho humanitário, pelo darshan<sup>22</sup> em forma de abraço e por ter nascido, segundo a versão de seus seguidores, como uma pessoa “já santificada”. Na Índia a descrevem como “avatar”, um ser divino encarnado na matéria e, no mundo, como uma santa.

Segundo relatam os seus discípulos, Amma não chorou ao nascer, mas sorriu alegre e radiante. Aos seis meses já falava e aos dois cantava para Krishna. Filha família de pescadores assumiu aos nove anos a responsabilidade de cuidar dos sete irmãos e da casa. Nesse período, com a mãe doente Amma deixa a escola para cuidar da casa e da família, incluindo a criação de vacas.

Ela doava os alimentos da casa aos pobres e aos vizinhos mais necessitados. Era castigada e questionada pelo trabalho solidário para com os pobres e necessitados. Muitas pessoas próximas não entendiam as práticas dela como o cantar mantras durante a rotina e trabalho diário. Amma cantava todo o tempo para aliviar a dor e o sofrimento das pessoas. Trabalhava muito e nunca reclamava. Ao contrário, ao final do expediente cantava, orava e meditava. Oferecia tudo o que fazia a Deus.

Amma demonstrava profunda sabedoria e conhecimento relacionado às práticas devocionais da tradição vedanta sem nunca ter lido filosofia ou ter estudado com mestres espirituais. Sua sabedoria parecia ser nata, e, segundo os seus seguidores, o seu estado de graça e leveza constante foi motivo para atrair, quando ainda jovem, um número significativo de pessoas.

Muitas pessoas vinham testemunhar o seu suposto estado de graça e a sua divindade, segundo os termos e valores da Índia. Outras pessoas buscavam acalantar “a dor do sofrimento de suas almas”. Com 20 anos ela tornou-se reconhecida na Índia como “santidade”, como “mahatma”, ou grande alma. Nesta ocasião entrega a sua vida a missão de despertar nos seus devotos o amor e a compaixão, valores essenciais à verdadeira felicidade, como temos visto em outras pessoas cujos depoimentos foram trazidos até aqui. Com um número considerável de discípulos e de devotos Amma funda seu primeiro ashram na sua cidade natal Amritapuri, no estado de Kerala no sul da Índia. Neste período era uma pequena congregação de pessoas que se encontravam ali e se sustentavam o seu trabalho.

Segundo depoimentos sobre ela e sua obra, ao mesmo tempo em que sensibilizava um número crescente de pessoas, Amma também despertava a ira e julgamento em outras pessoas

---

<sup>22</sup> Ver e ser visto por uma divindade, ou fazer uma peregrinação a um local sagrado.

incluindo membros da sua família. Isto devido ao fato de ser mulher e por abraçar indiscriminadamente todas as pessoas, incluindo homens, pobres e ricos. Foi apedrejada, atacada e atentada. Chegaram a haver tentativas de ataques físicos e de morte. No entanto ela nunca desistiu, mas sempre com a bondade e generosidade manteve ao longo de sua vida as suas ações de solidariedade e serviço ao próximo.

Em 1987 sua fama e reconhecimento já eram internacionais. Os ataques e críticas já haviam silenciado. A partir daí seu trabalho adquire com rapidez uma proporção mundial. Ela realiza turnês pelo mundo divulgando seu trabalho pelo Ocidente. Em 1993 é convidada a representar o hinduísmo no Parlamento das Religiões do Mundo<sup>23</sup>, em Chicago, na ocasião do aniversário do centenário do Parlamento. Em 2000 é convidada a participar da Conferência Mundial pela Paz. Em 2002 é reverenciada com o prêmio “Rei Gandhi” pelo seu trabalho dedicado à não-violência. Em 2004 volta a discursar no Parlamento das Religiões do Mundo, em Barcelona. Neste mesmo ano doa 23 milhões de dólares ao fundo das vítimas do tsunami que atingiu o Sul da Ásia, e às vítimas do furacão Katrina nos EUA, além de ter mobilizado milhares de pessoas ao serviço voluntário e emergencial na ocasião.

Hoje o ashram Amritapuri, construído no mesmo local em que Amma nasceu, é sede da missão mundial de Amma, e abriga inúmeros discípulos e centenas de devotos. Os que ali decidem residir entregam suas vidas a uma vocação espiritual de busca de Deus, ao serviço altruísta, e ao serviço devocional ao mundo.

O ashram dela é descrito por seus devotos como uma universidade onde se tem a oportunidade de aprender saberes sobre a ciência da vida. Pessoas de várias partes do mundo, falantes das mais variadas línguas, provenientes das mais diversas culturas e estilos reúnem-se ali para experimentarem uma vida em uma grande família. Ali reúnem-se para festejar as festas da tradição védica, para aulas de sânscrito, vedanta, meditação, yoga e de práticas espirituais.

Amma incentiva aos seus discípulos e devotos a auxiliarem suas práticas devocionais ao serviço devocional. É criadora da Fundação Mata Amritanandamayi Math, é considerada a maior obra social do planeta. Reconhecida pela ONU, como a “única organização não-governamental capaz de promover em larga escala um esforço humanitário completo”.

A Fundação oferece serviços nas mais diversas áreas: educação, saúde alopática e ayurvedica, orfanatos, farmácias ambulantes, clínicas e hospitais, asilos, creches, programas

---

<sup>23</sup> Organização não-governamental de caráter ecumênico e inter-religioso, fundada em 1893 com o objetivo de promover a união e o diálogo entre as religiões. Tem sede em Chicago-EUA e hoje é presidida pelo budista Angarika Dharmapala e o guru indiano Swami Vivekananda.

assistenciais a vítimas de catástrofes naturais, programas de combate à pobreza, universidades e centros de pesquisa, projetos de educação e conservação ambiental. Todo o trabalho é oferecido de forma gratuita e é mantido por meio de doações e recursos adquiridos com a venda de produtos e trabalho voluntário. O trabalho humanitário organizado em quatro eixos: assistência social, médica, educacional e cultura e espiritualidade.

Amma, como líder espiritual, pauta o seu trabalho na tradição vedanta. Incentiva a prática da meditação (meditação IAM), bhakti yoga, karma yoga, jnana yoga e no darshan.

A prática da meditação é incentivada pela Amma como técnica para aprender a dirigir o “controle remoto” da mente. “O controle remoto de nossa mente deve descansar firmemente na palma da nossa mão” diz Amma. Ela criou a técnica IAM que é uma união entre respirações pranayamas e meditação, e exige a iniciação em sua linhagem<sup>24</sup> para receber. Deve ser praticada todos os dias por pelo menos 30 minutos. É ensinada por discípulos treinados por ela.

Outra técnica de meditação sugerida por ela é a meditação MA-OM, que é simples e para qual não é exigida a iniciação. É transmitida gratuitamente e está disponível em seu site ([www.ammabrasil.org](http://www.ammabrasil.org)). Ma quer dizer amor divino e Om luz divina.

Bhakti yoga, (Bhakti= devoção e yoga= caminho), ou caminho da devoção, é o caminho de procura e entrega a Deus. É, segundo a sua tradição, o caminho mais puro em direção a auto realização. É exercitado e mantido vivo pela prática do sadhana (prática espiritual), e não tem uma ligação com religião ou doutrina, mas, com uma conexão direta com Deus.

Quando contemplamos tudo como Deus, mantemos uma atitude devocional. Toda nossa vida se converte em um ato de adoração.

A devoção e a oração são os meios pelos quais despertamos a divindade dentro de nós. (AMMA apud AMMA Brasil org, 2009.)

O karma yoga, (karma= ação e yoga= caminho), ou caminho da ação, ou ainda o caminho de Deus na ação, é a prática do serviço desinteressado, abnegado ou “seva”. O serviço devocional ao próximo, ou seja dedicado à Deus, é incentivado como forma de purificar os pensamentos e equilibrar a mente.

Existem duas formas de servir: Pense de todo o mundo como seu próprio Ser, ou veja todo o mundo como Deus, e O sirva. Seja como um incenso que se permite queimar totalmente enquanto oferece sua fragrância aos outros. Ou, seja como uma

---

<sup>24</sup> Tradição, genealogia ou família espiritual.

árvore que dá sombra até mesmo àquele que a está cortando, derrubando-a ao chão. Sirva aos outros através do auto sacrifício e abnegação, como uma vela dá luz a todos ao mesmo tempo que derrete completamente.

Ao dedicar-se ao serviço abnegado sua mente se torna purificada. Não desperdice uma única chance para servir aos outros. Tais oportunidades nem sempre podem surgir.

Quando nós nos dedicarmos somente a fazer bem aos outros, a nossa própria mente ficará pura. (AMMA apud AMMA Brasil org, 2009.)

O Jnana Yoga (jnana= conhecimento, yoga= caminho), ou caminho do conhecimento ou discernimento intelectual, ou ainda, a sabedoria vivencial, o conhecimento experimentado no interior do ser. É o conhecimento experimentado no corpo, e que quando praticado permite a elevação da consciência e da percepção da própria realidade e condição da vida. Seu propósito principal é remover a mente e as emoções de uma percepção errônea de si-mesmo e da vida, para que se possa vivenciar a Realidade do Ser ou Espírito. Segundo a Amma suas práticas não tem a ver com a memorização das escrituras ou com uma filosofia teórica, mas com a verdade única. Uma dos propósitos dela é ajudar os homens a desenvolverem o Jnana yoga. E é neste sentido ela fala de uma **verdade**

### 2.3.2. João Teixeira de Faria – João de Deus



João de Deus, 2015

Cada filho é um diamante raro da criação, mas que necessita ser polido implicando em dores e sofrimento, para realizar sua superior destinação.<sup>25</sup>

João Teixeira de Faria, mais conhecido como “médium João de Deus”, “João de Abadiânia” ou em inglês “John of God”, nasceu em Cachoeira da Fumaça em Goiás, em 24 de julho de 1942. Nascido em família muito pobre, começou a trabalhar cedo para ajudar em casa. Morou também em Itapaci, onde estudou até o segundo ano do ensino fundamental. Deixou os estudos para trabalhar e nunca mais voltou a escola. Ainda hoje não sabe ler ou escrever. Descreve-se como médium que incorpora médicos de luz que através dele realizam curas físicas, emocionais e espirituais.

---

<sup>25</sup> João de Deus in Casa de Dom Inácio de Loyola, 2015.

Está no décimo casamento. Possui nove filhos com esposas diferentes. É dono de fazendas de mineração de ouro, criação de gado e cultivo de soja. Possui mais de 28 casas em Abadiânia e de 9 em Anápolis, onde reside. Afirma que todo o trabalho com atendimento espiritual durante toda sua vida foi e segue sendo gratuito.

Segundo relato de sua biografia em seu site, a sua mediunidade manifestou-se quando ainda era criança, aos nove anos de idade. Estaria caminhando pelas ruas de Nova Ponte, em Goiás, com a mãe, quando começou a descrever as casas que seriam destelhadas e estragadas pela tempestade que se aproximava. Não por estar convencida do que o filho dizia, pois o dia estava com sol alto, abrigaram-se mãe e filho na casa de um conhecido. Momentos depois a chuva e o vento chegaram provando sérios estragos na cidade. Aproximadamente quarenta casas foram destruídas.

Aos quatorze anos saiu de Goiás em busca de melhores condições de vida e chegou em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ali enfrentou alguns desafios e chegou a passar fome. Ele afirma que após dias sem comer, estando à beira de um rio, ouviu a voz de uma mulher vinda de uma luz, que disse para procurar um centro espírita na cidade. Lá chegando avisaram que estava sendo esperado e mostraram-lhe um lugar na mesa redonda, convidando-o para coordenar os trabalhos.

Quando cheguei, perguntaram: você é João Teixeira de Faria? Eu disse que sim. Então disseram que estavam esperando por mim. Me chamaram para sentar à mesa e dirigir os trabalhos. Eu respondi que não entendia nada daquilo e que estava mesmo é com fome. Um deles entoou uma prece. Fechei os olhos e percebi que estava caindo no sono. (JOÃO DE DEUS in site joaodedeusabadiania.com.br acessado em 17/11/15)

Relata que ao acordar foi informado que havia incorporado a entidade Rei Salomão e atendido mais de cinquenta pessoas. Nessa ocasião ele tinha por volta de dezesseis anos. Desde então não parou mais de realizar o trabalho curativo através do qual tornou-se mundialmente conhecido. Durante os oito anos que se seguiram viveu conciliando as práticas de cura mediúnicas com trabalhos práticos na vida. "Famílias vinham até mim e depois me convidavam para ir às suas cidades. Eu acordava de manhã e via aquela multidão parada na minha porta. O que ia fazer? Começava a atender ", afirma em entrevista à Revista Galileu.

Nunca se filiou a nenhum grupo religioso ou de qualquer outra natureza. Morou em Cotegipe, na Bahia, em Colinas, no Tocantins, em Imperatriz, no Maranhão e em Wanderlei, de novo na Bahia. Trabalhou como pedreiro, como garimpeiro, como alfaiate e como oleiro. Chegou a ser preso algumas vezes, acusado de charlatanismo e de atuação ilegal na prática da

medicina. João de Deus evita falar sobre o que aconteceu nesses eventos, mas, afirma que a sua missão era mais importante do que os perigos que atravessou e se manteve firme realizando os seus atendimentos.

Após o Golpe de 1964 foi para Brasília trabalhar como alfaiate para oficiais do exército, recebendo apoio dos oficiais. Peregrinou ainda entre uma cidade e outra, sob a guarita de oficiais amigos, forma que encontrou de driblar prisões e perseguições. Foi, inclusive, homenageado pelo Batalhão de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro, e declarado como “amigo da marinha”.

Em 1976 mudou-se para Anápolis, em Goiás, por ser amigo do prefeito. Mas ali chegando não foi bem recebido pela classe de médicos da cidade. A pedido do prefeito mudou-se para Abadiânia, também em Goiás, onde fundou a Casa Dom Inácio de Loyola para abrigar e receber aqueles que o procuravam por os seus atendimentos. Na ocasião Abadiânia era governada por Hamilton Pereira, hoje diretor administrativo da Casa. Em relato à Revista Galileu Hamilton lembra: "Apoiei a vinda de João porque pensava que ela poderia beneficiar economicamente a comunidade".

Recebeu duas mensagens de Chico Xavier confirmando a sua vocação e a sede de seus trabalhos. A primeira em 1978, quando o médium indicou ainda a necessidade de uma cachoeira situada nas terras do seu Centro. Depois de dezessete anos, em Abadiânia quando diante de um clima hostil associado a acusações ele estudou a possibilidade de mudar de lugar, recebeu novamente uma carta de Bezerra de Menezes contendo uma mensagem psicografada de Chico Xavier dizendo: “Abadiânia é o abençoado local de sua iluminada missão e de sua paz”. João de Deus respondeu "Chico era o papa do espiritismo. Um pedido dele era uma ordem" (relato da Revista Galileu, acessado em 17/11/15).

A sua fama internacional começou em 1991, quando atendeu a atriz americana Shirley MacLaine, que procurava então tratamento para um câncer abdominal. Desde então pessoas dos mais diferentes países, entre Austrália, Nova Zelândia, Alemanha, Áustria, Índia, Canadá, Estados Unidos, etc., o procuram. Algumas pessoas inclusive mudaram-se para Abadiânia, com o propósito de acompanhar de perto o trabalho do médium.

Personagens famosos, como o Luiz Inácio Lula, Ciza Guimarães, Oprah Winfrey, Paul Simon, Juliana Paes, etc, já estiveram com o médium, que embora alegue tratar todos iguais, demonstra certo contentamento e expõe em sua casa fotos com as figuras ilustres. Entre as

entidades que incorpora estão Inácio de Loyola, que dá nome à casa, Augusto de Lima e Oswaldo Cruz.

João viaja hoje e, dia para pelo menos quatro países por ano, todos atendendo a convites pagos pelo requerente. Diz ele que atende ao chamado de qualquer um, desde possa levar a equipe por pelo menos uma semana.

A Casa Dom Inácio de Loyola, além dos quase dois mil atendimentos que realiza de quarta a sexta-feira, atende também, com a Casa da Sopa, inaugurada em 2004, através da são disponibilizados mais de mil almoços por dia para pessoas carentes. E há também de Casa do Banho, local onde são disponibilizados banheiros para banho e roupas limpas. João de Deus aparece ainda hospitais como o Sírio-libanês visitando pacientes e frequentadores da casa.

De acordo com os seus depoimentos realiza o seu trabalho mediúnico como uma missão, “como um serviço da luz” destinado às pessoas que sofrem, seja um mal físico ou emocional.

Minha missão é servir de instrumento às entidades de luz. Quem cura é Deus e as entidades, eu nunca curei ninguém

Não sou um pregador. Estou procurando mostrar às pessoas o que é a verdade, o que é o amor. Mas é difícil alguém chegar a Deus pelo amor. A maioria chega pela dor. Se você ficar cego um dia, vai buscar a Deus. (JOÃO DE DEUS apud Revista Galileu, 2014).

Hoje, aos 73 anos, João recupera-se de uma cirurgia gastrointestinal feita no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo. Sendo um médium curador, afirma a respeito que como paciente ele é uma pessoa normal e os médicos que o tratam são instrumentos de Deus. Ele demonstra ser um homem simples e de personalidade forte, embora também não esconda suas preferências e vaidades. Afirma gostar de carros grandes, além de possuir um avião, sendo por isto frequentemente criticado por outros.

Como todo o trabalho que ele desenvolve é gratuito, os recursos de sua casa vem dos medicamentos e outros itens vendidos na Casa, ou das fazendas de sua propriedade. Trabalha três dias da semana nas fazendas e três dias na Casa, dando-se uma folga nas terças-feiras.

Seu procedimento de modo geral é o seguinte. A cirurgia normalmente acontece no início dos trabalhos, tanto pela manhã quanto pela tarde. Depois dela o operado deve entrar em repouso, e ficar três dias em silêncio e recluso. Deve evitar carne, bebida alcoólica, ovo galado (ovo fecundado), e atividades sexuais. Após esse período do paciente deve retornar e passar pela fila da revisão. Normalmente o tratamento é completado com a administração de

passiflora. Pílula feita basicamente da essência da flor do maracujá, e que segundo dizem, e imantada pela entidade que o operou, com a energia de que o operado necessita para reequilibrar sua saúde. As pílulas duram em média dois meses. No sétimo dia após a cirurgia o operado deve dormir com um copo de água ao lado da cama e beber a água assim que acordar no dia seguinte. Essa água é imantada pelas entidades que operaram o paciente, também com aquilo que ele precisa.

O tratamento nem sempre precisa ser presencial. Inúmeros são os relatos de pessoas que de longe oraram e pediram os cuidados das entidades da Casa, e alcançaram a cura que esperavam. Algumas chegam à casa para agradecer, às vezes depois de anos. O tratamento é feito na maioria dos casos para males físicos, mas, muitos também para questões objetivas, como emprego e relacionamento, cura emocional e espiritual.

É possível encontrar pessoas dos mais diversos países e ouvir as mais diversas línguas. As pessoas chegam ali entre curiosas e comovidas. Em algumas é visível o sofrimento físico; em outras o semblante de alegria pela “graça alcançada”.

Sendo um personagem controverso, João de Deus desenvolve um trabalho de “cura espiritual” que atrai multidões de pessoas. Mobiliza em boa medida a economia da cidade de Abadiânia, criando vários empregos diretos e indiretos. Em algumas entrevistas, ora descreve-se como católico - pois foi criado em família católica - ora como adepto da “filosofia espírita”. E em algumas ocasiões apresenta-se como evangélico, havendo relatos de que frequentou a Igreja Assembleia de Deus e o Santo Daime. Em certas outras ocasiões afirma que não tem religião, e que o que importa “é a palavra de Deus!”. Em seu site a Casa Dom Inácio de Loyola é descrita como seguindo a filosofia espírita, sendo um hospital espiritual não vinculado a uma religião.

João de Deus é um bom exemplo do que falei no primeiro capítulo. Sendo pessoa não se vincula organicamente a uma religião, mas a um amplo e pessoal sistema espiritual de sentido. Ele parece tecer uma colcha de retalhos entre diversas crenças.

#### **2.4. Travessias, territórios, entre-lugares**

Ao que parece as fronteiras que distanciavam, ou os muros que dividiam ciência e espiritualidade, razão e coração estão por cair.

Recentemente em Brasília, de 28 a 30 de outubro de 2015 aconteceu o IV Simposio Internacional de Física Quântica, Bem Estar que reuniu personagens como o indiano Amit Goswami, Oberon, professor de Yoga e o líder humanitário e espiritual Sri. Prem Baba, dentre outros. O evento teve como foco justamente apresentar versões e possibilidades de caminhos para unir terapias, psicologia, ciência, medicina quântica e física quântica com o intuito de originar um modelo de saúde integral, prevenindo doenças e promovendo saúde. O evento é um marco no que incentiva a união do conhecimento de tais profissionais para um caminho uno. Goswami já aponta que esse é o princípio da física quântica, unir e cooperar para gerar.

Por outro lado, em duas áreas específicas, na psicologia e na medicina convencional e tradicional há uma tendência constitucional a criar espaços duplos na vida desses profissionais. Um exemplo é o Conselho Federal de Psicologia, que proíbe tais profissionais de incluírem em seus atendimentos conhecimentos exotéricos, práticas como tarô, leituras de aura, theta healing, por exemplo, são proibidas em consultório psicológico.

Outro exemplo é a proibição da atuação de parteiras pelo Conselho Federal de Medicina. As parteiras que aprenderam a arte da parteria na prática também não podem colocar seus dons em ação, pois o Conselho médico exige uma equipe médica, médico, enfermeiro, anestesista e a nova profissão, a doula, que no contexto atual teria os conhecimentos da parteira atualizado com informações terapêuticas.

Hoje percebo que há duas tendências, de um lado tentativas de um sistema tradicional, como o exemplo dos conselhos de medicina e psicologia, mas, por outro um forte movimento de integração das técnicas. A OMS – Organização Mundial de Saúde por exemplo, reconhece a espiritualidade como um fator que gera equilíbrio da saúde.

O SUS – Sistema Único de Saúde já aprovou a inclusão do Reiki, técnica de imposição das mãos para cura, no estado de Recife, em Brasília, como publicação da Portaria nº 971 de 03 de maio de 2006 que define a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Como consequência dessa portaria algumas práticas alternativas de cura foram realmente incorporadas em alguns estados. Outro exemplo é o estado do Rio de Janeiro, que abriu as portas para: Massoterapia, Fitoterapia, Terapia Floral, Acupuntura, Hidroterapia, Cromoterapia, Aromaterapia, Oligoterapia, Geoterapia, Quiropraxia, Iridologia, Hipnose, Trofoterapia, Naturologia, Ortomolecular, Ginástica Terapêutica e Terapias da Respiração.

A USP e a UNIFESP comprovam com pesquisa de mestrado em 2003 e doutorado (2014) do médico Ricardo Monezi de Oliveira que a energia Reiki tem o poder de curar

qualquer mal-estar físico e emocional. Oliveira aponta que o Johei e o passe, advindos da Igreja Messiânica e do Espiritismo, respectivamente, também têm atuação de cura. O interesse de Oliveira pelo tema nasce da sua própria experiência, quando em 2000 foi curado de uma depressão com energia Reiki. Segundo ele, em seus estudos no mestrado constatou, com testes em camundongos, um ganho de potencial das células de defesa contra células que continham os tumores. Agora no doutorado, observa os efeitos psicológicos da energia.

Fiquei surpresa ao constatar numa simples pesquisa pela internet a quantidade de Instituições que já incluíram o Reiki como prática de cura, não só alternativa, mas integrante do “quadro de medicamentos” para auxiliar na recuperação de pacientes. É verdade que é um número simbólico se comparamos com a infinidade de hospitais e institutos de saúde pelo mundo. Mas, também é verdade que já é um bom demonstrativo de como uma das áreas mais tradicionais e materialistas da ciência, a medicina, já não só aceita como inclui em seus métodos práticas classificadas durante muito tempo como holísticas.

Assim, estamos em tempos de fronteira. Pessoas em fronteira que como consequência provoca um período de fronteira entre ciência e espiritualidade. De um lado, ainda sequelas, como no caso das parteiras mencionado anteriormente, em que o sistema médico fecha portas para um grupo de práticas, mas de outro, não só inclui práticas integrativas de saúde (portaria Nº971, de 2006), como toma como objeto de pesquisa tais práticas confirmando seus efeitos até então apenas exotéricos e holísticos, como cientificamente efetivos. Como diria o Goswami, estamos num momento de transformação e a ciência precisa de tempo para absorver as novas descobertas e paradigmas da própria ciência.

Outro ponto interessante que pode ser observado nos relatos das trajetórias de vida é o fato de todos terem um propósito de vida e um meio claro de manifestar, de experimentar esse propósito na vida, de promover uma transformação na vida. Há um engajamento em prol do outro, em prol do mundo, do planeta. Cada um a seu modo vai explicar a importância não do propósito em si, mas, do fato de ter um propósito definido e de incentivar a inclusão de mais pessoas nesse movimento. Amit Goswami, a partir do seu olhar quântico, vai dizer que a visão de mundo que temos é essencial e determina o modo de vida que levamos.

Antigamente, as religiões diriam que não é a sua vontade, mas a de Deus, que governa seu destino. Hoje, os materialistas dizem que não é a sua vontade, mas os padrões de seu cérebro, que ditam suas escolhas. Portanto, o cérebro tornou-se seu novo Deus.

A filosofia é importante. Nosso preconceito contra a filosofia foi legítimo na primeira metade do século passado, antes da física quântica. Nesse contexto, a filosofia, a metafísica, não podia ser testada em laboratório. Mas a física quântica

mudou isso. Hoje, muitas ideias filosóficas são apenas outro nome para uma teoria científica não matemática porque podem ser testadas em laboratório. (GOSWAMI, 2015)

Uma perspectiva cartesiana e materialista, que diz que tudo é mecânico vai te levar a buscar respostas fora. Isso faz com que você aceite de um médico alopata o diagnóstico de sintomas e uma proposta de cura para esse sintoma. Faz com que você espere que o médico diga a causa da doença. Uma perspectiva holística, ou quântica vai perguntar a você o que está acontecendo de errado na sua vida e vai te conduzir a uma atenção daquilo que está em desequilíbrio, podendo inclusive cuidar dos sintomas. Nossa educação desde o ensino básico é materialista, o que faz com que tenhamos uma vida focada na matéria, uma educação formalista que gere renda, poder e ter. E o que você sente quando tem poder e dinheiro? Não há preenchimento da essência do ser se a criatividade não estiver envolvida, a vida perde a motivação, o encantamento. Então, a forma como você vê a vida define a forma com o qual se relaciona com a você mesmo, com o outro e com a vida.

Se nos voltarmos para os depoimentos deste capítulo e iniciarmos as nossas considerações tomando as narrativas das últimas pessoas aqui presentes. Lembro que Bruno Gimenez, formado em química, ao viver a sua travessia em direção a outro território de sentido abandonou a química e, ao contrário, é um exemplo de “travessiantes” que buscam fazer interagirem a ciência e a espiritualidade em suas vidas e práticas.

Amma assume uma posição rara e notável. Não tendo tido formação alguma acadêmica, sequer a nível básico, ao “seguir o seu caminho e viver a sua vocação espiritual” tornou-se uma pessoa-referência internacional não apenas em questões referentes às suas devoções, mas no campo do “futuro do planeta”, dos direitos humanos e outros mais. Ainda na mesma linha de atuação, ao fundar sua associação ela incorporou práticas tidas como ocidentais de fundo didático e científico: fundou escolas regulares, hospitais, creches e serviços de apoio e serviço social.

Um caminho diverso foi tomado pelo conhecido “curador” e “mestre espiritual” João de Deus, que desde a pequena cidade de Abadiânia, em Goiás, atrai pessoas de todo o mundo, inclusive cientistas europeus que vão até ele pesquisar cientificamente o processo de suas curas. Ele não viaja mais, não fundou uma instituição de amplas dimensões, como Capra, Chopra, e Amma e, principalmente, não parece interessado em divulgar amplamente as suas ideias e crenças.

Assim, retomando as categorias e nossa pauta de análise, verifico que estamos diante de diferentes modalidades de pessoas situadas (ou des-situadas) em entre-lugares. Estamos diante de assumidos “errantes” que a partir de uma sólida e consagrada formação acadêmica de alto nível, realizaram travessias de um território de sentido a outro. Suas travessias envolvem como em Fritjof Capra uma “viagem” do Ocidente para o Oriente (da física ocidental para o “tao da física). Ou envolvem, como em Deepak Chopra, um trânsito quase circular: Oriente-Ocidente-Oriente. Pois em seu caso há uma formação primária Oriental e baseada na filosofia vedanta, seguida de uma formação acadêmica em medicina ocidental e um retorno ao Oriente pelas mãos da medicina ayurvédica.

Todos os depoimentos de nosso primeiro grupo apontam para “travessiantes” que se situam justamente no que estarei chamando aqui de territórios de fronteira. Ou seja, entre uma tradição acadêmica e ocidental e uma tradição não-acadêmica (do ponto de vista do Ocidente) e não Ocidental, eles se situam em um assumido entre-lugar. Não negam saberes e significados de sistemas de sentido originariamente ocidentais, e incorporam a eles valores, saberes e significados vindos de uma definida vertente oriental e raramente reconhecida como legítima pelos círculos de ciência do Ocidente. Se nos reportarmos às nossas figuras, veremos que eles estarão situados justamente nos pontos em que o círculo dos sistemas de sentido de tradição ocidental e o círculo dos sistemas de sentido de tradição oriental se encontram, interagem e interconectam. E é justamente deste entre-lugar, deste território de fronteira, deste entre-meio entre uma tradição e outra que eles defendem que haverá de surgir um complexo e interativo sistema de sentido a ser criado, pensado, difundido e vivido como a ciência-espiritualidade do século XXI em diante.

Guru Vandana



Guru Brahma, Guru Vishnu,  
Guru Devo Maheshvarah,  
Guru Sakshat Param Brahma  
Tasmai Sri Guruve Namaha

Guru Vandana

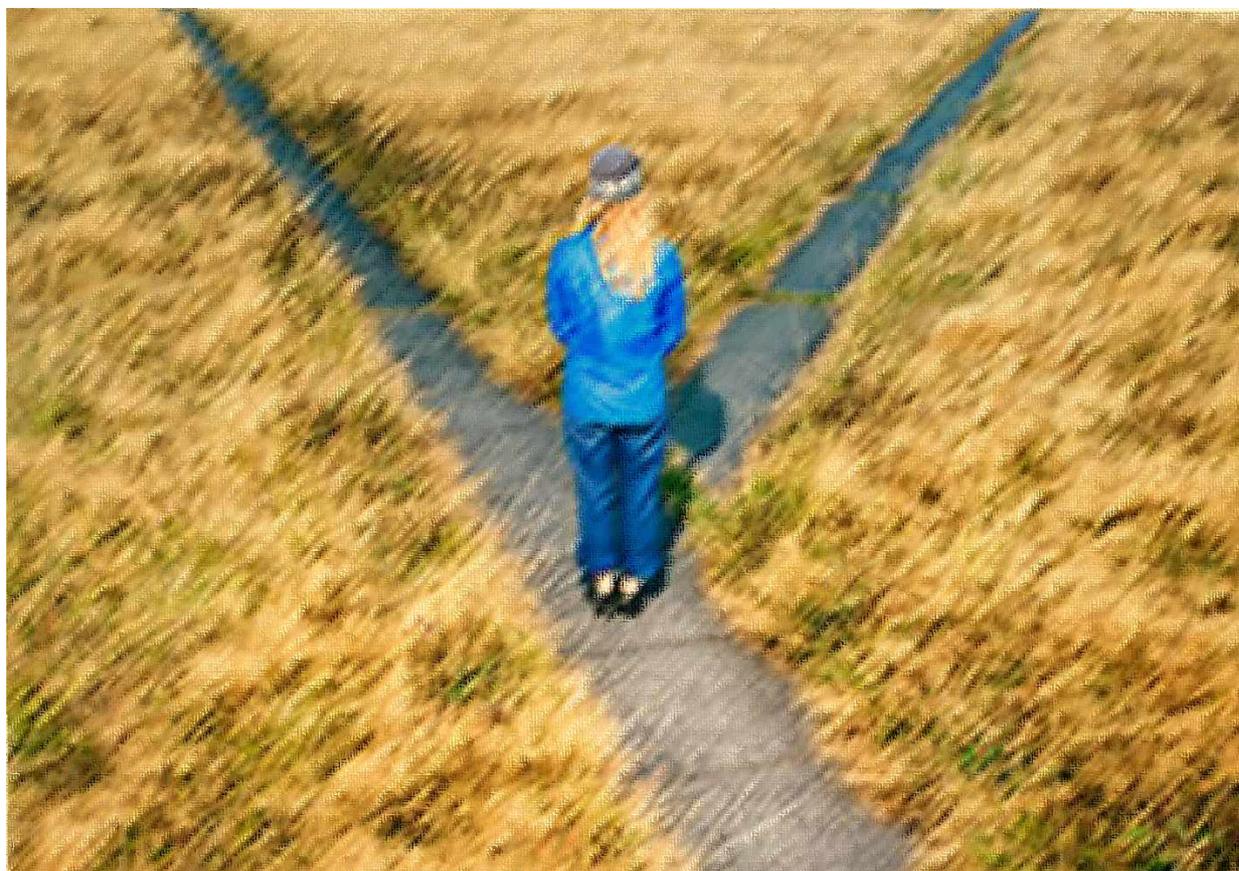


Guru é Brahma, o Criador.  
Guru é Vishnu, o Mantenedor.  
Guru é Maheshwara, o renovador.  
O Guru é personificado por Param Brahma,  
o Deus Absoluto.  
A esse Guru eu me rendo.



## Capítulo 3

# Territórios de Sentido na vida<sup>26</sup>



---

<sup>26</sup> **Foto Divulgação.** Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: <http://leandrowiller.blogspot.com.br/2008/11/no-existe-dois-caminhoscolha-o-seu.html>. Publicado em 01/11/2008. Acessado em 13/02/2016.

### 3. Territórios de sentido na vida

Este capítulo dá continuidade ao precedente. Apenas agora trabalho com pessoas daqui do Brasil e de um círculo de vida bastante mais próximo do meu. Pessoas talvez não tão internacionalmente conhecidas como as do capítulo anterior. Mas pessoas cujas trajetórias de vida em nada parecem ser menos desafiadoras. Sim, pois tenho agora como proposta dialogar com pessoas que na vida “se alinham” (um termo comum entre elas) com o que reconheciam como sendo a razão de suas buscas e o seu propósito de vida. Pessoas que, cada uma através de suas trajetórias, buscavam conciliar este “encontro”, e algum momento com a sua formação e a o desdobramento de sua carreira acadêmica, através de uma profissão vivida também como uma vocação.

O que me motiva aqui é ouvir e pensar histórias de vida de pessoas como eu e você. Pessoas que, acredito, escolheram seguir o que várias delas costumam chamar de “a voz do coração”, ao lado das vozes da mente, do raciocínio lógico e da ciência. Outras, pessoas que a partir de um momento em suas vidas decidiram seguir também, ou exclusivamente, um “novo caminho”. Pessoas que, portanto, tal como as que compareceram no capítulo anterior, viveram e seguem vivendo travessias entre diferentes territórios de sentido. Pessoas que optaram viver em entre-lugares. Assim, tal como no capítulo anterior, manerei aqui os três grupos selecionados, como forma de sistematizar o meu trabalho de campo.

Cito aqui uma lembrança de Carlos Brandão. E já que ele não sabia da fonte exata, também eu não saberei citá-la. Ele me contou um dia esta passagem do “bruxo Don Juan” a Carlos Castañeda, o antropólogo: “Já que todos os caminhos conduzem ao mesmo lugar, por que não escolher o caminho do coração?” Creio que trabalho aqui com pessoas que mesmo sem terem conhecido Don Juan, em algum momento terão ouvido um outro mestre, uma outra mensagem, ou, quem sabe? O seu próprio coração.

Estive com pessoas do meu convívio, pessoas que compartilhem a vida comigo e que me inspiram, e pessoas também que são como referências para este meu caminhar. Relatos de histórias de grandes mudanças.

Nas histórias de vida é interessante perceber como cada pessoa, “tocada” das formas mais diversas, sente haver vivido uma descoberta em algum momento de suas vidas. E agora em um “depois do que aconteceu”, elas se sentem chamadas a algo que modifica e enriquece a sua prática profissional. Ou então pessoas que, com um olhar diferente reconhecem que experimentam uma outra fonte de relações com elas mesmas, com os seus outros, com a vida, com o seu mundo e, segundo algumas, com o que acreditam ser o “seu Deus”.

Entre as pessoas cujos depoimentos trago a este capítulo, há aquelas que simplesmente seguem de forma mais intuitiva as suas descobertas, não se preocupando com uma filosofia “ocidentalmente” coerente, ou mesmo com a ideia de um Deus, ou uma crença em um Deus. Tais pessoas simplesmente sentem e manifestam o que sentem e o que seguem. Ao passo que outras, em busca de algo transformador, como um sentido para a vida, buscam uma experiência de Deus, como alguma forma de vivência íntima com uma divindade. Homens e mulheres que buscam algo que não se sabe exatamente o que seja, mas procuram este “algo” e neste buscar reconhecem que viveram uma mudança, uma transformação.

Umhas e outras apoiam-se em um sistema de sentido próprio, muitas vezes vivido, repito, como uma “descoberta”, como uma quase “iluminação”, segundo o dizer de várias delas, dentro de um universo simbólico que de certa forma recria e passa a preencher os seus próprios sistemas de sentido.

Assim, as linhas que se seguem trazem relatos de histórias de vida embebidas de vivência, de afeto, de poesia e de um certo encanto mesmo, como se marcados pela força que nos conecta com a vida e com um revelador propósito de vida.

Sigo aqui a ordem das categorias dos três grupos que foram trabalhadas no capítulo anterior.

No grupo 1: *Territórios de sentido científico profissional e território de sentido devocional profissional*, trago os depoimentos e as histórias de Arthur Shaker, Ivamney Augusto Lima e Irene Penteadó Cotrim.

No segundo grupo: *Territórios de sentido científico não profissional e territórios de sentido devocional profissional*, trago as experiências de vida de Giridhari Das e Cecília Cabral.

E o grupo 3: *Territórios de sentido devocional* trago as histórias entre os depoimentos de pessoas amigas que desde cedo estiveram alinhadas com um sentido devocional ou espiritual em suas vidas. Elas são: João Mendes Rio e Kênia Santos.

### **3.1. Território de sentido científico profissional e território de sentido devocional profissional**

#### **3.1.1. Arthur Shaker**

Cheguei ao Arthur por intermédio do meu orientador. Ele foi lembrado, segundo as palavras de Carlos Brandão, ser um monge budista e um antropólogo ativista das causas indígenas. Parecia então, uma ótima oportunidade de compreender como um monge entra na

universidade e se envolve com os índios. Escrevemos, Carlos Brandão e eu, um e-mail propondo uma conversa e fomos gentilmente acolhidos. Assim, nasceu essa entrevista, num dia de muita chuva em São Paulo, no número 2.333 da Rua Augusta na Casa de Dharma, onde fui recebida por Arthur Shaker. Um senhor simpático e carismático me aguardava numa sala de meditação. Ele me apresentou a “Casa”, um apartamento pequeno, silencioso e aconchegante.



**Arthur Shaker, 2006.**

Arthur Shaker Fauzi Eid nasceu em 8 de janeiro de 1948 numa pequena ilha das Antilhas do Caribe, St. Kitts and Nevis, onde viveu até os três anos de idade. É o segundo de três irmãos, irmã mais velha e um irmão mais novo. Os pais, ele libanês e a mãe armênia, casam-se nas Antilhas, vivem ali algum tempo quando decidem vir para o Brasil. A família vem para o Paraná, onde residem por seis anos. Em 1957 migram para São Paulo para morarem próximos a um irmão do pai que já residia ali. A família da mãe também havia vindo para o Brasil e se radicou em São Paulo. Desde então vivem na cidade, primeiro no Pari, perto do Brás, depois no Paraíso e em seguida na Consolação. O pai foi comerciante, cerealista. Ele faleceu cedo e isso tocou e provocou alguns movimentos na família, Arthur tinha 10 anos quando isto aconteceu.

A escolha pelo curso e o caminho profissional se dá no final do ginásio, quando socialmente Arthur foi conduzido a decidir sobre a profissão e a carreira. Optou por uma das carreiras mais tradicionais da época, a Engenharia. Em 1967 entrou na Faculdade de Engenharia na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Conheceu os grupos teatrais e artísticos da USP e se descobriu nas artes. Cursa Engenharia por dois anos, quando decidiu experimentar um outro curso. Assim prestou vestibular e entrou no curso de Ciências Sociais em 1969.

O contato com as Ciências Sociais trouxe à sua vida uma nova perspectiva histórica: a história da humanidade, o como o homem se relacionava com a cultura, e como criava essa cultura. Questões “como os homens pensam e sentem?” instigavam as suas leituras de então. Próximo a isso, ele estreitou um antigo contato com as artes e, Mais ainda, com a música que o sensibilizava e ampliava os horizontes e perspectivas de vida e sentidos de vida. Entrou também em contato também com as tradições indígenas durante a sua graduação, quando foi tocado não só pela cultura, mas, pela “causa indígena”.

Desde pequeno eu tinha uma certa percepção, ainda que não muito clara, de que a vida tinha algo mais do misterioso, havia um certo quê além assim.... Mas, quando a gente é criança o cérebro e a mente ainda não tem como decifrar essas sensações e

percepções, fica um pouco no preâmbulo. Acho que isso é um condicionante que vai para eu ir percebendo... Acho que deve ter alguma influência da minha família, que é oriental também. Não que por ser oriental tenha algum diferencial, mas, é um dos aspectos que pode trazer um condicionante na mente, para aquele pensamento da vida misteriosa, para trazer aquele feeling. E tem o karma não é?! Segundo o Buddha a gente nasce numa família que a gente tem afinidade kármica. Isso também tem um papel. E também, ali na adolescência...

Como aqui no ocidente é um padrão não é, chega um momento tem que escolher o que vai estudar, ter um caminho escolar, não é?! Então, chegou esse momento no ginásio, científico, então... E agora o que eu vou fazer, qual vai ser o caminho?! E aí, eu comecei com Engenharia. Então, preferi ficar aqui em São Paulo, na Universidade de São Paulo, na Escola Politécnica. E logo que entrei na faculdade eu vi que aquilo não era muito bem o que eu queria. Aquela coisa de fazer dinheiro e tal... sem juízo de valor... mas, não parecia muito minha praia. E logo no início da faculdade, tinha um curso de teatro, tinha aquela coisa com os calouros. A gente ia fazer show de calouros, era aquela coisa com teatro. E nossa! Eu tenho uma vertente com as artes muito forte. Uma das minhas linhas de trabalho é a música. Eu componho, tenho CD'S. Então, aquela coisa era muito forte, teatro, dança, música, era outro mundo. Existe um mundo grupo criativo, chamado GTP – Grupo Teatral Politécnico. Eu entrei na faculdade em 1967 e era uma época difícil no Brasil, pois tinha todas aquelas questões da censura, das rebeldias estudantis. Era uma situação tensa.

Bom, dentro desse ambiente mental, cultural, social e psicológico a coisa com o teatro foi entrando. E a gente montou essa apresentação de teatro musical para os calouros e, tocando o curso, mas, já sentindo que não ser bem aquilo que eu teria como horizonte. E aí fiquei nessa crise por um ano. E aí, quando chegou no final do segundo ano eu vi que não seria aquele o meu caminho como desenvolvimento pessoal e de crescimento. E aí eu decidi fazer o curso para Ciências Sociais. Foi até engraçado, porque o dia que fui trancar minha matrícula, o atendente disse: “Mas, oh! Você vai se arrepender, trancar um curso desses”. E até hoje não me arrependo nem um segundo. Porque imagine, naquela época tinha todo aquele status, engenheiro, médico, advogado eram grandes profissões e os outros caminhos eram carreiras menores. Mas, aí, eu fiz vestibular e entrei para o curso de Ciências Sociais. Naquela época, naquele clima, muitos professores foram cassados, o pessoal da área de Filosofia, enfim. E aí, tudo na cidade universitária. Isso foi em 1969. E fui me interessando aos poucos pela Antropologia.

Na verdade, depois que você vai examinando, vai percebendo que tudo vai sendo alinhado com linha fina. Desde que você esteja com o coração e a mente abertos, investigando, vendo o que seu coração está dizendo. É tudo uma coisa da mente, quando você abre e vai vendo como a mente vai mostrando. Sai um pouco daquilo que os valores sociais põe e realmente ouve o que é que ressoa não é?! E eu sempre gostei muito das histórias antigas, do povo do Egito, da história antiga. Isso já é uma ressonância de que lá no antigo já tinha uma coisa muito séria. Então, continuei com a coisa das artes, sempre em grupo de teatro, e compondo e logo cedo eu gostei muito da viola de dez cordas. E aí, fui entrando nesse mundo da música, do teatro e da dança e tocando a Ciências Sociais, e dando aula particular. Desde que meu pai faleceu a gente ficou numa situação difícil. Aí, dei muita aula em supletivo, pré-vestibular. Principalmente aulas de história, história geral. Eu gostava.

Então, essa coisa da cultura humana, como é que os seres humanos pensam, sentem? Então, tudo isso vai engrossando o caldo né?! Quais são as motivações e os problemas da mente. (...) Mas, sempre fica aquela coisa né, de que ‘existe mais coisas entre o céu e a terra do que a nossa vã filosofia’ não é?! E aí, dentro das Ciências Sociais tinha já a coisa das culturas indígenas. Asiáticas poucas, interessante. Pouca presença sobre a cultura da China, da Índia. Ninguém falava da cultura hindu, chinesa, japonesa. Também era uma época política muito intensa. E dentro da Ciências Sociais tinha a cadeira da Antropologia você tinha acesso a essas culturas.

Claro eram aqueles pensadores da Antropologia Clássica, Lévi Strauss, Bourdieu. Mas, tinha toda essa coisa dos povos indígenas. E eu fui também meio que me sensibilizando com a causa das culturas indígenas, que era o que mais chegava na leitura antropológica que a gente tinha acesso.

E muita essa coisa da confrontação com uma certa pobreza das perspectivas do mundo contemporâneo. E na época veio o movimento hippie, a contracultura colocando tudo isso pondo cheque toda a perspectiva da cultura ocidental. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Arthur concluiu a sua graduação em 1972 e no ano seguinte ele ingressou no mestrado sob orientação da professor Ruth Cardoso, Dra. Eunice Durham e Dr. Duglas Monteiro, na USP. Escolheu como tema de investigação a postura de personagens rebeldes do sertão. Foi um projeto feito a três, Artur Shaker, Carlos Alberto Dória, Carlos Alberto Ricardo. Um projeto grande em que cada um dos três deveria aportar um ângulo, um olhar. Carlos Alberto Ricardo veio a se tornar depois o fundador do conhecido Instituto Sócio Ambiental.

A rebeldia é a base para questionar o mundo. A motivação era estudar como que os rebeldes do sertão, porque os rebeldes do sertão tinha um peso entre os intelectuais, por exemplo Guimarães Rosa, Glauber Rocha, Vandrê. Enfim, mexendo com essa coisa do imaginário do sertão: “o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”. E aí eu fui entrevistar os ex-cangaceiros e a história de vida deles.

Depois que terminou o movimento todo, cada um seguiu seu caminho, alguns [cangaceiros] vieram morar aqui em São Paulo, também fomos para o sertão... Entrevistei personagens que foram importantes nas suas epopeias e tentando entender o que fazem algumas pessoas peitarem o mundo, seja com clareza, seja com cobiça misturado com não aceitação, todo esse mundo do não conformismo. Foi um trabalho interessante que deu a dissertação de mestrado.

Aí, já quando terminou o mestrado eu já vi que a vida universitária poderia não ser tanto o meu caminho. Mas tinha as artes muito forte, a música. Aí, em 1975 fui morar na Vila Madalena, eu já tinha viajado pelo sertão da Bahia, Salvador, e tudo o que conversei com os cangaceiros e também tudo o que se vivia na Vila Madalena, muita música, muita arte, toda uma cultura meio hippie e pop hippie. E mesmo com a Antropologia e toda a abertura a perspectiva acadêmica já estava meio... A coisa da espiritualidade ainda não estava tão claro, mas, já tinha um feeling mais aguçado, que tinha algo mais sublime, mais criativo do que a vida como estava, estudar, trabalhar, ter filhos... Mas, foi um momento difícil, porque você também está no mundo e precisa sobreviver. Estava começando a chegar no Brasil a questão da Índia.

A Índia começou a chegar por meio de Ravi Shankar, os gurus, a yoga, os Beatles também tinham se interessado pela Índia, na música. Muitos indo para lá para buscar drogas, aquela coisa hippie, mística, muita droga, bebida, liberdade e aquela coisa toda. Então, a Índia estava começando a chegar para mim, e o Zen, o budismo essas coisas alternativas, contracultura... Isso estava começando a abrir um horizonte para a espiritualidade oriental. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Concluiu o mestrado em 1975, com o aperfeiçoamento em Modern History na University of London (Birkbeck College) aprovado. O mestrado trouxe mais algumas questões para Shaker, uma pitada a mais de investigação sobre seu caminho de vida. Neste período um “Caminho para as Índias” começa a surgir no horizonte. Símbolos, músicas, práticas e um ar

de misticismo aparecem como uma tendência do tipo “nova era”. E já com um vislumbre um pouco mais claro de espiritualidade ele segue em 1976 para a Inglaterra, onde residiu entre viagens e paradas por seis meses.

E aí terminei o mestrado, defendi o mestrado. E eu tinha uma bolsa para continuar depois do mestrado numa universidade em Londres. E aí, fui, foi uma abertura por esse historiador Eric Hobsbawn, que também era músico e tocava jazz, que tinha influenciado o meu trabalho. Ele tinha me aceitado lá e aí fui para lá. E foi minha primeira saída para a Europa. E foi, uau! Foi bem marcante. Descobri outros povos. Uma coisa é estudar, conversar, ver filme. Outra coisa é estar lá, ver, sentir. E aí deu para viajar um pouco também por lá. A França, a Espanha... aquela coisa cigana, misturado com os mouros. Fiquei muito impressionado. Italiano. E aí você vai vendo que o mundo, a cultura grega... Nossa! Muita coisa e aí eu falei agora eu preciso voltar para o Brasil e agora a encruzilhada estava ainda mais além. E aí voltei para o Brasil e falei que queria outro caminho. Falei que agora quero seguir o caminho das artes.

Quando eu ainda era estudante eu tinha saído aqui para a América Latina (Bolívia, Peru, Chile, Argentina) e fiz o percorrido em 1970, e foi uma coisa que me marcou muito o contato com os povos andinos. E lá a cultura andina era muito forte. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016).

A sua volta para o Brasil é um marco no percurso do seu caminho de vida. Se é possível falar em ruptura, talvez ela tenha acontecido neste momento, no ano de 1976. De volta para casa ele decide afinal mudar o “rumo do barco” e investir nas artes como profissão, caminho e meio de vida. Colocou então toda a sua energia em projetos sociais e em grupos de teatro e música. As artes não eram apenas um meio de realização profissional ou pessoal. Elas representavam a trilha que o conectava com a vida e mais, com o sentido maior, com o servir, com o contribuir socialmente com algo.

Na verdade pouco a pouco você vai percebendo que a coisa toda é uma coisa só. São vertentes de uma árvore que a raiz é uma coisa. Mas, as artes tinha um ponto em que para mim era muito forte. Então, como conciliar tudo isso e viver disso. E aí, quando eu voltei me apliquei com muito esforço em grupos de teatro. Tinha um grupo que tinha um trabalho muito bonito, que era o trabalho de levar o teatro para a periferia. Então, eu conheci o Grupo Teatro Núcleo (acho que era esse o nome) num dado momento e fazíamos um trabalho lá em São Miguel Paulista. E aí a rapaziada do bairro dava o maior apoio. Tinha show de música. Saia um pouco dessa coisa... A gente ia três vezes por semana e montava peças e fazia coisas. Era uma vida muito rica. Mas, enfim, para sobreviver era uma batalha, porque tinha que dar umas aulas aqui e outras ali e estava muito difícil sobreviver profissionalmente com as artes.

E aí foi, e aí chegou um momento em que eu tive vários problemas de saúde. E não dava para conciliar as exigências que eu tinha e a vida que eu levava. E aí eu vi a morte de frente. E aí, uau! E agora? E interessante porque eu vi que várias vezes a constatação da morte é fundamental para o caminho. (...) E aí foi a grande encruzilhada, porque não dava para continuar no caminho das artes... E aí tive que redesenhar. E aí, ao mesmo tempo foi se abrindo o caminho da espiritualidade, do karma, do dharma. Ainda não tinha feito uma escolha clara pelo budismo, mas, a coisa mais ampla estava colocada.

E ao mesmo tempo esse confronto foi abrindo na minha frente visões, perspectivas... porque na verdade essa coisa toda de me manifestar através das artes, do amor, do coração, era algo muito mais profundo do que ser um artista. Na verdade a raiz era mais fundamental. Aí você vai mergulhar na raiz. O que sou eu? O que é minha essência? O que são os pensamentos? Claro que você entra numa dialética. Mas, já colocou tudo numa... que o plano ilimitado é muito maior do que uma realização artística.

Aí, na verdade comecei a me interessar mais diretamente pelas tradições espirituais, que a própria antropologia apresentava um lastro. E ao mesmo tempo voltei a dar aula, para manter o projeto, manter o caminho. Você precisa ser muito prático, porque o mundo te cobra, você precisa pagar as contas. E o que eu tinha de mais hábil e útil para mim e para os outros era ensinar.

No entanto, como se repete não raras vezes pelas ruas, “viver de arte é difícil”. E apesar do esforço e empenho de Shaker, a sua vida tomou um outro caminho. Com a saúde fragilizada, com a correria do dia a dia, a sua de artista não era mais tão fluída. Assim ele foi objetivamente levado a replanejar as suas estratégias financeiras.

Ele comenta: “Carlos Drummond diz, que 'no meio do caminho havia uma pedra”, eu complemento: “no meio da pedra havia um caminho”. Levado por situações práticas e físicas a retornar à sala de aulas e aos estudos acadêmicos, ele encontrou também a porta que iria levá-lo ao budismo. Assim, em 1978 ingressou no quadro docente da Universidade Católica de São Paulo. Lecionando Antropologia e Realidade Brasileira Arthur se aproxima cada vez mais de literaturas no âmbito da cultura religiosa e das tradições orientais. Esta foi uma porta para ele se aprofundar na busca de um caminho espiritual, de forma mais clara e definida agora. Neste período entrou em contato com um Grupo de Estudos Comparativos entre Religiões onde, além da teoria havia a prática do Tai Chi. Nesta altura ele já estava as voltas da Yoga, e do Tai Chi, para atender às demandas do corpo físico que pedia um fortalecimento físico. No grupo, leituras sobre o hinduísmo, budismo, tradições xamânicas e indígenas eram discutidas com foco em diferentes teorias científicas, o que garantia uma segurança de objetividade, frente à explosão esotérica que acontecia no cenário brasileiro.

E aí entrei na PUC-SP como professor. E nessa época a PUC tinha um projeto muito legal, que era o ciclo básico. Todos os alunos que entravam na área de Humanas tinham que passar por um ano de ciclo básico. E eram cinco matérias, sendo que uma delas era Antropologia e Realidade Brasileira. E então, tinham alunos de Psicologia, Antropologia, Direito, Economia. Toda essa área humana fazia um ciclo básico. E era um ambiente super rico em que conviviam com alunos de várias formações. Isso também foi bem importante na minha vida profissional. E eu dava aula de Antropologia e Realidade Brasileira e já trazendo um pouco dessas tradições milenares, China, Índia, cultura indígena. E aí, depois eu conheci um grupo de estudos religiosos comparados. E esse grupo praticava Tai Chi. Tá, e aí, com a crise de saúde eu comecei também a fazer algumas práticas físicas para fortalecer, eu precisava de recursos para o corpo. E aí, eu comecei a trabalhar também com natação, Tai Chi, Yoga.

Então, esse grupo estudavam grandes autores que fizeram parte da nossa formação. Porque também foi uma época que começou a surgir as coisas esotéricas, e uma mistura de tudo com tudo. E esse grupo fazia um estudo mais pente fino do que era o caminho espiritual, o hinduísmo, budismo, tradições xamânicas. A prática era o Tai Chi. Mas, era uma coisa de estudar. E aí, foi amadurecendo pouco a pouco essa sensibilidade e o caminho para a Índia. Esse estudo começou em 78. Houveram uns 3 anos que dependiam mais de uma intuição interna. Eu ainda não tinha acesso a esse estudo mais apurado, mais profundo. Mas, foi amadurecendo. E aí, vi que o caminho da Índia pulsava no meu coração.

Os estudos no “grupo comparado” trouxeram aos poucos o delinear de uma trilha sem retorno para Arthur Shaker. Confiante de que leituras e o conhecimento que adquiria despertavam ao mesmo tempo a necessidade de uma prática, de um aprofundamento nessa prática, ele descobriu que era preciso experimentar, vivenciar no corpo tudo aquilo que ele via e lia nos livros.

Foi o momento, então, em que ele começou a buscar uma linha, uma “linhagem” a que pudesse se fidelizar e experimentar verdadeiramente o que buscava. A música da qual bebia enquanto fonte para o coração tanto na Igreja Ortodoxa quanto no canto gregoriano da Igreja de São Bento não lhe eram mais suficientes. Decidiu então que o seu caminho o levaria finalmente à Índia. É quando ele “apruma a direção do barco para o Oriente”.

Esse grupo, chegou um momento que ficou clara que era preciso fazer uma opção clara, de seguir uma linhagem, e não ficar só no meio intelectual. E a gente, até frequentava a Igreja de São Bento, que tinha o canto gregoriano, e eu ainda guardo aquela coisa do canto gregoriano. E, a gente também frequentou bastante a Igreja Ortodoxa porque eles tinham cantores incríveis. A música era um caminho direto para o coração.

E aí, esse caminho para Índia foi ficando bem ressonante no coração. E aí, foi ficando claro que o budismo era mais aplicável, mais assim ressonante para mim. Aí, comecei a me aproximar um pouquinho do Budismo Zen, no Budismo Zen lá na São Joaquim, indo lá nas práticas. O namoro estava passando já para pré-casamento. E aí, juntando um pouco de recurso para ir para Índia. Aí, através de uma professora de sânscrito da USP consegui um contato de um professor lá, que me aceitou como aluno. E, juntei minha matulinha e fui embora. Isso foi em final de 1988. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Shaker seguiu então para Índia em 1988, em uma viagem de dois anos. Foram seis meses em Dharamsala, um ano em Benares ou Varanasi, e mais um ano entre Tailândia a Indonésia e o Nepal. O encontro com o “caminho do seu coração” aconteceu em Sarnath-Karnaki, lugar onde o Buddha pregou o seu primeiro sermão. Foi participando de um retiro de dez dias em silêncio e conhecendo o vipassana que ele percebeu que era aquele o caminho que lhe traria disciplina para a mente, clareza para o seu intelecto e força para suas práticas.

Aí, eu queria um pouco assuntar. Eu fui primeiro para Benares, Varanasi. (...) e ia aluguei um quarto na casa de uma família de músicos. E fiz minha casa naquele quarto. Aí fui na Banaras Hindu University e me inscrevi em alguns cursos, hindi, canto, yoga. (...)

E aí fui em Sanarth, lugar onde Buddha deu o primeiro sermão em Karnaki. O primeiro sermão famoso. E lá, hoje é tombado pela UNESCO, e tem um sítio arqueológico e ao mesmo tempo templos de todas as linhas budista em Sarnath, que fica a cerca de 20 minutos de Benares. E eu ia muito para lá para meditar. E aí fui entrando nessa via.

Aí depois fui para Dharamsala. Antes de ir para Índia eu tinha estado com os índios e aí eles me deram uns presentes e disseram: “Ah! Leva aqui uns presentes para lá”. E aí quando fui para Dharamsala, a cidade do Dalai Lama. Uma vez que o Dalai Lama estava lá recebendo, eu entrei na fila e entreguei os presentes dos índios para ele e para os outros monges. Tiramos fotos, mostrei as fotos dos índios para eles. E aí eles até comentaram que até parecia com eles. Fiquei uns seis meses em Dharamsala. Passando as chuvas, as monções voltei para Benares. E fiquei um ano na Índia. Depois fui para Tailândia. Porque um amigo tinha falado que tinha um lugar que dava retiros com meditação Vipassana e que era muito importante. E aí fui para o sul da Tailândia. E era um monge budista muito conhecido, chamado Buddhadasa. E aí eles tinham construído um edifício meio fora do mosteiro para dar retiros para os ocidentais. E eu fui para esse retiro. (...)

Então, lá fiz o meu primeiro retiro de dez dias. E aí, senti: uau! Esse é o método! Ele é sapiencial. Ele não é uma devoção, não é uma crença. É uma investigação do corpo e da mente, momento a momento. Então, como eu tenho essa formação científica também. Eu quero entender tudo também o que estou fazendo. Como funciona a prática. Então, deu aquela famosa chave-fechadura. Fez cleck!  
E aí depois ainda viajei mais um pouco. Indonésia, Nepal. Fiquei dois anos na Ásia. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Ele volta ao Brasil em 1990, cCom “a voz do coração pulsando forte”. A escolha pelo Budismo Theravada e a entrega pessoal a tudo o que isso iria aportar para sua vida, envolvendo inclusive a evidência de que as práticas e a espiritualidade seriam de então em diante as prioridades de sua vida. Prioridades estas impostas, mas que ele reconhecia fluindo de dentro para fora de seu ser.

Nesse momento nasceu o projeto Casa de Dharma concebido por Shaker, Cristina Flória, sua então companheira e Cassiano Quilici. Juntos eles abrem no apartamento do casal momentos para práticas meditativas, conversas, palestras e vivências com a meditação na linhagem Theravada. O diálogo com os monges continua frequente, e era próxima a relação entre mestre e discípulo.

E aí, quando eu voltei, ainda em conversa com os monges lá. E eles dizendo, vamos abrir um espaço lá, um espaço para práticas. E aí eu já tinha fechado o contrato com a PUC/SP. E aí, comecei esse projeto com a Casa de Dharma, junto com a Cristina Flória e o Cassiano Quilici. E aí, fazíamos palestras, workshops e vivências. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Shaker retomou também o contato com o Núcleo de Cultura Indígena, do qual já participava como voluntário, anteriormente. O contato com o Núcleo, a convivência com os índios aliado ao questionamento recorrente sobre a existência humana e a espiritualidade na trajetória da criação da humanidade. A observação de uma harmonia essencial presente na cultura indígena aproxima Arthur dos anciãos da aldeia Xavante no Mato Grosso. E então inicia-se uma proposta de registrar os mitos de criação da aldeia. Com esta inquietação interna, surge uma demanda prática vinda da aldeia, quando o convívio rotineiro com os índios faz nascer o projeto “Romhōsi'wai hawi rowa'ōno re ihōimana mono - a Criação do mundo segundo os velhos narradores xavante”. Apresentada à Universidade Estadual de Campinas em 1995 a sua proposta de tese é aprovada com liberação de recursos para o campo. Assim, ele ingressa no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, com foco em Etnologia. Ele será concluído em 2002.

E aí, quando eu voltei paralelamente eu retomei o trabalho com o Núcleo de Cultura Indígenas. Eu participava do Núcleo, mas, não como contratado. A minha pergunta era como era a espiritualidade para eles. Os índios são povos arcaicos, tem uma conexão com a natureza muito profunda, a conexão com a natureza, com os animais. Com muito cuidado para não entrar numa coisa assim ah! Xamã. Também aí tem muitas atrações. E, Não. E aí foquei nessa dialógica entre a vida prática e o caminho espiritual. E aí, convivendo com eles.

Cristina Floria era integrante contratada do Núcleo. E meu assunto era a construção do diálogo espiritual. E a defesa dos valores da cultura indígena, dentro da cultura brasileira. Então, eles sempre vinham para cá, e a gente ia para aldeia. Às vezes íamos aos Guarani que vivem em São Paulo. E eu participava dos rituais, conversava com os pajés. Porque a educação estava num processo de fortalecimento das escolas indígenas. Eu tinha muito diálogo com os professores em termos de pedagogias, com relação à conciliação entre as matérias do mundo ocidental e a tradição indígena. E eles estavam começando a se formarem para gravar vídeos, como se organizar em associação para lidar com o mundo não indígena.

E aí, surgiu esse projeto, que foi o doutorado, porque eu tinha muito interesse... Porque boa parte da sabedoria indígena está enraizada nos mitos de criação. E aí, como os velhos estavam também interessados em que isso não se perdesse. Porque as novas gerações com a influência da TV acabou enfraquecendo um pouco a força desse interesse... E vários problemas estavam surgindo... Eles tinham interesse em registrar esse conhecimento e eu tinha interesse nesse conhecimento mais profundo dessa questão espiritual. E aí fiz esse projeto de gravar e dialogar com esses vários mitos de criação. As cosmogonias. E aí, apresentei para a Unicamp, porque precisávamos de recurso, pois as aldeias eram longe, e era preciso conciliar o interesse em intercâmbio e uma base de sustentação. Eu fiz o trabalho em três camadas. Um é eles contando os mitos. No segundo plano eles comentando e analisando entre eles e no terceiro eu entro com minha análise.

O projeto trouxe para mim um aprofundamento muito grande dessas raízes mais profundas e de como eles são estruturadas espiritualmente. (...). Ela tem valores, símbolos, e aportes que aprofunda muito a compreensão da mente, a sabedoria. O eixo entre o céu e a terra. Fazer esse trânsito entre o céu e a terra, lidar com a morte, com a impermanência. E também aumenta a compaixão. A mente é muito presa no mundo da ilusão, do apego. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Em paralelo a todo o processo do doutorado, a Casa de Dharma – Sanatana Dharma Saranam seguia firme no seu propósito e em suas práticas. A casa tinha como principal objetivo difundir o desenvolvimento da mente por meio de treinamento meditativo, além dos estudos do Dhamma, ou o caminho para a verdade superior.

A Casa de Dharma promove até hoje retiros de silêncio guiados por monges do Bhavana Society, mosteiro de floresta localizado em West Virginia, nos EUA, tais como Bhante Henepola Gunaratana, Bhante Yogavacara Rahula e Bhante Buddhakkhita, Luang Pó Sumedho, Ajhan Mudito, Ajhan Vajiro, Ajhan Dhammiko, Bhante Rewata Dhamma, Matthew Flickstein e Pat Coffey. As parcerias com outros centros Theravadas no Brasil, SBB (Sociedade Budista do Brasil, no Rio de Janeiro), bem como outros centros leigos, como a SVM (Sociedade Vipassana de Meditação, em Brasília) estreitam trocas que fortalecem a união enquanto grupo e sangha da linhagem no Brasil, como amplia os intercâmbios no país.



CASA DE DHARMA, fotos Casa de Dharma, 2011.

Hoje a Casa de Dharma possui também como desdobramento o Núcleo de Neurociência, Mindfulness e Saúde, que difunde o treinamento da mente, por meio da meditação e do fundamento da neurociência como métodos para desenvolvimento da atenção plena e amadurecimento mental. O Núcleo promove palestras, retiros, programas e práticas fundamentados na técnica Mindfulness, que é essencialmente oriunda do Budismo Theravada.

A Casa de Dharma começou em 1991, numa sala no apartamento onde eu morava. E aos poucos foi crescendo, e os monges vindo. Mas, é uma coisa lenta, pois o Budismo Theravada não é tão conhecido, então vai aos poucos. E aí o grupo foi crescendo e chegou o momento em que foi preciso sair da minha casa e ir para um lugar dele. E aí viemos para esse apartamento. E aí, criamos o estatuto, para que

fosse algo não-pessoal. Porque a ideia é que as pessoas sigam tocando isso. Porque eu também vou embora. Aí, tem gente que vem participar e tem gente que vem participar e quer participar do projeto. Porque isso aqui é um projeto, depende da ação humana. E tem toda uma estruturada, é preciso ter gente para manter. E como somos todos leigos, todo mundo tem sua vida particular, ou seja, família, filho, trabalho. Então, é preciso compor na sua vida diária, horários, um compromisso.

E aí a gente vai estabelecendo parcerias com outros centros afins, criando uma rede para tornar possível. Tem o pessoal no Rio de Janeiro da SBB – Sociedade Budista do Brasil. E aí, quando os monges vem eles vão para outros espaços também. Criar uma rede né.

Então, aqui tem grupos de meditação segunda-feira à noite e sábado à tarde. E há seis anos a gente começou uma interface com a neurociência. E estamos começando a nos interessar pela meditação chamada Mindfulness, que pode ser plena atenção ou consciência atenta. Ou seja, faz parte dos ensinamentos do Buddha, do treinamento da mente. E de uns vinte anos para cá, com a neurociência, neurologia, neuropsicologia, com essa pesquisa que eles colocam eletrodos nos monges para pesquisar o cérebro durante a meditação. E eles estão vendo que ela muda os problemas de natureza psicofísico. Claro, não é?! Que a mente quando ela treinada é uma coisa, quando ela não é treinada é outra coisa. E aí, fui fazer essa formação desse programa. E a gente tem um grupo de Mindfulness, que é um treinamento, com um interface com essa parte mais médico-psicológica. E a gente faz esse treinamento em Belo Horizonte, com grupos ou às vezes palestras. E trabalhando com essa interface da meditação com o bem estar e a saúde, tem temas também com neurociência e depressão, neurociência e meditação. Já com essa especificidade, com a meditação, mas, nesse âmbito dessa área psicológica. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Nossas atividades regulares compreendem grupos semanais de meditação e estudos do Dhamma, para praticantes iniciantes e antigos; realização de retiros longos com monges e instrutores convidados; minirretiros urbanos para os praticantes da Casa; promoção de palestras, cursos, eventos culturais ligados ao Dhamma; curso de Meditação e Neurociências para profissionais da área da saúde e interessados. (CASA DE DHARMA, s/d)

Shaker é autor de vários livros. Alguns deles podem ser classificados como essencialmente acadêmicos, como: *Pelo Espaço do Cangaceiro Jurubeba*, resultado do mestrado, e *Por Dentro do Escuro: mitos do povo xavante*, produto do doutorado. Outros ele reconhece como fundamentalmente espirituais, com foco no budismo, como *Mindfulness: meditação da consciência atenta*, *A Travessia Budista da vida e da morte* e *Buddismo e Cristianismo: esteios e caminhos*. Fora isto, a sua produção artística conta com quatro CD's gravados.

Ele alimenta ainda quatro sites, alguns com produções pessoais (<http://arthurshaker.blogspot.com.br/>, <http://www.escavador.com/sobre/394303/arthur-shaker-fauzi-eid#>, <https://soundcloud.com/arthurshaker>), e outros com o ofício na Casa de Dharma e como difusor do Budismo Theravada (<http://casadedharmaorg.org/quem-somos/e> <http://saudemindfulness.blogspot.com.br/>).

Em 2004, quando do final do doutorado Arthur passa a integrar a equipe da Faculdade de Ciências da Religião Claretianos, em um projeto novo da Faculdade, em que ele atua até o

seu fechamento em 2012. Em 2014 Arthur ingressa no quadro docente da Faculdade LIVRE para a Terceira Idade, onde leciona sobre meditação e saúde, com aulas práticas e teóricas.

Sobre a vida e a morte, e sobre si mesmo, Shaker guarda uma visão intrínseca à linhagem espiritual que ele segue. A percepção da morte enquanto passagem de uma realidade transitória, o caminho de purificação da mente para o desapego do corpo e da própria noção de identidade. Isto associado a uma visão do eu como estado relativamente ilusório, e a mente pura e incondicionada enquanto a essência da vida. Assim, o renascimento aparece como consequência do apego à realidade impermanente e à mente. Tudo regido por uma lei do karma, onde estão inscritas as diversas possibilidades de dimensões também impermanentes. Assim, o sentido maior da vida estaria num permanente desenvolvimento do ser, como purificação da mente e busca do sentido da essência fundamental da própria vida.

Dependendo dos processos kármicos, podem haver vários encaminhamentos de renascimento. Aqueles que conseguem durante essa vida purificar a mente totalmente da cobiça, ódio e ignorância, libertam a mente e realizam o que se chama de nibbana<sup>27</sup>, esses saem fora do samsara, que é a roda de renascimento e morte. Aqueles que não conseguem nessa vida por vários fatores alcançarem a iluminação, (estado daquele que se libertou, entrou no nibbana), dependendo ainda dos karmas positivos ou não saudáveis, (porque tem esse entrelaçamento kármico), os renascimentos vão acontecer em planos variados. A pessoa pode renascer em estado humano e continuar a jornada, dependendo dos karmas ela pode nascer em estados animais, em estados infernais. Ou, em planos celestes, nos devas, dependendo desse processo kármico. E nas vidas futuras os processos continuam. Mas, todos esses mundos, são mundos condicionados e impermanentes. Essa é a chave da questão: libertar-se o mais breve possível, porque senão vai ter que renascer. Porque renascer quer dizer entrar novamente no mundo condicional, da impermanência. E então, o treinamento tem essa função, menos cobiça, menos ódio, menos ignorância, ver a realidade internamente, com propósito, impessoal. A visão do eu, do ego. E aí, já é o caminho de cada um, no que cada um investe e no quanto e investe. E nossa função na Casa de Dharma, como instrutor e praticante é oferecer para quem está interessado esse entendimento. O Buddha já dizia: “eu ensino o método, cada um faz seu caminho, pôr em prática e lidar com sua mente, purificar sua mente”. Na verdade esse é o nosso maior trabalho. Lamentavelmente não é esse sentido que o mundo enfatiza. Mas, o sentido maior mesmo na essência é compreender a natureza da vida fenomênica, trabalhar para as conquistas da mente, as qualidades saudáveis, o amor, a compaixão, a paciência, e ir purificando a mente e ir libertando a mente. Mas se não conseguir purificar totalmente, no próximo renascimento, renasce com as condições kármicas que criou, tanto as que se libertou, quando das que alimentou e reforçou.

Vamos dizer que num certo nível mais superficial existe um certo sujeito que se chama Arthur que nasceu em tal lugar, tem uma carteira de identidade, que tem essa feição. Isso é o aspecto do eu meio temporário e superficial. A prática é ir desmontando um pouco a substancialidade desse sujeito eu. Ver que esse sujeito eu é uma identidade meio falsa. Se você se idêntica, ah! eu penso assim, eu gosto disso, sou eu, eu moro em tal lugar. Se você tomar esse aspecto convencional (a identidade, o nome) com o qual você se relaciona com o mundo, mas a prática é ir investigando o que você compreende do Arthur, a Sarit, o João, como uma realidade insubstancial. E que continua tendo uma função operacional no mundo, mas, quanto mais vai se libertando desse tipo de identificação ilusória, mais próximo você

---

<sup>27</sup> Nibbana é a denominação para a libertação transcendente e singularmente indescritível que é o objetivo final dos ensinamentos do Buddha

vai ficando da mente que é não pessoal. É um tema super importante, e profundo e que só é realizado na medida que você pratica e investiga. “Afinal, Quem sou eu? O que é esse eu? Quem é esse sujeito que diz isso eu isso, eu aquilo?” Mas, mente mais profunda não é isso. O nibbana não tem eu, tem a mente pura, plena, consciência plena, não tem o sujeito eu. Mas, o sujeito Arthur tem seu lugar operacional, que tem seu lugar para se relacionar com o mundo. É como dizer assim: “a voz não é a boca, mas, a voz precisa e usa a boca para transmitir a voz, para dizer algo. A boca é um suporte.” Então, vai aprendendo que tem uma boca que é um suporte para a voz, mas, a boca não é a voz. Então, o treinamento vai perguntando: “o que é a voz? O que é a boca? O que é essa mente?” Porque se você faz uma pergunta de modo errado, a resposta não resolve. Então, aprender a fazer a pergunta certa é o caminho. Porque se você pergunta Quem é Arthur, você parte do princípio da identidade. Mas, se você pergunta: O que é esse Arthur? O que é esse corpo? O que é essa mente? O que é e não quem. Veja não é para cair no aniquilacionismo. Bom, não tem eu, então, não tem nada, então, a vida não faz sentido. Não. Buddha alertava para os perigos dos dois extremos. O eternalismo, “eu que vou renascer e tal”, isso não existe. Eu Arthur, eu que vou para o céu, eu que vou renascer, eu, essa noção ilusória de um sujeito-eu. Isso é uma ilusão. Ah! Então, não tem eu, com a morte tudo se acaba. Também não é assim, isso também é uma ilusão. Por isso o caminho do Buddha é o caminho do meio. O que é tudo isso? O ego é filho do casamento entre a cobiça e a ignorância, e aí surge o ego: eu. Isso leva a mais sofrimento. Ele quer ser eternalizado, ele tem medo de tudo o que ameaça esse ego. É claro, tudo isso também é um processo que você vai lapidando, na medida que você vai praticando, criando recursos para a mente olhar para isso. Não é algo que você já começa assim: ah! O eu não existe! Não é assim. Então, disse uma vez um monge que às vezes o treinamento é para fortalecer esse eu temporário, levar a pessoa a ter o mínimo de equilíbrio emocional, para depois ela começar a examinar a própria existência. Por isso é preciso ter esse cuidado para ver quem está praticando, para ver o lugar que a pessoa está. Então, o treinamento depende de quem, quem está praticando, em que pé está. Para não pensar que está todo mundo no mesmo lugar, no mesmo momento. Não é você achar que vai desmontar o eu. Isso tudo depende do momento, das condições de cada um. A criança, quando ela não tem dente você não dá nada para ela mastigar, você vai dar papa, coisas mais moles. O importante é mostrar um sentido para vida, e que tudo isso é transitório. Uma hora a gente morre e isso aqui fica tudo. Quando você nasce já está com seu bilhete. Ninguém escapa da morte, quando você nasce é a única certeza que se tem. E o que você vai fazer com essa vida? E isso muda muito do ponto de vista físico e emocional.

A pessoa quando tem um sentido da vida, ela lida com as dificuldades da vida de uma forma melhor, quando ela não tem, qualquer vento leva ela para qualquer lugar. É como um barco no meio do mar sem leme. É terrível. (SHAKER, entrevista em janeiro de 2016)

Atualmente Shaker é instrutor do Programa de Treinamento de Mindfulness do Núcleo Neurociência, Mindfulness e Saúde- SP. É também instrutor de meditação budista baseada em Samatha-Vipassana, tendo dirigido práticas meditativas em centros de práticas alternativas como o Centro de Yoga Narayana e do Espaço Kurma., Núcleo Ganesha, Centro Iyengar em São Paulo. É também professor de meditação budista e do Programa de Treinamento em Mindfulness do Núcleo Neurociência, Mindfulness e Saúde-BH (MG) e na Sociedade Vipassana de Meditação (Brasília). No entanto, o fundamental foco de atuação de Shaker é com a Casa de Dharma, compromisso no qual se foca principalmente quando da vinda dos monges para o Brasil.

Arthur Shaker trilhou os seus territórios de sentido essencialmente construídos a partir da encruzilhada entre a ciência e a universidade e a espiritualidade e suas práticas alternativas. Viveu o “mundo acadêmico” primeiro enquanto formação, momento de seus primeiros passos, e enquanto ambiente de reafirmação de sua busca por sua natureza mais profunda. Viveu-o, depois, como um caminho seguro e confiável. Eu diria que como um caminho concreto e de certo modo palpável, que abre e amplia horizontes. Nele ele viveu a segurança da análise, do estudo, da ciência, que aos poucos foi aproximando Shaker de um universo holístico e espiritual. Os territórios de Shaker estão fortemente presentes na busca de algo mais do que conhecimento científico, mais do que um saber especializado. Uma busca em que o saber vivido como um “sentido”. Algo que extrapola o seu próprio “Currículo Lattes” e se desdobra entre as artes e, de maneira especial, na música. Assim como a procura de um sentido social, através da atuação junto a grupos artísticos, e mesmo enquanto antropólogo, com os povos indígenas.

Os territórios fronteiriços presentes na viagem pela América Latina, pela ida para a Europa e mais tarde, pela Ásia, são a “marca registrada” típica de pessoas habitantes de zonas de fronteira, assim como em alguns momentos são promotoras de uma crise essencial situada não raro na entrada de “um outro mundo e um outro modo de vida”. Assim, a cada viagem surgia uma nova crise que desafiava a um novo passo, até o momento de uma ruptura em que Arthur se reconhece “alinhado” completamente com o “Caminho Theravada” do budismo.

Lembro ainda a sua origem que já primeiramente itinerante. Filho de pais de nacionalidades diferentes, nasceu em um território diferente também do da origem da família; cresceu em outro e migrou para outro ainda. Para outros, na verdade. Ouso dizer que um sentido de fronteira estaria presente em sua própria genética, e que dessa forma, a crise existencial estaria consequentemente presente em sua vida em algum momento original.

Assim, os territórios de sentido de Shaker inicial e profundamente científicos e acadêmicos, são também presentemente devocionais e vão se entrelaçando em seu próprio caminhar acadêmico. Embora questione a continuidade da vida vivida entre os meandros acadêmicos, ele é levado de volta a eles, por uma organização prática da vida. E é ali o local onde ele vai encontrando pouco a pouco algumas respostas para suas inquietações. Essa busca-encontro vai acontecendo naturalmente, e naturalmente também ele vai vivendo o seu casamento entre a ciência, o estudo, a análise objetivamente científica, a pesquisa positivista, ao lado da espiritualidade e das práticas meditativas.

Com o doutorado, a pesquisa sobre os mitos de criação e mais profundamente a visão espiritual que sustenta a cultura Xavante é também um momento de aprofundamento pessoal

em seu caminho espiritual. Um caminho de maturidade e de ampliação de sua consciência enquanto pesquisador e meditador, na medida em que, entrelaçadas, o saber e o sentido, a compaixão, a paciência e a clareza amadurecem e se desenvolvem em sua mente.

O caminho de Arthur Shaker é de certo modo linear, e parte de dentro para fora. Ou seja, em sua pesquisa de mestrado ele trilha uma indagação pessoal de cunho existencial, que o guia em direção à pesquisa sobre a rebeldia sertaneja. Já em seu doutorado bem mais tarde, é também o questionamento vivencial sobre a espiritualidade o que o leva a dialogar com os mitos de criação dos Xavantes.

Ao contrário de pessoas que encontraremos mais à frente, andarilhos de uma guinada radical, e que encontram um sentido distantes do caminho que trilhavam, Shaker vive o seu entre-territórios de sentido fazendo interagirem o tempo todo o devocional e o caminho científico profissional. E é nessa trajetória que seu território devocional torna-se também profissional. E, nele, a profissão, a vocação e a devoção tendem a se encontrar, integrar e interagir em uma trilha só.

### 3.1.2. Ivamney Augusto Lima

*Tarde, quase todos dormem.  
A chuva que bate lá fora sob os vidros da janela  
me lembra as lágrimas no momento da despedida.*  
Ivane Lima

Conheci Ivamney por intermédio do professor Carlos Brandão. Já havia estado com ele numa outra oportunidade, em Campinas, quando estavam organizando a criação de um espaço de meditação zen num sítio nas proximidades da cidade.

Agora ele sonda no Sítio da Rosa dos Ventos, alternativas de abrir um espaço para os retiros de meditação na linha do zen budismo, e abre assim uma nova possibilidade para um diálogo.



Ivamney Lima e Mooji, 2014.

Ivamney Augusto Lima, filho de militar da marinha, nasceu em Ladario, no Mato Grosso, em 1950 às margens do rio Paraguai. Viveu ali até por volta dos quatro anos. Guarda lembranças rurais, como o cheiro de curral, as andanças para comprar ovos, as brincadeiras no carro velho, a relação com os animais. Depois a família mudou-se para o Rio Grande do Norte, onde nasceu seu irmão. Viveram lá por pouco tempo e

transferiram-se para o Rio de Janeiro. Moraram por algum tempo numa casa antiga, bonita, com varanda e espaço para brincadeiras. Foi um período de convivência com o avô, caçara. Pouco tempo depois mudaram-se para uma Vila de Militares, quando Ivamney tinha por volta de seis anos. Este teria sido o período de uma mais aberta socialização; de sair para a rua, de brincar com outras crianças. Residiu aí até a adolescência, quando saiu de casa para fazer faculdade de veterinária em Niterói.

Na adolescência a escolha pelo curso foi apertada e por eliminação. Escolheu a veterinária, eliminando a matemática e os cálculos da sua formação.

Normalmente naquela época para escolher o tipo de faculdade, na época era engenharia, direito e medicina. Normalmente eram três blocos que você podia escolher. E eu vim para a medicina, porque não tinha aquela coisa de conta, da matemática... aí eu vim para a medicina porque estava mais perto das humanas. Eu tinha que escolher uma profissão. Até aquele momento da escolha você vinha da infância e tinha que escolher uma profissão. Eu não tinha uma preparação para escolher. Pelo que lembro, poucas vezes a escola trouxe uma relação mais próxima. (IVAMNEY LIMA, entrevista janeiro de 2016)

Assim, escolheu a veterinária, na linha da medicina, pensando em se transferir para medicina mais tarde. No desenrolar do curso envolveu-se realmente com a faculdade e terminou o seu curso. Ali, tem a oportunidade de cursar algumas disciplinas do que chamam hoje de Extensão Rural. Ivamney diz que se conectava com disciplina pela presença do professor. E o professor da Extensão Rural trazia um relacionamento com a educação que o tocava. E no final da faculdade, a companheira, que era namorada na época, passou em um concurso em São Paulo, na Coordenadoria de Apoio Técnico – CATI, que responde pela assistência técnica rural ao trabalhador do campo.

Nunca foi minha parte a clínica e já tinha uma disciplina na Universidade Fluminense que era Extensão Rural, que tinha um professor, que era o cara que conversava. E aí eu pensei que isso aí talvez seja minha atuação na veterinária. Isso de trabalhar com o outro, com a educação pode ser que me interesse. Bom, então, minha esposa, que na época era namorada, passou num concurso. (...) Ela se formou um pouco antes, nós entramos juntos, mas ela terminou um pouco antes. E ela fez uma prova para o CATI do Estado de São Paulo e passei e ... Vamos para lá junto? E ela veio trabalhando e casei e vim junto. Na verdade minha primeira profissão foi “doméstico”. É muito difícil a mulher vir trabalhando e você... E aí eu vim com ela, e ela veio para o Vale do Ribeira, em Registro.

(...) E Registro era o lugar que tinha o escritório local da Casa da Agricultura que o órgão de extensão da Coordenadoria de Assistência Técnica – CATI, que é como se fosse a EMATER nos outros estados, que é o órgão do estado faz um trabalho caracterizado pela educação de adultos multidisciplinar. Onde você trabalha com as questões pedagógicas e de planejamento. E aí eu achei o lugar porque eu sempre fui de fazer várias coisas ao mesmo tempo. E aí é interessante também porque me lembra que quando eu estava no Rio de Janeiro eu ia no Museu de Arte Moderna na zona sul, perto do aeroporto. E eu comeci a conhecer as pessoas ali e conhecia algumas pessoas que estavam indo para a TV Rio para trabalhar, para fazer ponta. Aí eu falei com meu pai e ele disse, “bem mas isso aí não é profissão”, e eu realmente nunca me passou que aquilo pudesse ser uma profissão; quer dizer trabalhar com arte, com artista. Aí eu percebo que na Extensão depois a gente vai

resgatando as vocações que a gente tinha na área da pedagogia, da arte. E na Extensão ali no Vale do Ribeira foi quando aconteceu um pouco do meu comprometimento. Quer dizer de vir de uma família pequena burguesa do Rio, ainda não muito comprometido politicamente.

Então, trabalhei antes como professor substituto em algumas escolas. Depois fui para a EMATER no estado do Paraná, um outro lugar em que minha formação vem muito de lá. Porque lá era um órgão de extensão mesmo; porque em SP ainda não tive muito contato, mas, lá tinha uma formação antes de atuar. Trabalhei lá por quatro meses. Estava no período de experiência, e lá tinha uma formação básica em que você aprendia a fazer extensão na área rural. O Brasil estava acabando a ditadura e entrando nos aspectos de... Então quando eu retornei fiz concurso aqui e passei para trabalhar lá no órgão de extensão da CATI. E acho que minha formação toda veio da formação de extensionista.

Quando eu cheguei no Vale do Ribeira, porque eu aprendi a passar um medicamento; aí eu via aquela propriedade e ia passar um medicamento. Aí eu olhava para aquelas pessoas, as condições em que elas estavam vivendo e pensava. Aí eu pensei: “pô, aquilo que eu aprendi não vai dar para ser passado, né? Nossa! Como é que eu vou passar isso, se a pessoa não tem condições nem de se alimentar direito?” Aí, veio já essa coisa dos princípios da extensão; ao invés de dar o remédio você começa a ver o que é que causou a doença. Aí começou aquela coisa mesmo: “Você perdeu um bezerro aí, cara. Quantos bezerros você perdeu esse ano?” “Ah! Perdi uns cinco”. “Pô cara, quanto custa um bezerro desses aí?” “Aí custa uns 100 reais”. “Ah! Então você perdeu 500 reais! dá para você construir um abrigo aí para eles não morrerem mais, né?” E aí já tinha um pouco do princípio da educação, do médico sanitário, mas não olhando mais o animal, mas sim o contexto. (IVAMNEY LIMA, entrevista janeiro de 2016)

Ivamney mergulhou então no universo da extensão rural, no trabalho de educação sanitária na zona rural no Vale do Ribeira, a partir de 1980, acompanhando o trabalho da companheira, que já era concursada na CATI. A experiência no Paraná no ano de 1981 ofereceu uma referência para intervir com mais propriedade na CATI, tanto quanto extensionista, quanto nas questões políticas que envolviam o órgão. Em 1982, quando do término do contrato, ele mobilizou os colegas do Vale do Ribeira. Cinco pessoas, para convocar os demais extensionistas do Estado na mesma situação. Um pouco mais de 200 pessoas aproximadamente. Ou seja, 200 pessoas que eram contratadas e que seriam mandados embora devido ao término do contrato. Esses cinco da CATI do Vale do Ribeira, liderados por Ivamney se reúnem e partem em direção a Iguape, em São Paulo também, e de lá convidam os demais, distribuídos em dez escritórios locais para se reunirem e reivindicarem um concurso público. O encontro acontece na sede da Secretaria de Agricultura e Abastecimento em São Paulo. Eles mobilizam a liberação do concurso que acontece em 60 dias. Este evento, segundo Lima, foi importante para que ele percebesse a força da união de um grupo de pessoas e da mobilização social e política para lutar por aquilo em que você acredita.

Aí tem uma coisa importante, de como minha consciência política e de como ela surgiu forte neste momento. E nós estávamos no Vale do Ribeira ainda; nós não tínhamos vindo para Campinas ainda. Nós éramos umas 6 ou 7 pessoas, porque era de Registro, mas, tinha cada município na região um técnico contratado, um agrônomo veterinário.

E, como tinham mandado embora: “oh! A partir do mês que vem não precisa vir porque acabou o contrato e não saiu o concurso.” Nós sentamos juntos para conversar porque estavam nos mandando embora. Muita gente com família, e não sabia se voltava ou esperava o concurso. Aí falei: “Vamos fazer o seguinte, vamos lá em Iguape, e de lá a gente liga para todo o Estado, porque devem ter várias pessoas no Estado na mesma situação”. E então foi minha primeira ação política, que eu coloco; ela veio nesse problema. E nós lá do Vale do Ribeira, éramos considerados “lá do Vale do Ribeira”, do interior. 5 ou 6 extensionistas lá. E convocamos todo esse pessoal. E aí, foi: “ó, nós temos 200 pessoas na mesma situação”. Ligamos para os dez escritórios locais e conversamos com o presidente da Associação de Engenheiros Agrônomos, Walter Lazzarini. E o secretário José Gomes da Silva, muito ligado com as questões sociais.

Ele falou: “então vamos pegar isso, vamos reunir e ver”... Quando chegamos na sede em São Paulo e aí o foi pessoal chegando. O pessoal chegava: “E o que é que vocês estão fazendo aqui?” E o outro respondia: “Não, o pessoal do Vale do Ribeira chamou aqui; nem sei direito o que é.” Então fomos aquele dia com o Walter Lazzarini, que consegui uma entrevista com o José Gomes, que respondeu: “Mas eu já dei o dinheiro para fazer esse concurso.” E ele ligou para alguém e disse: “Oh! Tem um pessoal aqui e eu quero que esse concurso saia em 60 dias”. Aí foi interessante ver como um grupo pequeno, coloca isso para um grupo maior, com o mesmo problema, e que com o canal certo faz a coisa acontecer. (IVAMNEY LIMA, entrevista janeiro 2016)

Ivamney atuou então como conveniado na CATI desde 1980 a 1982. E como contratado neste ano é concursado e se torna funcionário público do órgão. Em 1987 é transferido, junto com a companheira, que também atua no órgão, para Coordenadoria com sede em Campinas. Desde então intercala suas atividades no órgão entre a intervenção política e a atuação no campo, com os agricultores rurais, ou como extensionista.

Ivamney aponta duas pessoas como marcantes na sua vida, e que trouxeram clareza quanto a escolha de atuação profissional e da forma de manifestar essa escolha. Uma palestra com o educador Paulo Freire, para os técnicos extensionistas da CATI, e o professor agrônomo e sociólogo João Bosco Rennó Salomon. Na palestra, Paulo Freire traz um olhar sistêmico, cooperativo e social de uma interação com o mundo.

Ali formou em mim a visão de extensionista em mim mesmo. Ou seja, você vai atuar do lado do capital ou do lado do social? E aí alguém no sentido de provocação falou: “Camarada Paulo Freire eu tenho uma pergunta”. E aí ele respondeu: “Então, em primeiro lugar, esse termo que você usa – camarada - é importante, mas não é um termo que eu reservo para todas as pessoas. A gente está se conhecendo agora e é um termo mais íntimo. Em segundo lugar essa insinuação que você está fazendo é sobre o marxismo. Eu sou uma pessoa cristã, que fiz uma opção de trabalhar com o oprimido.” Então quando ele fez a opção de falar daquele jeito para a grande maioria, falando sobre uma visão de trabalho... Então eu pensei: “poxa, é possível, você ter uma trajetória de vida e você chegar e falar...” O outro foi um primeiro agrônomo sociólogo, o Prof. João Bosco

Você trabalha num órgão público do Estado. Então, você é o Estado; você é técnico e você é cidadão. E então a dificuldade. E o que me marcou na palestra com João Bosco foi ele falar de extensão, desde o pequeno agricultor, e de educação popular. E aí alguém falou: “Oh, João Bosco, isso aí é utopia! A gente está trabalhando num lugar que não dá dinheiro para trabalhar com excluído, com pobre”. E ele respondeu: “Oh! Quando eu era garoto, eu trabalhava o dia inteiro na roça, e de

noite, quando acabava o trabalho, eu pegava a bicicleta e andava uns 4 ou 5 km para encontrar com a Elza, minha namorada”. Por que você acha que eu fazia isso?” E aí responderam: “Você devia gostar muito dela”. Então vou te falar uma coisa: “Extensão rural voltada para a libertação vai ser assim a sua vida toda. Você vai sempre remar contra o sistema. Vai andar dez passos; vai voltar oito. Vai receber os piores recursos. Então, é uma definição que você tem que ter, se você vai trabalhar com isso é bom saber...” Então foi um momento que eu falei... “Bom, caiu um pouco o peso, porque eu já sabia a natureza do trabalho”.

E aí, de 80 para cá a gente vem descobrindo. Porque você está com isso dentro do Estado e dentro do Estado são poucas pessoas, e é preciso ir atrás. Então, surge um espaço e aparece a capoeira, você vai atrás da capoeira. Surge a Somaterapia do Roberto Freire, você vai atrás. Aí surgiu um dia uma demanda para trabalhar com conflito. E aí eu falei: “Oh! Se eu vou trabalhar com conflito eu quero me preparar”. E aí fui fazer psicodrama pedagógico. E assim o Estado te dá a oportunidade de você ir trazendo a sua vocação.

E aí vão vindo desse lugar da profissão as angústias: “Será que aquilo ali você consegue, aquilo? Mas, você está falando de libertação e ainda não está livre, mas como é isso? Você está falando de participação, mas, como eu sou? Eu sou participativo?” E aí a preocupação volta para mim.

Então um momento importante foi esse também, que eu descobri que eu não tenho que salvar o agricultor. Eu só tenho que fazer meu papel de educador com os elementos que eu tenho, e mostrar, e ele se salvar. E o trabalho social e a libertação não é um ponto de chegada. Ele é um ponto de todo momento. Quer dizer o trabalho como educador libertador você faz trinta vezes e não dá certo, mas, naquela reunião que você está ali, ele é o ponto. Quer dizer, não tem fim. Não existe uma pessoa completamente livre. Aí caiu a ficha que o processo de libertação é todo dia. Aí depois vem para a religiosidade, em que o Zen diz: “Não existe a iluminação em si. É todo dia. Você vai acordar de novo e de novo...”

Uma coisa vem de Paulo Freire: “como é que eu posso ser sindicalista, marxista e amoroso?” E aí é quando ele fala da questão de Cristo e de Marx, dos dois. E aí, são coisas que vão se resolvendo. Então quer dizer que não precisa ser só uma coisa, né? (IVAMNEY LIMA, entrevista janeiro de 2016)

Em 1995 Ivamney presta o mestrado no Programa de Engenharia Agrícola na Universidade Federal Fluminense, com a questão “O que é a ação participativa no PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar”. Segundo ele, não importava a universidade ou o programa que frequentaria, e o seu objeto de pesquisa era a ação participativa, porque este era um questionamento seu na vida e na atuação no trabalho. Ele vivia a angústia de falar de ação participativa e não compreender exatamente o que ela era. Peregrinou em alguns programas, conversou com alguns professores, até que um professor da pedagogia aceitou orientá-lo na questão epistemológica da dissertação.

Aí eu vejo como as pessoas vão passando pela vida da gente e vão nos mudando. Esse professor foi outro. Ele se chama Silvio Gamboa e trabalhava com epistemologia da educação. Aí eu fui conversar com ele; disse para ele que eu já tinha conversado com vários professores, e achava que a sua disciplina era fundamental para minha tese na Engenharia Agrícola. E falei: “olha não sei se vou conseguir, porque estou vindo da veterinária e eu não sei se eu vou saber lidar com isso, esse negócio de epistemologia, educação”. Aí ele respondeu: “Pô cara! Eu é que vou saber se você vai conseguir?! Faça a matrícula, tente, e se você não conseguir, tranque a matrícula.”

Todos os outros colocaram um monte de poréns, perguntando se eu já tinha lido isso ou aquilo, e ele foi diferente. Ele mostrou a coerência de um dialético. E aí fiz essa disciplina. E esse professor falou uma coisa interessante. Um dos gurus dele era teólogo e ele era marxista. E ele falava que tinha jeito de si dar bem com isso, apesar dele ser materialista. E ele dizia uma coisa, que depois eu vi isso no hinduísmo, na questão dos chakras. Mas, ele disse: “Quando uma pessoa tem o aparelho pensante alinhado, ele não tem crise.” E foi outra coisa legal para mim. Porque, você tem uma visão de mundo que te dá uma forma para entender o mundo. Que te dá uma teoria para você colocar em prática, que te dá um método, que te dá uma coleta de material, uma pesquisa. Então se você vê o mundo de um jeito, pensa desse jeito e faz sua coleta desse mesmo jeito. Então você não entra em crise. Mas, se você tem uma visão de mundo positivista, mas tem uma coleta dialética então você vai entrar em crise. Porque você vai chegar lá e a professora vai dizer: “Ah! Assim não pode!” Então, quando ele falou aquilo, me alinhou totalmente com a questão dos chakras. Quer dizer, o conhecimento não está separado da religiosidade. É quando você tem uma pessoa mesmo materialista, mas que tem um pensamento alinhado. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016)

É na profissão de extensionista, técnico veterinário, educador popular que Ivamney vê suas questões interiores sendo respondidas. E mais, é no exercício da profissão que as suas questões são suscitadas. É aí também é que ele percebe a espiritualidade, não enquanto uma prática separada da atuação no mundo, mas, ao contrário, como algo interior que complementa uma ação integrada com o outro e, conseqüentemente, consigo próprio. Ele começa a viver a descoberta do alinhamento entre conhecimento e espiritualidade, ou religiosidade, quando da percepção delas na pesquisa profissional, e vice-versa.

Estuda o Psicodrama, Capoeira Angola, Teatro do Oprimido, Somaterapia, investigando o estado ampliado de consciência, e aplicando isso no trabalho na CATI. Esteve envolvido ainda com o Partido Comunista do Brasil, como ativista e militante político, junto às causas sindicais vividas pelos técnicos veterinários e extensionistas.

Quando a pergunta é sobre um momento de seu despertar, de sua “conversão”, Ivamney é pontual. Além de tudo o que viveu e descobriu na profissão, o que o tocou e o direcionou para uma busca mais profunda foi o momento em que parou com a bebida alcoólica.

Tenho um momento também. Que, como é essa busca sua? E nessa busca eu fui para a bebida. A bebida, eu vejo assim: é o primeiro momento em que a pessoa sensível quer sair desse mundo. Quer dizer, ela vai buscar um outro estado, para poder... Mas, chega um momento que estava difícil para mim sair daquilo ali também. Então, para mim, foi aí o meu primeiro momento de conversão, foi quando eu não conseguia parar com essa coisa da bebida.

Quer dizer, eu cheguei no alcoolismo mesmo. Percebi que eu tinha um problema com isso. Eu lembro que eu cheguei um dia, e fazia tudo para parar, e era uma compulsão. E um dia eu cheguei em casa derrotado. Eu olhava para minha mulher, meu filho pequeno, e eu falava pra mim: “Pô cara não dá não!” E aí entrei no quarto, me tranquei e falei: “Meu Deus! Eu não tenho condições de resolver esse negócio. Sozinho eu não consigo. É só você!” E foi um desespero tão grande, num momento autêntico, que dali para cá eu nunca mais bebi. (...)

O processo pode vir na vida. Aí eu percebi que a mudança acontece num momento. Eu percebi que em alguns momentos dialeticamente, você deixou de ser uma coisa e passou a ser outra coisa. Quer dizer, você não deixou de ser uma coisa, você continua a ser Ivamney. Mas dali para frente mudou a página. Por exemplo, um dia na Extensão me caiu uma ficha. “Olha, você enquanto extensionista, enquanto educador não precisa levar a sua pessoa a lugar nenhum. Você só precisa fazer bem e ser autêntico no seu trabalho. Então, é um peso muito grande você querer mudar o mundo. Não! Você só precisa estar preparado para mostrar a possibilidade”. (IVAMNEY LIMA, entrevista janeiro de 2016)

E é com o fim do alcoolismo e com a porta que se fecha ao decidir não mais beber que se abre um novo momento de busca. Era preciso preencher o espaço deixado pela bebida. E era preciso algo que guiasse, que norteasse a vida com um sentido. É assim que ele encontra o Zen pela primeira vez, no Templo Zen Budista, na praça da Liberdade em São Paulo em 1993. É neste período também que ele conhece o professor Moriyama Roshi, que vai ser uma referência e uma fonte de palavras e práticas. Em 1994 Ivamney recebe formalmente os preceitos do Budismo Zen. No ano 2000 ele é convidado para auxiliar na criação da Associação Zen em Campinas. Neste ano também entra em contato com textos e livros do Osho, que vão abrir o leque de percepção da vida. Em 2002 ele deixa o Budismo e vai estudar a linha Advaita do Hinduísmo. E então ele se alinha com a linhagem hindu de Bhagavan Sri Râmâna Mahârshi, sucedido por Nisargadatta Maharaji e Mooji.

Na época que eu parei de beber eu comecei a procurar outras formas de estar no mundo e... “Pô! Tem que ter alguma coisa, né?” Tem um mestre inglês advaita moderno que perguntaram para ele: “Qual é a diferença deste estado que você está e do estado alterado de consciência com as drogas?” E ele respondeu: “Não sei! Nunca usei drogas”. Mas, aí ele foi experimentar cocaína. E aí ele falou: “O estado é meio parecido. Só que o estado natural da consciência é melhor. Porque o estado alterado você está ali no sinal parado, no trânsito e você está ali em êxtase. Mas, você não sabe o que está acontecendo. E no estado natural não... é uma coisa mais. Então, começa a deixar de ser uma fuga e passa a ser uma busca”. Quer dizer, na verdade a gente muda o nome, mas já era. Quer dizer, o meio é um, mas você já está buscando a felicidade. Você já está buscando a sua essência. Então, essa questão de droga... droga pode ser tudo, quando você começa a comer, a comprar compulsivamente... tudo é droga, e ela está tentando. Então, foi aí que eu comecei a perguntar como chegar neste estado, e você conseguir estar isolado desse sistema. E o Zen começou, porque um dia eu vi uma propaganda de um templo Zen lá em São Paulo. Era de um retiro lá na colônia dos japoneses. Eu fui meditar ali, e quando eu sentei na sala de meditação e eu vi aquele ambiente, aquele lugar, a impressão foi que eu sempre estive naquilo. Aí eu pensei que aquele processo já me era familiar. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016)

Ivamney começou a acompanhar por meio de textos, áudios, vídeos a linhagem de Râmâna Maharshi. Ele viaja para a Índia em 2011, para se aproximar mais à linhagem. E então acontece um evento crucial. Um dessas situações que fazem com que acreditemos na força e algo maior do que nós. A busca e o encontro com um mestre, um guru, uma referência de realização em um Deus vivo.

Eu cheguei a ir à Índia. Mas, fui não mais buscando... Fui mais buscando uma pessoa viva que já tinha realizado isso... Fui buscando o Nisargadatta Maharaji, e a linhagem do Ramana Maharshi. Então estive lá nesse espaço em que ele viveu, em que ele dava satsang, e em que ele recebia gente do mundo todo. Uma casa que não tinha banheiro, e tinha banheiro público do outro lado da rua. Ele fumava um cigarro de palha, e ele vendia cigarro... Tem vários jeitos de guru, né? E o jeito dele era aquele. Então, eu estive em Mumbai. Estive num grupo de devotos dele lá, bem velhinhos. Depois estive lá em Arunachala, a montanha de Shiva, buscando o Râmana Maharshi. E o Mooji finalmente...

Eu buscava essa linhagem do Nisargadatta, e fui para Índia em busca dele. Aí um amigo meu que estava lá disse: “Oh, o Mooji está aí dando satsang?” E eu pensei: “Ah! Mas não quero o Mooji, quero o Nisargadatta”. Aí, depois, recebendo uns amigos em casa para participar do satsang do Mooji foi que percebi que a linhagem que ele vinha era a mesma linhagem do Nisargadatta e do Râmana. Então, quando eu ouço ele dizendo: “Jay Nisargadatta, Jay Râmana!” eu vi que ele vinha do mesmo lugar. Aí que eu percebi que ele tinha me chamado lá na Índia quando eu estava lá.

E é interessante perceber que os dois lados do advaita é o lado zen. Aquele lado, não é isso, não é isso, não é isso. E o lado da grande amorosidade que é o amor da Amma, aquela Amma do abraço. E é aquela coisa integrada. Porque cada mestre tem sua a diferença, tem a sua história de vida, que está ali. Quer dizer, os lugares que ele passou também está ali, né? Aí eu fiz isso lá em casa: receber as pessoas. Pois tinha algumas pessoas lá. Depois tinha dez pessoas do Brasil inteiro querendo fazer isso, reunir pessoas para participar de um satsang. Ei eu fico vendo essa questão da existência, e essas teorias quando a existência está te mostrando. Aí em 2014 eu pensei: “não, deixa eu ir lá”.

Para ir lá, é preciso se inscrever; fazer cadastro naqueles programas de karma-yoga. Aí fui para passar dez dias e ver um ou dois satsangs. Ver um num domingo e o outro no outro. Já estava bom. E eu ficava na pousada em silêncio. Aí, conversando com o pessoal do ashram, conseguiram um lugar pra mim no programa. O pessoal foi falando: “Ah! Mas, como você vai fazer para participar do programa; não está ficando no ashram, está longe?!” Aí eu disse: “não, não tem problema! Eu venho a pé. E eu ia a pé, fazendo os 6km todo dia, e voltava de carona à noite. E todo dia que eu ia eu chegava lá e encontrava com ele. E tinha os encontros pessoais. E ele dizia: “Hê! Brasil!” Estive em dois satsangs fortes assim.

No doutorado você tem aquelas questões básicas, né? Lá também. E foram satsangs espontâneos assim.... Então aquela semana todo dia eu chegava lá... e é um lugar também que tem uma outra relação. Que na verdade o mundo pode ser de outro jeito. Aí, olhando, a gente vê que tem essa possibilidade, que tem essa energia amorosa. Eu penso assim, em termos de educação e de espiritualidade. Existem os professores e existem os mestres. Os professores ensinam as teorias, eles ensinam e passam. Os mestres você não consegue aprender, ele não ensina. Os mestres tem uma química, mais do que... tem uma essência. Estar perto de uma pessoa que realizou aquilo que ela fez... Quer dizer, essa pessoa está falando disso mas ela chegou lá. Ela está falando da paz, mas, ela é a paz! Paulo Freire, por exemplo, está falando de amorosidade, mas ele era a amorosidade. E tem alguns lugares físicos na Terra que tem este aspecto de energia. Se você chega na Índia, tem os Himalaias, depois a montanha sagrada de Arunachala... A Índia tem alguns lugares.

Eu estive em Portugal, eu estive com o Mooji no Monte Sahaja. Ele tem uma comunidade lá. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016).

Vindo desde o seu envolvimento com ideologias e militâncias “de esquerda”, vemos que um questão central em toda a busca de Ivamney tem a ver não apenas com o aperfeiçoamento de si-mesmo, mas com a extensão de suas buscas de auto-aperfeiçoamento

com algo cujo sentido e cujo destinatário é o outro. A outra pessoa, o “meu outro”. Assim, a meditação não leva ao ensimesmamento, mas ao serviço. Uma palavra presente em seu depoimento e, como vimos e veremos, nos de outras pessoas de entre-lugares também.

Todo mundo tem uma geladeira com coisas dentro. Agora você tem que saber o que você vai escolher para servir os outros. O que é que eu tenho que ainda não está estragado e de que eu posso me servir para servir. Porque às vezes você tem alguma coisa que já não é mais. E as vezes tem só pão com queijo, e aí tem que servir pão com queijo. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016).

Ao longo desta caminhada toda Ivamney fala timidamente da sua experiência enquanto teoria emprestada e enquanto experiência íntima com Deus. Ou seja, aquilo em que ele crê, e o que pensa sobre a vida e a morte, e a sua forma de perceber e compreender a vida e o mundo. Para ele, Deus e nós somos um. A morte existe para o corpo físico e tem um fim quando acontece a morte da personalidade, do ego, ainda com o corpo físico vivo.

Você e Deus são um. E cada um tem uma forma de chegar. O Zen tem uma forma de chegar, o taoísta tem uma forma de chegar, o advaita tem outra forma de chegar. Até como Paulo Freire coloca, também dentro do cristianismo mesmo.

A morte em si para mim, não como crença, ou um pouco como crença e um pouco como fé. Para mim a fé vai além da crença, vai além do que você percebe. Então, para o zen e para o advaita hinduísta, e até para o cristianismo, a morte não existe. A morte física existe, mas a morte não existe. Se você morrer antes da morte física, a eternidade está garantida. A minha crença na morte é a morte deste corpo, desse passado velho, de tudo o que não sou eu enquanto essência. Em resumo é a morte do eu individual, onde eu possa vivenciar o meu eu coletivo que é minha essência. Então eu morrendo pro individual, para o ego. Então eu passo a viver para o mundo, para a essência.

Aí entra um pouco Paulo Freire: não existe o outro e eu, somos todos um. Então para mim, na minha crença, no advaita, no hinduísmo, no zen, isso se dá no espaço do silêncio. O método é o silêncio. E aí a gente vai se aproximando tanto que não se dá pra falar que é diferente. Para mim religiosidade e não-religiosidade passa a ser uma coisa só. O caminho passa a ser uma coisa só: o que é material e o que é espiritual.

Então, para mim, na minha busca, inclusive na vida profissional, é entender a si mesmo. Eu acho que quando a gente vai para o mestrado, a gente vai tentando resolver problema do agricultor, mas no fundo a busca é nossa. A busca por essa presença, por essa autenticidade do ser. E aí tudo bem, você pode voltar para o mundo e aí tudo bem. Você pode jogar com seu personagem, que é este e não tem outro. Tem um mestre zen americano que passou anos num mosteiro retirado para depois sair e dizer “Olha, eu passei vinte anos meditando para perceber que eu vou ser sempre essa lata velha. Só que agora eu sei disso.” Então, a existência te deu essa forma e é isso. Então o paraíso e a morte se dão quando a gente encontra nesse mundo o nosso lugar. E eu vejo isso aqui. A realização desse ser que sou eu. Você percebe que está esquentando. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016)

A experiência de Deus transforma sutilmente a forma de sentir a vida, e abre uma nova porta de questionamento para ele. Questionamento esse que está ainda em processo de

auto-investigação, e na prática tem a ver com o poder de escolha real e consciente do próximo passo na vida.

O advaita hindu é mais light que o zen. Você não precisa sentar, você vai e a coisa acontece. Eu estava dormindo, não tinha ninguém em casa e de repente eu abri os olhos e senti: “Deus é isso! Esse imenso vazio, esse imenso silêncio e essa paz profunda”. Aí pensei: “Ah! Então é isso é?!” Aí fechei os olhos e dormi de novo. Aí quando eu abri os olhos, quando eu saí e eu fui trabalhar o mundo estava diferente. A percepção de um mundo em que não existe mais nada, em que existe só o silêncio. E de lá para cá a percepção é que esse espaço está aí. E então, assim como o nariz, as costas e os olhos, eu nunca vou ver o divino. E ele está aí. E você não vai vê-lo, mas, ele está aí. E não interessa que você não veja com o olho; o que interessa é que ele está aí. É como se fosse a liberdade. Você já viu, já sentiu o gosto. Então, quando você entra na bagunça do ego, você já sabe que é bagunça, e aí sabe que precisa se retirar um pouco.

O conhecimento, tudo isso que a gente tem na vida... Mas, de qualquer maneira é preciso “marinar”. Então, mais do que integrar, acho que no silêncio descobrir aquilo que se torna você. Quer dizer, aquilo que você vivenciou, de Paulo Freire, do taoísmo, do Zen Aquilo que ficou. Eu acho que isso é estar marinando.

Eu sou uma pessoa procurando, ou quase chegando nesse lugar... com essa angústia de perceber qual é o meu lugar neste mundo. Eu acho que sou uma pessoa buscando relação, uma relação mais autêntica. Eu sou uma pessoa buscando uma alegria autêntica: a paz. Buscando uma relação com os filhos, como pai, como companheiro. Uma pessoa entrando na aposentadoria e buscando como eu vou caminhar daqui para frente. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016)

Ivamney está seguindo a filosofia e os fundamentos da linhagem advaita de Nisargadatta, hoje representada pelo Mooji em seu caminho. Ele conclui a entrevista falando do sentimento de unidade, de comunhão e do chamado interno que sente em estar a serviço, em oferecer o que tem ao outro, ao irmão.

Nós não somos muitos. Nós somos essa unidade, e o despertar é quando a gente percebe esse ponto do espelho.

Esses lugares, esses encontros, eles vão acontecendo. É o seu caminho natural; é o seu caminho. Hoje eu vejo que muito pouco a gente tem o que decidir sobre as coisas que a gente vai fazer. Essa integração, eu vejo que é muito pouco o que a gente tem para escolher. Mas, tem sempre muita coisa para atuar. Mesmo que a gente não faça as escolhas, sempre a gente tem uma escolha. E essa escolha, que vindo de lugares outros que não seja o nosso, ela passa a ser uma escolha difusa... Então ela é o que me dá a oportunidade de pensar. E é quando você realmente ainda não fez a escolha. Essa maré permite uma escolha que é natural. São mais ações que escolhas. (IVAMNEY LIMA, entrevista em janeiro de 2016)

Ivamney pisou em territórios não tão distantes fisicamente, Ladário, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro enquanto territórios familiares de primeiros passos, de construção da personalidade e estruturação do ego. Niterói, Vale do Ribeira, Campinas e São Paulo irão participar da construção do seu território profissional, acadêmico. O Vale do Ribeira, Paraná, Campinas, São Paulo, a Índia e Portugal irão oferecer pouso para encontros com os seus campos simbólicos. Territórios geográficos e de saberes e de sensibilidades para os seus

sentidos íntimos de percepção e florescimento de ser. Enfim, aquilo que chamo aqui de seu território de sentido devocional.

A narrativa de Ivamney sugere uma trajetória que embora não seja muito frequente, poderia ser próxima a de algumas outras pessoas “buscadoras” e “trajetorantes” de/em entre-lugares. Podemos reconhecer nele uma “dupla descoberta”, ou mesmo uma “dupla conversão”. A primeira é aquela que o leva de uma rotineira e “oficial” atividade profissional como veterinário e extensionista a uma prática ideológica e politicamente motivada.

Sabemos que a extensão agrária alguns extensionistas introduzida no Brasil através de acordos com o governo dos EUA e dentro das propostas, então em franco curso, da “revolução verde”. Ora, na época a que se refere Ivamney, vários extensionistas brasileiros começaram a se aproximar de grupos, de instituições e de movimentos próximos à educação popular. Paulo Freire foi chamado e depois de encontros com extensionistas “militantes” chegou a escrever mesmo um livro sobre as relações entre a educação popular e a extensão agrária. O livro: *Extensão Agrária e Comunicação* tornou-se uma pequena bíblia” para extensionistas e outros agrônomos que começavam a questionar fortemente não só a proposta da “revolução verde”, como as relações entre os profissionais de instituições como a CATI e os pequenos produtores rurais a quem se dirigia o seu trabalho.

Foi esta primeira adesão, ao lado de seu trabalho político em nome da contratação de extensionistas pelo Governo de São Paulo o que representou em sua vida uma primeira descoberta assumida de rumos d vida e de trabalho. A sua participação no Partido Comunista do Brasil é bem uma mostra de suas primeiras escolhas.

Sem abandonar a sua visão crítica da política e de sua profissão, Ivamney narra como viveu uma segunda e sinuosa busca de sentidos e de valores de vida. A aproximação com a religião e com espiritualidades, modos de vida e práticas pessoais e sociais abertas ao distante Oriente, representam uma outra vertente de suas buscas. Tal como em outras pessoas presentes nesse capítulo, a sua trajetória de buscas não o levou a um encontro único e definitivo. Ao contrário, até chegar ao zen budismo em que se encontra agora, ele peregrinou entre espaços e lugares de um mesmo território de sentido, entre tradições indianas (o hinduísmo) e japonesas (o zen) que ele acredita representarem a sua segunda e mais forte descoberta e conversão.

Ele reconhece aquele como um momento de ressignificação de sua vida. Aproximando-se da aposentadoria Ivamney questiona o que é que o caminho lhe pede e desafia. Sentindo que o serviço profissional e militante está se acabando, ele quer se aprofundar mais no caminho espiritual. Cita o mestre coreano Thich Nhat Hanh, proponente

de um budismo social, com intervenção prática na vida. Lembra ainda do *Zen Peacemakers*, linha e uma instituição internacional que possui também um cunho de atuação social. Depois de tantas buscas, eis um caminho que ele reconhece estar conhecendo e experimentando ainda. Em 2014, mesmo ano em que conheceu o *Zen Peacemakers*, foi a Portugal conhecer pessoalmente o Mooji. A inquietação de Ivamney agora está e m como servir; como atuar no mundo e em nome dos outros e da vida, em algo para além da profissão a que durante tantos anos serviu.



IVAMNEY LIMA. Fotos Ivamney clown, Grupo Zen em Campinas, Lima e Mooji, 2015

Acima fotos de Ivamney atuando como clown, uma das atividades que desenvolve em grupo de teatro para fins de intervenção social, junto ao grupo Zen de Campinas e junto ao Mooji. Tais fotos ilustram o caminho trilhado por Lima em busca do sentido, e do seu próprio caminho.

Algo que no caso de Ivamney está diretamente imbricado com sua caminhada profissional. O despertar para o poder de escolha; a angústia sobre como servir ao outro. Sobre como se aperfeiçoar em sua entrega profissional tornando-a mais do que uma profissão, uma vocação de vida assumida. O viver o despertar das questões pessoais surgindo em função dos passos e da relação com o trabalho e com as pessoas que se abrem como o território de seu valor e seu sentido profissional e devocional, nascendo de um só lugar: o questionamento e a busca interna para o servir. A procura, mais tarde, de uma filosofia como uma fonte externa que aporte referência aos momentos e aos movimentos. O encontro de um caminho uno a seguir, cuja busca provoca mudanças e ressignificações. E, tal como em outras pessoas já presentes aqui, ou que ainda irão trazer os seus depoimentos, de algum modo tudo está presente em uma pergunta: como servir ao outro? Ou o que tirar o que da geladeira para a comunhão com o outro.

Os territórios de sentido de Ivamney Lima, tais como os de Arthur Shaker, aparecem em dois momentos. Primeiro no âmbito familiar; depois na universidade e através da profissão. É ao percorrer os caminhos da profissão, mais do que na universidade, que os percursos do sentido também vão se construindo. É através da relação com o povo, com o pequeno agricultor, que reflete como em um espelho a sua angústia da vida, o que o leva a um consequente questionamento de um sentido de vida. É na CATI, no Vale do Ribeira, e, depois, em São Paulo, e na EMATER no Paraná, que a relação com os homens e com o meio vai construir um sistema de sentido para Ivamney Lima.

Este sistema de sentido está repleto de símbolos rurais, trazidos desde a infância, com um teor também político e, mais tarde, com as ferramentas de relacionamento, desdobrados no percurso da vida e da própria atuação profissional. Seu território se amplia e ele trilha os meandros de um caminho para dentro, e expansivo para fora no momento em que Ivamney deixa de lado a bebida alcoólica. É esse passo que abre espaço dentro de si e fora para simbolicamente encontrar outros universos simbólicos. O território de sentido devocional começa a apontar com mais clareza quando encontra o Budismo Zen, na Liberdade em São Paulo.

O passo que Arthur Shaker aprofundou em meio a pesquisas, estudos filosóficos e práticos durante dois anos, para só depois de mais um ano de pesquisa vivencial no exterior ele encontrar a porta de abertura para esse caminho do sentido, do coração, do para dentro, Ivamney Lima o trilha em um encontro aparentemente casual. Seu território devocional será desenvolvido na sua vida à medida que engloba o que aprende com o grupo Budista, na relação com a sua atuação profissional e, mais tarde, quando ele se lança num aprofundamento

deste próprio sentido. Ali, o sistema de sentido incorpora mais símbolos, fazendo interagirem outras tradições que ele conhece, como linhagem hindu Advaita.

Um sistema de sentido repleto, no início, de filosofia política, com momentos de um cunho ideológico comunista, junto com um ativismo popular em prol de uma educação popular e integral, o extensionismo rural, mais práticas zen, mais tradição advaita. Um pacote que delineia as regras das ações práticas no seu cotidiano (práticas do fazer), assim como tecem os valores, os princípios, as verdades a serem seguidas (éticas do agir), e que por si fundamentam, na medida em que se corroboram, em que funcionam e permitem o pertencimento a um grupo. E tudo constituindo um território de sentido que gera e consolida lógicas do pensar, como complexos conjuntos de saberes e significados que buscam compreender, interpretar e tornar difundidas partes ou o todo de uma realidade, em qualquer de seus planos, do mais pessoal ou social.

Assim, os territórios de sentidos de Ivamney buscam ser unificados, sendo construídos e constituídos com um agora único caminhar. As rupturas ou momentos de despertar, do perceber e do descobrir um algo se dá ao longo da própria trajetória, ou “travessia”, quando se descobre que o destino do caminho pode ser o próprio caminhar.

### **3.2. Território de sentido científico não profissional e território de sentido devocional profissional**

#### **3.2.1. Giridhari Das**

O encontro com Giridhari Das foi revelador para mim. Descobri-o por intermédio de uma amiga, que aparecerá aqui no “grupo 3”, quando da conversa sobre justamente este capítulo e sobre o Bhagavad-gita. Nessa conversa uma outra amiga lembrou: “Ah! Estive lá há algumas semanas, eles tem kirtan às 05:30 horas da manhã.”. Pensei: “Pronto! Vamos para os kirtans, e no mínimo conheço o Giridhari Das”. Saímos às três para o Paraíso dos Pândavas<sup>28</sup> às cinco horas da manhã. Chegando lá, noite alta ainda, com uma chuva fina, e encontramos o templo fechado e tudo quieto. Entre risos e conversas sobre o que fazer, decidimos voltar pra casa. Mas, eis que chegando no carro, cadê a chave do carro? Nada! Procurei nos bolsos da bolsa. Esvaziei a bolsa e nada. Rimos. “Krishna está brincando conosco”. “Ok Krishna! A gente vai esperar os kirtans, mas devolva a chave que a gente espera no carro”. Falei alto. E,

---

<sup>28</sup> Ong criada por Giridhari Das para compartilhar a vida em auto-realização em yoga, ou Consciência de Krishna, ao mesmo tempo em que realizando atividades de proteção ao meio ambiente e ajuda ao próximo.

não é que a chave apareceu?! Estava num bolso pequeno, quase nunca usado da bolsa. Kimos de novo. Entramos no carro e ficamos ali, meditando, cada uma na sua história até as seis e tanto, quando apareceram algumas pessoas indo em direção ao Templo. Seguimos então para o Templo. Seguiram-se vinte minutos de kirtan e vinte minutos de meditação no japa mala. E, então, aconteceu o primeiro encontro com o Giridhari Das. Uma conversa breve, pois, ele seguia cuidando dos 25 integrantes do grupo que estava no Paraíso dos Pândavas.

Em nossa conversa, apresentei a proposta da tese e do meu trabalho, e o convidei para uma entrevista. Ele, prático e objetivo, já possuía um texto pronto em que narrava a sua vida e comentava o caminho que o conduziu até Krishna. Disponibilizou-se a complementar o que faltava numa conversa por e-mail. Já ali mesmo enviou-me por e-mail o texto.

Acessando o arquivo, vi que Giridhari possui um largo material disponível na internet, incluindo um site com uma pequena biografia. Assim, a entrevista e o diálogo com Giridhari Das se deu entre uma conversa breve, conversas virtuais e a consulta em todo o seu material disponível nos seus três sites (<http://giridhari.com.br/>; [www.pandavas.org.br/](http://www.pandavas.org.br/); [www.3t.org.br/](http://www.3t.org.br/))

Giridhari Das (ou Gustavo Dauster) nasceu em Praga (na antiga Tchecoslováquia), em 6 de maio de 1969, onde morou até os 3 anos de idade. Filho de diplomata brasileiro em



**Giridhari Das, 2015.**

serviço no exterior, residiu em vários países diferentes. Aos três anos voltou para o Brasil, vivendo aqui por seis anos. Aos nove seguiu com a família para Londres, onde residiu por vários anos. Ali, recebeu a sua educação formal.

Fui educado nos detalhes básicos da cultura clássica, incluindo inúmeras visitas aos principais museus e galerias de arte do mundo, apreciando obras dos grandes artistas dos últimos séculos. Conheci várias cidades históricas e visitei inúmeras catedrais europeias, interessado somente na arquitetura. Também tive acesso a grandes obras literárias, música clássica, etc. Mas sobre vida espiritual e Deus... nada de positivo me foi transmitido. (GIRIDHARI DAS, 2013).

Com formação clássica e erudita, interessado e degustador de bebidas e comidas finas, desfrutou durante anos os prazeres dos confortos e das delícias de todo o requinte colocado à sua disposição. Já no início da juventude, no momento de escolher a profissão foi levado a se questionar sobre qual caminho tomar em sua vida. Nesse período ele já percebia que as profissões tradicionais, engenharias e medicina não atendiam exatamente ao que de verdade desejava, mas, ainda não compreendia qual caminho seguir. Giridhari diz que preferiu escolher então fazer dinheiro para buscar um alto padrão de vida.

Devo ter acumulado algum crédito em vidas anteriores, ajudado por algum *saam*, banhado em algum rio sagrado, ou pronunciado de alguma forma um nome de Deus, pois, mesmo que muito sutilmente, eu buscava entender a realidade e tentava enxergar qual a melhor forma de viver. Em minha adolescência, esta busca se manifestou pelo processo comum entre os jovens de avaliar qual a melhor carreira profissional. Imaginava algo do tipo “vou ser engenheiro”, aí observava, pensava, refletia e concluía que aquilo não me satisfaria de forma completa. Então pensava em outra coisa: médico, por exemplo. E após correr o processo todo novamente, eu concluía que isso também não era suficientemente satisfatório. E assim ficava pensando, analisando, projetando o futuro, mas nada parecia me satisfazer. (GIRIDHARI DAS, 2013).

Assim, residia em Londres, cursando a American School in London, quando ingressa em 1987 na Brown University para cursar Engenharia Química. Sentindo que a química não era algo motivante, decidi “que o melhor caminho seria simplesmente ganhar dinheiro, “tornando-me um executivo ou empresário,” deixando a universidade no ano seguinte. Com este foco, retornou ao Brasil, e com seus dezoito anos ingressou em 1989 na Universidade de Brasília, no curso de Economia. Dois anos depois, através de seu inglês fluente e com a bagagem herdada por ser filho de diplomata, conseguiu um trabalho com uma concessionária da Chevrolet que comercializava veículos para as embaixadas. O trabalho era, segundo ele, fácil, e oferecia uma estrutura confortável. Uma sala com secretária, um carro e tempo disponível. “Era tudo de bom para um rapaz de vinte anos: um escritório próprio, secretária e um carro da empresa (tudo bem que era um Chevettinho) com combustível pago! Esforço zero – esperava uma ligação desta ou daquela embaixada, via qual carro que queriam e fazia a venda! Moleza!” (GIRIDHARI, 2013).

Em 1991 ele deixou a UnB e dedicou-se ao trabalho profissional como executivo.

Krishna traçou-me um caminho fora dos padrões usuais. Quando foi-me oferecido um trabalho com um empresário enigmático conhecido de meu pai, não mais aguentando a chatice do curso de economia na UnB aproveitei para largar a faculdade. Como meu único interesse material naquela época era tentar ganhar um bom dinheiro, ao ter a oportunidade de tornar-me executivo sem terminar a faculdade, não hesitei.

Com o caminho profissional se fortalecendo como executivo, mesmo antes de terminar a graduação Giridhari deixou a UnB e o curso de Economia para ganhar dinheiro como executivo. Seguiu este padrão de vida quando recebeu um chamado inusitado no trabalho: dar assistência ao pessoal da Embaixada da Índia.

Um belo dia, recebi um pedido incomum: ir à oficina para dar assistência ao pessoal da Embaixada da Índia. Nunca antes, ou depois, recebi um pedido semelhante. Ao chegar à oficina, encontrei a pessoa que iria mudar minha vida: Sriman Mahavira Prabhu. Lá estava ele, trocando o pneu de uma Mercedes do embaixador. Não havia qualquer razão útil para minha presença lá, pois Mahavira falava português fluentemente, e trocar um pneu não é algo exatamente complexo. Mas foi assim que

Krishna organizou uma forma de derramar sobre mim sua misericórdia. Sou este pretexto da troca do pneu, Mahavira e eu estabelecemos uma profunda amizade logo no primeiro contato.

Krishna sabia que meu caso era grave, por isso enviou-me nada menos que um “grande herói” – tradução do nome Mahavira – para me salvar de minha vida mundana e ateísta. O caso era tão sério que Mahavira nem sequer pregou para mim. Em nossas conversas não falávamos sobre Krishna: ele apenas tornou-se meu amigo. Uma importante lição para todos aqueles que tentam ser missionários.

Quem conhece Mahavira Prabhu sabe que ele tem um coração gigante. É uma pessoa muito doce, carismática, humilde e amorosa. Em suma, é impossível não gostar dele. Discípulo de Srila Prabhupada, ingressou no movimento no início dos anos 70. Mahavira teve bastante contato com Srila Prabhupada, sendo inclusive presidente do Templo de Vrindavana, na época em que Prabhupada esteve por lá.

Mesmo nunca tendo viajado antes ao Brasil, Mahavira recebeu de Prabhupada a ordem de vir pregar no Brasil, auxiliando Srila Hridayananda Dasa Goswami Acharyadeva. Casou-se com Jaya Gouri Devi Dasi, uma brasileira também discípula de Srila Prabhupada. Em sua missão Mahavira foi uma potência: como braço direito de Acharyadeva, rodou o Brasil abrindo templos em várias regiões. Foi Mahavira Prabhu uma pessoa chave na abertura do primeiro templo de São Paulo, a BBT do Brasil, e a impressão da primeira versão da revista de *Volta ao Supremo* em português. Ele também foi um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento de Nova Gokula. Acho que não seria exagero dizer que milhares de pessoas se tornaram devotos de Krishna diretamente como resultado de seus esforços missionários. (GIRIDHARI DAS, 2013)

É assim, “ocasionalmente”, mas ao mesmo tempo de forma aparentemente inevitável, que Giridhari Das encontrou o caminho, como ele mesmo diz, da consciência Hare Krishna, encontrar numa oficina um dos maiores divulgadores do movimento Hare Krishna. Assim, em uma visita inusitada a uma oficina mecânica conheceu Sriman Mahavira Prabhu<sup>29</sup>, que é o porteiro da porta do caminho espiritual que Giridhari escolheu então seguir. Pouco depois conheceu Srila Hridayananda Das Goswami Acharyadeva, um dos principais líderes da ISKCON e um dos mais renomados discípulos de Swami Prabhupada. Srila Acharyadeva, que mais tarde se tornaria seu guru e constante fonte de inspiração a Giridhari, é um devoto americano que foi enviado por Srila Prabhupada para levar a consciência de Krishna a toda a América Latina na década de 70. Ele hoje tem milhares de discípulos ao redor do mundo, fala oito idiomas, é autor de vários livros e tem um doutorado de Sânscrito e Estudos Indianos da Universidade de Harvard.” Segundo Giridhari inúmeras foram as conversas até o momento em que sentiu ter o seu coração tocado e mergulhou nas leituras de tradição vaishnava vedanta.

---

<sup>29</sup> Líder espiritual, ou siksha-guru do movimento Hare Krishna. “Existem três tipos de gurus na linhagem Hare Krishna, diksha-guru, siksha-guru e vartma-pradarshaka-guru (também conhecido como partha-pradarshaka). Diksha é aquele que dá iniciação. Siksha é o que dá o conhecimento - a palavra “siksha” significa “instrução”. Vartma-pradarshaka é aquele que primeiro mostrou o caminho, que lhe introduziu ao processo. Uma mesma pessoa pode ser um, dois ou os três para você.” (GIRIDHARI DAS)

Pouco depois tive a oportunidade de indicar Mahavira para um posto em uma empresa de táxi aéreo recém-adquirida pelo empresário para quem eu trabalhava. Com isto, podíamos passar horas e mais horas juntos, conversando. Falávamos sobre tudo, mas ainda sim, Mahavira não pregava para mim abertamente.

Um belo dia, ele me disse que estava vindo a Brasília uma pessoa incrível, a qual eu tinha de conhecer. Um gênio de inteligência fora do comum, uma pessoa brilhante e maravilhosa – Srila Acharyadeva! Krishna lançava a jogada estratégica para dar um “xeque-mate” na minha ignorância e acabar com minha vida material. Lá fui eu então não somente para um *darshan*, mas para um almoço particular – Acharyadeva, Mahavira e eu – no templo de Brasília. Isto ocorreu no início da década de 90.

Algum tempo depois, um desejo ardente surgiu em meu coração, na forma de um chamado muito intenso para ler o *Gita* novamente. Algo difícil de explicar, mas é assim que me lembro da sensação. Eu resisti, esperando por um momento adequado, como se eu previsse que algo momentoso aconteceria. Foi quando uma das empresas com quem trabalhava convidou-me para trabalhar diretamente com eles, representando-os no Brasil. Era um emprego em que eu podia trabalhar em casa, o que me deu o tempo suficiente para devorar o *Gita*.

Nesta segunda leitura, tudo explodiu em meu coração. Foi como uma supernova de realização espiritual. Foi como ter as vendas dos meus olhos arrancadas em pleno sol a pique. Foi o equivalente cognitivo de ser atropelado por um trem.

Minha vida virou de cabeça para baixo. Percebi então o quanto eu estava na direção errada por ter ignorado Deus por toda a minha vida. Logo entendi que eu tinha de mudar meu estilo de vida, meu propósito, meus objetivos.

Meu lado cético não morreria tão cedo, mas a sede pela Verdade era profunda em mim. Com muito tempo livre graças a meu novo trabalho, eu passava de cinco a seis horas por dia lendo. Li todos os livros de Srila Prabhupada. Em seis meses, li o *Srimad-Bhagavatam* completo, de capa a capa e em seguida li o *Caitanya-caritamrta* completo. Depois, comecei a ler tudo novamente! Na quarta leitura do *Bhagavad-gita Como Ele É*, finalmente estava compreendo melhor o texto.

Com uma visão clara sobre o que era a vida, quem eu era, onde estava e aonde tinha que chegar, enfim comecei a trilhar o caminho da consciência de Krishna. Gradualmente mudei minha dieta, tornando-me vegetariano aos poucos. Famoso pela minha “picanha ao maçarico”, fui diminuindo o tamanho do animal: cortei a carne vermelha, depois o porco, depois o frango, depois o peixe e, por último, o ovo. Eu, que tinha meu barzinho de casa repleto de bebidas finas e caras, deixei tudo de lado e gradualmente parei de beber. E, mais importante, finalmente comecei a praticar a meditação mântica, *japa*. Resisti longamente à ideia de meditar e cantar os santos nomes de Deus, mas após ler os livros de Srila Prabhupada, não mais pude evitar esta exigência constante dos *gurus* e me rendi à prática. (GIRIDHARI DAS, 2013).

Giridhari Das recebeu sua primeira iniciação em 1996 de Srila Hridayananda Das Goswami Acharyadeva, recebendo sua segunda iniciação em 1998. Esta segunda iniciação representa um aprofundamento no caminho da consciência Krishna, em que o devoto assume responsabilidades para com o caminho. Em 2008 casou-se com Carana Renu, também adepta do caminho da consciência Krishna.

Pouco depois, em 1996, foi iniciado por Srila Acharyadeva. Após isso, nunca mais parei. Logo Krishna fez arranjos para me dar ainda mais liberdade, de forma que eu pudesse me engajar nos trabalhos missionários em tempo integral, o que faço até hoje.

Recebi a graça de Krishna e Srila Prabhupada, e adquiri o gosto superior da consciência de Krishna. Hoje sigo firme, como um entusiástico peregrino, na estrada de volta ao Lar, de volta ao Supremo. (GIRIDHARI DAS, 2013).

Embora não diretamente ligado ao universo acadêmico, ele concluiu os estudos em Economia em 1999 na Charter Oak State College, New Britain, Connecticut. Em 2003 recebeu o título de Bhakti-shastri, o estudo de quatro obras clássicas da consciência de Krishna: Bhagavad-gita, Sri Isopanisad, Upadesamrta, e O Néctar da Devoção.

Em 1998 Giridhari Das cria o Paraíso dos Pândavas, em 2006 funda a organização não governamental, ashram (local tranquilo e retirado na natureza para trabalho espiritual), com o objetivo de difundir o caminho da consciência Krishna, oferecendo retiros espirituais. Em 2013 abre as portas do lugar, também no estilo “yoga resort” para receber pessoas durante todo o ano, promovendo atividades de proteção ao meio ambiente ao lado de práticas espirituais.

O ashram tem cinco linhas de atuação que aspiram ser francamente interconectadas e interativas: 1. Programas de estímulo à consciência espiritual (yoga, aulas dos livros sagrados, retiros para autoconhecimento, outros); 2. Programas de proteção ao meio ambiente; 3. Programas de assistência social; 4. Programas de educação nutricional e ambiental; e 5. Projetos de agricultura orgânica e sustentável.

A ideia por trás disso é simples: acreditamos que não é eficaz apenas desenvolver estas importantes metas separadamente, pois estão intrinsecamente ligadas umas às outras. Falar em vida espiritual (ou religiosa) sem tomar os devidos cuidados com a ajuda ao próximo é algo reconhecidamente inaceitável. Igualmente contraditório é falar em vida espiritual e não ter cuidado com o meio ambiente e com a própria saúde. Por outro lado, ter cuidado com o meio ambiente e com o próximo, sem levar em consideração o aspecto espiritual é pouco coerente, pois a vida, ou consciência, não é material, como a própria ciência moderna nos mostra.

Os Pândavas eram os cinco irmãos da família imperial dessa época, filhos do imperador Pandu, que perfeitamente viveram esse ideal em suas vidas pessoais e na administração do império. A história de suas vidas ficou gravada no famoso épico Mahabharata, dentro do qual encontramos um dos maiores tesouros da sabedoria humana, o Bhagavad-gita.

É dessa forma que o Paraíso dos Pândavas deseja participar da mudança planetária em progresso: trabalhando em prol de um mundo habitado por pessoas espiritualmente maduras, que sabem cuidar de si mesmas, de seus irmãos e irmãs de todas as espécies, e também de seu planeta.

A ideia por trás disso é simples: acreditamos que não é eficaz apenas desenvolver estas importantes metas separadamente, pois estão intrinsecamente ligadas umas às outras. Falar em vida espiritual (ou religiosa) sem tomar os devidos cuidados com a ajuda ao próximo é algo reconhecidamente inaceitável. Igualmente contraditório é falar em vida espiritual e não ter cuidado com o meio ambiente e com a própria saúde. Por outro lado, ter cuidado com o meio ambiente e com o próximo, sem levar em consideração o aspecto espiritual é pouco coerente, pois a vida, ou consciência, não é material, como a própria ciência moderna nos mostra. (GIRIDHARI DAS, s.d. in Paraíso dos Pândavas).

O yoga resort e ashram está localizado na Chapada dos Veadeiros, no município de Alto Paraíso em Goiás. É um local realmente retirado, reservado e disponibiliza práticas diárias como o seva, o trabalho comunitário, meditações, kirtans (cânticos devocionais) e yoga.



GIRIDHARI DAS, Fotos Paraíso dos Pândavas, sem data.

Giridhari Das oferece ainda aulas semanais sobre a Bhagavad-gita, e alimenta sites e dois canais no Youtube com o material que produz no ashram. Disponibiliza um acervo significativo de conhecimento da tradição da autorrealização em yoga e Krishna-bhakti nos seus sites e canais, incluindo cursos, livros em áudio, livros em formato eletrônico e canal de frases no Instagram (<https://instagram.com/caminho3T>).

Criou o Método 3 T – manual prático para sua auto-realização ao longo do dia, todos os dias. O manual é uma organização de práticas da tradição védica. É 3 T, sendo o ‘t’ de transcendência, e 3 de três conjuntos de três ações básicas. No primeiro grupo estão: meditação mântica concentrada; cultivo do conhecimento, e alimentar-se de alimentos sagrados (ou oferecidos a Krishna). No segundo grupo estão as práticas da yoga: bhakti-yoga, jnana-yoga e karma-yoga. Yoga quer dizer caminho, ou seja caminho da devoção, caminho do conhecimento e caminho das ações ou comportamento. E no terceiro grupo Giridhari sistematiza o karma-yoga com mais cuidado. Ou seja, ele propõe um alinhamento das ações, das escolhas do agir com o objetivo da transcendência. Assim, a ação é feita para cumprir seu dever; a ação é feita totalmente no presente, sem apego; e a ação é feita como uma oferenda a Deus. Os três grupos de três ações constituem uma forma simples do buscador ir se alinhando com o caminho do que Giridhari chama de consciência Krishna, ou caminho espiritual. No Kit vem o manual, um japa mala e um pôster de Krishna.

Quando perguntei a Giridhari Das sobre em que ele crê, ou para onde irá após a morte, ou quem ele é. Recebi o link de uma de suas palestras no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=iQobg-TMMY4>) com o título “Depois da Morte”. Na vídeoaula ele explora o conceito de Karma a partir das escrituras sagradas védicas, como o Bhagavad-gita e o Uddhava-gita. O karma enquanto ação que gera uma reação.

Então, o que me prende ao karma? Você tem de fato um corpo externo, que chamo de o corpo da medicina, o corpo físico. Só que você tem outro corpo, que eu chamo de corpo sutil. E é um sutil da matéria, não é da transcendência, que não é palpável, é da matéria mesmo. Faz parte do mundo material, só que a um nível mais sutil, que não é tão perceptível no laboratório. Normalmente você não consegue muito perceber esse mundo sutil, mas faz parte do mundo material. Então, esse corpo sutil, que os espíritas chamam de perísprito. Então esse corpo sutil prende o verdadeiro você, que é a alma. Você, o eu eterno, que você quer realizar através da vida espiritual, da autorrealização. Quando a gente fala da autorrealização a gente está falando de você descobrir esse verdadeiro eu, não o corpo sutil. O corpo sutil é a forma mental do seu corpo. Ele também vai se adaptando com a sua idade, com a sua história. Esse corpo sutil é como a mente, com a identidade que você cria, mas não é a alma. A alma continua depois da morte. Então, como você continua com o karma? Muito simples, transmigrando de um corpo para outro.

Então, tem a transmigração, e o karma de outra vida pode frutificar centenas de vidas depois. A gente nunca sabe quando vai frutificar o karma. Tudo que está acontecendo na sua vida material é karma. Tudo o que você está vivendo, seu cabelo, seu corpo, seu marido, sua presidenta. Tudo isso, tudo tudo, tudo são seus karmas. E tem coisas boas né, um casamento maravilhoso, filhos maravilhosos, ganhar na mega-sena. A oportunidade de estar aqui no Paraíso dos Pândavas é karma também. A gente tem a ideia de que karma é coisa ruim, mas, não. Karma é ação, tem karma bom também.

E é interessante também, que tudo isso dos karmas, dos corpos vem da cultura védica. Nessa cultura original realmente a transmigração da alma não é restrita a vida humana. De fato, toda a entidade viva é uma alminha. Vida é sintoma da alma. Fica bem racional se pensarmos assim. Vida é sintoma da alma, não importa, ah! É

uma vida insignificante... uma bacteriazinha, não importa! É Vida. E vida voce nao faz juntando químicos num laboratório. Tem gente que diz que vai criar a vida no laboratório, mas não faz né?! A alma é que dá a vida. Se entrar uma alma aí vai ter vida, mas se não, não vai ter vida. Então, assim, o fluxo da transmigração não é restrita a conceitos artificiais externos. Ela é livre e segue a necessidade da alma. Por isso que eles falam do *samsara*, roda de nascimentos e mortes. Uma hora você nasce e tem uma vidinha baixa insignificante, sem importância, outra você é um semi-deus todo poderoso, importante, outra você é um porquinho e outra uma barata.

O objetivo maior do yoga, do caminho espiritual é interromper o ciclo de *samsara*, de nascimento e mortes. O objetivo do yoga é você não voltar a nascer, é você ter seu encontro com o pai. É você ir para o mundo transcendental, ir para o seu lugar original, voltar ao supremo e você nunca mais nascer e ter uma vida de bem aventurança ao lado de Deus. Então, é esse o objetivo maior. E para isso você precisa seguir o caminho espiritual, para isso você precisa seguir o caminho da autorrealização, ter uma vida de devoção e todos os caminhos do yoga. Os outros destinos todos são destinos do mundo material.

Há de fato regiões do universo que são maravilhosos, que vivem seres celestiais, seres maravilhosos. Existem também outros lugares, que não são muito legais também. Então, diga-se que quem acumula um bom karma... quem não era do yoga, que não era espiritualista... o povo buscava acumular bom karma... Era essa a prática, a religião do povo... você acumulava mérito kármico para nascer num lugar celestial desse. Aí nessa cultura explica que o prazer, que é material, ainda é o mundo material, que o prazer é tão superior a vida humana, que diz ser dez vezes superior ao prazer da vida terrestre. Mas, esses mundos são humanos e depois você precisa nascer de novo, você cai de novo. Então, você vai e volta, você pode usar sua vida humana buscando a sua autorrealização, que é infinitamente superior aos prazeres e você vai e fica, não volta. E outra opção é ficar por aqui mesmo. Morrer e nascer aqui mesmo como humano. (GIRIDHARI DAS, 2015)

Ele comenta ainda sobre os desvios da alma entre a morte e o nascimento. Fala do inferno, que são campos de sofrimento. Segundo ele, os maus karmas, ou más ações, levam a alma para lugares de sofrimento. Ele dá o exemplo de pessoas que queimam ou fervem animais vivos. Essas pessoas são levadas a experimentar a sensação física de serem queimadas no fogo ou na água quente. Assim, a alma pode registrar. Pode ter o registro de que tal comportamento é doloroso e que fere. Assim, cada pessoa é inteiramente responsável por suas atitudes, pensamentos palavras e ações. Então, você decide não só o seu futuro, mas, o seu presente, o que você vai viver e experimentar. Tudo, absolutamente tudo o que você vive é uma reverberação das suas escolhas.

A sua vida, você constrói. Você vai determinar se você vai ser feliz ou infeliz. E o destino é um cardápio e você escolhe o que você quer. Eu quero ir para o reino celestial viver com Thor. Não, eu quero me libertar. Quero voltar ao lar, quero encontrar com Deus. São suas escolhas, o poder é seu. Se você diz, ah! Não estou nem aí?! Aí dá nisso. Ok. Você tinha o poder e optou por não exercer o poder. O resultado não é bom. Em geral você vai ficar confuso, sofrer. E o que dizer.., Deus sabe onde você vai nascer, porque você não está assumindo o volante. E é aqui e agora. Você tem o poder, pegue as rédeas da vida. Por isso que tem muito a meditação, venha para o presente e assuma o controle da sua mente, do seu corpo, da sua qualidade de vida, da sua dieta. Assuma o controle mesmo. Fique consciente comece a ficar consciente, e o que você está desejando. O que você deseja é o que vai definir a sua realidade e o que você vive e experimenta. O seu poder desejo é o

seu maior poder. Depois a mentalidade, qual a sua mentalidade? Mentalidade mesquinha, invejosa, de preguiça. Ou você está numa mentalidade de amor, de compaixão, de cooperação. ?! O que você pensa define a sua realidade e o que você atrai para você. (GIRIDHARI DAS, 2015)

Giridhari Das parece estar totalmente imerso na tradição Hare Krishna e na cultura védica. Suas vidas, a profissional, a devocional e a familiar estão unidas numa só trilha, alinhadas ao que ele chama de caminho do yoga, ou caminho espiritual.

Sobre a Índia Giridhari diz ter estado lá três vezes, mas, que o seu trabalho está em justamente difundir o caminho da consciência Krishna no ocidente.

Parece que meu caminho não passa muito pela Índia no sentido geográfico. Já estive lá três vezes. Mas “campo de atividade” é mesmo o Ocidente. Já tenho acesso a tudo de bom da tradição da Índia. Estamos justamente vivendo o momento de levar esta caminho de Krishna ao mundo, para fora da Índia, inserindo-o na cultura ocidental mundial. Esse é nosso trabalho. (GIRIDHARI DAS, entrevista em janeiro de 2016).

Como territórios de vida, Giridhari Das trafega entre lugares e vínculos como a Tchecoslováquia, essencialmente pelo seu nascimento e os Estados Unidos da América, Brasília e Alto Paraíso. São essencialmente esses os lugares que constroem a geografia espacial de seu território de sentido, embora tenha contato com a filosofia védica e estar totalmente mergulhado no universo do movimento Hare Krishna. Assim, é em Alto Paraíso, e mais especificamente, no Paraíso dos Pândavas que ele reconhece possuir as suas raízes plantadas. É perceptível logo no primeiro momento o cuidado, o sentido de serviço que ele presta com a sua Ong. A presença de Krishna parece manifestar-se em seu olhar e nas situações mais singelas, como a que narrei no início deste texto. Seu território de sentido é ancorado em Alto Paraíso, mas, construído semanticamente a partir de laços e encontros literalmente entre fronteiras.

O território de sentido de Giridhari Das é estruturado num primeiro universo internacional e europeu, diria que intelectualmente clássico. O território científico já se delinea desde cedo pela formação clássica. Mais tarde, a escolha da profissão, que não se firmou em um único curso ou mesmo em uma única universidade, realizou-se de maneira tradicional e também clássica, economia e diplomacia. Embora esse caminho não parecesse fazer realmente sentido para ele próprio, ele o seguiu como um protocolo convencional em meio a éticas de agir vindas do grupo familiar de onde vinha.

O território de sentido vai pouco a pouco ultrapassar o território familiar e as éticas do agir deste lugar-de-origens, quando na oficina mecânica ele conhece o amigo e mestre Sriman Mahavira Prabhu. Mahavira Prabhu será o chaveiro que mostra as possibilidades de outros

sentidos e símbolos. O território de sentido devocional desenha-se em Brasília, englobando símbolos de universos múltiplos como a Índia, e mesmo a Ásia e os EUA, lugares de fonte de novas origens para Giridhari. A Índia enquanto lugar físico aparece pouco em sua vida, não possuindo tanto espaço quanto os símbolos que de lá ele vivencia.

Tal característica da trajetória de vida de Giridhari é um exemplo de como os sentidos se vinculam nesse período da nossa história mais aos símbolos e a universos simbólicos, do que no contexto da terra geográfica em si. É um exemplo de como os sentidos e a construção de identidades acontecem entre formas variadas, ou seja, através de uma forma colocada pelo universo simbólico e pelo sistema de sentido de origem do indivíduo. É também enquanto um sistema de sentido pessoal, quando a pessoa ou se reconhece plenamente com participante de um sistema de sentido, ou quando tendo ela acesso a outros universos, tende a criar a sua própria tessitura, a sua própria colcha de retalhos simbólica. À medida em que tece o seu sistema e, nele, os seus sentidos, um “buscador” cria também um território de sentido no passo a passo de suas experiências, escolhas e tessituras. O território devocional ganha então o espaço da devoção e do sentido maior em Giridhari, e nesta perspectiva, torna-se também a sua profissão, vivida como vocação, como devoção.

Ouso dizer que Giridhari, assim como Shaker e Lima e mais os outros entrevistados que ainda irão comparecer neste capítulo, criam os seus territórios de sentido à medida em que ampliam os originais territórios de sentido familiares. Na medida que os questionam e. Não raro, rompem com eles, ou os corroboram, reinterpretam, incorporando a eles novos símbolos, valores, e sentidos. Se observarmos o território espacial é também assim que funciona.

### 3.2.2. Cecília Cabral



Cecília Cabral, 2015.

Conheci Cecília durante o curso de aura que fizemos juntas em maio de 2014 em autoconhecimento oferecido pelo Centro Holístico Piracanga. Criamos ali uma relação de irmandade e solidariedade a medida em que mergulhávamos nas nossas dores emocionais e resindicávamos nossa estrutura de relacionamentos. Piracanga. Depois fizemos juntas a Escola de Serviço, um programa de serviço<sup>30</sup>. Nesse período da Escola

<sup>30</sup> A Escola de Serviço oferecia um programa em que se intercalavam o serviço aos projetos de Piracanga, cozinha, escritório, permacultura, laboratório, sala das artes, etc, com um enfoque da cura e de aprender a olhar para dentro em qualquer lugar e situação.

de Serviço éramos um grupo de 10 pessoas compartilhando uma casa e degustando os desafios dos processos individuais compartilhando espaços. Criamos nesse grupo uma relação que se aproxima das teias familiares, mas, alcança também um outro sentido, uma linguagem de diálogo e compreensão que muitas vezes está para além do verbo. Cecília depois da experiência em Piracanga deixou toda a estrutura material e profissional que havia construído, o trabalho, o relacionamento afetivo, a casa e mesmo a forma de se relacionar com a família para entregar-se ao caminho do seu coração. Hoje trabalha com culinária vegan e vegetariana com o intuito de tornar mais acessível e ao paladar dos carnívoros uma dieta saudável.

Cecília nasceu em Niterói-RJ, em 14 de outubro de 1984. Filha de pais da área de comunicação, pai publicitário e mãe jornalista. Tem mais uma irmã e um irmão por parte de pai e uma tia-mãe presente. Cresceu em Niterói entre escolas privadas e o prédio em que morava. A tia foi aparentemente uma pessoa super-herói para Cecília. Era ela que cobria os gastos que surgiam e que o orçamento dos pais não cobria. O passeio na escola, a mesada, o dentista.

A presença dos tios ofereceu uma segurança que segundo ela trazia a sensação de que tudo é possível na vida. A família foi um berço de formação emocional e da personalidade e a tia oferecia uma estrutura emocional e uma imagem de um ideal de segurança financeira e emocional que naquele momento era o ideal de vida a seguir. O modelo de vida tradicional de um trabalho “seguro” e a festividade, diria mesmo o glamour do cinema e da TV.

Essa relação com minha tia... E eu tenho outros tios na família que tinham mais condições financeiras do que nossa família. Mas, é como se me dessem a sensação de que nada é impossível. Quando eu queria uma coisa, eu sabia que eu ia conseguir, porque eu tinha muitos meios de conseguir, não era só minha mãe e meu pai. Os tios, principalmente minha tia, aparecia... Eu recebo isso deles, do meu pai e da minha mãe, porque vinha deles, mas sem necessariamente passar diretamente por eles. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

A passagem pelo Centro Educacional de Niterói em 2003, uma escola alternativa que propunha atividades extracurriculares e oferecia espaço de inter-relação entre os alunos também foi um marco. Foi um momento em que fortaleceu que poderia conseguir qualquer coisa na vida, que poderia construir o que quisesse e mais, que a experiência do viver poderia ser estendido para além das fronteiras da família e da cidade e que as experiências diretas em lugares e com culturas diferentes traziam uma percepção diferente, trazia um amadurecimento não só intelectual, mas, emocional.

E aí era isso, dentro da minha história, sempre que eu queria fazer algo era possível. Eu conseguia. A escola que minha mãe sempre quis que eu estudasse, eu estava nela.

E aí eu estava super infeliz lá, era uma escola ruim, católica, não era boa. Aí repeteu de ano. E aí, fui para uma outra escola para ver o programa de supletivo. E minha mãe disse: “É para ver o supletivo, porque é muito cara e o dinheiro não vai dar”. Aí fui para ver o supletivo nessa outra. Mas, chegando lá a diretora disse: “Ah! Não, mas, acho que para você o supletivo não vale a pena. Vem estudar aí. O dinheiro... não. Acaba dando um jeito. A gente tenta um desconto.” E aí eu fui para o programa normal. E essa escola abriu as portas para muita coisa. Eu vi que o valor intrínseco das matérias era muito importante. Eu tinha aula de história, mas, as aulas era com teatro. A gente fazia teatro com a história. E o valor das relações e culturalmente também. Coisas que eu tinha em casa. Meu pai lia muito, ele é muito inteligente e as músicas. Ouvíamos músicas boas, Chico Buarque, Gal Costa, em casa e na escola antiga eu não tinha como me relacionar.

No Centro Educacional eu encontrei pessoas que tinham um universo parecido com o meu, tinham famílias parecidas, na forma de ver a política. E eu tenho a sensação de que tinham pensamentos mais livres, mais abertos, não tão identificados com a tradição católica cristã. Eu era um pouco diferente na escola antiga, o fato de ter irmãos só de pai, por exemplo. E nessa escola nova as coisas eram mais abertas. E eu me encontrei nessa escola, me encontrei nos amigos. E eu vejo nisso a vida me mostrando que era possível. Estudar numa escola que era muito cara para o meu padrão, mas, que ainda assim a vida me deu. E foi um momento que ampliou...

Aí eu vi também que era possível viajar, que eu podia ir conhecer outros países. E lá, eu via que todo mundo viajava. Mas, eram pessoas que não eram pessoas ricas, mas, pessoas que se organizavam para ter essa experiência como ganho de vida. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Cecília reside em Niterói-RJ até entrar para faculdade em 2004, quando muda-se para o Rio de Janeiro, para cursar comunicação na FACHA – Faculdades Integradas Hélio Alonso e passa a morar com a tia-madrinha. Escolhe estudar comunicação, inspirada pela tia e em busca de segurança financeira e emocional. Em 2010, quando termina a faculdade, começa uma saga em busca de estágios e trabalho nos canais de TV e cinema do Rio de Janeiro. Tendo algumas dificuldades pela falta do inglês decide ir para Inglaterra aprimorar as habilidades com uma língua estrangeira que fizesse um diferencial no mercado de trabalho. Assim, tranca a faculdade em 2008 parte para Inglaterra, na companhia de uma amiga, para uma experiência de seis meses.

E aí, eu me vi repetindo a história dos meus pais no trabalho. Porque eu segui o caminho da minha tia de trabalho. Ela trabalha com cinema. E aí eu pensei: “Não, eu adoro o cinema. Eu amo assistir filmes.” Ela me levava para os sets de filmagem e eu adorava ver aquilo. Adorava conhecer os artistas, conhecer o Didi Moco. E entrei nessa ilusão de que era um mundo que ia me trazer estabilidade. E tinham as festas. Adorava as festas. E aí fui.

Aí tem tudo a ver com minha tia. Eu entro para fazer faculdade, faço comunicação. Começo a conviver mais com ela, praticamente vivendo só com ela, porque a faculdade era no Rio e a casa dela se tornou minha casa.

E foi aí que eu percebi que eu queria estabilidade financeira, que era o que eu via na minha tia. Mas, eu não tinha essa força dentro de mim, eu não achava que eu era capaz. Eu fazia entrevistas para as grandes empresas, mas, eu não passava nas entrevistas. E eu vi que o que estava faltando era o curso de inglês. E aí eu fui, minha tia pegou um empréstimo para eu fazer uma viagem de seis meses e fazer uma imersão de inglês. E foi bem intenso, tive vários momentos de chorar. Foi a primeira vez que eu convivi comigo mesma. E me deu um desespero enorme em

vários momentos, porque eu não falava a língua do lugar. Mas, foi importante pela força interior, pela autoconfiança. E aí eu voltei forte para cumprir o objetivo que eu queria. E quando eu voltei consegui o estágio numa empresa que eu queria. Fiz estágio na Conspiração Filmes, uma das melhores produtoras de cinema. E fiquei um ano. Antes eu tinha feito um estágio numa produtora pequena e vi que queria algo maior, porque eu queria estabilidade financeira. E aí lá eu entendi que eu queria trabalhar com TV e cinema e o único jeito seria trabalhar ou no Tele Cine ou no Canal Brasil. Aí fiz o teste no Canal Brasil e passei para trabalhar no Canal Brasil. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Ela vivencia nesses seis meses, segundo ela, o primeiro contato consigo própria, sente ali pela primeira vez a solidão, o estar consigo, a dificuldade de se expressar, por estar num ambiente totalmente diferente com uma língua estranha. Desafiando, talvez pela primeira vez, os medos e o mundo desconhecido, Cecília descobre uma força interna por ter alcançado um objetivo auto proposto. Volta para o Brasil, retoma a faculdade, com inglês fluente e preparada para enfrentar a maratona de entrevistas. Ao retornar faz estágio na produtora de cinema Conspirações Filmes, quando percebe que quer trabalhar numa empresa maior que dê mais estrutura de trabalho. Estava então decidida a entrar para o mercado de uma grande empresa de cinema. Faz dois testes e entra para o Canal Brasil, um dos maiores canais de cinema do Rio de Janeiro, onde trabalha um ano como estagiária (2009), sendo contratada em 2010 como funcionária do setor de marketing. Faz MBA – Gestão Estratégica de Marketing na Fundação Getúlio Vargas (2011-2012) ainda totalmente envolvida com universo do cinema. Trabalha ali por cinco anos, dedicando-se e aprimorando-se enquanto profissional da área de marketing. Com um trabalho seguro, um relacionamento ou um namorado apaixonado, Cecília alcança todos os objetivos que te se proposto.

E ali foi o momento de glória, de conquistar tudo que eu achava que teria que conquistar. Tudo o que eu via nas pessoas e que eu achava que queria para mim. Tinha o namorado perfeito, o trabalho perfeito. (...) Eu trabalhava com marketing do canal de televisão, que era para divulgar o canal de TV. O canal tinha os produtos de filmes, DVD's de filmes e músicas, os programas. Eu falava com todos os festivais de filmes do Brasil. Tinha que estar em contato com a assessoria de imprensa que estava em contato com os jornais. Fazia campanhas publicitárias para divulgar.

Mas, eu estava infeliz e não sabia porquê. Aí primeiro acabei com o namoro, porque achei que a culpa era dele. Depois eu vi que essa estrutura não era para mim. E me envolvi numa confusão emocional no canal Brasil, de não se sentir valorizada, aí briga com o chefe e aí responde mal a não sei quem. E é uma guerra constante, uma exigência profissional, porque o trabalho é muito bom, não tem o que reclamar, mas, as relações são confusas. E eu já estava exausta dessas relações e não via, não conseguia fazer um movimento para procurar outro emprego. Porque, sei lá, a Globosat, foi a experiência que eu tive, que era uma empresa super boa de trabalhar, tinha uma aura um pouco mais leve que as outras, tinha um clima descontraído, trabalha com entretenimento. Aí eu olhava para as outros lugares e não tinha a menor vontade de estar. E não sabia o que fazer da vida.

O meu chefe era amigo de trabalho da minha tia e eu estava sempre provando alguma coisa. Provando que eu era boa. Eu não queria nem que ela me indicasse pra

nenhum trabalho. E tinha uma coisa, que eu queria conseguir as coisas pela minha força, pelo meu mérito. Eu queria provar que eu era Cecília Cabral e não a sobrinha da Gisela. Até de uma certa forma eu consegui pelo trabalho, mas, não pelas relações. Eu não tinha a manha de relação de trabalho. Eu não conseguia conversar com meu chefe de trabalho por exemplo porque eu era muito tímida e não conseguia criar uma relação de verdade. E aquilo me dava dor de cabeça. Eu cobrava que eu não tinha assunto com as pessoas, que eu era boba. E eu não tinha porque aquilo não era meu mundo. Tinha muito ego e pouca cooperação e eu não conseguia lidar com isso direto. Mas, eu não sabia o que era, para mim eu estava errada, eu era uma pessoa menos, uma pessoa boba.

E aí eu estava cansada de tudo isso e tirei férias. Aí tirei férias e fui para Piracanga porque eu queria viajar pela Bahia. Eu queria viajar pela Bahia e pela primeira vez eu ia viajar sozinha na minha vida, com 27 anos. E aí, fui comecei a procurar lugares. Fiquei sabendo de Piracanga. E pensei tá, então vou começar por um lugar espiritual, por esse lugar e vou procurar um curso porque podia ser que eu ficasse entediada. Aí escolhi um curso que estava dentro das possibilidades de férias. Eu tinha passado por uma decepção enorme no trabalho, porque uma promoção que seria minha não foi. E tinha acabado de fazer um aborto, com esse meu ex-namorado. A gente estava numa relação completamente desgastada e engravidar foi a gota d'água, tipo como a gente chegou nesse ponto se a gente nem se gosta mais. Ele dizia que gostava de mim e que eu estava maluca. Enfim, era uma confusão. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

E é percebendo que já tinha tudo o que queria e não era feliz, que a angústia das dificuldades dos relacionamentos no trabalho se aguçam de modo que brota uma nova procura, ou um novo desafio. Uma nova perspectiva de vida, ou a busca por um outro sentido de vida nasce justamente quando mesmo tendo conquistando tudo o que havia planejado e idealizado a angústia e a autoexigência continuavam presentes. Assim, aos 28 anos acontece o que seria uma ruptura com caminho que estava seguindo. O emprego perfeito, com o namorado apaixonado e grávida, criaram toda uma situação em que a imagem que tanto buscava estava se concretizando em sua vida, no entanto, as angústias e sufocamentos emocionais continuavam. Em 2014, Cecília decide tirar férias e ampliar os limites espaciais que estava acostumada. Se propõe um desafio. Viajar sozinha pela Bahia e experimentar o desconhecido, e ao mesmo tempo dar um tempo de toda a confusão em que estava mergulhada. A primeira parada: Piracanga, comunidade espiritual conhecida pelos cursos de Leitura de Aura.

Mas aí cheguei em Piracanga e o aura foi como uma abertura completa. Fiz o curso de aura e vi que não era um curso qualquer. Era o dia inteiro. Eu tinha uma coisa de dizer: Existe mais, você pode mais, você tem essa possibilidade. Como quando entrar no Centro Educacional e conhecer pessoas e perceber que a vida podia ser melhor do que só estar em Niterói. E tudo o que consegui na minha vida Piracanga foi muito maior. Eu só entendi na dinâmica do aura que eu não precisava fazer o que eu não estava com vontade de fazer. Trabalhar onde eu não estava com vontade de trabalhar. Conviver onde eu não estava com vontade de conviver. E que a vida podia ser muito mais do que o sistema está dizendo que é preciso fazer. Eu estava tentando me encaixar, que é trabalhar de segunda a sexta e ter um marido e uma família perfeita, e ter uma apartamento, e no caso do Rio de Janeiro um apartamento no Leblon. E ai, poxa! A vida pode ser mais que isso. E eu pensava:

cara! Eu não sei se eu sou capaz de viver mais do que isso, mas, se eu não estou reenz no trabalho eu não preciso estar lá. Cara, eu não preciso mais ir para o Canal Brasil e se eu não quiser ir para outro lugar eu não preciso. Eu não via isso. Para mim eu precisava ir trabalhar em outro lugar. E eu não sabia o que fazer com tanta informação, mas, eu já tinha tomado a decisão de não voltar para o Canal Brasil. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016 – grifos nossos).

Nesse período Cecília começa a revistar, a resignificar toda sua vida, resgatando suas escolhas, suas opções, compreendendo tudo o que estava construindo, com a carreira e o namorado perfeito e desconstruindo as ideias de uma criança que buscava segurança. Perceber que estava se prendendo em escolhas que já não faziam sentido e já não a ajudava a amadurecer enquanto pessoa e que poderia enfim simplesmente escolher fazer diferente.

Depois do aura, segue para a Chapada Diamantina para cumprir seu desafio, viajar sozinha. Passa 15 dias entre trilhas, cachoeiras e estadas na Vila do Capão e retorna para o Rio decidida a sair do emprego e retornar a Piracanga para um mergulho interior, para um trabalho de autoconhecimento. Ela volta dois meses depois para a ecovila onde viveu por três meses, inscrita num dos programas de imersão de trabalho interior, a Escola de Serviço. A busca espiritual nem tão nova, mas, a forma de autoconhecimento e as ferramentas que encontrou em Piracanga eram uma revolução para todo o sistema de símbolos e de crenças que possuía.

Eu sempre busquei espiritualidade. Já fui em Igreja Católica, porque estudei em colégio católico. Fui num lugar chamado Sahaj Yoga, que era mais parecido com Piracanga, que foi onde eu mais me identifiquei. E era algo assim, ah! Tem que meditar, então vou meditar. E sentava no sol e ficava 20 ou 30 minutos meditando. E isso me fazia bem. Eles falavam de chakra e tal, mas, eu não gravava, não registrava. Eu fazia porque eu gostava. Tinha a Guru deles que era a Sri Matadji. Eu já fui na Seicho no ie, espiritismo e estava indo na umbanda.

E esse foi o lugar que mais mexeu comigo. Eu estava muito mal, nessa fase final do Canal Brasil e tive uma crise de choro numa sessão de umbanda. Aí vieram os médiuns e me convidaram para entrar, disseram que eu era médium, que eu podia entrar para a umbanda e que eu podia entrar para aquele centro. E começaram a me ajudar com as minhas questões. Eu demorei seis meses para aceitar a entrar para o centro. E o que me fazia relutar era uma certa incoerência. Porque havia um trabalho espiritual durante as sessões, durante a banda, e fora de lá as conversas eram muito violentas. Havia muita violência, muita separação, muito preconceito. Para mim não era coerente. Eu cheguei a entrar, a receber algumas entidades, eu estava em desenvolvimento. Para mim era muito doido, porque cada gira era para uma linhagem, ficava uma pessoa do meu lado e ia me explicar e dizendo, agora é para Ogum, agora é para Oxum, Caboclo. E ela ia explicando, mas, era uma agonia muito forte porque ela queria que eu me conectasse com as energias e eu queria entender. E as vezes eu perdia o controle dos meus movimentos e aí eu estava recebendo essas energias né. A única que eu recebia que não tinha resistência era a do Preto Velho. Mas era uma coisa muito no escuro, não sabia o que era. Mas aquilo não fazia sentido, eu respeitava, mas não tinha muito sentido para mim.

Tudo o que encontrava e o que via nas pessoas agora era um universo totalmente novo. A disciplina com a meditação, e principalmente, a metodologia que ensinavam de como se relacionar com as próprias emoções e conseqüentemente com o outro foram o que mais tocaram Cecília. Vindo de uma história de frustração profissional e afetivo exatamente por tais dificuldades encontrar um caminho de cura era realmente encontrar um novo caminho na vida. E um caminho que fazia sentido, que convidava para a vida, que trazia desafios, ferramentas internas, métodos para lidar com tais desafios e agora uma segurança em descobrir a voz do coração e o poder de poder escolher seguir tal voz.

Cecília reside em Piracanga por 12 meses. Durante esse tempo foram seis meses de cursos, de mergulhos interiores. Um tempo de abertura e conexão com a criatividade. Fez o processo de viver de luz (14 dias em jejum).

Eu entrei num tempo parecido de quando você é criança. Eu entrei em êxtase. Eu não sei explicar direito. Foi como se eu estivesse ouvindo o Universo. Eu escrevi muita coisa, projetos, textos, roteiros. Eu acompanhava a natureza, as formigas. Tudo era novidade e eu ia observando cada passo. Observava os passarinhos. E aí eu vi como a vida é simples. E nesse processo eu desconstruí e retirei muitas camadas. Aí foi um re-start. Eu saí do processo querendo viver a vida, querendo conhecer o mundo. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Nesse período de um ano descobre-se na culinária. Participa de outro projeto da comunidade a Cozinha Alquimia. Uma cozinha com proposta terapêutica, em que o trabalho é um exercício para o mergulho no mundo interno e conseqüentemente o autoconhecimento. Os desafios fora eram convites para um aprendizado e fortalecimento do centro, do ser, tendo como proposta uma culinária vegana e integral, com um braço alimentação viva.

Eu fui desconstruindo a minha relação com a alimentação. Eu fui conhecendo um novo jeito de me alimentar, com a alimentação vegana. E eu deixei de ter prisão de ventre, gastrite. As manchas, manchas de sol e melasma, do meu rosto estavam sumindo. E fisicamente eu fui percebendo a melhora, e tendo mais disposição. E foi um momento que fui entrando em contato com minha escuridão, de chorar muito, muito muito, sem nem saber porque eu estava chorando. É, de querer preservar e compreender como era importante estar sozinha, o quanto era importante preservar minha individualidade, de como eu me misturava muito nas histórias dos outros e por isso eu não sabia exatamente o que eu queria para mim. Foi um momento de descoberta, de reconexão com minha força, de eu perceber que eu posso escolher, que eu posso direcionar o meu caminho. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Com esse projeto explora um universo novo, alimentação vegana. Algo que até a chegada em Piracanga era algo totalmente distante. E sensibiliza-se com o choque e a resistência que a maioria das pessoas dos grandes centros tem por não conhecerem a culinária.

Segundo ela, muita gente critica o sabor dos alimentos sem experimentar, sem conhecer. E partindo desse ponto decide voltar ao Rio de Janeiro e iniciar um projeto em que pudesse difundir a alimentação vegana e vegetariana de uma forma que fosse acessível e que tocasse as pessoas de alguma forma. Cria então em 2015 o IshaBurger, uma hamburgueria itinerante que comercializa hambúrgueres veganos. A ideia do hambúrguer vem por ser um alimento apreciável por qualquer paladar.

Qualquer pessoa gosta de hambúrguer. Todo mundo gosta de hambúrguer. E em cidades grandes então, que é um alimento fácil e que as pessoas procuram a qualquer momento, no almoço, no jantar, no lanche. É um alimento na mão e já faz parte dos hábitos das pessoas urbanas. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).



CABRAL, Cecília. Logomarca IshaBurger e Isha itinerante e grupo de Leitura de Aura. 2015.

Assim, investir numa hamburgueria que participa de festivais e eventos diversos, alcançando o público mais variado possível, apresentando um produto conhecido, mas, que traz uma proposta de uma alimentação mais saudável, orgânica e integral quanto possível foi a forma que ela encontrou de apresentar àqueles que nunca ouviram falar do veganismo e mais do que isso mostrar que é saboroso e que pode perfeitamente ser uma opção na alimentação cotidiana, que depende mesmo de uma escolha.

Eu estou na busca de descobrir quem eu sou. Na verdade ainda não sei. Eu tenho muita força de realização. Eu tenho a capacidade de construir, de movimentar e de influenciar pessoas. Eu quero levar essa força de transformação para a cidade. Foi para isso que voltei para o Rio de Janeiro. E agora estou com essa hamburgueria vegana, e de certa forma eu estou conseguindo cumprir com esse objetivo. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Hoje Cecília viaja com a hamburgueria, embora seu principal foco e mercado seja a cidade os festivais e feiras de Niterói e Rio de Janeiro. É um projeto novo, mas, que ela coloca o coração e acredita que possa veicular uma mensagem de transformação e mudança de hábitos alimentares. Continua frequentando Piracanga, sua fonte de alimento espiritual e de renovação de energias.

Estar num lugar de fronteira provoca em Cecília a crise do estranhando e da ausência momentânea de um lugar. Isso mostra como a fronteira, o entre-lugar pode ser uma chave para a transformação pessoal seja para qual lado ela for. A fronteira parece provocar uma angústia, uma inquietação, como algo que move o fronteiriço a buscar o seu outro-lugar; a construir um novo território, em geral um entre-territórios, como vimos até aqui. Um território físico, vivido em e entre redes fluidas e iterativas de relações.

É isso que acontece com Cecília. Ela embora resida na cidade do Rio de Janeiro e transite entre a cidade e a ecovila Piracanga, seu território de sentido de vida, suas relações tanto profissionais quanto afetivas permeiam lugares múltiplos e pouco se vinculam com um único espaço físico, ou mesmo com um único grupo social.

Estando na cidade, eu me sinto ainda no meio do caminho. Porque minhas relações construídas na cidade são de pessoas que não vivem a espiritualidade. E eu hoje sou a espiritualidade. Eu vivo a espiritualidade. E as vezes me sinto sozinha. Estou numa tentativa de equalizar, de não abandonar o que eu já construí e também não perder a conexão com o divino, de não perder isso na prática do dia a dia. E ao mesmo tempo eu sinto que faz parte da minha missão de alguma forma manter essas relações antigas e de alguma forma para elas o que vivi e tenho descoberto. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Hoje, talvez por ainda estar nesse entre-lugar, os movimentos são muitos, entre trânsito físico, dias entre Rio de Janeiro, Piracanga-Bahia e Alto Paraíso-Goiás, entre escolhas e atuações aqui e acolá. Entre fortalecimento de redes aqui, lá e mais além. É isto o que ela cria e fortalece como uma zona interfronteiriça de um universo simbólico vivido em comum com um grupo de pessoas. Mas também um universo constituinte de um sistema de sentido pessoal que amplia e inclui novos símbolos, e que por assim acontecer abre-se e se reconfigura e reestrutura também como um sempre fluido território de sentido.

É o que de forma diferentes traduzem algumas das pessoas que nos acompanham desde o capítulo anterior) e que eu acho que ocorre também em minha vida, como veremos no capítulo a seguir). O sentimento de que, depois de tantas buscas e andanças, “eu cheguei aqui e aqui é agora o meu lugar. Mas este meu lugar é fluido, e ele parece ser mais um barco do que uma casa. Assim, o 'meu lugar é este agora', mas poderá vier a ser um outro, mais adiante”.

Cecília fala da espiritualidade não como uma doutrina, não como uma prática isolada em sua vida, do tipo “eu medito todos os dias e pronto”. A espiritualidade em seu olhar neste momento é sua própria vida; é cada ação; é cada prática; cada intensão de prática, porque é uma escolha, porque ela vive a sua espiritualidade. “Porque eu sou a espiritualidade”.

Eu estou buscando o caminho espiritual. Por exemplo quando estou em Piracanga, eu fico presente, conectada e eu tenho uma busca de como manter essa conexão na cidade. Eu faço leitura de aura. E eu sei que é uma forma de me manter conectada. É uma forma de manter meu sexto chakra aberto, minha intuição. Na cidade a minha intensão ofereço leitura de aura para as pessoas, como uma ferramenta de ajudar as pessoas e me ajudar a manter essa conexão. A meditação do silêncio. E agora, estou me aproximando do Prem Baba. Para mim a devoção e o guru é uma novidade, que eu nunca tinha considerado para minha vida, mas, que eu tenho considerado muito auspicioso e de luz. Mas, é uma forma que eu vejo de me manter conectada e ter uma guiança pode me ajudar muito nos momentos em que eu me sinto perdida. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Esta intensão de viver o espírito na matéria, como espiritualidade, tanto movimenta o seu olhar, segundo a sua avaliação do que se passa com ela agora, que é a partir de todo o seu movimento de transformação que ela se sente despertada também para uma clareza do que é seu propósito de vida.

Em nossa conversa, o que percebo é que o propósito de sua vida não está atrelado a uma profissão ou a uma atuação específica, mas, é vivido como uma interação; como “um inspirar coletivo” que pode passar pela Leitura de Aura ou pela “hamburgueria”, ou mais tarde pela permacultura. O que a inspira e motiva é levar aos seus próximos, pensando muito nos amigos dos tempos antigos, nas pessoas com quem relaciona, uma forma de se conectar com

a vida de uma maneira respeitosa e amorosa indo desde as pessoas ao planeta. É, segundo sua auto-imagem, um assumir que somos nós os responsáveis pelo que vivemos e pelo que estamos criando no planeta. “Se o planeta está como está, é porque estamos poluindo, e estamos poluindo sem nem perceber”, diz ela. A consciência é ver, é observar as consequências dos meus atos e de como eu interajo com o mundo.

E agora estou nesse processo. Descobrir meu próprio caminho, descobrindo o que eu quero e o que eu não quero. Não faço parte a um grupo. Eu me conecto com diversas pessoas. Sinto que tem muita gente na cidade que tem uma abertura na cidade que está aberta para isso, para abertura da consciência, do papel do ser humano no mundo e de que a gente é responsável pelo que acontece. Existe um movimento muito grande em direção a essa consciência. E existem milhões de forma a chegar nessa consciência. Então, nesse momento eu vejo que estou quebrando muitos preconceitos meus para chegar nesses outros lugares. Eu vejo que existem muitas opções. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

#### Sobre a vida e a morte:

Quando a gente morrer eu acredito que exista a vida após a morte sim. Mas eu acho que eu vou para um plano astral, que é possível perceber que somos um. E dependendo dos karmas a gente volta para terra. Embora eu esteja transformando a forma como eu percebo tudo isso, porque eu sinto que a vida que a gente está tendo agora é única. Eu acho que a gente vem, mas de uma outra forma. Eu acho que o meu racional não consegue explicar. Mas acho sim que existe algo para além da morte. (CECÍLIA CABRAL, entrevista em janeiro de 2016).

Ao longo de sua vida, os seus territórios de sentido são, primeiro, o núcleo familiar até os 16 anos, quando entrou no Centro Educacional de Niterói. Ali ampliam-se as fronteiras dos seus sentidos, e novos elementos e, literalmente, outras fronteiras são percebidas. As fronteiras do território serão alargadas novamente quando da ida para a Europa e mais tarde com Piracanga.

Se pudermos reunir os depoimentos que nos acompanharam até aqui neste capítulo, veremos que de algum modo todos eles se aproximam. Todas as pessoas recebem uma formação acadêmica nas mais diversas áreas. Todas vivem uma vida profissional que, em algumas delas, continua pela vida afora. Embora aderindo a um território outro de sentido, distante ou mesmo quase oposto ao do mundo acadêmico, algumas permanecem no exercício de sua vida profissional “ocidental”. Em outras uma descoberta de outros caminhos implica uma ruptura parcial ou mesmo total com “a vida anterior”.

Ao contrário, entre Ivamney e Cecília, os caminhos de busca são trajetórias não raro tortuosas e reconhecidas como ainda inacabadas. Este é um dado importante, pois sabemos que entre agentes populares de cura ou outros semelhantes, uma mudança de território de

sentido e de modo de vida surge através de um momento ou de uma sequência de momentos extraordinários. Não raro como uma mensagem sobrenatural de que são destinatário. Algo que, ao obedecerem a um chamado impositivo, transforma vocações, práticas e vidas.

Os territórios de sentido são o núcleo familiar até os 16 anos quando Cecília ingressa no Centro Educacional de Niterói. Ali ampliam-se as suas fronteiras de/entre sentidos, e novos elementos e, literalmente, outras fronteiras são percebidas. As fronteiras do território serão alargadas novamente, quando da ida para a Europa e mais tarde com Piracanga.

Num primeiro passo, o território de sentido de Cecília é o “lugar da família”, e embora possuindo algumas percepções que ultrapassam as lógicas do pensar dos seus pais, ainda se mantém nesse âmbito com os valores dos tios. O Centro Educacional de Niterói ao passo que traz a sensação de pertencimento, vai corroborar os saberes e valores deste sistema de sentido essencialmente familiar. É com a ida para a Europa que esse universo simbólico familiar será ampliado drasticamente. A crise pela fronteira física e existencial, estar em terras de outros, não se reconhecendo e se estranhando é o momento de uma pequena ruptura interna.

Entretanto, a ruptura propriamente dita acontecerá por um fato novo em sua vida. A realização idealizada, profissional e afetiva, aponta que o território familiar, ali totalmente mesclado com o território científico e profissional, não lhe aportava um “sentido de vida”. Ao contrário dos primeiros entrevistados, em seu caso não é um fato externo que a leva a uma indagação, mas, uma angústia existencial, após haver alcançado todos os esperados requisitos sociais (emprego ideal, companheiro ideal). E é numa viagem para “espairecer os ânimos”, que ela vive um primeiro desafio, ao ter que enfrentar os medos de criança: viajar sozinha.

A ida para Piracanga promove toda uma crise interna, o estranhamento com o universo simbólico emprestado que nem percebia ter, o esforço para construir algo que não parecia ter sentido. A fronteira entre o sair do território de sentido familiar e profissional é um colapso que leva a uma desconstrução de toda a simbologia desse universo. E é a partir desta desconstrução que Cecília se apropria de novos saberes e valores para encontrar o sentido da sua vida. Ela tece, assim, o seu sistema, a sua colcha de retalhos, criando um novo território de sentido devocional que pouco depois se tornará também profissional. Neste seu tecer, ela se reconhece recuperando ainda os valores e os significados que havia experimentado em outros lugares já vívidos, como o Centro Educacional de Niterói e Londres. Mas lugares que haviam ficado confusos e esquecidos, por serem permeados, a seu ver, de símbolos “emprestados”.

Ela reconhece que este é o momento e experimentos; de vivenciar os símbolos criados e adotados; de degustar os seus sentidos, confirmando ou resignificando seus símbolos,

valores e saberes. Parece que ao encontrar “o meu sentido”, uma nova percepção maior da vida, essa voz que faz pulsar, o caminho se torna constantemente errante. Deixa de ser linear e previsto e torna-se aberto a um campo de possibilidades, de desconstrução e criação constantes.

### 3.3. Território de Sentido Devocional profissional

#### 3.3.1. João Mendes Rio



João Mendes Rio, 2013

O primeiro encontro com João foi na Rosa dos Ventos, que fica em Caldas, no Sul de Minas. Irreverente, brincalhão, meio clown e, ao mesmo tempo, sério, recolhido, João era conhecido como violeiro, tocador, integrante da rede de “músicos da Rosa dos Ventos”. Chegava rindo, meio folgado, uma brincadeira frouxa nos lábios, e envolvendo todas as pessoas em oficinas e vivências de percepção e sensibilização. Algum tempo mais tarde, nós nos aproximamos mais, em virtude da Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa – TSFI, e através da professora Irene Cotrim, que muitas vezes fez a ponte, ou promoveu encontros entre nós, “agitadoras/es da causa”.

Lembro de não raras vezes ouvir Irene comentando sobre o espírito desbravador do João, e de sua busca incansável, através de uma inquietação constante em busca da cura e de algo ainda maior. Assim, participamos algumas vezes juntos de trabalhos com Irene Cotrim, e trocamos conversas entre os nossos caminhos da vida. Estive duas vezes no Terra das Águas, o seu sítio em Capitólio, onde a sua simplicidade, o seu contato com águas, com a terra, e com o que ele lembra como “uma essência natural da vida” deixaram em mim uma marca: a experiência da vida é simples e singela como uma flor, pode-se estar ali e, de repente, não estar mais. A fugacidade do momento, do encanto e, ao mesmo tempo, a força do nutrir o corpo e o espírito através dessa essência simples. João é mobilizador da causa da simplicidade, e embora não raras vezes o tenha julgado exagerado nesta defesa, reconheço a força de expandir a consciência e de proporcionar a experiência dessa simplicidade.

João Mendes Rio, compositor, músico, terapeuta, criador. Nasceu em Limeira em 1971. Filho de pai odontologista e mãe professora, cresceu entre a cidade Limeira - onde as brincadeiras na piscina pública era o local preferido de expressão, de jogos e de estar - e o sítio

da família, onde estar na natureza, com as águas e os pássaros foram o seu refúgio. Foram também a sua inspiração para os primeiros poemas e letras de música. Ele se sente desde novo situado em um não-lugar. Sujeito de um não-pertencimento; um sem-espaço. E é com esta vocação que ele se torna um viajante e mochileiro pelas estradas do Brasil.

E hoje, quando eu comecei a pensar na minha história, eu comecei a concluir também, talvez, que esse lugar veio me mostrar um não-lugar, um lugar onde eu não me encontro e dali começar a busca para me encontrar. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Viveu em Limeira até os 18 anos, quando foi para Campinas estudar Publicidade e Propaganda. A saída de Limeira marcou a sua vida, nem tanto pela universidade, mas pela oportunidade de estar mais com ele mesmo, e de começar a se aproximar a um ainda iniciante “poder de escolha”. Esteve desde o nascimento, durante a infância e a adolescência marcado pelo falecimento do pai, dois anos após seu nascimento, e o seu diagnóstico de disléxico. A presença da tristeza, do luto (havia perdido também um irmão antes da morte do pai), a confusão e o cuidado um tanto exagerado da família, em função do seu diagnóstico, dificultavam uma conexão mais firme com o que ele sentia que “vinha de dentro”. Com o que chamamos, em outros momentos aqui, de intuição, ou da “voz do coração” que o impeliavam desde cedo para uma criatividade e para uma “natureza musical.” A criatividade, aparentemente, surge como algo que ele deveria exercitar.

Na escola da faculdade, meu coração sempre pulsou a música, mas, nunca conseguia fluir na música como eu gostaria. Tinha medo de estudar a música, porque eu tinha medo de não conseguir. E aí, em 1991, eu fui fazer faculdade, a família aconselhou que eu fizesse Publicidade e Propaganda, porque reconheciam que tinha uma criatividade, nas redações, na minha vontade da música e nas letras que eu escrevia. Então eu fui seguindo e fui e prestei Publicidade e Propaganda, era uma dos cursos mais concorridos, depois de medicina.

E em 1991, foi o primeiro grande passo. Iniciei fazendo só o primeiro semestre e abandonei a faculdade. Achei aquilo um horror, absolutamente nada a ver. E aí, a partir disso eu comecei uma nova jornada, que era deixar a faculdade. E minha mãe dizendo, bom, você vai deixar a faculdade, então, você volta para Limeira. E eu disse: não! Para Limeira eu não volto. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

E é ao romper com a universidade que João assume também pela primeira vez o seu poder de decisão e, segundo ele, o destino de sua vida. Assume a si-mesmo enquanto pessoa, e começa uma jornada que na mesma medida em que o conduz para dentro de si-mesmo, abre-se para a percepção e interação com o outro. Ainda em Campinas, e ainda em 1991 ele deixa a universidade e começa, reconhecendo o talento desenvolvido neste campo, a ensinar

natação, guiando os alunos a curarem os traumas, os medos com a água.

Voltando um pouco, o sítio foi minha primeira referência. Eu gostava muito de ir nadar no rio e andar a cavalo. Quando minha mãe disse: “Você tem que se sustentar”. Eu pensei, bom o que eu sei fazer? Eu sei nadar. Porque em Limeira tem uma tradição da natação, tem uma pública olímpica, que é um grande encontro social. Todo mundo ia lá para aprender a nadar, na SEMIE. Meus irmãos todos, amigos, iam lá nadar. Eu cresci dos 6 aos 18 lá treinando quase que diariamente. Então, eu pensei, o que eu sei é nadar, então fui procurar academias e centros de natação. E aí, acho que eu iniciei meu contato com as pessoas e também a criação intuitiva de métodos de lidar com pessoas. Então, ali, eu sabia muito lidar com as pessoas intuitivamente, com traumas de água, inventar metodologias para como aprender a nadar. Tudo de forma intuitiva e com a presença e boa vontade. E isso foi ganhando bastante crédito. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

O trabalho com as águas e a natação despertou a percepção com o cuidado natural para com o outro. E este embrião parece haver ficado presente de forma não tão consciente, segundo o seu pensar, mas, de alguma forma já ativo em sua vida.

Em 1993, morando numa república, ele conhece André Casaca, um clown, um palhaço. E neste ano João começa também a experimentar a atuação teatral, através das cenas por meio do exercício do clown, trabalhando com projetos em arte-educação e nas ruas.

Ele era palhaço 24h, o estudo dele era a vida. Ele foi uma pessoa importante na minha vida. Então, em contato com ele fui aprendendo os trejeitos do palhaço. Aí um dia, fomos fazer a compra do mês. E aí, ele falou: vamos de clown. E eu disse: ah! Eu não tenho clown. Ele disse, “tem sim”. E me vestiu de clown e fomos fazer compras de clown. Aí, chamamos muito a atenção no supermercado e o gerente veio falar com a gente e contratou a gente para fazer um movimento ali uma vez por semana. E eu fiz dupla com ele durante um tempo. O Casaca era bom de projetos e fazia projetos de arte educação e conseguia captar recurso. E eu aprendi muito com ele. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Em 1995, abatido e deprimido, por causa do término de um relacionamento amoroso de cinco anos, e também pela ida do companheiro de jornada André Casaca para Itália, João se vê entrando em uma fase difícil em sua vida. Neste período ele conhece Sônia Ruggiero, professora de yoga, que o apresenta às práticas meditativas, à yoga e à espiritualidade. Este novo contato abre sua visão de mundo. Em 1996 ele assume os projetos de arte-educação que co-criava com Casaca na Escola Municipal Raul Pila, e que economicamente vai sustenta-los até 2001.

Em 1996 conhece Eliana Kefalás Oliveira, ou Lika, que será sua companheira durante alguns anos, e que o apresenta em Barão Geraldo, para onde ele se muda e encontra novos lugares, novas relações e outras possibilidades para a vida, ao lado de outras perspectivas culturais, sociais e afetivas recupera um sentido de vida.

Em 1999 junto com alguns amigos como Daniel Tygel, Alik Wunder, Leopoldo Thiesen criam a ONG *Warã*<sup>31</sup>, através da qual movimentam projetos sociais de cunho pedagógico, com o objetivo de incentivar e fortalecer atividades culturais de cunho pedagógico em áreas de risco, dentro de escolas e hospitais.

Trabalhando ainda como arte-educador em 2001, João é convidado pela Secretária de Educação de Campinas para dar formação a professores da rede pública municipal de Campinas, onde permanece até 2003. Inicia então o seu trabalho com o curso: *Procura-se o sentido da vida*, em que começa a criar e produzir métodos terapêuticos de forma mais vocacionalmente oficial.

Eu comecei a criar na escola pública em que eu trabalhava, comecei a criar espetáculos muito bons. Ganhamos prêmios municipais de teatro infantil com esses trabalhos. E aí, fui convidado, pela Alike, que era da biologia engajada em movimentos sociais políticos estudantis, para apresentar as peças de teatro com as crianças. Conheci aí também o Daniel Tygel, ativista político na época, militante dos movimentos populares.

Que foi um momento importante para mim, pois foi a mudança de sempre um não-lugar, para um lugar, que foi vivenciar a universidade paralela, na Unicamp. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Frequentava, pelas relações pessoais, amigos e atividades a UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas nos espaços culturais e de movimentos sociais. Com isso, em 2004 um professor Romualdo da Unesp conhece o seu trabalho e o integra na equipe de apoiadores no projeto de extensão de Arte-Educação *Teias do Saber* no curso de pedagogia da Universidade Estadual Paulista. Em 2008 João Mendes seguiu apoiando esse projeto. O fato de estar participando como colaborador nas oficinas do *Teias do Saber* dentro da universidade o marca, uma vez que ele mesmo não tinha concluído sua própria formação acadêmica. Tais oportunidades, como portas que se abriram em sua vida, foram importantes para fortalecerem a certeza do caminho que havia escolhido e de certa forma soltar a cobrança interna por ter saído da faculdade.

Nesse fui convidado para fazer um trabalho com clown, na verdade artístico, de humanização, num hospital em Limeira. Convidado por um amigo, que entrou numa equipe multidisciplinar e me convidou para trabalhar como artista, para trabalhar com recepção de novos funcionários, com humanização. Mas, aí uma criança que estava muito queimada e estava deprimida numa ala do hospital, e aí me convidaram para visita-la com o palhaço. E aí eu fui ampliando as visitas para a geriatria, para a ala de queimados, para a ala infantil. E aí, acabei me abrangendo mais com o clown. Criei um grupo *Libertadores do Riso*, com o qual fui contratado

---

<sup>31</sup> O warã é o espaço central da aldeia, o pátio. No warã acontece a assembleia geral da aldeia, onde todos os anciãos e homens maduros se encontram e discutem a cerimônia do wai'á, a caçada e tudo mais que é importante. Os conselhos dos velhos são transmitidos no warã. As decisões são tomadas lá.

pelo hospital, com carteira assinado, meu único trabalho com carteira assinada, e que tinha uma resposta muito boa no melhoramento dos pacientes.

Então, aconteceu tudo isso e esse sonho acabou sanando, não mais ocorria esse sonho com a falta do diploma e eu percebi que esse era meu caminho e que estava tudo certo e que eu não precisava me preocupar com esse caminho do sistema. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Outro marco foi a chegada à área rural de Caldas, no Sul de Minas Gerais, em 1996, levado pela companheira Eliane Oliveira, e ao sítio da Rosa dos Ventos, onde conhece mestres da música popular, Décio Marques, Fernando Guimaraes, Josino Medina, Pereira da Viola. E também o local onde ele retoma o contato íntimo com a natureza. Esta ova experiência também vai inspirar profundamente a visão de mundo de João.

Em 2005 em Campinas forma o grupo Retrilhos, com Aline Morais, Juliana Vergueiro, Cris Monteiro, Erik Nunes, e Junio Arto. Nesse mesmo ano cria com Carol Ladeira e Marcelo Faleiros o *Canta Vento*, em que mais tarde ingressam João Arruda, Aline Morais e Raul Rodrigues, com composições e intervenções para o universo infantil.

Em 2006 João Mendes aprofunda o seu trabalho pessoal com a música. Um trabalho que esteve sempre interagindo com a sua atuação como arte-educador, como um pano de fundo. Neste ano, decide então assumir a música como protagonista da sua vida e resolve gravar o seu primeiro disco: *Terra*. Com uma boa bagagem de composições ele grava também o segundo: *Terra das Águas*. Ambos os CD's foram inspirado por Milton Santos, Gilberto Gil e Caetano Veloso.

Meu trabalho era com a arte-educação, mas, enfim, resolvi entrar na primeira empreitada e gravar meu primeiro disco, o Terra das Águas, em 2006. Gravei em Barão Geraldo e Pocinhos do Rio Verde, em que eu tinha uma cainha lá, mas, sempre indo e vindo para Barão Geraldo. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Ele vive então um momento de dedicação à música, e aquele foi um período em que ele se depara internamente com os desafios e os medos de se entregar a sua paixão: à música. Ele então adoece durante o processo de criação e gravação do CD, com esofagite, sinusite aguda, e gastrite, em vias de operação urgente. Assim, ele decide ir para os trópicos, para um lugar quente, em busca de uma cura natural. Ainda em 2006, vai para Salvador com duas irmãs e dois sobrinhos. Ainda adoecido João começa um processo de autoconhecimento e auto percepção com relação à alimentação. “Aí começa uma reforma alimentar.”, diz.

E minha irmã descobre meus talentos, meus livros, a poesia e a música e resolve vir

para Salvador para me produzir. Mas, eu não estava preparado para enfrentar, para encarar a música, o palco. E aí, a gente não conseguiu chegar lá. E aí foi bem frustrante para mim, para minha irmã e para Aline, minha companheira. Aí num dia mergulhando na lagoa do Abaeté procurando um pouco de sossego na loucura da cidade ouço uma voz: vai para o Capão. Aí saio da água e falo para a Aline: “Vamo para o Capão.”

É uma fase de muita expansão. Capão é um portal mundial, em que pessoas, artistas do mundo inteiro, viajantes do mundo inteiro, chegam naquele lugar, se convergem naquele vale. E ali em meio a cachoeiras e verdes acontece uma informação que não é pela TV ou pela internet, são trocas. Aí foram nove meses que para mim foram nove anos, nove séculos. Foi muita informação. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Conhece o livro *O evangelho de saúde segundo São João*, que aborda os benefícios espirituais e físicos da alimentação viva. Assume então a opção por uma alimentação mais natural, deixando a carne, leite e produtos muito industrializados. O “vivo” como germinados, folhas, legumes crus em mais abundância em sua dieta produziu uma desintoxicação que facilitou o fortalecimento do sistema imunológico. João diz a partir daí ter recuperado uma maior vitalidade e frescor no corpo. Desde então, segue uma dieta o mais natural e viva possível.

Em meados de 2007 o período “Ciclo do Capão” se fecha e João decide ir para Capitólio, Sul de Minas, onde possuía uma terra comprada em 2004, mas, ainda não habitada. O sítio *Terra das Águas* foi adquirido em sociedade com André Luiz, que é parceiro do projeto e dos sonhos que são criados e realizados ali. Quando retorna a Campinas, em agosto de 2007, conhece Stenio Mendes com quem aprende algo sobre a música orgânica. E é Stenio quem vai ajudá-lo a aprofundar o seu trabalho com a música. Ele retoma o grupo *Canta Vento*, com João Arruda, Aline Morais, Carol Ladeira, e conhece o *Grupo Gaiapiá*. Com o *Gaiapiá* e com o Bruno Rossa João Mendes aprende algo mais sobre a simplicidade de viver com a música, independente de shows, levando-a às pessoas da forma mais simples e real possível: cantando na rua, passando o chapéu, enfim, manifestando. Vai para a *Terra das Águas*, Capitólio e faz um caminho Capitólio-Barão Geraldo.

Tive a inspiração do sonho da *Terra das Águas* em Pocinhos do Rio Verde, com a Rosa dos Ventos e com tudo que vivi morando lá no pé da Pedra Branca, onde morei.

A *Terra das Águas* é um lugar onde eu tenho o sonho que seja um lugar de cura, de paz, uma comunidade em que famílias vivam da terra e paz e que mostrem esse caminho de volta à terra. E junto com isso eu possa levar as pessoas a vivenciar aquilo com o Renascência, o nome do meu trabalho. Eu moro aí, mas, preciso trabalhar, então, eu saio para trabalhar, saio para viajar e volto. E nas viagens que eu faço eu marco uma roda no início de constelação, agora o Renascência e junto levo minha música. E são as duas frentes que possibilitam um sonho interno, que é ser um viajante que possa levar a boa nova com a música, com a cura. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Em 2010 grava seu terceiro disco *Caminho de Rio*. Em 2011 começa uma formação oficialmente no universo terapêutico na Terapia Sistêmica Fenomenológica Integrativa – TSFI, uma linha que nasce da Constelação Familiar, mas, que integra outras ferramentas de cura, como a música, movimentos xamânicos e a dança. Ele conclui o seu curso em 2014. Um dos lugares por onde passa durante as suas viagens é Alto Paraíso de Goiás. A partir de 2012 vai marcar a sua trajetória também através das relações profissionais que estabelece ali, enquanto músico e terapeuta, inclusive por causa da oportunidade de trabalhar na Gota, um templo terapêutico coordenado por Geetika Sampatti. Nesse mesmo ano ele grava seu quarto CD o *Encontro das Águas*.

Durante a sua formação, e já trabalhando e vivenciando “rodas constelares”, João é convidado pelas professoras Alexandra Caymmi, Irene Cotrim, Maria Angélica Fonseca e Rosângela Gasparuto, para depoimento sobre a sua atuação profissional, antes mesmo da conclusão do seu curso. Este encontro foi também importante em seu caminho, pois trouxe a oportunidade dele novamente se assumir, e de desenvolver interiormente o “movimento espontâneo e meu ser”.

É quando ele percebe que o trabalho que estava desenvolvendo não era unicamente oriundo de sua formação em TSFI, mas era bem mais uma mescla de toda a sua formação enquanto arte-educador, clown, músico e viajante. E é neste momento que surge o Renascência.

No terceiro ou quarto módulo da TSFI as meninas me convidam para um encontro só entre nós, dizendo: “Oh! Como é isso, você nem se formou e está trabalhando para lá e para cá com essa constelação aí, e como é isso?” Eu explico que para elas que era uma coisa muito interna minha, que estava dormente e que quando vi a Alexandra trabalhar me acordou tudo, junto com minha intuição, minha sensibilidade. Junto com toda minha formação, a minha história com grupos de formação em arte-terapias, que na verdade eram as rodas de vivências, de terapias com professores, crianças, junto com minha música. Que já era uma coisa forte, que as pessoas ouviam e sentiam, que não estava claramente nesse lugar, exposto, mas, que já era. E a Alexandra entendeu e disse: “A minha preocupação é com sua estrutura emocional”. E eu respondi, começar já a trabalhar com isso começa a me formatar, me traz um eixo, uma coluna emocional, profissional, financeira, um suporte, pai. Então, aquilo era o que me dava estrutura. E eu senti aí que Alexandra compreendeu, mas, pediu que eu alterasse o nome. E aí, eu cheguei no Renascência, que é renascer essência. A essência do trabalho é retirar as amarras, os bloqueios, os medos, retirar os mitos negativos da criança, tirá-la do lugar de vítima e conectá-la com a essência, do encontro, da procura da essência. Isso é o Renascência, que nasceu muito nos moldes da TSFI, inspirado na Alexandra Caymmi, mas, aos poucos eu fui percebendo, quando eu me vi realmente terapeuta, fui pesquisar e estudar com o Gaiarsa, com o a Gestalt com o Fritz Perls, e fui percebendo, que para mim era mais essencial deixar o cliente mais em foco, no campo, não colocando tantos representantes E isso é uma grande diferença, é o campo da

terapia sistêmica, mas, aliado com a música, o tetha healing, a intuição, a percepção, mas, a troca muito com o cliente. Porque ela mais do que ninguém sabe as respostas dos caminhos que elas estão procurando. E assim, entrei na era da Renascência.

Em 2014 ou 2015 eu volto para o Capão, passo mais um ano no Capão, com um parceiro de terapias e música Renato Tupi. E sete anos depois retorno ao Capão. E minha ânsia pela música e de trabalhar com música morando no mato. E fui morar na mesma casa que morei a sete anos atrás, sem energia elétrica, no Terra das Águas morava também sem energia elétrica. E foi um ciclo interessante porque fluía tudo, o trabalho com a Renascência, com a música. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

E em 2015 volta para *Terra das Águas*, em Minas Gerais, local onde aos poucos ele reconhecem que “vai alinhando” e abrindo espaço para fortalecer e enraizar o trabalho musical e terapêutico. Nesse mesmo ano ele não escapa de um acidente de moto, que o coloca em repouso por 40 dias, tempo em que reflete mais a fundo sobre as escolhas de vida. Estamos agora no presente. Ele inicia 2016 abrindo novas portas. Em janeiro 2016 parte para Belo Horizonte, cidade pela qual nutre um carinho especial, devido à identificação rural de pessoas e espaços com quem interage, se prepara para abertura da primeira turma de formação da técnica que criou, a Renascência.

E a minha ideia era morar na Terra das Águas e firmar o trabalho em Belo Horizonte. Porque nas andanças para os lugares eu passava muito por lá, semeava a sementinha da Renascência. E me identifiquei muito com Belo Horizonte, pelas pessoas. Belo Horizonte é uma cidade grande, mas, é uma roça, uma grande roça. As pessoas tem a roça no sangue. E ontem ainda, andando na rua eu cumprimentava as pessoas e as pessoas responde, algumas não, mas, a maioria sim. Eles tem essa coisa da roça na veia, no sangue correndo. Em Minas Gerais a modernidade desliza, escorrega, tem dificuldade de pegar, a ligação com a ancestralidade e a terra é muito forte. E então, uma amiga tem razão, eu sou o baiano mais mineiro que São Paulo já teve.

E aí a vida mais uma vez me mostra né. Eu sofri um acidente com a moto que acabo de comprar e tive que ficar 40 dias de repouso. E aí me veio que mesmo com a Renascência fluindo, mas financeiramente sempre na medida justa e aí sem dinheiro para exames, para médico, para remédios, para nada. Aí me veio que basta! Eu tenho um grande sonho a ser realizado com o Terra das Águas, que não é pouca coisa, que demanda uma infraestrutura com casa, de templo, ponte, casa para receber, internet, energia, carro, enfim, matéria. O que está faltando matéria e disciplina para chegar num complemento. Então, eu resolvi encarar de novo uma cidade grande. E aqui estou de novo numa casa nova, que é no fundo do espaço terapêutico onde eu começo a firmar o trabalho com o Renascência. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Este é um momento de recomeço para João; um momento de “retificação e de afinamento com uma voz interna”. Uma voz que esteve de certa forma abafada ou mesclada dentro dele mesmo, diante dos desafios assustadores para a sua criança: o medo da opressão, o temor da própria realização. É ao mesmo tempo, um momento de mais uma reintegração consigo mesmo.

Eu acho que na verdade é mais o que eu penso que sou, porque não sei o que eu sou. Então, acho que sou essa essência musical, curadora de mim mesma e espelho de cura para os outros, a partir da minha principalmente. E sou esse não-lugar no sistema, mas, dando a virada para um lugar de referência, de um êxito de um não-lugar quando se encontra a essência. Porque eu acredito que quando você vai em busca da sua essência o Universo se abre, e para mim também é uma resposta, porque está tão difícil ajudar as pessoas a encontrar sua essência diante de um mundo tão capitalista, tão mentiroso, tão ilusório. Quando a matéria se coloca como fator limitante para as pessoas irem atrás de seus sonhos. Mas, quando você começa a abrir para o seu sonho, é possível ver que o Universo começa a se abrir muito mais para você. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).



JOÃO MENDES RIO, *Fotos Renascência e fotos os três Joãos: Rio, Bá e Arruda*, 2013, 2014.

Sobre a vida a após a morte João fala de uma continuidade nos estudos do ser. A forma como isso acontece seria da atenção de Deus.

Depois da morte, eu com certeza não faço ideia de para onde a gente vai. Mas, acredito que continua a peregrinação da alma em busca do amor maior. Acho que esse é o grande projeto, a grande consciência, a grande inteligência para todos nós. Acredito que isso tudo é uma grande escola para nos ensinar a ser de uma maneira mais completa. (RIO, João Mendes. Entrevista em janeiro de 2016).

Hoje João possui dois sites (<http://joaomendesrio.wix.com/joaomendesrio> e <https://soundcloud.com/joaomendesrio>, em que compartilha suas composições, além dos quatro CD's de sua autoria. *Terra, Terra das Águas, Caminho do Rio e Encontro de Águas*.

Os territórios de sentido do João Rio são construídos num período iniciado, como vimos em outras pessoas aqui, essencialmente pelo núcleo familiar e a cidade de Limeira. Mais tarde este território é estendido a Campinas e Barão Geraldo. Momento em que percebendo de forma ainda não tão clara um distanciamento entre o caminho que estava construindo e a voz da sua intuição, ele começa a quebrar algumas barreiras internas e a se “alinhar com a vontade do seu coração”.

Neste momento, deixa a universidade que cursou por seis meses, e lança-se, enquanto cidadão-de-si mesmo, na vida. Aos poucos o seu território vai ganhando outros símbolos, outros sentidos como a terapia na natação, o palhaço clown, pouco depois a arte-terapia, e a música. Cada símbolo e cada passo e cada gesto amplia sensorial e perceptivelmente sua visão de mundo, suas fronteiras de seus modos de ser e de se expressar. Salvador-BA, o Vale do Capão, Capitólio-MG, Alto Paraíso-GO e enfim Belo Horizonte-MG são portos que oferecem não só um espaço físico de parada, mas um ambiente fecundo em que as teias das relações se tecem e permitem o espelhamento do ser.

João é poeta, artista, terapeuta, e arte-educador e músico, se fez assim em seu próprio trilhar, ao longo de seu caminhar. E foi ao caminhar em suas buscas que ele criou os seus territórios de sentido múltiplos. Quando ele se percebe entre a dor e o trauma, a leveza e a cura, a amargura e a doçura do viver.

Tal como outros depoimentos desse capítulo, o seu território de sentido é fortemente construído pela busca de um sentido de vida, pela busca de si mesmo, que na medida em que acontece faz nascer também a vontade de compartilhar e de tornar comum um caminho nem sempre tão fácil. A essência é simples, é singela, mas raras vezes o simples é evidente e mais que isso, raras vezes é reconhecido. No discurso de João que muito do trabalho de dele tem a ver com mostrar, tornar perceptível essa simplicidade da vida. Chamo a atenção que tal com Cecília, em momento algum João Mendes se filia a alguma instituição espiritual ou religiosa de

que se torne um fiel, um praticante ou um devoto. Seu guia e referência espiritual é ele mesmo, ou é a sucessão de pessoas como ele, que João encontra ao longo de sua busca. Ele não se reconhece como um seguidor ou discípulo de algum mestre espiritual que o guie com exclusividade. Na verdade, sua espiritualidade é bem mais a sua arte, e a maneira como ele a faz interagir com práticas de cura.

Os territórios de João parecem estar bem vinculados ao território paulista, Limeira e Campinas durante todo um período de sua vida. Para João, assim como para Cecília, o território de sentido esteve essencialmente em meio ao universo simbólico familiar. E era por este caminho com referências externas e familiares que seguia para a escolha profissional. No entanto, algo já o inquietava e a escolha não parecia fazer sentido. Mas, ainda seguindo as lógicas do pensar familiar, seguiu ainda um pouco tais valores externos. A angústia, que em algum momento todos os nossos entrevistados demonstram vivenciar, parece apontar entre o sentido interno e o universo simbólico emprestado. Parece que é ao se apropriar dos próprios sentidos e manifestar, ou seja, criar esse território de sentido é que mesmo havendo desafios e dificuldades a vida torna-se aceitável e vivível. E para encontrar esse sentido e mesmo começar a tecer a colcha dos sentidos, é inevitável passar pela fronteira.

Pela trajetória de João fica mais uma vez evidente, que a fronteira parece ser uma passagem obrigatória. Ela pode acontecer devido a eventos ou fatos do cotidiano, como no caso de Giridhari Das, que encontra um guia espiritual numa oficina mecânica e é conduzido aos poucos a perceber a noção desse sentido. Ou de Ivamney Lima, que ao ouvir uma palestra percebe a possibilidade de uma afinação interior e mais ao perceber no alcoolismo o vazio da vida. Como também pode acontecer a partir dessa inquietação interna que se desperta em algum momento, a exemplo Cecília e João, que seguindo o universo simbólico familiar questionam as práticas do agir deles próprios ao estranhar o sentir da própria vida.

Dessa forma, João rompe com o território de sentido familiar e, depois, com o da universidade, pois neste momento, sentido de ciência e sentido familiar misturavam-se. Segue-se um período de busca, de entre-lugares, de (em suas palavras) “não-lugar.” A procura do sentido estende-se até a conexão com um sentido já seu, a natação. Ali encontra espaço para expressar seu sentido: a cura. O território de sentido de João será tecido a partir de símbolos deste universo da cura, da educação, como ferramenta para sensibilizar, para sentir e curar. E é a partir desse universo simbólico que seu sistema de sentido será construído. O universo da espiritualidade adentrará seu sistema simbólico pela linguagem da arte e da cura.

Nessa perspectiva, o território de sentido de João torna-se devocional, na medida em que cria uma trilha do sentir e gera uma relação íntima e afetiva entre a vida, entre ele e sua atuação no mundo. A devoção e a profissão acontecem e se criam juntas.

### 3.3.2. Kênia Santos



Kênia Santos, 2014.

Conheci Kênia Santos na temporada De encontros com o Prem Baba em Alto Paraíso de Goiás, em agosto de 2015. Sub-Chefe do restaurante do ashram, ela chamava a atenção pela presença e incondicional disponibilidade, tanto no serviço do restaurante, quanto para com as pessoas.

A sua exemplar disponibilidade e a prática de seu serviço despertaram em mim a curiosidade para com a história de vida dessa moça de 37 anos, e de como teria chegado ali. É assim, que ela integra o grupo de pessoas que tiveram desde cedo, não exatamente uma clareza do que queriam ou para onde iam, mas, do que não queriam e do que o coração pedia.

Kênia Santos nasceu em 28 de março de 1978, em Ponta Grossa, no Paraná. Depois mudou-se com a família, quando ainda muito criança, para Cianorte ainda no Paraná. Em 1983 mudam-se novamente para Maringá. Ela teve uma infância recheada de brincadeiras tanto em casa, ou no playground do prédio onde morava; e ainda na escola. Aproveitava os momentos na escola, pois, diz perceber-se curiosa e gostava de descobrir de aprender o que estavam trazendo.

Depois, em 1987 mudou-se para Joinville, que fica a quarenta minutos do mar. Ficava mais próximo da família, dos tios, avós, primos. Filha de mãe descendente de italiana, cresceu envolvida no calor e na proximidade da família, entre festas e reuniões familiares, os passeios rotineiros de final de semana à praia.

Então, quando eu era criança eu achava que eu “super” ia continuar estudando, porque eu gostava muito da escola. Eu lembro que uma das coisas que eu queria fazer era medicina. Mas, quando eu fui entrando na adolescência e eu fui... eu sempre fui muito curiosa, eu gostava de ler, estudava, tinha alguns livros espíritas em casa. Porque minha mãe tem um pouco do espiritismo. E eu fui estudando outras linhas. Chegou até mim, ainda na adolescência, acho que através de uma amiga da minha mãe, um livro da Fraternidade Branca. Aí eu fui deixando de acreditar no sistema do que a faculdade ia me propor, do que a sociedade tinha para mim, pro meu futuro: estudar, ganhar dinheiro, ser bem sucedida. Eu comecei a entrar em conflito com tudo isso. Aí, com a rebeldia da adolescência eu fui... Eu tinha um sonho de morar numa comunidade. Eu era diferente. (Risos) Eu queria viajar,

conhecer o mundo. E aí eu logo conheci um casal, eu acho que tinha uns 15 anos, que tinha saído para viajar de carona, foram até a Bahia, aprenderam a fazer artesanato e estavam viajando por aí. E cara! Eu achei isso um máximo. Cara então isso ainda é possível né?! Ser hippie. Eu queria ser hippie.

E aí, eu larguei a escola. Eu estava no terceiro ano já. Eu estava para tentar o vestibular, e com certeza eu ia passar porque eu ia bem nos estudos, eu me dava super bem na escola. Aí eu estava com um amigo, que estava de saco cheio da cidade e tudo. Ele não tinha família. E eu estava entrando em conflito com meus pais com a liberdade. Eles queriam cuidar de tudo. Um cuidado excessivo. E chegou um dia que eu queria ir embora. Nessa época eu fumava maconha. E meu pai falou que enquanto eu morasse com ele, que ele não ia sustentar meu vício e que morando com ele tinha que ser do jeito dele. Aí eu decidir que ia sair, que eu já queria do meu jeito.

Aí eu saí, fui pra Bahia com esse meu amigo, a gente namorou um pouquinho. A gente foi para Areembepe, pra uma aldeia hippie. Eu tinha dezessete anos. Aí, lá eu terminei com esse meu amigo, a gente não deu certo. E minha mãe entrou em desespero. Aí, a diretora do colégio, falou: “Nossa, mas a Kênia vai tão bem né?! Juidiação ela perder o ano. Se ela vier e fizer o provão e passar eu dou um jeito nas faltas dela.” Eu estudava no Positivo, que era um colégio caro para nós. Eu tinha bolsa, jogava handebol e tinha bolsa. Aí, minha mãe pagou minha passagem eu fui fiz as provas e passei e concluí o 2º grau. Voltei para Bahia. Aí lá na Bahia, conheci umas pessoas, aprendi a fazer artesanato. E lá, ouvi falar da Chapada Diamantina. E tinha passado algumas pessoas que moravam lá no meio do mato, todo mundo junto e trabalhavam lá. Aí, fiquei alguns meses em Areembepe e logo fui pra a Chapada Diamantina porque eu queria morar na comunidade né?! Aí nossa! Era meu sonho né?! Era uma maravilha. Aí eu estava com um amigo, viajei com ele um tempo. E ele era maluco mesmo, maluco de BR, e aprendi com ele a fazer umas coisas de couro, de artesanato. Aí, a gente chegou direto na comunidade, na Campina. Aí fui morar na Campina e fiquei trabalhando lá. Aí, fiquei morando um ano mais ou menos na comunidade. Depois fui morar na Vila do Vale do Capão, saí da comunidade. Aí eu ficava um pouco, saía pra dar um role.

O sonho da comunidade é lindo. Um monte de pessoas e tudo. Mas, aí começam a ter algumas questões individuais, de diferenças. Aí, depois me chamaram para fazer parte de uma outra galera, que estavam se organizando para comprar uma terra, as Rodas. Aí, eu fui e fiquei lá até que vim pra cá para Alto Paraíso. Eu vim para uma festa e acabei ficando. Porque a comunidade lá começou a ter alguns problemas também, o pessoal se desentendendo.

Morar numa comunidade foi um aprendizado, para você ver que morar numa família já é difícil conviver, que dirá várias famílias juntas. E acho que tem que ter um objetivo comum muito forte. Que eu acho que é o que acontece com comunidades com uma base espiritual. Porque tem um foco no espiritual, não é só ali o material, a comida a produção e tal. Porque aí com esse objetivo maior você consegue ser mais flexível com as outras dificuldades. Eu gosto de morar com gente, mas, acho que são poucas pessoas que estão preparadas para isso, para abrir mão das suas convicções e ceder e escutar o outro também. Todo mundo quer ser o dono da verdade e aí fica difícil. (KÊNIA SANTOS, entrevista em janeiro de 2016)

Kênia concluiu o 2º grau e aventurou-se em 1995 em busca do sonho, através da imagem da vida em comunidade. E na trilha entre Salvador e a Chapada Diamantina ela foi descobrindo aptidões em meio às suas próprias curiosidades. De dentro de seu poder ampliado de escolha desde a adolescência, Kênia aprende a se relacionar com a vida e a

experimentar a vida a partir do que a própria vida lhe estava trazendo. A profissão e a aptidão, ou interesse como ela diz, foram se manifestando espontaneamente.

Kênia foi hippie, artesã, mochileira. Experimentou durante anos as aventuras de lançar-se com sua mochila de roupas e bolsa de artesanato pelas estradas do Brasil e América Latina, entre os momentos de pouso na Chapada Diamantina. Cumprindo o ciclo de aprendizado com a sua liberdade errante, firmou-se em Alto Paraíso, onde estabeleceu laços e vínculos mais enraizados, finalmente. Há dez anos na cidade trabalha com os Florais do Cerrado, concebidos na Chapada dos Veadeiros. Ela auxilia na fabricação e em toda a logística para a produção e comercialização dos mesmos. É cozinheira, trabalha com alimentação vegetariana, vegana e viva.

Quando pergunto o que a tocou; o que a despertou para o caminho e para as escolhas que fez, a sua resposta é breve e serena. “Ah! Foi acontecendo”.

Eu aprendi a fazer artesanato e era o básico assim. Eu não tinha uma ambição de ter muito dinheiro, o importante era ter ali o que comer no dia. Cansei de pedir comida nas casas, nos restaurantes no final do dia. Nunca tive problema com isso não. Mas, aí aquele meu sonho infantil de estudar medicina sempre teve. Eu sempre gostei de trabalhar com a cura, com as plantas, nas comunidades isso sempre me interessava. Numa das viagens eu trabalhei numa farmácia natural numa Paróquia católica.

Eu fui descobrindo meus talentos aos poucos e acho que até hoje não explorei ao máximo isso. Mas nunca me forcei, porque desde logo eu aprendi que tudo que eu precisava vinha, não precisava correr muito atrás e desesperar, que tudo fluía. E hoje, um dos trabalhos que eu tenho é com cura, com florais do cerrado e aos poucos vou aprendendo sobre as pedras, com os cristais. Trabalho com reiki, massagem. Eu gosto de cuidar de pessoas doentes, gosto de cuidar de crianças. Já trabalhei de baba também. E aí eu estudo meus interesses a parte, nunca senti necessidade de ir para faculdade. Eu adorava de ir para a Igreja com minha avó, fui coroinha e tudo. Eu tinha já uma vocação por ali. Eu lia os livros espíritas da minha mãe. Eu achava super interessante isso, essa linha de encarnação. Uma tia da minha mãe era espírita, minha mãe foi criada junto com essa tia e minha mãe tem assim uma tendência. E eu li todos os livros dela. Acho que comecei a ler desde cedo, acho que com 12 anos, eu li o “Evangelho segundo o espiritismo”. Um pouco cedo para uma criança ter um interesse de ler um livro desses. E depois teve essa amiga com a Fraternidade Branca, aí abriu mais assim bastante. Aí eu consegui alguns livros dessa linha San Germain, que falava dos anjos e arcanjos e eu me apeguei muito a isso. Depois na Campina tinha uma biblioteca e lá é um lugar exotérico que tem uma galera alternativa que medita, que estuda né?! Li o livro “Mãos de Luz”, que abriu super. E o contato com os ENCAS, onde eu comecei a praticar yoga.

Num primeiro momento a impressão que tive ao ouvir o relato de sua vida, foi de uma hippie despreocupada e corajosa, disposta a se lançar “por aí para ver o que daria a vida”. Despreocupada porque tudo bem em pedir um prato de comida, sair pelo mundo, pelas estradas sem dinheiro e com poucos recursos. Tudo bem experimentar dormir numa rede num posto de combustível, ou numa barraca na beira da estrada. Despreocupada por essa

ousadia de simplesmente ver o que é que a vida vai trazer e estar aberta para inclusive nada ter, inclusive não ter abrigo. Corajosa porque assume a direção do leme do barco deixando família e exigências familiares com um simples, “tá eu vou”. A coragem de deixar todo um universo simbólico, um território familiar num simples ato e assumir a força de escolher ela seus próprios símbolos, e descobrir seu próprio sentido. É a ruptura, o passo para tecer seu território de sentido, seu sistema de sentido.

Aos poucos esse olhar foi se aprofundando. A percepção da entrega e da confiança em seguir sua intuição, sua vontade e de bancar o caminho do seu coração. O despojamento de imagens idealizadas de uma profissão “x ou y”, ou mesmo de uma conta bancária “m ou z”. A tranquilidade vinda do conhecimento de que a vida é para ser vivida, e de que o caminho se faz no caminhar, segundo seu ver. Tudo isso trouxe na verdade a sensação de uma liberdade, independentemente das demandas do universo simbólico social, por exemplo seguir uma carreira, ter um carro um marido e uma casa.

Lembro agora que fiz uma viagem com uma amiga e a gente ia para o Peru. A gente saiu da Chapada Diamantina. Acho que eu tinha 18 ou 19 anos e paramos lá em Porto Velho e lá eu tomei Ayahuasca. E ali eu via que realmente existia outros seres e outras dimensões que cuidam de nós aqui.

Mas, um pouco antes, logo que eu saí para viajar... Assim, não foi um ponto, mas, fui provando, testando minha fé, de que tudo dava certo. Assim, durante minha educação, eu escutava que tinha que trabalhar e estudar, seguir uma carreira. E de repente, eu fiz diferente de tudo isso e que deu certo, eu estava feliz com isso. Deu certo também. Não precisava me preocupar tanto com a questão material. Eu sempre tinha o que comer, onde dormir. Sempre tinham pessoas legais para receber. Eu lembro que isso ficou marcado logo nas primeiras viagens que fiz de carona. E Deus estava sempre ali comigo, cuidando, e eu tinha tudo que eu precisava.

Mas, aí eu fui ter uma experiência mais real, depois que... já bem mais velha com o Prem Baba. Foi mais um pouco de sair da teoria e viver na prática, principalmente porque ele trabalha com autoconhecimento, então a gente vive a experiência real do espiritual. (KÊNIA SANTOS, entrevista em janeiro de 2016)

Nessa conversa-entrevista com a Kênia percebi como na verdade realmente o alinhamento entre a vida espiritual, ou do autoconhecimento, ou qualquer outro nome que queiramos dar é bem simples. E como os ideais de personalidades, ideais de vida pode nos afastar, e confundir nessa vida.

Kênia viveu a sua infância no Paraná, entre Ponta Grossa, Cianorte, Maringá e Joinville. Ultrapassou as fronteiras da infância para ganhar o mundo em Arembepe (Camaçari-Ba) e na Chapada Diamantina. Uma nova vida em comunidade, a leva a aprender na prática as lições dos relacionamentos. Assim, a inconsequente “aventureira de mochila” aprende a ancorar, a centrar-se e a realizar-se no servir aos outros.

Penso que Kênia tem a sua visão de mundo construída essencialmente entre os territórios fluidos das viagens e das relações da vida em comunidade.

Eu creio que estamos aqui neste planeta de aprendizado, num caminho de evolução, principalmente, através das relações e do amor, das relações com os outros humanos, com os animais e com a própria terra. E através desse mundo aqui chegar numa relação também com algo maior, que eu ainda não tenho acesso, outras dimensões, seres de outros planetas de outras dimensões e que a gente limitada aqui na dimensão 3D não tem noção, não vê. Por isso a gente fala em crê né, porque a gente vê, porque a gente crê naquilo que a gente não vê, porque aquilo que a gente sabe a gente sabe, a gente não crê. Eu creio num Deus como uma força maior, criadora. Mas, não tenho uma experiência em que eu possa dizer exatamente o que é Deus e qual o tamanho disso.

Eu creio também que está tudo certo. Apesar de nosso planeta estar todo complicado, que a gente está fazendo tudo errado. Mas, está tudo no caminho também, que cada um... né?! Eu estou fazendo o meu melhor, o que eu acho do meu coração. E, o resto se encaixa em algum momento.

Eu já desce cedo não segui esse modelo da sociedade que não se propõe, do capitalismo, da competição... acho que minhas escolhas sempre foram guiadas pelo meu coração nessa busca desse conhecimento que nós é negado, que a gente esqueceu. Acho que a minha vida me leva para isso. (KÊNIA SANTOS, entrevista em janeiro de 2016).

Ela conheceu o Prem Baba em 2012 em Brasília, e inicia-se em 2014 quando da chegada dele em Alto Paraíso<sup>32</sup>. Mas, ao contrário do que caracteriza a trajetória inclusive de pessoas que compõem este capítulo, ela não parte de um grande movimento, de uma radical transformação na vida. Ela não se reconhece vivendo uma mudança física pautada por desconstruções, saídas de emprego, término de relacionamentos, em direção a uma “virada”. O relato de Kênia é de uma serena continuidade. Um aprofundamento, um encontro com uma comunidade com uma base. Um território de afeto e sentido que, na sua perspectiva, torna mais fácil a vida coletiva, a partir de um amadurecimento espiritual e emocional. De alguma forma, o sonho de vida em conjunto vai se aproximando de uma maneira diferente, e mais próxima.

O território de sentido dela aponta para um espaço de fronteira desde os primeiros passos, pois se constitui já em suas viagens, em entre-lugares, tecendo um sistema de sentido em que a vida comunitária, a abertura e o relacionamento com o outro são os pontos do olhar e os espelhos de aprendizado. Abrir a casa para receber pessoas, aprender a ceder para acolher a vida em comum. O serviço desinteressado não só nos momentos do *sewa*, mas, na vida, ao abrir os olhos e o coração para acolher o outro. O trabalho com a alimentação e com os

---

<sup>32</sup> Iniciação quer dizer, segundo Prem Baba, fazer um compromisso com a vontade divina. “A iniciação está se tornando sem sentido. Mas, ela significa fazer a opção de colocar cada célula do seu corpo de acordo com a vontade divina. Significa fazer um pacto com a luz para se tornar um instrumento do amor divino; um instrumento da luz. Isso é ritualizado através de uma pequena cerimônia, onde essa escolha é formalizada.” Sri Sachcha Prem Baba.

florais, com a cura, enfim, são ferramentas que ela utiliza para servir ao mundo. O seu serviço enquanto pessoa não está ancorado na função social, mas na sua relação e interação com o mundo, com a vida e com as pessoas.

O território familiar de Santos foi rompido cedo, se observarmos pelas histórias de vida dos primeiros entrevistados. Aos 16 anos adentra a fronteira do desconhecido e do entre-lugar. A partir daí segue-se um período, que eu diria percursos do desconhecido e de busca. O território profissional e não científico para Kênia, diferente dos demais, não é num primeiro momento um sentido de vida, mas, apesar da beleza e do encanto um lugar de sobrevivência. Na mesma perspectiva, a busca pela experiência comunitária refletia esse espaço de procura de um sentido de união, ou O sentido. O período em Arembepe e no Capão foram na verdade no olhar mais profundo, abertura para experienciar a construção desse território de sentido devocional, de afeto, de abertura do coração.

Dessa forma, parece ser ao chegar em Alto Paraíso que esse território de sentido devocional, até então ocupado com as experiências em comunidade, parece se alinhar com a profissão. O encontro com os Florais do Cerrado, com o reiki, com a cozinha foram formas de trazer as práticas do fazer para próximo do sentido, dessa experiência afinada com uma intensão de servir e de comungar com o outro, com a união, ou com o estabelecimento relação íntima e afetiva com algo (trabalho) e alguém (quem serve), como falamos da devoção.

É perceptível também que a espiritualidade enquanto algo palpável, real, e praticável acontece de forma a aprofundar e complementar ao território de sentido devocional de Kênia. São símbolos que se incorporam ao seu sistema de sentido, que a medida que o transforma e amplia também transforma e amplia seu território, sua lógicas de pensar, práticas de fazer e éticas do agir. No entanto, a profissão devocional em sua vida não depende da espiritualidade, tal como para João Mendes, mas diferente do meu caminho, por exemplo. A profissão é devocional porque traz um sentido maior, um sentido de união, de pertencer, e mesmo de servir, traz o laço afetivo e íntimo característicos da devoção tal como a tomo aqui. A espiritualidade hoje imbricada e misturada a esse sistema de sentido, foi mais um ingrediente, miscigenador.

Com estes depoimentos de vidas, travessias entre territórios e trajetórias em busca de entre-lugares, ou mesmo não-lugares encerro aqui este longo capítulo. No capítulo seguinte acredito estar cometendo uma ousadia. E espero que ela não seja considerada indevida. No capítulo 2 percorri algo da vida e da trajetória de pessoas internacionalmente reconhecidas no Ocidente e no Oriente do Mundo, e que se identificam como homens e mulheres “entre-mundos”, tanto na geografia do planeta quanto no que se refere ao que tenho tratado

aqui como territórios de sentido. Neste capítulo 3 trouxe as mesmas questões para o âmbito de pessoas próximas. Pessoas aqui nascidas ou que para aqui vieram muito cedo. E pessoas que mesmo não sendo tão internacionalmente conhecidas, em suas vidas e dimensões terão percorrido caminhos e vivido trajetórias de busca e de encontro bastante semelhantes.

Talvez eu devesse saltar deste capítulo 3 para aquele que nos espera adiante, e que deverá acolher as reflexões teóricas de uma geo-antropologia em diálogo com uma geo-espiritualidade (pois ousarei trazer à minha teoria algo que nem sempre a academia reconhece como cientificamente válido, mas que para mim é pleno de sentido). No entanto – e com a aprovação de meu orientador – resolvi acrescentar um 4º capítulo. E ele é ousadamente autobiográfico. Sim, porque a escolha da temática desta própria tese tem muito a ver com encontros e desencontros, buscas e trajetórias que eu mesma vivi e sigo vivendo. Assim, um último capítulo de “depoimentos de travessias e trajetórias” acolhe a experiência de mim-mesma.

Esta é a razão pela qual depois de pensar em concluir este capítulo 3 com uma antecipação teórica anterior ao capítulo de meu depoimento, decidi deixar para um 5º capítulo a reflexão teórica que, então, poderá abranger fatos e dados de meu próprio depoimento. Assim, após três capítulos que começam com um indiano e um austríaco, atravessam pessoas nascidas aqui ou vindas muito cedo para o Brasil e concluem com uma norte-mineira que foi buscar primeiro no Canadá e, depois, na Índia, algo que recobrisse de saberes e sentidos os “dois lados de si-mesma” (se é que não são “dois lados” e apenas um lado com duas faces), no 5º e último capítulo desta tese eu procuro saltar de depoimentos de vida para uma geo-antropologia daquilo que constitui “a mente e o coração” desta tese: procurar compreender, através de depoimentos de pessoas, entre as quais eu me situo, quais as travessias **da** vida, quais as trajetórias **de** vidas, e o que significa esta escolha que desde o passado remoto da humanidade – passando por alguns de seus mais renomados sábios – até os dias de hoje, leva homens e mulheres a saírem de um confiável e seguro lugar de vida e/ou território de sentido, para irem habitar entre-lugares, territórios de fronteiras ou fronteiras entre territórios... de vida e de sentido.

Atma Ka Sangit



Prabhujī, gaun houn guna terā  
Dekhan chahun prakash tumhara  
Tum par adharite jagate ho sara  
Tumko manaun, tumko pukarun  
Tumko jagarun karya ye mera  
Prabhujī gaun hou guna tera  
Sacche Baba gaun houn guna tera  
Guruji gaun houn guna tera.

Atma Ka Sangit



Oh! Senhor, eu canto suas qualidades.  
Eu quero ver a sua Luz.  
O mundo todo depende unicamente de você.  
E rogo por você. Eu chamo por você.  
Para despertá-lo, é meu trabalho.  
Senhor, eu canto suas qualidades.  
Sachcha Baba, eu canto suas qualidades.  
Guruji, eu canto suas qualidades.



# Capítulo 4

## O capítulo da minha vida<sup>33</sup>



## 4. O capítulo da minha vida

### 4.1 Sandra

Qual sua história de vida? Onde nasceu? Com quem viveu? Como foram os começos da vida da pessoa que veio a ser eu-mesma? O que eu vivi, o que pensei e em que acreditei durante a infância, adolescência e juventude?

Nasci no em Montes Claros, no Norte de Minas, em 1984, ano em que a primeira mulher caminhou pelo espaço e em que foi assinado o acordo de paz entre Argentina e Chile. Sou filha de Gilberto Ferreira Leal, serralheiro e montesclarenses e de Conceição de Jesus Fonseca Leal, costureira, natural de Jequiá, mais especificamente, da comunidade rural geraizeira de Riacho Fundo.

Meu pai nasceu e cresceu na cidade e imediações. Ele teve uma infância muito simples e humilde. Minha mãe também teve infância humilde e simples. Mudou-se para Montes Claros depois do falecimento da minha avó em busca de estudos. Estudou até a oitava série, casou-se, quando engravidou da minha primeira irmã, Nádja parou os estudos e dedicou-se à família pelos primeiros anos de nossa infância.

Minha mãe dedicou sua vida à família, entre trabalho fora para “complementar a renda” e o serviço devocional aos filhos. Abriu mão do seu sonho de estudar e ser professora para cuidar dos cinco filhos e do marido, meu pai. Trabalhava como costureira numa fábrica de roupas, antiga “Tóquio”, assim que se mudou para Montes Claros. Após o casamento e a chegada da primeira filha, ela deixou o trabalho. Após o nascimento do último filho, William, retomou a costura, agora na “Divina Decadência”, também uma fábrica de roupas. O trabalho com a costura veio como forma de sustento e para “complementar a renda” em casa. Esteve sempre muito preocupada e zelosa de que estudássemos.

Meu pai trabalhou desde os 7 anos, catando lenha para vender e vendendo os doces que minha avó preparava. Ajudou minha avó com os filhos, pois meu avô trabalhava como lavrador rural sazonal, ou seja, vivia embrenhado nas roças das fazendas, ora vizinhas ora distantes. Queria estudar mecânica, mas, não encontrando mestre disponível na cidade, optou pela serralheira, que tinha então uma demanda no mercado. A principal preocupação naquela época era adquirir uma profissão que tornasse possível manter a família. Ele seguiu

trabalhando muito para tornar possível os estudos dos filhos. Às vezes o alimento era contado e até mesmo regrado; mas, os livros eram sempre garantidos.

Eles se casaram pouco tempo depois do falecimento de minha avó paterna. A escolha dos dois por construir uma família parece que ocupou o lugar de prioridade dos sonhos antigos. Vivemos enquanto família anos muito difíceis, de muita confusão, com largos momentos de distanciamento e separação entre nós mesmos. Mas, que também tempos que nos ensinaram e me ensinam até hoje lições sobre o que a separação causa e o valor do caminho, da escolha pela a união.

Sou a terceira filha de cinco filhos, quatro mulheres (Nadja, Érica, Daiane incluindo eu), e um homem (William), o mais novo. Cresci na casa em que ainda hoje vive minha mãe. Uma casa meio corredor, com quatro quartos, duas salas, uma cozinha, uma área de frente e um quintal gigante. Embora a casa agora enquanto escrevo pareça grande ela era minúscula para nós cinco, ou sete. Meus pais trabalhavam muito e ficávamos muito entre nós. O quintal era um lugar de exploração, de brincar de terra, de pique-esconde, de pare-bola, queimada, porta-bandeira. Os vizinhos, na maioria meninos, iam todos para lá, pois era O lugar da aventura.

Tenho lembranças dos primeiros anos da infância que me arrebatam em sensações diversas e desafiantes. A distância criada entre meus pais e eu era muito grande. O diálogo muito pouco, e totalmente permeado por uma visão de autoridade, de poder e de medo. Ouvia ordens e obedecia. Logo cedo assumi os cuidados com a casa e as tarefas rotineiras para mantê-la. O que às vezes despertava em mim uma sensação de força e independência, mas, em outras, um sentimento de prisão e de raiva. Algo que hoje ajuda a revelar as confusões de associações que eu fazia e ainda faço nesse espaço e memória da “minha criança”.

Montes Claros nas imagens da minha infância, era pequena e rural. Lembro ainda hoje de ir buscar leite com minhas irmãs no lugar em que foi construído o primeiro shopping center da cidade. Cenas em que corro em ruas de terra, entre as poucas e espaçadas casas; da casa em que cresci sem muros e rodeada de mato. Do chiqueiro e da criação de porcos, de bodes e de galinhas que tivemos. Ainda hoje vejo a mesma casa, ainda com galinheiros e com o mesmo quintal gigante repleto de árvores frutíferas. E revejo as cenas de uma infância rural e aparentemente livre.

A primeira geografia de minha vida não deve ser muito diferente da de outras crianças de meu mundo e de minha condição social. Ela começa em minha cama, em meu quarto,

dividido com outras irmãs, vai até os cômodos de minha casa. Mas, de forma diferente do que viveram e vivem muitas pessoas, sobretudo hoje em dia, essa geografia se estende a um imenso quintal. Ela vai ao quintal e, para além dele, ao mundo de fora. E no quintal da casa vivíamos tanto no chão quanto no alto das árvores. De tal modo que hoje recordo que os meus primeiros “voos” foram na copa das árvores do quintal. Elas eram um pouco o nosso refúgio também. Foi o quintal de minha casa um primeiro lugar em que as brincadeiras descontraíam tensões e ameaças tanto as dos pais quanto as nossas, infantis.

O caos entre nós irmãos, a disputa por autoridade, por território, pois desde cedo as lutas e conflitos por territórios começam dentro de uma casa e de uma família. Penso que uma boa geografia deveria começar pela análise deste “território”. Debatíamos de forma intensa sobre o que era certo e o que queríamos para cada quem e para nós, como uma família.

Carrego comigo uma criança assustada, com medo e, às vezes, raivosa por causa de tantas brigas, disputas, competições, e pelas separações entre nós gerada por causa disso. Essas sensações que me acompanhavam mesmo nos momentos de brincadeiras no quintal inquietavam-me constante e continuamente. Num período de minha vida a própria existência de Deus era duvidosa, e se ele existisse, nas minhas imagens deveria ser bem vingativo.

Esse cenário provocou em mim um desejo forte de mudança, e a certeza, desde cedo, de que a minha vida precisava ser diferente. Ouvia da minha mãe que “para ser gente é preciso estudar.” E acreditando nessa afirmação – pois via nela uma paixão pelos estudos e por aqueles que seguiam carreira acadêmica – foquei desde a sexta série do antigo colegial o meu caminho nos estudos. Naquela ocasião era a minha única opção. Meus pensamentos eram: “É preciso estudar, é preciso ter uma profissão bem paga” e, inconscientemente, eu alimentava uma outra afirmação “só serei alguém se estudar”.

Assim, fui direcionando minha atenção à medida que ia crescendo, para a universidade. Não era possível outra realidade. Tudo que não fosse estudar parecia menor e inferior. Muito embora também sentisse muito peso nestes momentos destinados as disciplinas, às leituras, escritas e reflexões. Hoje percebo que se não estivesse realmente empolgada ou interessada neles, eu ao menos os via como uma saída para mudar a “loucura” em que eu viva dentro de mim. E, que, de certa forma deu muito certo.

Lembro de ver minha irmã mais velha, Érika, estudando, esforçando-se muito e conseguindo passar no vestibular. Ela era então o “meu ídolo”, meu exemplo. Nessa época eu lia os livros dela e seguia os seus passos, ainda que eu não soubesse bem o que estava fazendo.

Creio que escolhi o curso para o qual prestei vestibular no jogo da sorte. E deu Letras, com ênfase em Português. Assim, segui os passos de Érika e passei no vestibular.

Minha irmã ainda mais velha, Nádja, representava para mim o trabalho e o serviço. Ela começou a trabalhar cedo, aos 15 anos, num escritório de contabilidade, e embora parecesse não saber exatamente o que fazer enquanto profissão ideal (fez enfermagem, fotografia, contabilidade) tinha o seu próprio trabalho, a sua independência financeira e a liberdade de escolha que provinha dela. Ela me mostrou que era possível trabalhar com dedicação, sem que necessariamente esse trabalho fosse meu ideal de profissão e vida.

Com minha irmã mais nova, Daiane eu via a força e o poder, ainda que enfrentando desafios, no sentido de escolher um caminho seguindo o coração. Ela era a aventureira, a artista, a brincalhona. Ela se jogava em cursos de teatro, dança e música, se experimentava e se extrapolava. Decidiu ir para Salvador e fazer teatro, escolha que a levou a aprender e a se relacionar com a vida de uma outra forma. Ela é meu exemplo de coragem. Foi me inspirando nela que decidi mais tarde seguir meu sonho... ou o meu ideal de sonho.

William, o mais novo, inspirava em mim desde cedo a rebeldia, a coragem e a busca pela liberdade, pelo ousar experimentar. Ele decidia e fazia, e não tinha nada ou quem lhe dissesse um “não”. Nesse ínterim ele experimentou um mundo, desde as situações mais ousadas e reprovadas, à dedicação e o serviço à família que hoje tem.

Cada um ativava e ativa em mim também desafios e lições com as quais aprendo. Em todo esse período a minha convivência se deu em sua grande parte no interior do meu núcleo familiar. À parte, tinha os poucos momentos em que estava na escola, ou na companhia de algum colega. Tive na fase do colégio três grandes amigas que me acompanhavam, e com quem compartilhava meu afeto e minha atenção, cada uma a seu momento. No primeiro ciclo da escola, da 1ª a 4ª série era com Martha que ia ao banheiro no recreio, e com que compartilhava o lanche e as brincadeiras. Durante o segundo ciclo, da 5ª a 8ª série do colégio foi com Waney que compartilhei as experiências, as brincadeiras e jogos de rua, assim como as tarefas de casa e as lições da escola. No 2º grau, do 1 ao 3 ano foi com Ester com quem convivi e comunguei das descobertas da puberdade. Foram essas pessoas que estiveram de forma presente e que sinto terem feito, a seu tempo, parte da “construção” de o que sou eu hoje.

Lembro-me de sentir um estranhamento quando fiz a terceira fase do vestibular, o PAES (processo seletivo seriado). Ouvia as pessoas discutindo as questões e defendendo e

argumentando questões mal elaboradas e com todo o fervor. Embora eu estivesse muito feliz por estar ali, vivia então o medo de não ter feito uma boa prova, de ser reprovada. Vivia também a sensação de não me reconhecer ali; de não estar totalmente presente. Quando recebi o resultado da aprovação, e ainda numa boa colocação (3º lugar), pensei que Deus devia querer que eu passasse, e que era para eu estar ali mesmo.

Ingressei no curso de Letras Português. Lembro que um pouco antes, enquanto ainda estava cursando o 2º grau do ciclo escolar, conciliei o pré-vestibular para o processo vestibular PAES, com um ano de Conservatório de Música, e meio ano de Colégio Agrícola. Adorava o que experimentava e aprendia no conservatório, embora sentisse que não possuía bastante talento para o violão. Já no Colégio Agrícola eu experimentava o prazer de conviver com o campo, vivendo a experiência com a agricultura. Mas descobri que não era para mim numa aula de “descornar os bezerros”. Encostar o ferro quente nas pontas dos chifres que estava por nascer dos bezerros, vendo nos olhos deles a dor da queimadura mostrou-me que aquela não era a minha escolha de vida. Parei de frequentar as aulas e estive um tanto mais presente no pré-vestibular.

Quando olho para aqueles momentos da minha vida, vejo como tive de certa forma uma infância prolongada, por ter vivenciado um mesmo círculo de experiências por longo tempo. Não tanto por uma infantilização, pois, ao contrário, assumi cedo algumas tantas responsabilidades. Cresci para assumir-me, para trabalhar e cuidar de mim e de certa forma dos meus irmãos, pelo menos eu acreditava nisso. Os meus espaços, a casa, a família, a escola, o cursinho, o conservatório, com poucos amigos. Talvez por isso minhas esperanças nos estudos tenham sido tão fortes e direcionadoras, “a única saída, o único caminho”. Estudar para mim não era apenas adquirir conhecimentos e lograr uma profissão. Era também estender fronteiras de vida, alargar a minha geografia dos espaços sociais e dos lugares simbólicos.

Naquele longo período da minha vida eu fui Sandra, e poucas vezes Alessandra. Toda a família e os amigos da escola assim me chamavam. Eu tinha uma certa bronca pelo nome “Sandra”, e na verdade ainda tenho. A história do meu nome era associada com uma imagem de uma “menina boazinha que não ofendia ninguém”. Essa é a descrição dada por minha mãe quando eu perguntava pelo meu nome. “Era o nome da filha da vizinha da frente. Ela se chamava Sandra e aí resolvemos colocar Alessandra”. Eu não gostava. Preferia claramente que me chamassem de Alessandra, mas, àquela altura era difícil mudar. Percebi, no entanto, quando dos primeiros momentos de mudança de espaços, em 2000 quando frequentava o Colégio

Agrícola e o Conservatório, a possibilidade de alterar o nome. No “Agrícola” os novatos eram rebatizados e recebiam um apelido qualquer. Ali vi que podia transformar a realidade do meu nome. E isso abre espaço para que um ano mais tarde nascesse Alê, quando ingressei num novo círculo de espaços, experiências e relacionamentos.

Por outro lado, as lembranças rurais, do quintal, da terra, do barro, das correrias trazem em mim um acalento, um repouso. Embora sentisse em um não-lugar nos vários espaços sociais em que convivia, a escola, o conservatório, o colégio agrícola, o cursinho, sentia-me no lugar quando me conectava com a terra e a natureza. Lembro das caminhadas ora solitária, ora na companhia de algum primo, na roça, no Riacho Fundo e eram momentos de paz e serenidade. Talvez por isso ainda hoje a natureza seja um espaço de lugar para mim. O contato com a terra, o sentir-me misturada nos jogos no quintal me fazia reconhecer nos amigos de brincadeira o sentimento de comunhão.

Reconheço que mesmo Montes Claros sendo para muitos uma cidade de médio-grande porte, para mim foi durante minha primeira infância essencialmente rural.

#### **4.2. Alê e Allé**

Qual foi e como foi a minha formação acadêmica, universitária? Qual a trajetória acadêmica e profissional? Quais os percursos intelectuais percorri? O que eu vivi de alternativo, de extra acadêmico, de espiritual, de devocional, de vocacional durante o tempo de minha formação? Terei eu vivido algum momento de uma conversão a algo que segui por anos ou por toda a minha vida, até hoje? Quais os deslocamentos e territórios da história de vida? Quais os lugares importantes e de iniciação ou descoberta na trajetória da sua vida? Como eu lidei com um "viver entre dois (ou três, ou mais) "mundos"?

Estudei toda a minha formação básica e colegial em colégios públicos, na verdade, em apenas dois: a Escola Estadual Clóvis Salgado, onde cursei até a 4ª série do ensino básico, e a Escola Estadual Professora Dulce Sarmiento, em que estudei até completar o 2º grau. Escolas que ficavam a 10 minutos da minha casa. Formei em 2001, e em 2002 comecei a cursar Letras Português na Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Eu tinha então 17 anos quando comecei o curso. Estava ali sem saber ainda se era isso mesmo o que eu queria. Mas estava encarando o que parecia que era a minha opção naquele momento. E estando ali, um universo totalmente novo se abriu para mim.

Aqui nasceu a Alê. Vendo a chance de me apresentar a pessoas que nunca havia visto na vida, percebi a possibilidade de ser quem eu quisesse. De ser alguém totalmente diferente do como eu estava habituada a ser reconhecida. Embora não soubesse “ser outra”, ou manifestar algo radicalmente diferente do que vinha manifestando, resolvi apresentar-me nesse novo momento como: Alê. E assim prossegui até o final dessa fase, quando ainda vivia inquieta com algo não sabido e com um permanente ânsia de transformação. Então mudei a escrita de meu nome em 2011, sob influência da língua francesa do Québec, para Allé, particípio do verbo ir. Ainda hoje me tocam expressões associadas a esse nome, tal como: “como vai”, “segue Allé”, ou “Allé já foi”.

Os anos da graduação foram interessantes. A abertura para o primeiro amor, e também para a primeira desilusão. Os primeiros momentos em que não tinha mais uma “melhor amiga” me acompanhando, ou com quem fazia os trabalhos acadêmicos. Saltei da relação individualizada com uma ou duas amigas, para uma dimensão mais plural, que pouco a pouco me envolvia em equipes. Mais tarde, na pós-graduação essa veio a ser a tônica de minha vida. Emigrei de um grupo para outro, tendo mais afinidade com uns do que com outros, mas convivendo e abrindo o leque de minhas convivências. Acreditava ainda que o caminho acadêmico era o único possível. E de certa forma me realizava estando ali. Havia ainda um espaço vazio e angustiado, mas outro que se sentia pleno por estar onde eu havia escolhido estar. No entanto, guardava em mim ainda aquela constante inquietação, junto com um questionamento inquietante, o de não saber se era ali mesmo que eu poderia ser útil à vida.

Então, na metade do curso pensei em mudar para Ciências Sociais. No entanto, isso me faria retardar dois anos de estudos, e enfrentar quase toda uma graduação completa, levou-me a seguir em frente com as Letras.

Neste período eu trabalhava na Pró-Reitoria de Pesquisa, entre dezembro de 2002 e fevereiro de 2006. Este trabalho ocupou quase todo o período de minha graduação, primeiro como estagiária, depois como auxiliar administrativo. Aprendi a lidar com projetos de pesquisa, a trilhar os caminhos do fomento à pesquisa e da pós-graduação. Aprendi a lidar com os formulários e as burocracias do mundo científico e tinha para mim que meu caminho seguiria o da pesquisa acadêmica. Naquele tempo me tocava a oportunidade de mergulhar em mundos e no meu próprio mundo, de forma a apresentá-lo de uma maneira transformadora para outras pessoas e para mim mesma. A possibilidade de transformar minha experiência parecia-me motivante, e eu a via organizada e descrita de tal forma que tocasse e despertasse outras pessoas para a importância do estudo e da multiplicidade de possibilidades da vida.

Nesta época eu achava que poderia encontrar na literatura a ferramenta e o instrumento de uma tal transformação. Cheguei a escrever artigos para revistas da Universidade, o que para mim era uma grande realização. Eu tinha finalmente orgulho de mim mesma.

Concluí minha graduação em fevereiro de 2006, em virtude de uma das greves dos professores do Estado. Neste mesmo período comecei a trabalhar como agente de propriedade intelectual no *Ágora- Núcleo de Propriedade Intelectual* da própria UNIMONTES. Entre registros de marcas, softwares e direitos autorais, eu fazia também os relatórios de patente dos inventos de docentes e pesquisadores da universidade. Em 2007 uma das demandas de relatório era sobre um melhoramento de processamento de coco babaçu de uma comunidade tradicional do distrito de Montes Claros.

Foi nesta época que eu comecei a pesquisar com mais cuidado o que era e quais eram os hábitos das pessoas de tais comunidades. Uma vez que a relação entre o *Ágora* e a cooperativa em questão pedia cuidados em virtude de todo o sigilo e zelo da propriedade intelectual. Assim, curiosa pela demanda do trabalho, mas, também instigada por minha própria história, matriculei-me na disciplina “Dinâmicas socioeconômicas e Identidade (Antropologia das Sociedades Ribeirinhas)” do mestrado em Desenvolvimento Social da UNIMONTES, como aluna especial.

Como disse linhas acima, sou filha de uma “geraizeira”. Minha mãe é de uma comunidade hoje já extinta, chamada Riacho Fundo. Passei as férias da infância entre tios, tias e primas. Mas, pouco entendia sistematicamente do que vinha a ser a categoria “comunidade tradicional”. Assim como nunca tinha pensado nos modos de vida de tais comunidades, tal como comecei então a ver e buscar compreender. Fiz um trabalho de campo com mais quatro colegas na Ilha da Pimenta, no rio São Francisco, em Pirapora.

Conversar com aquelas pessoas tão distantes e tão próximas foi ressignificar todo um olhar de minha vida. Olhar “de fora”, mas mais atenta a tudo o que tinha eu mesma vivido na infância. Os espaços, lugares e afazeres proibidos e, ao contrário, exigidos. O modo como as crianças cresciam, como se relacionavam com a natureza, e uns com os outros, me tocava. Ouvir aquelas mulheres era como ouvir minha mãe. O trabalho com a terra, que durante muitas vezes senti pesado e árduo, naquele momento se transformava em beleza e poesia. Posso dizer que fazer aquela disciplina provocou a minha primeira mudança de olhar, e de minha visão de mundo. Foi talvez a primeira vez em que vi minha própria vida “de fora”, com um olhar não tão marcado pela minha constante inquietação. Fiquei profundamente tocada, e

vi uma oportunidade mais viva de mudar e criar, de fazer algo transformador, em que eu acreditasse de verdade.

Lembro que escrevi um trabalho muito singelo, transcrevendo minhas mais inocentes impressões não só da Ilha da Pimenta e da vida ali, mas, de todo o caminho, saindo do Campus da UNIMONTES, em Pirapora, até a porteira da fazenda que guardava a entrada da ilha.

Lembro como ontem das caliandras salpicando de vermelho o cerrado empoeirado pela seca do mês de julho. Na ocasião achei que o trabalho final seria reprovado, tamanha a sua simplicidade, quando com surpresa, recebi o convite do professor Carlos Brandão, coordenador da disciplina, para integrar o Grupo de Pesquisa Cultura, Processos Sociais e Sertão. Com o convite veio também o desafio de ingressar no mestrado em Geografia na Universidade Federal de Uberlândia.

Durante todo este tempo eu me dividia entre meus estudos na universidade, o meu trabalho no Ágora – Núcleo de Propriedade Intelectual e Inovação Tecnológica da UNIMONTES, a Fatho – Escritório de Propriedade Intelectual que criei, junto com uma sócia como estratégia de “fazer dinheiro”, e em minhas buscas pessoais de "caminhos outros", em uma direção extra-academia.

Assim, em fins de 2007 e inícios de 2008 fui incluída na equipe do projeto *“Tradição e mudança entre comunidades tradicionais ribeirinhas do São Francisco em Minas Gerais: uma abordagem sequencial e multidisciplinar.”* Meu projeto entre os da equipe era: *“Os espaços e os ciclos de vida: a vivência e o viver da criança em Barra do Pacu?”*. Foi com ele que prestei o processo seletivo do mestrado na Universidade Federal de Uberlândia. O resultado da seleção saiu em dezembro de 2008. Logo depois eu me preparava para um retiro. Uma experiência inédita para mim que, ao passo que me convocava, me dava também um frio na barriga.

Pouco depois de começar o trabalho com o Professor Carlos Brandão e o Grupo de Pesquisas, fui pela primeira vez participar de um ENCA – Encontro de Comunidades Alternativas (ou Encontro da Família Arco-Íris) no sul de Minas, na Serra do Gamarra. Fomos, uma amiga e eu, num mês de julho de 2008, e fazia muito frio. O Encontro foi organizado pelas pessoas que o frequentavam a mais tempo, e todo o trabalho era feito por aqueles e aquelas que ali estavam. A cozinha improvisada, tal como os girais e casas de pau-a-pique das comunidades tradicionais. Os banheiros secos, ou “cagamor”, cuidadosamente preparados em locais ora privados, ora nem tanto. Uma das cenas que ainda

lembro chocada foi de um maluco defecando no banheiro seco que foi instalado no alto de uma pequena montanha que margeava o córrego. Dali um ato conhecidamente íntimo tornou-se aberto ao público. Lembro-me de ter ficado espantada, mas eu ria muito de todas as quebras de paradigmas que aconteciam ali.

O colchão de ar que inocentemente havíamos levado furou no primeiro dia. Acordávamos as quatro horas da manhã no chão. Esperávamos o sol nascer, virando de um lado para o outro. Saindo da barraca, a vista do gramado branco pela geada era estonteante. Alguns se deixavam deitados ao lado da fogueira que ainda com brasas esquentavam os que a rodeavam.

Neste ENCA estive trabalhando na cozinha. Foi meu primeiro contato com a alimentação vegana e natural, e aprendi algo sobre a importância dos alimentos orgânicos e de uma vida mais próxima da terra. Aqui mais uma vez eu vi transformar-se a forma com que eu via e vivia a minha vida. Agora havia não só beleza e poesia nos conhecimentos tradicionais, mas, saúde e integridade. Integridade no sentido de estar conectado com “mãe natureza” e de respeitar os seus recursos.

Ouvi falar ai pela primeira vez da alimentação prânica e do processo “Viver de Luz”, difundido pela australiana Jasmuheen. Recordo-me disso também como hoje. Oberon, um menino que devia ter uns 22 anos, falava da experiência da sua família com o processo. Eu ouvia embasbacada, e questionava a veracidade de tudo aquilo. Muito embora, naquele momento eu já soubesse que iria fazer. Eu ouvia e sabia que eu o faria.

O processo “Viver de Luz”, é um retiro de 21 dias em silêncio e jejum, em que durante sete dias o interessado faz jejum absoluto, de sólidos e líquidos, nos próximos sete ingere apenas sucos com 70% de água e nos próximos 7 dias sucos mais concentrados, com 50% de água. A Jasmuheen é autora de vários livros sobre seus experimentos e descobertas com a alimentação prânica. Ela consiste em se alimentar de prana, a energia vital disponível no cosmos. O Oberon e sua família fizeram o processo juntos no ano de 2001, e desde então dedicaram-se a divulgar e a receber pessoas interessadas em viver o processo no sítio da família em Conceição do Mato Dentro.

Decidida a fazer a experiência, comecei logo depois do ENCA a reduzir minha alimentação. Queria avançar aos poucos. Então, primeiro diminuí a quantidade de refeições por dia; depois, as porções cada vez menores. Em setembro eu comia apenas frutas. E em janeiro de 2009 retirei-me para a casa de uma amiga na Serra do Caparaó, e fiz o processo.

Foram 24 dias de jejum. Na ocasião, findado o processo eu pensava em não voltar a me alimentar de sólidos, e me alimentar de prana para sempre, tamanha a leveza e amor que senti impregnarem o meu ser.

No entanto, não parei por ai. Ali, na casa da amiga que me acolheu, ouvi falar de uma senhora que vivia mais acima, no Pico da Bandeira com sua filha Raiom, e que viviam unicamente do que colhiam na floresta. Pelo dizer das pessoas, ela havia parido a filha ali mesmo na serra, sem auxílio de parteira ou de médico, e num parto sem dor. Fiquei também tocada com a possibilidade de um parto sem dor. Queria conhecê-las. Subi assim, em jejum, a serra até a morada de Angélica, ou Anjelica, como ela escrevia. As meninas moravam com mais duas pessoas: uma senhora paulista que morava no pé da serra, e um outro casal que não cheguei a conhecer, pois, estavam em sua casa mais dentro da mata.

Anjélica foi muito cuidadosa e protetora comigo. Explicou-me a importância de voltar a me alimentar dos sólidos, e ofereceu-me água de coco. Resolvi voltar. Já havia vivido de modo intenso todas as sensações que buscava. Podia sentir tudo, desde minhas próprias emoções até as ondas do vento antes que ele soprasse com muita intensidade. Ela explicou-me ainda sobre o seu trabalho, junto com o marido, Geraldo, sobre alimentação natural e a cura por meio de sua prática. Contou-me sobre sua pesquisa espiritual, sobre os índios guarani e a língua mãe, e também do seu alfabeto original que ela estava resgatando. Fiquei ali quatro dias e descí. Já se aproximava o tempo do começo das aulas do mestrado que se iniciariam em março de 2009.

Voltei realizada e pronta para os trabalhos na Universidade e com o Grupo de Pesquisas, que nessa ocasião já estava sendo rebatizado para o nome de Opará. Mergulhei novamente nas minhas atividades, tanto acadêmicas, quando profissionais. Cheguei num dia em Montes Claros, e no seguinte já estava em uma roda de reunião do Opará na UNIMONTES, preparando o que seria o plano de trabalho das ações do ano. Neste período comecei também a auxiliar na gestão do OPARÁ, e na captação de recursos para o



desenvolvimento dos projetos, experiência que trouxe dos seis anos em que trabalhei na Pró-Reitoria de Pesquisas da UNIMONTES.



LEAL, Alessandra. **No Opará**, 2010, 2013, 2011.

Foi quando, em conjunto com o Professor Carlos Brandão, a professora Andréa Narciso e a então também acadêmica Ângela Fagna, escrevemos o projeto “*Etno-Cartografias do Rio São Francisco: modos culturais de vida cotidiana, culturas locais e patrimônios culturais em/de comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais*”. Foi com ele que o Opará se tornou oficialmente o “*Opará – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre comunidades tradicionais do Alto Médio São Francisco*”. Oficializamos o grupo e começou então a nascer o que viria a ser o “*TRAVESSIAS – Museu da Pessoa do Sertão*”.



LEAL, Alessandra. **Com Carlos Brandão e Andréa Maria**, 2009.

Os projetos do Opará, inicialmente muito acadêmicos tinham e ainda tem como objetivo registrar os modos de vida, as histórias de vida, os saberes de comunidades tradicionais ao longo da porção navegável do rio São Francisco. Com pesquisas e interação nessas comunidades desde 2002 a relação entre o grupo e as gentes da pesquisa foi se aprofundando e transformando, assim também a abordagem da pesquisa foi se re-delineando. O Travessias – Museu da Pessoa do Sertão, já tinha como objetivo registrar as histórias de vida das gentes e povos ali de maneira variada, ora pelos pesquisadores, ora pelas gentes mesmo do lugar, promovendo uma troca de ser para ser, entre pesquisador e pesquisado. Era uma forma também de aproximar tais pessoas do universo acadêmico e também de trazer um registro mais com um retorno social mais direto, ou seja, que levasse uma visibilidade maior para as comunidades. O Opará me trouxe um grande aprendizado enquanto pesquisadora e enquanto pessoa, pois resgatou em mim aquela essência rural, geraizera que eu vivi fortemente na infância. Além da sensação de beleza e poesia que sempre experimentava estando nas comunidades e com aquelas gentes. Era como estar com a minha gente, pois de fato eram a minha gente. Resgatei ali o valor de minha raiz, minha origem, minha tradição de fazedora de farinha de mandioca, de andarilha de longas distancias a pé.

Em 2009 eu me desdobraava entre o Ágora, a Fatho, o mestrado e a gestão do Opará. Era reconhecida nos diferentes setores em que trabalhava pelo “espírito prático” (como diria Carlos Brandão), pela facilidade com que me movia entre a Universidade e os órgãos gestores de financiamento de pesquisas.

Neste mesmo ano reescrevi o meu projeto do mestrado. Finalizei o primeiro relatório e entreguei o resultado como a minha contribuição final para projeto “*Tradição e mudança entre comunidades tradicionais ribeirinhas do São Francisco em Minas Gerais: uma abordagem sequencial e multidisciplinar*”. Com ele iniciei as minhas atividades junto ao Professor Carlos Brandão. Feito isto escrevi então um novo projeto: “*Cultura Popular e Patrimônio Cultural: o olhar de dentro para fora: uma análise sobre a gestão da cultura popular pelos ‘fazedores’ de cultura*”, com o qual fui premiada pela FUNARTE com a Bolsa de produção crítica em cultura popular e conhecimentos tradicionais.

Pouco mais tarde, neste mesmo ano fui selecionada pelo Programa Jovens Líderes das Américas para realizar um estágio no Canadá. Estágio que fiz de fevereiro a julho de 2011 no “*Departement Sociètès, Territoires et Dèveloppement de la Université du Québec à Rimouski*.” O projeto resultou na dissertação: “Semear cultura, Cultivar culturas populares, Colher

patrimônios: a gestão social da cultura e do patrimônio cultural às margens do Rio São Francisco”, defendida em setembro de 2011.

A partir do ano de 2009, já pós-graduanda, eu me vi dividida entre a estudante, a "eficiente e prática" buscadora de recursos e uma pessoa para quem, ao lado dos saberes da ciência, estavam sempre diante dela mais do que uma simples curiosidade por outros saberes, outras vivências, outras experiências. Algo ora classificado como “buscas espirituais”, ora como "exotéricas". Meu próprio orientador mais de uma vez me incentivou a percorrer “os dois caminhos”, lembrando quantos grandes cientistas, a começar por Newton, foram astrônomos e astrólogos ao mesmo tempo. De vez em quando conversávamos e ele, entre sério e risonho, dizia ver em meu futuro uma "doutora e feiticeira".

No período de 2009 e 2011 eu conciliava minha vida entre dois momentos, entre dois horizontes: ora a praticidade do universo acadêmico e burocrático dos setores em que trabalhava, ora as experiências místicas a que me entregava sempre que podia. Naquele ano de 2009 ainda participei de mais um ENCA, o último que vivi.

Em 2010 e 2011 estive intensamente mergulhada nas demandas profissionais entre os meus estudos e os afazeres dos projetos coletivos. Nesses anos organizamos, novamente com o Professor Carlos Brandão, com Andréa Narciso e Maristela Correa Borges, os projetos “*Beira Vida, Beira Rio: Cultura, cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco*”; e o “*Sujeito-Agente, Pessoa-Sertão: cultura popular e patrimônio cultural no Alto Médio São Francisco*”. Deste último derivamos o projeto: “*Museu da Pessoa do Sertão: acervo de cultura popular e patrimônio cultural do Alto Médio São Francisco*”. Estes dois últimos foram concebidos ainda no Canadá, quando eu visitava os museus regionais das pequenas cidades quebecoises. Foi uma forte inspiração ver museus simples e com registros de histórias de pessoas do povo, mas, que juntas, numa colcha de retalho recontavam a história de cada pequena cidade. Esse desenho, essa imagem que se formou em minha mente ao trilhar tais museus, foram a base dos dois últimos projetos que participei no Opará.

Enfim, em setembro de 2011 abriu-se a porta que depois do mestrado eu tanto almejava. Era a oportunidade de dedicar mais do meu tempo a experimentar um universo para mim ao mesmo tempo racional e científico & místico e mágico, pois ele coincide com o meu ingresso no Doutorado em Geografia da UFU.

Embora eu tenha que reconhecer aqui que tenha brigado muito com a universidade por não conseguir me incluir inteiramente neste ambiente repleto de teorias, citações e grandes

nomes, compreendo agora que tenha sido também uma forma com a qual meu coração, neste período briguento, encontrou de me mostrar que eu podia experimentar outros meios, outros lugares, outros símbolos. Eu brigava, pois inconscientemente achava que precisava estranhar algo para procurar o novo. Eu não podia deixar algo bom e realizante para ir em busca de algo diferente e desconhecido. Eu achava que precisava estar ruim para querer fazer diferente. Então, percebo que em muitos momentos briguei, questionei a universidade, estranhando em mim um não-lugar e mostrando para mim que eu poderia ir em busca de novos mundo. É bem verdade que era e ainda é difícil me reconhecer enquanto acadêmica, enquanto cientista. Mas, aprendi ao longo dessa trilha no desconhecido que posso estar no paraíso, no ápice da realização e ainda assim escolher, por uma demanda do coração, mudar e transformar.

Então, nasce a história da presente tese, que começa com uma conversa num carro Fiat Uno, de nome “Aridai”. Estávamos saindo da UFU após a defesa de minha dissertação. O tema de nossa conversa era a possibilidade de pesquisa do doutorado. Eu estava meio temerosa, pois já o mestrado havia sido um desafio e tanto. Mas a oportunidade de continuar trabalhando no Opará e com o Professor Carlos Brandão me tocava e animava. Sentindo os caminhos abertos e a confiança na continuidade do trabalho com as comunidades tradicionais, foquei a minha energia para preparar o projeto para o processo seletivo. Lá dentro, no meu íntimo, o que brotou de pensamento naquele instante foi que finalmente, como outras e outros antes de mim, eu poderia unir a minha busca num caminho alternativo e místico, mais “à oriente”, com a vida acadêmica de estudos, de ciência e de pesquisa mais “à ocidente”. Diante do “sim” dos integrantes do Opará naquela viagem de carro, disse eu também um “sim” a tudo o que veio depois.

Em dezembro de 2011 na Rosa dos Ventos, sítio do Professor Carlos Brandão, localizado no Sul de Minas – local que frequentava assiduamente – conheci uma facilitadora de constelações familiares e educadora, Irene Penteadó Cotrim, e tomei conhecimento de seu trabalho com a constelação familiar<sup>34</sup>. Ali pude começar a experimentar no corpo as sensações e percepções “mágicas”, aquelas que a minha mente não entendia através de uma coerência “ilógica do sentir”.

Tive a nítida percepção de ver imagens de vidas passadas como em um micro filme. Isto despertou ainda mais meu interesse em acessar tais experiências. Iniciei uma formação para tornar-me facilitadora da técnica, e pude entrar num universo mais sutil e menos racional. O lugar em que vidas passadas são acessadas, memórias da infância completamente esquecidas

---

<sup>34</sup>Técnica psicoterapêutica concebida pelo alemão Bert Hellinger.

são lembradas, imagens de antepassados são compreendidas não necessariamente pela mente, pelo intelecto, mas, pelo coração, pelo sentir. O que importava naqueles momentos era o que sentia em termos de emoções reprimidas, e não o que a mente processava em mim e para mim. Esse novo princípio, em um novo universo de símbolos e sentimentos mobilizou e questionou muito em mim as crenças e os pensamentos enraizados desde educação que tive e mais tarde a universidade.

Assim, em 2012 eu havia saído do Ágora e da Fatho, quando da ida para o Canadá, e conciliava o meu tempo entre a formação em Constelação Familiar e as disciplinas do doutorado na UFU. Nesse período pensei fortemente inclusive de incluir o que estava descobrindo com minhas experiências na tese. Participei de três formações diferentes. Uma na linha tradicional com a alemã Mimansa, outra na linha xamânica e integrativa, com a suíça Alexandra Caymmi, e a terceira numa linha organizacional e comunitária, com a mexicana Ângela Fontes. A Ângela Fontes, inclusive, incluiu o trabalho terapêutico em suas atividades de pesquisa em comunidades indígenas em San Ildefonso, Tultepec, Querétaro, e em Misión de Chichimecas, Guanajuato, junto a Universidad Autonoma de Chapingo no México.

Com a Professora Ângela Fontes ensaiamos gerar uma parceria para trocar experiências e realizar a integração da técnica sistêmica das constelações, assim como da inteligência emocional nos trabalhos do Opará. A possibilidade de ir para o México, para me aprofundar no trabalho com as comunidades indígenas e conhecer os curandeiros místicos mexicanos me instigava muito. Neste período conheci também o trabalho do dramaturgo e poeta chileno Alejandro Jodorowski, que desenvolvia também no México uma “Escuela Mundial de Metagenealogia e Psicomagia”, transmitindo seus conhecimentos sobre a Psicomagia e a metagenealogia, técnicas terapêuticas criadas por ele, e incluídas nesse universo mágico de que falarei bastante a seguir. A ida ao México era promissora. No entanto, o caminho seguiu para outro lado e ela não se realizou. Abaixo compartilho uma foto do autorretrato, feito como ato psicomágico.



### 4.3. Prem Sarit

Minhas buscas interiores e vocacionais me levaram a outros lugares geográficos, profissionais e espirituais? Quais foram ou quais são eles? Afinal, eu tenho um propósito de vida? Como e onde o encontrei? Será que eu o encontrei?

Durante o ano de 2013 ainda caminhei entre dois mundos. Formação em constelação familiar e leituras sobre psicomagia, metagenealogia, de um lado. Por essa ocasião eu já estava com o meu “croqui familiar” pronto, e estava viabilizando meios de trazer o Cristóvan Jodorowski, filho do Alejandro Jodorowski, para o Brasil para ministrar cursos sobre as técnicas. De outro lado, o esboço da tese de doutorado e das primeiras incursões a campo, além do trabalho nas pesquisas do Opará, que naquele momento eram três ainda em andamento. Ao final desse ano e o início de 2014 eu já sentia que o ciclo no Sul de Minas, onde já estava morando desde o início de 2013, estava finalizando. A ida para o México só aconteceria em meados de 2014. Aberta para experimentar pouso em outro lugar, fui convidada por uma amiga da Rosa dos Ventos, Leila Rita, para conhecer uma comunidade espiritual chamada Piracanga<sup>35</sup>. Percebi naquele momento que algo novo e revelador me impelia a essa nova viagem.

Entre no site da comunidade e sondei quais seriam as possibilidades de uma visita. Entre os cursos de formações e vivências terapêuticas oferecidas havia o de Leitura de Aura. Isso aconteceu em maio de 2014. Dei-me então de presente de aniversário o curso de Leitura

---

<sup>35</sup> Piracanga foi criada por um casal de europeus, Angelina e Gabriel. Segundo ela, dez anos antes de chegar em Itacaré ela havia sonhado com um lugar cortado por um rio e à beira mar. Um belo dia, em viagem de férias, passeando com os filhos de barco chegaram no desemboque do rio Piracanga no mar. Ao ver o lugar ela imediatamente se lembra do sonho e entende que iria morar ali. Passam-se anos, nos quais eles não tinham o interesse real de vir morar no Brasil, quando sentem que é o momento. Aliás, no seu relato, são trazidos pelos acasos da vida ao Brasil. Chegando aqui, compram a fazenda e começam a estabelecer o Centro Holístico que é a base da comunidade. A comunidade primeiro era um grupo de 12 pessoas que ancoravam os trabalhos terapêuticos no Centro Holístico. Aos poucos pessoas afins de viverem o que ali era proposto foram se aproximando e adquirindo terrenos nas proximidades. Hoje a ecovila tem casas do Centro Holístico alugadas por pessoas que querem ali passar um tempo, e por moradores que ali fixaram moradia. A renda é praticamente vinda do trabalho direto com o Centro ou de alimentos vendido nas feiras que acontece três vezes na semana, ou ainda vinda de fora. Não raros são os casos daqueles que trabalham via internet, esses ainda tem que ir com frequência a Itacaré, pois o sinal na comunidade está quase sempre comprometido pelo vento. Piracanga possui 3 ou 4 ruas, os demais meios de comunicação entre as casas são trilhas, caminhos pisados a pés nus na areia. Há espaços cedidos pelo Centro Holístico para trabalhos comunitários. Meditações, kirtans e yoga são práticas oferecidas por aqueles que sentem e comungadas por todos. Danças circulares, fogueiras, caminhadas e banhos à luz da lua são parte cotidiana da rotina piracanguense.

de Aura. Que curso seria aquele que prometia ensinar as pessoas a ler a aura de outras pessoas? Um curso que vendia a possibilidade de retirar os véus que limitariam a visão desse mundo mágico, ao ensinar uma técnica para ler auras em nove dias. Mergulhei nele para testar e experimentar. No terceiro dia de curso eu me senti completamente envolvida e disposta a acreditar em tudo que via e vivia. Aprendi a ler auras, buscando sentir todas as emoções e sensações que passavam pela pessoa que recebia a leitura, e resolvi ficar morando na comunidade. Para mim, eu tinha encontrado ali tudo o que desejava buscar no México. Meditações com “Anjos do Karma”, com animais de poder, com as vibrações do som. Técnicas de limpeza energética, de cura kármica. Algo profundo e renovador para quem buscava antes com curandeiros algo sobre como aprender a benzer. Aprendi a ler auras, a aplicar Reiki, a promover vivências para acessar a consciência e liberar memórias estagnadas.

Compartilho abaixo algumas fotos dessa experiência de encontros e rupturas, meu lugar de travessia de fronteira. Lembro agora de ouvir de Angelina Athaíde, professora de Leitura de Aura algo como: “As pessoas procuram Piracanga para fazer a travessia entre os mundos.” Ela falava entre o mundo essencialmente material, e um mundo interno, interior, tal como já falamos aqui. Acho que eu fui mais uma.

Devo lembrar que tudo aquilo que me parecia serem mitos arcaicos nos estudos que eu vivia na universidade, sobretudo nos cursos de antropologia, agora me apareciam como algo real. Apenas algo da realidade “de um outro lado”, ou “situado em um outro plano”. Eu vivia a experiência do astrônomo do Renascimento que é ao mesmo tempo um astrólogo. Ou de um químico moderno que é ao mesmo tempo um pesquisador de energias sutis que a ciência ainda não explica. Sei muito bem que este depoimento poderia parecer algo quase “alucinado” quando lido em um contexto acadêmico, onde justamente as várias ciências buscam explicações racionais e demonstrativas, desmistificando boa parte das experiências que vivi e narro aqui. No entanto, estou neste momento procurando escrever não o que poderia ser falso ou verdadeiro, real ou fantasioso, mas o que eu pessoalmente vivi e interiormente senti. Quem me leia deverá compreender que não estou tratando de defender ideias ou descobertas de valor teórico. Em uma outra direção, estou o tempo todo procurando traduzir em palavras algo dificilmente traduzível. Algo que vivenciei em cada uma das experiências a que me entreguei. Algo que tem a ver com sensibilidade, mais do que com racionalidade. E algo que não acontece apenas entre as experiências que vivi e estou vivendo. Muitas vezes é difícil para um artista que executa com emoção uma peça de música.

E, mais ainda, a pessoa que passo a passo sente que explora e descobre dimensões de si mesma não antes vividas e representadas na consciência através de uma rigorosa e científica terapia de psicologia profunda ou de psicanálise.

Em 2014 mergulhei no estudo de campo para não só compreender, mas, sentir o que eu vivia, e para compreender o universo simbólico dos meus sujeitos da pesquisa. Esse universo que para mim era mágico e intocável. Era meu objeto de pesquisa acadêmica com os agentes populares de cura, mas agora meu objeto de pesquisa de vida “disponíveis” com uma outra roupagem, a cura alternativa e espiritual. Assim, “retirei-me” para Piracanga, onde pude apropriar-me de novas vivências e conhecimentos, e experimentar algumas sensações sutis do que vem a ser o campo mágico lido nos livros, e do mistério da cura, expressado pelos agentes populares de cura, sujeitos da pesquisa. Mergulhei literalmente em tudo o que pude viver, e



PREM NANDINI. *Piracanga*, 2014.

fiquei ali imersa por três meses, sem sair a Itacaré, cidade mais próxima, tamanho era meu envolvimento e o meu processo pessoal.

Se a disciplina no Desenvolvimento Social e mais o ENCA mudaram minha visão de mundo, em Piracanga acredito que mudei eu de mundo. Alcancei em algum grau o que tanto buscava nas entrevistas com os curandeiros antes. Via o que suspeitava do que aprendi com os curandeiros, inclusive em minha viagem ao Peru. A prometida clarividência revelando-se para mim, na medida em que eu ia aprendendo a ler e compreender o que era a energia, e de como se dá o desenvolvimento do ser humano nesta perspectiva do espírito, e tudo o mais. Aprendi mais do que tudo, a me relacionar com a vida de uma outra forma, de uma nova forma, errante e fluida.

Descobri que não é preciso mergulhar numa comunidade isolada para aprender que a vida é fluida e que tentar controlá-la pode ser uma ilusão. Mas acredito que foi este o caminho que precisei trilhar para compreender o que não compreendia, e para aprender a me soltar de mim mesma. Até agora, por exemplo, falar em público continua sendo um bicho de sete cabeças para mim; uma quase “morte”. No entanto, olho para a morte que meu corpo sente e deixo que ele se vá. As sensações ainda passam por mim a ponto de dar brancos na mente e soluços na voz. Mas, em algum lugar o corpo também sabe que a morte passa, e que se não é possível agir, basta saber esperar que tudo passe. No fundo, toda a inquietação interna, que na verdade era um reflexo de uma busca por um sentido, ou uma busca que passasse por me encontrar num primeiro momento.

Estive em Piracanga até encontrar uma comunidade espiritual maior, não necessariamente fisicamente unida, mas, unida através da escolha de um guia espiritual. Essas experiências permitiram-me um novo aprofundamento no campo sensorial, inclusive no de meu objeto da pesquisa de vida, o campo mágico da cura.

Ainda em Piracanga pude conhecer o que era o trabalho com um guia espiritual. A comunidade foi conhecida durante algum tempo por ser gerida por quatro guias, sendo que um deles uma referência em termos de atenção, sabedoria e cuidados com todos da comunidade. O então Ragi, hoje Prem Ragi, dava palestras e respondia às perguntas que surgiam dos participantes.

Ali experimentei com clareza aquele lugar tão falado que a mente não entende, mas o coração compreende. Eu, como uma boa acadêmica de geografia não acreditava muito nos

poderes do menino que diziam ter algum grau de iluminação. Ragi tinha então 23 anos. via um menino falando com paz e amor, e gostava. Ficava ali, ouvia, aceitava, olhava para dentro, para os meus processos internos de cura, captava as respostas que precisava e ia embora. E assim foi durante os oito meses que morei em Piracanga. Só fui entender, ou pelo menos o que eu acho entender, com minha mente o que acontecia, três meses depois, quando do final da temporada dos trabalhos espirituais com Sri Prem Baba na Índia.

Voltando um pouco ao passado, depois de haver se iniciado com o líder humanitário Sri Sachcha Prem Baba, o Prem Ragi convidou toda a comunidade para se unir e viajar juntos para a temporada do Prem Baba na Índia. Isto aconteceria de janeiro a março de 2015. Estávamos numa roda de conversa que deveria ter 40 pessoas. Ao final de dezembro éramos 120 pessoas partindo para a Índia em três grupos.

E assim, parti para a Índia rumo a temporada do Prem Baba. Ali, até os 15 primeiros dias, dizia que ficaria em Rishikesh por 15 dias, no máximo um mês, e que depois partiria em viagem pela Ásia. Queria estar ali, experimentar, conhecer, liberar uns “karmas” pessoais. Mas, até então o Prem Baba era uma pessoa “legal”, muito amorosa e por quem muita gente exageradamente se apaixonava. Ao final de 15 dias eu já estava iniciada e também me sentia bastante envolvida em uma aura de afeto. Entendia, como ainda entendo, pouco do que acontecia dentro de mim, mas, confiava na voz do coração que dizia para eu estar ali. Lembro-me do que senti quando entrei no quartinho em que está enterrado o Maharaji ji, guia e mestre do Prem Baba. Eu chorava sem saber porque, mas caíam lágrimas de alegria e de realização. Parecia que tinha vivido uma vida para simplesmente chegar ali.

Dei então outro passo num campo completamente desconhecido até então para mim. Conheci um pouco da tradição védica e da prática espiritual de “guiança” por um guru. Ali, kirtans, mantras, yoga, meditações ativas e do silêncio eram práticas não só recomendadas, mas fortemente orientadas. “A prática espiritual deve ser sua prioridade na vida”. Essa era e é a frase chave ali. Dessa forma, estive de janeiro a março mergulhada em todas as atividades propostas por Sri. Prem Baba. Iniciei-me e tornei-me ali devota e discípula, meditações, práticas devocionais, Aaratis e pujas, prática do seva, encontro com o mestre, ou satsangs.

Ali, ainda tentei vivenciar e refletir sobre as práticas dos aaratis e pujas. Mas, quando perguntava aos mais antigos a resposta era: “não se preocupe agora, sua mente é que quer entender, entregue-se, deixe acontecer que já o seu coração compreende”. E ali, no desejo de pertencer, e buscando estar envolvida por toda a magia e os rituais védicos, soltei a mente e aquietei o coração. Fiz algo que parecia absurdo para mim, não teorizar, não explicar nada.

Nesse momento nasce, ou reconheço em mim, a Prem Sarit (nome em sânscrito que tem como significado Prem: Amor divino, Sarit: Rio ou um dos nomes de Durga). Aquela que sente pulsar forte a escolha por um caminho que ainda que os meandros da lógica científica ou mental não compreenda, aprende a confiar na guiança de alguém que está constantemente conectado com Deus.

Receber o nome do Prem Baba foi algo muito forte e significativo para mim. Num primeiro momento, achei que estaria livre de um nome, Alessandra, que tanto me perturbou (e que na verdade era um reflexo das perturbações que eu tinha quanto às escolhas que eu estava fazendo na minha vida). No entanto, fui levada a lidar diretamente com ele. Pois, embora apresentando-me e sendo reconhecida pelo Prem Sarit, em momentos importantes e rituais era o Alessandra que era evocado. Isso fez com que aos poucos eu aceitasse meu nome e passasse a amá-lo. O estranhamento e o aborrecimento que eu sentia quando insistiam em chamar-me por ele foram aos poucos sendo diluídos. Embora hoje ainda prefira o nome Prem Sarit, pois sinto que me alinha, me conecta ainda mais com o caminho que sigo hoje, acolho o Alessandra como mantra “de iniciação dado por meus pais” e nesse ponto o honro.

Em 2015, durante os meses de agosto, setembro e outubro, estive novamente imersa nos trabalhos do líder espiritual, agora em seu ashram em Alto Paraíso de Goiás. A rotina de preces, entre aratis e kirtans, mais o seva, (serviço desinteressado e voluntário) foram o foco de minhas atividades. O ashram, que até 2012 esteve estruturado em Nazaré Paulista, em São Paulo, ganhou mais espaço em Alto Paraíso para acolher e receber com mais conforto o número cada vez maior de devotos. A fazenda que sedia o ashram foi cedida por um de seus discípulos, e agora abrigará definitivamente a morada do Guru e dos seus trabalhos espirituais.

O que aconteceu nesse processo é que eu me identifiquei com a crença de que a mente não precisa entender o processo de cura; que a magia da cura passa pelo corpo e pelo coração. E acreditando nela, relativizei a neutralidade científica. Acredito neste momento que tal crença foi importante para mergulhar e realmente sentir, para me apropriar do que eu buscava. Agora sinto que chega o momento de dar os dois passos para trás – tal como lembrado por Bert Hellinger – para observar o contexto e ter equilíbrio e liberdade para dialogar a partir do meu centro com ele.

Compartilho ainda, que hoje trabalho como facilitadora de constelação familiar, terapeuta de leitura de aura e mestre em Reiki, além de promover vivências que despertem a consciência e o autoconhecimento. Logrei o que tanto buscava com a pesquisa, o tornar-me curandeira. Mas reconheço que algo aprendi no que toca o me relacionar com o universo

mágico da cura, na minha perspectiva. Ao passo que acredito lograr alcançar um objetivo, o da sensibilização, ou comungar com o feminino em mim, afrouxo ao mesmo tempo uma ânsia, um desejo quase ardente por ser algo, por ser curandeira. De verdade, não me dou esse título, mas, reconheço ter me aproximado de minha intuição e sensibilidade, que era o que buscava nos primeiros passos que dei em busca da cura. Hoje essa busca se transformou e re-transformou inúmeras vezes. Tantas, que agora segue para outro lado: a busca pelo serviço inteiro do meu coração ao outro.

Quero fazer um último adanto para trazer a lembrança de criança quando via meu avó paterno benzer as crianças e animais da rua e de como me sentia tocada e impressionada com aquilo. Eu lembro de imitá-lo benzendo meus irmãos mais novos. É uma recordação querida que talvez tenha plantado uma sementinha na minha criança e que floresce agora.

Percorri e percorro até hoje os dois caminhos. Sei que caminho ao longo de espaços, lugares e até não-lugares. Comparto experiências com pessoas e ideias da Universidade Federal de Uberlândia e da Comunidade de Piracanga. Trilho estradas e busco rumos em territórios que ora se separam, ora se aproximam, ora se entrecruzam. De algum modo eu me vejo situada em algum não-lugar, para lembrar aqui o antropólogo indiano Homni Baba. Desde alguns anos me vejo situada “entre fronteiras”, e, para recordar o inesquecível conto de João Guimarães Rosa (ele mesmo um diplomata, médico, escritor e um homem obcecado por literaturas que alguns considerariam francamente “espiritual” ou mesmo “exotérica”, até o final de sua vida) entre as duas margens do rio (a da ciência e a da espiritualidade), talvez eu tenha escolhido viver na “terceira”.

Sobretudo entre o final de minha graduação e até este momento final de meu doutorado, busquei na ciência o que ajudava a compreender "o outro lado", e busquei "no outro lado" o que para mim continha (e ocultava) sentidos e saberes, a meu ver e ao ver de inclusive alguns cientistas de renome, até agora situados "para além da ciência". Eu me apoio em outras pessoas do passado e do presente que, tal como as que nos visitaram nos capítulos anteriores, para pensar que esta não me parece uma busca “errônea”. E, repito, conclamo o testemunho da vida de sábios e cientistas que desde o passado remoto da humanidade até hoje ousaram caminhar em estradas várias, viver em territórios entre fronteiras, compartilhar não-lugares e, no extremo, usar buscar a “terceira margem do rio”.

Procurei levar a sério toda a minha vida acadêmica. Tal como já escrevi antes, participei de todos os projetos coletivos de pesquisa coordenados ou subcoordenados por

meu orientador. Particpei ativamente de trabalhos de campo e da gestão de recursos para nossas pesquisas coletivas.

Em uma direção que não considero antagônica, mas paralela, reconheço que embora tudo seja algo ainda muito recente, a sensação de encontro que vivi em Piracanga e, agora, com o Prem Baba levam-me a um encontro comigo mesma que não vivi em outros momentos e situações. O sessar da inquietação constante que me acompanhou quase que durante toda a minha vida também é um sinal para mim. Ainda me pergunto sobre o meu real propósito nesta vida e o que Deus quer realmente de mim. Ou, para os mais céticos, o que o meu coração deseja realmente de mim. Acredito que não possuo ainda uma resposta pronta, objetiva e direta. No entanto, acredito ter agora a clareza de um caminho que me leva a me encontrar com ele. Um caminho que me leva a mergulhar em mim, em meus espaços desconhecidos e inconscientes, a conhecê-los, a aprender a lidar com eles.

A universidade, a ciência, o Opará fizeram parte de todo esse caminho e de forma alguma tem um valor menor do que encontro nos lugares que escolho experimentar agora. Ao contrário, fazem parte de minha história e do que eu me torno hoje, me preparam de alguma forma para que eu pudesse perceber e sentir o que percebo e sinto hoje. A busca agora pelo serviço vem em grande parte como herança do que vivenciei no Opará e na Rosa dos Ventos. O sentimento do servir, do acolher, e novamente do servir. São heranças as quais me movem neste momento. Se posso pensar aqui em uma frase que realize o meu propósito de vida agora ela seria: “curar para despertar o amor, para deixar florescer o amor divino no meu ser, e para compartilhá-lo com quantas pessoas estiverem abertas”. Escrevendo estas linhas, eu lembro aqui o que me motivou a fazer a formação em constelação familiar. Quando fiz minha primeira constelação eu acreditei que vivi uma cura tão profunda e libertadora que passei a desejar que todos pudessem ter acesso à mesma experiência. Naquela ocasião “constelei” minha relação com o meu pai. Até então eu não conseguia olhar para o meu pai com carinho. Nós mal tínhamos uma conversa superficial e prática. Depois da constelação achei que podia compreendê-lo e aceitá-lo de verdade, e o amor entre nós fluiu. Eu estava morando entre Uberlândia e Caldas, e demorei uns quatro meses para regressar a Montes Claros. Quando voltei senti que amava não só o meu pai, mas queria que todas as pessoas com quem me encontrava e em quem eu via a mesma dor pudessem se libertar também. Minha “criança inocente” desejava a cura de todo o Norte de Minas, e a união do feminino e do masculino de todos ali.

Com a leitura de aura comecei a aprender e a sentir que podia falar com Deus, com o Deus-em-mim. A leitura, enquanto técnica, me trouxe clareza sobre a voz intuitiva que pulsa em meu coração. No entanto, por haver sido socializada dentro de uma educação lógica e materialista, tive muita dificuldade em reconhecer e ouvir o que começava a aprender. Foi como ouvir Deus-em-mim. Foi uma forma de compreender também o movimento e os momentos de cura e aprendizado da minha alma, para além da minha personalidade, de meu ego. E claro, também é algo que acredito ser algo revelador nesse mundo em que temos tanto foco em uma lógica material.

O Reiki trouxe-me o colo. Aprendi com ele a ser mãe de mim mesma. A cuidar da minha criança, dessa parte nossa que é inocente e carente e que quer colo incessantemente. Aprendi a dar-lhe amor, canalizando amor. Acredito que no processo de cura de 21 dias que se seguem à iniciação de cada nível de Reiki, entrei em contato pela primeira vez com esta minha parte que rejeitei e para com a qual fui excessivamente exigente por tanto tempo. O Reiki me ensinou e me ensina sobre o amor.

O Reiki é uma técnica muito simples e tem um poder de cura profundo se si está aberto e presente no processo. Esses 21 dias são um período de enraizamento da energia Reiki naquele que se torna um canal, um reikiano. O estudo como aprendiz e mestre, concomitantemente, se segue por toda a vida de terapeuta reikiano. As descobertas e o aprofundamento com essa energia é infinito e ilimitado. No entanto, é essencialmente simples, é praticar, estar aberto e mergulhar no universo da energia. Qualquer um pode se tornar terapeuta de Reiki, qualquer um pode aprender a autoaplicação e aplicação, canalização, da energia Reiki. Essa é na verdade uma das forças da técnica, que por ser simples e acessível está disponível para todos.

Diane Stein, uma das propagadoras da técnica pelo mundo, e criadora do Reiki Essencial, diz em seu livro *“Reiki Essencial: manual completo sobre uma Antiga Arte de cura”* que todos temos em nossa essência primordial, em nosso DNA o registro dos códigos da energia Reiki e que todos os humanos praticavam. Segunda ela, em algum momento da nossa história esquecemos essa arte, esse poder. Então, embora tenhamos já os símbolos impressos em nossa corrente sanguínea, é preciso a iniciação para ativá-los. Ela conta ainda, que uma das curas praticadas por Jesus era a canalização da energia Reiki. Mikao Usui, um Japonês, recebeu-a novamente durante um retiro de 21 dias de jejum e silêncio no monte Kurama no Japão. Depois de receber os símbolos, ele começa a atender os enfermos da região. Percebendo o poder de cura abre um espaço para atender os enfermos das proximidades.

Inicia algumas pessoas que o auxiliavam no atendimento. Alguns anos depois, inicia a havaiana Hawayo Takata, residente nos Estados Unidos, que propaga o Reiki no Ocidente, especialmente nos Estados Unidos.

Hoje o Reiki é conhecido por todo o mundo, tendo inúmeros terapeutas, praticantes e autoaplicadores. Alguns centros de pesquisa como a Universidade de São Paulo – USP e Universidade Federal de São Paulo –UNIFESP tem comprovado em suas pesquisas<sup>36</sup> o aumento dos glóbulos brancos e do sistema imunológico em animais que receberam a energia. Segundo ele, as ondas liberadas pela energia ativam a liberação de hormônios que são capazes de ativar o sistema imunológico. Outra pesquisa foi feita pela enfermeira Janet Quinn no Centro Médico Saint Vicent em New York, vinculada à University of South Carolina. Ela comprova a efetividade da energia, como a atenuação de sintomas em pacientes com câncer. Outra pesquisa ainda foi feita pelo Dr. John Zimmerman da Colorado of University, utilizando o dispositivo supercondutor de interferência quântica que revela a atuação de campo magnético que circundam as mãos do terapeuta de Reiki durante a sessão de cura. Segundo o pesquisador campo magnético possui as ondas alfa e gama, presentes em meditadores.

Algo que percebo em todo esse processo é que a cura não depende diretamente do terapeuta. Ele está ali como um facilitador, como alguém que “guarda um tempo e espaço” para que o cliente, ou buscador abra-se para a própria cura. Técnicas terapêuticas como o Reiki, a Respiração de Renascimento<sup>37</sup>, a Constelação Familiar, por exemplo, o terapeuta atua como facilitador, ou seja, guardião de um tempo e espaço para que aconteça ou se manifeste algo em direção a cura (cada técnica com seu caminho e foco específico), mas o desenrolar do processo de cura é algo pessoal e individual que pertence ao cliente, ao buscador e não necessária ou diretamente do facilitador. A experiência desse claro é essencial para a condução do processo, mas o desenvolvimento não é algo que caiba ao seu controle.

As ferramentas de cura e autoconhecimento que compartilho aqui não são em si mesmas meu propósito de vida. Eu as vivo como ferramentas que me formaram, me tocaram, me transformaram, me curaram e seguem me curando. E são ferramentas que eu compartilho com quem busca este “toque”, esta transformação e essa cura. São ferramentas que facilitam o processo de autoconhecimento, de libertação, de cura, de abertura do coração, de elevação da consciência, de despertar e irradiar o amor e através do amor. Isso é o que me toca neste outro

---

<sup>36</sup> Pesquisa de mestrado de Ricardo Monezi de Oliveira apresentada à Faculdade de Medicina da USP e já citada aqui no capítulo dois.

<sup>37</sup> Rebirthing técnica de renascimento por meio da respiração criada pelo norte-americano Leonard Orr na década de 70.

caminho de minha vida. Trilhando estradas de territórios de fronteiras e buscando horizontes que podem estar sempre em um não-lugar, e isto é o que no momento me move. Encontrar, encontrar-me, conectar-me com o verdadeiro amor e irradiá-lo da forma também mais verdadeira e honesta possível. O caminho de “Sachcha”, o caminho da verdade. Pelo menos de uma verdade entre tantas, e em que aprendi a acreditar.

#### **4.4. Para além dos nomes**

Como eu "desenharia" a maneira como vivo, integro ou faço interagirem as minhas vivências, crenças, devoções e práticas? Afinal, em que eu creio? Para onde irei após a morte? E, depois de tudo... "quem eu penso (ou sinto) que eu sou? E os caminhos da “vida interior”, espiritual? Em que creio? Para onde irei após a morte? O que sou eu?

Depois de uma longa trajetória na universidade, estou finalizando o meu Doutorado em Geografia. Tal como algumas mulheres e alguns homens que trouxe a esta tese, estou ao mesmo tempo trilhando “o outro caminho”, a “outra estrada”, e estou me iniciando na “trilha do coração”. Assim, escrevo ritualística e simbolicamente num momento de união de meus dois (ou três) caminhos que estiveram tão separados em mim durante longo tempo: a ciência, o acadêmico e a cura, o espiritual.

Recordo que durante toda a minha vida convivi com o espaço da razão, da lógica, do coerente, do prático, do seguro, e o caminho do sensível. Relembro que em nossas equipes de pesquisas coletivas na UFU e na UNIMONTES, Alessandra Leal era a “mulher gestora e prática”. E, ao mesmo tempo, desde algum tempo enveredei pela trilha do sentir, do experimentar, do deixar fluir.

Eu temi por anos este segundo caminho. Era como se esse espaço mais feminino e mais sensorial por algum tempo não fosse real o suficiente e não fosse seguro. É como se ele não possuísse força na matéria para manter e sustentar minha “criança” e o meu ser-inteiro. É justamente agora, no momento em que uno a prática e objetividade da razão, alinhada com o direcionamento do intuitivo e do sensivelmente experimental, que eu sinto interagirem estes “dois lados de mim mesma” dentro, fora e através de mim. Mas é algo que está no e em movimento. Embora eu sinta uma união em processo, ainda separo a ciência em mim como algo essencialmente racional e distante da intuição. Mas reconheço como uma consequência de uma separação em mim da razão e da intuição.

Existe agora em minha vida o momento do computador sem o qual é difícil viver, do carro, da escrita de uma tese, da leitura da ciência da geografia, ao lado do momento da meditação, o momento das terapias e o momento do trabalho com o serviço devocional. Durante a manhã envolvo-me com alguma prática familiar ou da rotina de casa ou serviço. Retomo a leitura e escrita na parte da tarde. Em geral intercalo dias de escrita e dias de atendimentos terapêuticos. Este trabalho interativo e às vezes contraditório, pode estender-se até o final do dia, por volta das 19 horas, ou até as 22 horas conforme as demandas. Nesse horário recolho-me e o dia recomeça. No entanto, durante muito tempo essa conciliação era bem mais distante. Havia temporadas de imersão no trabalho acadêmico, nas atividades de pesquisa e períodos de imersão nos retiros espirituais. De alguma forma isso ainda acontece entre os momentos de terapia e escritas da tese. Mas momento e sequências que agora acontecem de uma forma mais próxima e interativa: quinze dias de uma e quinze dias de outro. E mais, agora abro espaço na escrita e na própria tese para que essa voz intuitiva possa se expressar mesmo nessas linhas.

Em que eu creio? Esta é uma pergunta que provoca um grande silêncio, uma longa pausa em mim. Vem-me a memória o credo cristão, em que fui socializada. Mas a verdade é que não creio nele. Creio em estados de consciência. Numa consciência maior, junto e no interior da qual a consciência individual de cada uma e cada um de nós está conectado. Esta consciência coletiva, ou mente coletiva, carrega todos os registros dos acontecimentos de cada uma de nós. É como um grande computador que armazena toda uma vida, os pensamentos e sentimentos de cada um de nós. E é algo que cada uma de nós acessa constantemente. Este “computador-consciência” constitui o lugar em que somos todos um; o lugar em que cada um à sua maneira experimenta as mesmas emoções, os mesmos pensamentos, as mesmas crenças, e vezes uma mesma história. É o lugar em que nos encontramos e em que somos todos... um. É nele também que expandimos nossa consciência para realmente sentirmos a união e unidade com todos os seres humanos, os seres vivos e, para além deles, tudo o que há e se transforma ascendendo.

Enquanto alma, ser, espírito que experimenta a matéria, estamos aqui para expandirmos a nossa consciência amorosa. E ela é exatamente a sensação e a percepção de que somos todos um-só, e o amor e a compaixão pelo uno e pelo tudo de todos, e o todos do tudo. A verdadeira consciência amorosa é a única bagagem de valor que podemos levar para a experiência fora do corpo. Acredito numa existência fora do corpo, para além dele e para além da morte. Um estado de consciência que depende muito do que experimentei, bem mais do

que daquilo que acredito que eu “sei”, e do lugar em que minha consciência chegou e o meu ser alcançou, uma vez encarnada.

Acredito que estamos todos num único caminho. O caminho do amor, uma vez que a experiência na matéria e na vida nos trazem lições que, consciente ou inconscientemente, encaminham a alma para a experiência da unidade e da comunhão com o todo. O caminho consciente pode deixar as lições e desafios pelos quais a alma precisa passar, trilhas nem sempre fáceis que ela precisa ousar para integrar-se em si-mesma, mais leve e mais amorosa, mais compreensível, mais acessível. Pois, a personalidade compreende e pode se apropriar do poder de escolha com maior clareza. E isso pode acelerar e suavizar todo um aprendizado.

Uma vez findo o momento do corpo na matéria, que é um involucro que carrega a alma e o espírito, ele volta a ser terra, enquanto alma e espírito prosseguem para uma nova fase. Pode ser que essa consciência experimentada, esse registro de vida experimentado volte como componente em um outro corpo. Pode ser ainda que esta “vida” continue nesse mesmo registro maior da consciência coletiva. E, pode ser, ainda, que ela possa interagir em outras esferas de experiência de vida e movimento, pois a vida é movimento. A morte é a pausa da matéria. E não só da matéria mais densa, mas, da matéria enquanto energia. Enquanto a energia continuar em movimento ela prossegue experimentando a vida, ainda que em outra conjuntura, observando outras regras e experimentando outras densidades de energia.

Enquanto escrevo questiono-me onde se localiza filosoficamente todo este arcabouço de crenças. Durante muito tempo briguei com e questioneei a Igreja Católica, muito em função da condenação do pecado, da repressão sexual e de sua metodologia de doutrinação. Durante este longo período – que se estendeu mais ou menos dos 8 aos 14 anos, época em que me forcei a fazer a escola cristã (catecismo e crisma) para livrar-me das pregações – desisti de Deus e defini-me como atea. Deus deixou e existir para mim. Antes a ausência completa do que a presença de um Deus vingativo e castrador. A imagem que eu tinha do que experimentava na Igreja e em casa. Com o tempo, por volta dos 16 anos caíram em minhas mãos livros de Alan Kardec e Francisco Xavier. Os relatos dos espíritos, da vida após a morte me pareciam tão vívidos e reais, que Deus, como noção de algo maior, voltou a habitar minha vida. Mas era tudo muito confuso. Que Deus era aquele? O que era aquilo que diziam Alan Kardec e Francisco Xavier? Embora tocada, eu não tinha coerência, ou tudo aquilo não fazia sentido diante de minhas dúvidas e perguntas. Senti também a dureza que eu vivia quando me eu dizia “atea”. Tornei-me então algo entre agnóstica e teísta. Acreditava em algo maior, numa experiência para além da matéria, mas, não num Deus único sentado no trono.

Lembro que eu mesma tempos antes vivenciei algo que para além do corpo não encontrava explicação outra que não a de um algo maior. Estava num dos incontáveis conflitos e discussões com minha mãe, quando devia ter uns 13 anos. Foi quando escondi-me muito triste e chateada em um canto. Eu queria morrer e rogava não a Deus, mas, a um desejo mais profundo em mim que eu morresse. Eu tinha a mão direita em forma de revólver e imaginava que cada vez que apertava o dedo polegar em forma de gatilho, seria um ano a menos na minha vida. Eu dizia um “tec” a cada “bala” que daria em minha cabeça e pensava: “menos um”. Fiz isto tantas vezes que me questionava quantas vezes seriam necessárias para chegar naquele momento. Nesse instante, senti um silêncio, e senti muito nitidamente que haviam outros seres comigo. Senti algo tocando meu coração e acalentando-o. Chorei compulsivamente, e a dor que era insuportável diminuiu. Esqueci este evento do passado durante anos, resgatei-o recentemente, quando justamente resgatei Deus em mim.

Depois disso, segui-me, como disse, entre agnóstica (quem não sabe se existe ou não um deus) e teísta (quem aceita a existência de um deus cósmico, não pessoalizado como no judaísmo e no cristianismo). Ou eu era alguém “sem definição” por muito tempo. Uma estrada de crenças e descrenças que me levou da Igreja Católica à Serra do Caparaó, dela à Santo Daime, dela ao ENCA e tudo o que ele representa, dela a um breve estada em Figueira (Trigueirinho), dela à Constelação Familiar e de todos estes lugares e não-lugares até Piracanga. Foi quando com a Leitura de Aura, eu pude sentir o “inexplicável” novamente. Durante os anos da graduação busquei na ciência explicação para a vida, para o sentir e encontrar um motivo, ou melhor um motivador para a vida. Embora me inspirasse em um ou outro autor não logrei ser tocada por uma filosofia ou um linha específica.

Não encontrando ali, procurei ainda em religiões diversas. Percorri igrejas evangélicas, Fraternidade Branca, Kardecismo, Umbanda, Candomblé, Santo Daime, União do Vegetal, Vale do Amanhecer. Frequentei o Santo Daime assiduamente durante um ano. Acreditei por alguns meses que aquele seria o meu ponto de luz. Não tinha uma definição clara de Deus, mas amava a experiência de cura e consciência que experimentava nas sessões. Surpreendi-me quando senti que não era mais o meu caminho. Frequentei ainda a Umbanda e o Candomblé, não como integrante do grupo, mas, como “cliente”. Sei que existe uma palavra universal para qualificar quem eu sou... ou quem eu fui até Piracanga: “uma buscadora”.

Acredito que fui profundamente tocada por Piracanga e por tudo que vivi ali, justamente por reencontrar um espaço de comunhão com Deus. Agora não mais uma ideia do que é Deus, mas o sentimento de uma conexão comigo e com o outro que me levava a Deus.

Deus assim, sai de um foco conceitual para ser encontrado como um lugar de experiência. Sei que essa não é uma experiência única, que sucede acontecendo cotidianamente nas mais diversas culturas e lugares das mais variadas formas. A experiência de Deus, o despertar da consciência, do amor e mesmo vivências místicas estão muito presentes em tradições como o hinduísmo, o budismo, o santo daime, e mesmo no cristianismo e no misticismo judaico. Quando falo de Piracanga e da linhagem Sachcha falo da minha experiência e do caminho que trilhei para despertar e vivenciar a experiência de Deus em mim.

Reconheço que outras pessoas, inclusive alguns que através de seus depoimentos participam desta tese, realizam buscas de interações, de integrações e de interiorizações diferentes da minha. Talvez a ideia de espiritualidade seja diversa da minha e até mesmo ausente. No entanto, acredito que o que nos aproxima – dentro de um plano mais amplo e mais francamente aberto e dialógico – é a mesma busca de interioridade. É a mesma procura de algo que está não contra a racionalidade, mas de algum modo para além dela. Newton, Galileu, Leonardo da Vinci, Darwin, Einstein, cada um a seu tempo e desde o interior de seu sistema de crenças espirituais ou religiosas, acreditavam em espírito, em uma alma imortal, em um Deus, e dele falavam sem que isto representasse uma oposição à sua pesquisa científica.

Galileu foi submetido à Inquisição. Leonardo da Vinci participou de um catolicismo aberto e pessoal, e teria sido condenado se suas pesquisas com cadáveres tivessem sido descobertas. Newton foi, como lembrei antes, com Carl Sagan, um anglicano muito pouco ortodoxo, e mais se aproximava do judaísmo, ao considerar uma impropriedade teológica a ideia de uma “Santíssima Trindade”, um dogma católico e também anglicano. Charles Darwin adiou por anos a publicação de *A origem das espécies* por ver em suas descobertas algo eu negava de frente várias crenças de sua religião, em seu tempo. Lembro que somente em épocas recentes religiões cristãs aceitaram o evolucionismo criado por ele, e mesmo assim, com restrições. Várias ramas protestantes continuam sendo francamente criacionistas, e se opõem de frente às descobertas de Darwin. Finalmente, Einstein abandonou abertamente a sua primitiva religião, o judaísmo, para se tornar um praticante de uma “religião cósmica”, que a meu ver preconiza boa parte das espiritualidades do presente.

Creio que alguns destes grandes cientistas do passado remoto e mais próximo a nós viveram, cada um a seu modo e em sua dimensão, viveram dilemas muito semelhantes aos de meus interlocutores. E muito semelhantes aos meus próprios.

Aprendi a relativizar inclusive as formulações conceituais do que acredito e vivo, como uma forma de estar constantemente me abrindo para o novo e para outras e outras

experiências. Hoje, acredito que se me afirmo ou me identifico firmemente numa “afirmação”, eu fecho o meu ser para perceber noções para além dessa “única afirmação”. O “agora é isso” no meu agora eu acredito em tudo isto. E esta crença pessoal que comparto com outras pessoas, me deixa aberta a porta para uma mudança constante. Tudo isto faz com que tudo o que disse possa mudar radicalmente daqui a uma hora, caso perceba então, diante de mim, numa consciência maior.

Mesmo o que digo de mim, agora, é passível de constante transformação. Afinal, o que sou eu? Quem sou eu? O que fui? O que serei? Sou tudo isso e sou aquilo em que “isso” se transforma. Sou aquilo que eu penso e com que me identifico? Sou as crenças com as quais me vinculo? Sou as causas que defendo? Sou as categorias que me descrevem ou que me tornam identificável? Sou meu nome? Sou Alessandra Fonseca Leal, Sandra, Alê, Allé, Prem Sarit, Sarit, Prem? Sou vegana, sou vegetariana, sou espiritualista, sou da sangha do Prem Baba, sou a 3ª filha de cinco irmãos de minha mãe Conceição de Jesus Fonseca Leal e Gilberto Ferreira Leal. Sou auxiliar de cozinha, sou cozinheira, sou terapeuta de Leitura de Aura, sou facilitadora de Constelação Familiar, sou mestre em Reiki. E sou a tia de João Luca, Artur Pietro e Miguel Felipe. Sou irmã, sou amiga, sou companheira, sou fiel, sou confiável, sou estudante. Sou professora, doutoranda em geografia, sou orientanda de Carlos Rodrigues Brandão. Sou moradora em Alto Paraíso. Sou discípula de Prem Baba, sou sevaca.

Sou distraída, avoada, indisciplinada, rebelde, brigona. Sou calma, tranquila, quieta, amável, gentil. Sou irritante, irritada, raivosa e medrosa. Mas também sou corajosa, decidida, disciplinada e focada. Sou de fé, confiante... e sou muito desconfiada. Sou avara e sou generosa. Sou escassa e sou abundante. Sou recatada e tímida, mas sou ousada. Sou a companheira, e sou a amante. Sou a traidora e a amiga. Sou Judas e sou Deus. Sou adepta da causa política X, a defensora dos animais, contra o desmatamento e a criação e abatimento de animais para corte. Afinal todas esses adjetivos me definem realmente? Dizem realmente quem sou? Sou alguém?

Embora alguém possa me reconhecer através desses adjetivos, dessas categorias, classificações ou definições, eles e elas não dizem realmente quem eu sou. Representam estados da minha personalidade, ou de aspectos, máscaras, personagens que eu crio e de que me revisto para relacionar-me com as pessoas e com o mundo.

Sou tudo isso e não sou. Não sou nem mesmo meu nome, conquanto ele amorosamente sirva para tornar possível reconhecer, nesse recorte de tempo e espaço, a experiência das consequências de minhas escolhas neste mundo. Não sou nada disso, ainda

que tudo isto me sirva no ato de relacionar comigo, com os outros, com o mundo e até com Deus. Conquanto ainda quanto menos identificada eu esteja com tudo isso, mais livre estou para experimentar e expressar. Quanto menos eu me acreditar nisso ou naquilo, mais aberta estarei para o mundo. Quando me identifico como militante da causa política X posso estar excluindo ou afastando do meu universo todos os militantes das causas Y, Z, W, V, A, etc. Mas, a causa X pode me servir para expressar-me quando alcanço colocá-la apenas a serviço da expressão da verdade que passa por minha consciência naquele momento, sem necessariamente acreditar ser eu ela.

Eu não sou nem mesmo o que faço, ou o que penso ou o que sinto. Mas, talvez eu seja a consciência que observa e que registra as ações, os pensamentos e emoções. Não sou a criança que vivi ou a que carrego, não sou meus julgamentos. Sou a criança que se expressa; sou Deus enquanto consciência que experimenta. Sou tudo e sou nada. Sou um e sou todos. Sou energia de essencial que passa por esse corpo neste tempo e neste espaço, que experimenta identificações e todas as sensações corpóreas e vivenciais que este corpo pode oferecer. Mas, que para além dele pode soltar, liberar-se de tudo e diluir-se no todo. Sou energia, consciência que experimenta e o corpo e que se expande.

Já li e sei que muito do que disse está contido em escrituras da tradição vedanta, do hinduísmo (dos quais bebo diretamente, por meio do Prem Baba), do budismo, e de tantas outras filosofias. Recentemente descobri as Hunas, tradição milenar das ilhas do Haváí e que trazem também essa essência enquanto base filosófica de sua tradição. Mesmo a física, a medicina e a biologia quânticas hoje chegam até um lugar muito semelhante aos estados de consciência, a expansão dela. A exemplo as pesquisas e todo o movimento ativista de Amit Goswami, do biólogo Hubert Sheldrake.

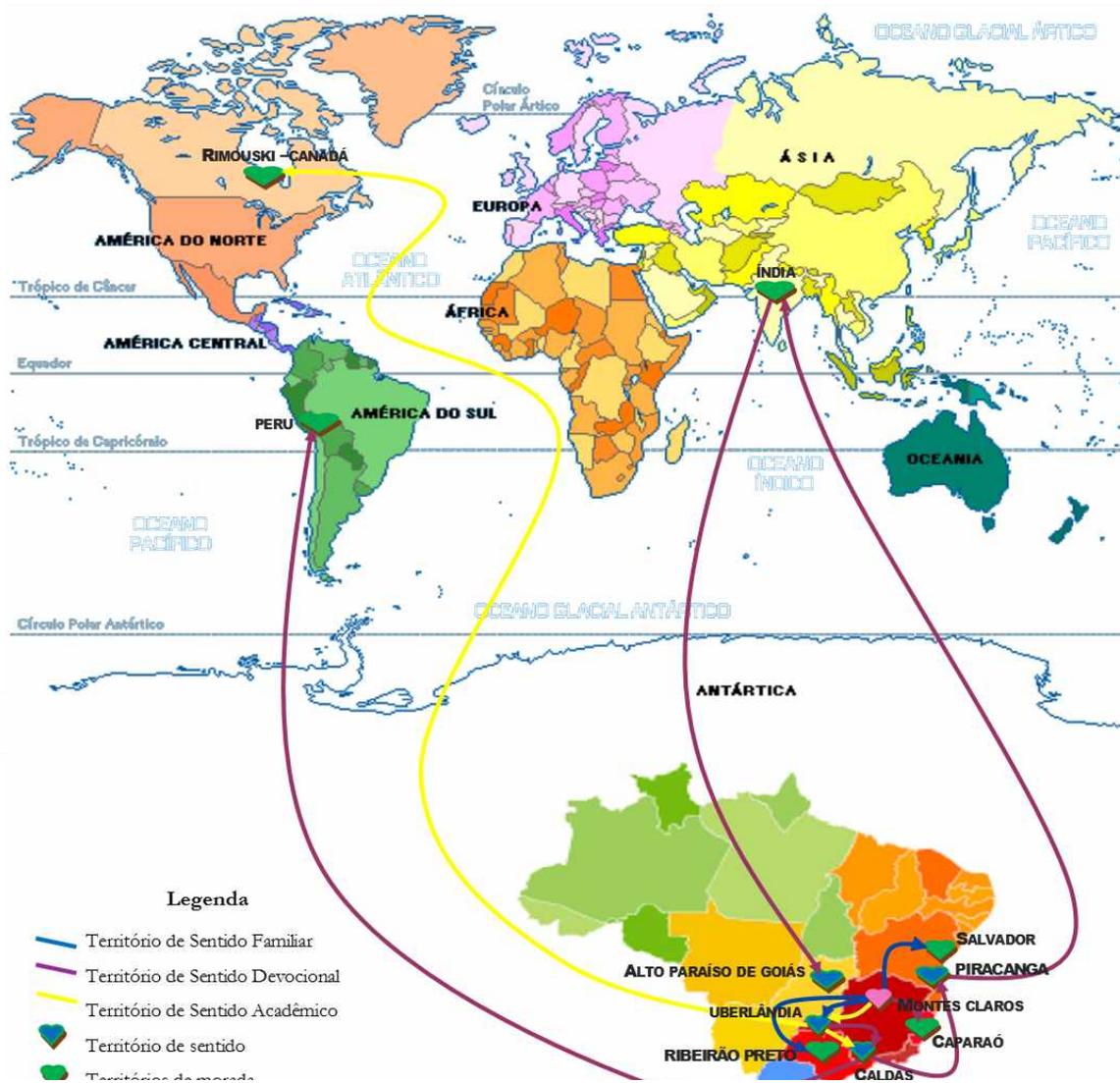
Esclareço que a minha intensão neste capítulo não é a de fundamentar o que acredito ou penso, nesta ou naquela tradição, neste ou naquele autor, mas, antes, trazer de forma livre o que penso, o como vejo o mundo com o qual me relaciono agora e, mais ainda, o que eu sinto ao pensar tudo isto.

Até porque neste momento não tenho a pretensão de seguir ou de aderir a nenhum movimento ou filosofia, buscando justificar argumentos lógicos e coerentes. Hoje o que me toca e o que descubro ser importante é se o que acredito me conduz a uma experiência de vida. Ou se o que eu penso neste momento vem de um autêntico e verdadeiro experimentar. Tudo o que escrevi aqui faz parte do que experimento agora, e posso acreditar em coisas totalmente diferentes no futuro não distante. Vivo uma busca perene e uma soltura que me

traz uma sensação de leveza. Algo que sempre busquei e que estive distante de mim enquanto eu buscava a lógica de uma coerência.

Enquanto territórios de sentido devocional e profissional habito e habitei lugares não tão distantes fisicamente e estreitamente próximos semanticamente. Meu universo, meu lugar, meu território de vida foi até os 25 anos essencialmente o Norte de Minas Gerais. Ao ampliar as fronteiras de minha vida primeiro com a ida no ENCA no Gamarra (Baependi- Sul de MG) e depois com a ida para o Triângulo Mineiro com o ingresso no mestrado na Universidade Federal de Uberlândia expandiu-se também as possibilidades de todo um universo simbólico. Ao ir para o Gamarra conheci a Alimentação Prânica, que me levou para o Caparaó-ES. Ao ir para o Caparaó firmou-se em mim a busca pela espiritualidade. Do Gamarra cheguei em Caldas (Sul de MG) onde conheci a Rosa dos Ventos (projeto de Carlos Brandão) e as Constelações Familiares mais tarde. Esse espaço tornou-se meu território de sentido devocional durante os anos de 2011, 2012 e 2013, foi também meu lugar de vida.

Na imagem abaixo, revelo entre linhas e cores os territórios em que morei, em que habitei por pelo menos mais de seis meses e que marcaram minha vida. As linhas, mostram os trilhos e caminhos desse território e evidenciam esse estar em fronteira, em entre-lugar.



O Norte de Minas meu território de vida. Lugar de primeiros passos, de descobertas, de medos e anseios também. Lugar de vida, de aconchego, de afeto, de útero, de família. Mas, também lugar que impulsiona, que me joga para o mundo e que mostra que é preciso transformar. Na imagem acima o coração, que representa meu corpo nesses diversos territórios foi colocado em cor-de-rosa, pois, é o território do meu amor incondicional. Aquela porção de terra em que ainda me mostrando os conflitos, retorno e onde me encontro. Território em que encontro minha família, meu umbigo e que me manda para o mundo e para lá retorno.

Nesse percurso dos territórios familiares, encontro ainda pouso e estadia em Ribeirão Preto-SP, lugar em que a maioria de meus primos maternos residem e que sedia ao menos duas vezes no ano reunião de confraternização entre eles. Ali frequentei com certa assiduidade pela residência de Nádja e João Luca (irmã mais velha e sobrinho respectivamente) e William e Flávia Alessandra (irmão e cunhada). Salvador ocupa espaço nesse território desde 2002, quando Daiane (irmã) começa a morar primeiro em função da graduação em teatro.

Assim, meu segundo lugar de morada foi Uberlândia, quando vou para os estudos do mestrado. A ida para Uberlândia por sua vez mostrou-me as possibilidades da ciência e de como contribuir e atuar no mundo a partir dela. Estudava, primeiro o mestrado, depois o doutorado em Uberlândia, atuava enquanto pesquisadora e enquanto integrante do Grupo de Pesquisas Opará no Norte de Minas. Como mestranda fui para o Canadá fazer estágio com o Programa Jovens Líderes das Américas e participava de encontros de pesquisa e reuniões de trabalho na Rosa dos Ventos, em Caldas-MG. Uberlândia também foi em algum tempo território de sentido familiar, pois, quando da morada de uma das minhas irmãs. Ali residi também por um ano com um companheiro. Em inícios de 2013, finalizando o tempo de disciplinas no Programa de Pós-Graduação em Geografia, já no doutorado, e findado o relacionamento, sigo de muda para Caldas-MG, minha então fonte de buscas.





LEAL, Alessandra. *Na Rosa dos Ventos*, 2013.

O Sul de Minas, assim como o Norte de Minas, é para mim mais do que um território de sentido, um lugar de vida. Ali todos os meus territórios se entranharam. Lugar de afeto com os amigos, relações estreitas e íntimas construídas ao longo dos anos ali, território de sentido devocional, pois mostrou-me o caminho espiritual, primeiro no Gamarra com o ENCA, depois em Caldas com as Constelações Familiares e acolheu ainda meus momentos de aprofundamentos tanto na escrita da dissertação de Mestrado, quando agora na tese.

Em Caldas, meu território de sentido devocional, representado na imagem acima com um traço na cor lilás e um coração azul (representando meus passos de morada e expressão) fui ganhando outras terras. Quando morava ali fui para o Peru em busca de cura para com meu feminino. Nessa época havia me apaixonado profundamente por um chileno e ao mesmo tempo que pulsava em meu ser mais que um desejo, mas, uma vontade por abrir meu coração, também residia no meu coração um cadeado que fechava todo o meu corpo para a

experiência. Inquieta, senti que precisava fazer algo. O Peru como símbolo da Pachamama, da mãe terra, foi um lugar que busquei cura do meu corpo feminino tão fechado e separado. Uma viagem de um mês que trouxe-me muita percepção de minha relação comigo mesma e a mulher que habita em mim.

De Caldas fui também para Piracanga e retornava sempre ao Norte de Minas meu lugar de ancoragem, de fonte de vida, de raiz, onde bebo a vida e revisito minhas dores. É de lá que parto em direção a Piracanga, meu território de morada, de descoberta e de transformação. Por sua vez, é de Piracanga que parto para o mundo e para um caminho sem volta de busca espiritual e de transformação do meu ser.



LEAL, Alessandra. Na Índia, 2015.

Hoje percebo um triângulo de idas e vindas entre Piracanga, Alto Paraíso de Goiás e a Índia, minhas fontes de referência, de alimento. Escolho Alto Paraíso como lugar de pouso, como território de vida, devoção e profissão, lócus em que com raízes entrelaçadas nas relações com o ashram de Prem Baba e integrantes do sangha. Escolho esse espaço, lugar, território de sentido devocional científico profissional para manifestar e expressar o propósito e motivo de minha vida. A manifestação do espírito na matéria, o despertar consciente do amor, a cura das dores e feridas que ainda esteja no meu sistema, no meu corpo. Piracanga segue como referência, como fonte de informações e de experiências. A Índia mais do que nunca é um pote de ouro, um seio do qual alimento minha alma e espírito, seja com a tradição vedanta, seja com a linhagem Sachcha Baba que são para mim mais do que referências, são manifestações da verdade na matéria.

Desses lugares parto para o mundo no qual constituo o território de sentido em diversos lugares e espaços. Território de sentido enquanto território de manifestação de um sentido de vida, devocional, científico e familiar, que embora manifeste em territórios físicos, em lugares de afeto, existem também num plano a-físico, já que o sentido de sua existência extrapola a definição do território enquanto relação de coexistência com os recursos e relações que a terra oferece. Ou seja, não é apenas os recursos naturais em Alto Paraíso que definem minha relação de sentido com ele, mas, a existência de um universo simbólico constituído pela linhagem Sachcha Baba, ou mesmo Piracanga, em que busco não unicamente aprender a lidar com os recursos físicos ali disponíveis, mas, com este e todo o universo simbólico ali construído. O que define o Território de sentido que construo e manifesto não são assim, o território físico e minha relação com ele, mas o sistema de sentido ali constituído que nasce das trocas desse lugar (enquanto espaço afetivamente constituído de relações e símbolos intercambiados com outros lugares) com a Índia, por exemplo.





LEAL, Alessandra. Antes, durante e depois, 2013, 2014,2015.

Charanam Kamala



Charane Kamale bandon Hari rai  
Bandon Charane kamale Guru rai  
Jaki kripa pangu giri langhe  
Andhe ko sabaka kuchcha darsai  
Bahiro sunai mukha puni bole  
Rank chulé sir chhatra dharai  
Surdasa Swami karuna me  
Bare Bare Bandon tinha pai

Charanam Kamala



Minha mente se fixa nos pés de lótus de Hari  
Minha mente se fixa nos pés de lótus do Guru  
Por sua graça,  
o coxo pode atravessar a montanha  
O cego pode ver. O surdo pode ouvir.  
O mudo pode falar  
O mendigo anda com guarda-chuva de rei  
Swami Surdas está imerso em compaixão  
Novamente e sempre,  
eu fixo minha mente em Seus pés.



# Capítulo 5

## O encontro das travessias<sup>38</sup>



---

<sup>38</sup> **Foto Divulgação.** Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: [http://luisousareflexosdaalma.blogspot.com.br/2015\\_04\\_01\\_archive.html](http://luisousareflexosdaalma.blogspot.com.br/2015_04_01_archive.html). Publicado em 01/04/2015. Acessado em 13/02/2016.

## 5. O encontro: travessias, trajetórias e territórios

### 5.1. Trajetórias: travessias de territórios

Entre caminhadas nos territórios geográficos físicos e tessituras de sistemas de sentido diversos, os nossos entrevistados constroem aquilo a que estou dando aqui o nome de **territórios de sentido**. Tento esclarecer aqui, com um pouco mais de detalhes e depois de todo o percurso que trilhamos até este capítulo, as nuances entre os termos que empreguei ao longo desta tese: universo simbólico, sistemas de sentido e território de sentido. Os dois primeiros conceitos são mais usuais na filosofia, na antropologia e na sociologia. O terceiro representa o meu esforço para “geograficar” ou “geografizar” algo que me parece que mereceria receber também uma conotação mais espacial e mesmo territorial do que apenas histórica e cultural. Espero que minha ousadia tenha algum valor.

Em seu célebre livro, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Émile Durkheim estabelece, sobretudo na sua conclusão, que mesmo não sendo “verdadeira”, enquanto uma construção de símbolos e sentidos (ele que se apresentava com um cientista ateu de antiga formação religiosa), a religião seria, dos povos mais primitivos às civilizações mais complexas, a forma mais ampla e abrangente através da qual a própria sociedade poderia ver-se e representar-se. Mais do que as ciências e mais do que “a ciência”, cabia à religião ser o mais elaborado e acreditável (mesmo que deus algum existisse) espelho em que uma sociedade humana podia reconhecer-se em sua expressão mais totalizante. Assim, em direção diversa de Marx, não somente a religião não é “o ópio do povo”, como ela tenderia a sempre existir enquanto sociedades humanas existirem.

Esta antiga e ainda sempre lembrada concepção da religião em Durkheim, abre caminho para que anos mais tarde, Peter Berger e Thomas Luckmann, em seu também muito conhecido (e republicado) livro: *A Construção Social da Realidade*, atualizassem o conceito de universo simbólico. Em um edifício com diferentes andares entre práticas, saberes e sentidos sociais, o último seria coberto pelo que eles chamaram de universos simbólicos. E, mais uma vez, ali estariam não apenas os sistemas mais elaborados e abrangentes do imaginário humano,

como as filosofias, mas, sobretudo, as religiões.

O universo simbólico seria um amplo e complexo conjunto de saberes, de significados, crenças, valores criados, estabelecidos e transformados por uma comunidade de partilha deles. (Brandão 2008). Tomo um exemplo de meu próprio orientador a partir de nossas conversas. Ao falar sobre escalas de interações entre saberes, significados, sentidos, crenças e valores, ele recorda que em seu tempo de estudante havia em sua universidade no Rio de Janeiro (como por toda a parte, ele acredita), vários “estudantes católicos”. Em meio à pluralidade de escolhas de vida, várias jovens e vários jovens uniam-se na crença e nas práticas de uma mesma religião. Como uma religião, o catolicismo romano seria para todas essas pessoas um **sistema de sentido** (como o espiritismo, a umbanda, o budismo, etc.), seriam outros, como parte de um amplo **universo simbólico**: a religião. No entanto ele relembra que entre seus colegas de universidade outras pessoas aderiam a outros sistemas de sentido, dentro e fora do mundo da religião, da espiritualidade, da ciência, das artes, etc. Assim, ele convivia com colegas marxistas, com futuros psicólogos freudianos, com praticantes de esta ou aquela rama da filosofia.

Dentro de uma compreensão sociológica tradicional, seria possível afirmar que dentro de um mesmo universo simbólico – a religião, por exemplo – e nele, no interior de um mesmo sistema de sentido – o catolicismo romano – as pessoas que se uniam em uma mesma crença religiosa dividiam-se entre diversas e até antagônicas maneiras ideológicas de pensarem e agirem a partir de suas crenças, saberes e valores religiosos, mesclados com iguais elementos de uma dimensão ideológica.

Ainda segundo o seu depoimento, e agora chegando a um ponto mais perto do que interessa a esta tese, registro que Carlos Brandão e as pessoas com quem dividiu a “Ação Católica” reconheciam-se vivendo uma conversão de um sistema de sentido amplo para um outro. Todos já eram católicos e permaneceram católicos (após 1964 vários abandonaram a religião e se tornaram militantes comunistas). Mas todos reconheciam que viviam uma travessia dentro de sua religião. Ao ingressarem na Juventude Universitária Católica eles passaram a se identificar como “militantes católicos” ou como “cristãos militantes”. E, na maior parte dos casos, reconheciam-se também como “cristãos de esquerda” e, no limite, como “cristãos revolucionários”. Dentro de sua religião tradicional, romperam barreiras, transgrediram normas e coletivamente se situaram em uma posição que a vários custou a vida, a tortura ou o exílio após o golpe militar de 1964.

Do ponto de vista do que importa aqui, prestemos atenção para o fato de que o que

eles viveram – assim como todas as pessoas cujos depoimentos constituem a alma desta tese – foi um trânsito, uma travessia, uma passagem de um território tradicional de sentido, dentro de um mesmo sistema de sentido, a religião católica, para um outro território de sentido.

Nesta passagem, assim como na vida de todas as pessoas desta tese, este saltar de um território de sentido a outro teve e possui ainda as seguintes características:

- a) representou uma ruptura com saberes, sentidos, significados, ações sociais e práticas pessoais (oração, meditação) e coletivas anteriores, em direção a outros que são reconhecidos como novos e transformadores;
- b) representou uma passagem vivida como um sair de um lugar social e simbólico estabelecido (o que aqui identifico como o “familiar”, ou o “acadêmico oficial”) em direção a uma área de fronteira, a um verdadeiro entre-lugares;
- c) representou uma necessária construção (realizada individualmente pela própria pessoa que se reconhece como tendo ou estando criando algo novo para ela própria, ou realizada como uma aprendizagem de algo novo trazido por um mestre, um guru, etc.);
- d) representou algo que, ou impeliu a pessoa a novas experiências de vida e a novas práticas pessoais e sociais, ou a uma experiência nova de vida e de práticas, nunca vivida anteriormente;
- e) representou a inserção da pessoa em novos territórios, redes, teias não apenas sociais (pessoas reais, grupos, comunidades de vida, comunidades internéticas, etc.) e, não raro, a saída voluntária ou mesmo a exclusão da pessoa de lugares sociais, redes, teias, etc. anteriores à sua “descoberta”;
- e) representou a experiência de uma verdadeira descoberta, de uma conversão, de uma reviravolta parcial ou total “na minha vida”;
- f) representou uma “virada” também espiritual-intelectual de autores, de guias filosóficos, espirituais, científicos, ou o que seja, assim como leituras, escolhas de gostos musicais;
- g) representou uma essencial interação entre campos diversos do saber e do sentido: o científico, o filosófico, o espiritual, o religioso, o de práticas-e-serviços, dando a todas as pessoas dessa tese uma face comum em que o espiritual, o interativo, o cósmico-holístico é uma constante;
- h) representou (mais nos casos atuais desta tese do que na do passado descrito por meu orientador) até mesmo modificações essenciais em “práticas da vida”, que vão da alimentação aos exercícios físicos e espirituais, etc.

Creio que vale tanto pensar tudo o que nos tem acompanhado aqui desde um ponto de vista mais histórico-filosófico (ao estilo “história das representações”, ou “história das mentalidades”, tão em voga hoje em dia), como pensar do ponto de vista de uma geografia de vidas, de comunidades, de sistemas de sentido. Pois nos próprios depoimentos das pessoas apresentados nos capítulos 2 ao 4 (incluindo eu mesma) tudo se passa através de diferentes planos, dimensões e momentos de: deslocamentos (da geografia do Mundo à uma geontropologia dos saberes e significados), trajetórias de vida, travessias dentro de, ou entre fronteiras, territórios, espaços-lugares.

Assim, mesmo não sabendo que as pessoas que nos acompanharam até aqui estão longe de serem praticantes de uma mesma religião (como na “comunidade católico-militante” de Carlos Brandão nos anos 60), e até de uma mesma ou próxima espiritualidade, penso que se todas elas se reunissem em um só local por uma tarde, por um dia ou um par de dias, ao trocarem confidências e dialogarem sobre suas escolhas, acabariam se reconhecendo como “travessiantes” de semelhantes trajetórias, habitantes de equivalentes entre-lugares ou trans-fronteiras, participantes de um mesmo amplo território de sentido (que não precisaria, segundo eles, de um “carimbo”) e devotados, cada um/uma “na sua”, em uma equivalente vocação de serviço. De saída de si-mesmo em direção ao seu outro.

Um território de sentido pode ser único. Pode ser um entrecruzamento de alguns ou mesmo vários. E pode ser transmutado. Assim, em minha pesquisa reconheço que todas as pessoas presentes aqui tiveram em suas vidas um primeiro território de sentido familiar. Ele é original e inevitável na vida de praticamente todas as pessoas de qualquer cultura. Ele pode ser compartilhado ao longo de toda uma vida por algumas pessoas. Pode ser ultrapassado e, em alguns casos, pode ser até rejeitado a partir de um certo momento. Ele é mais do que um conjunto abstrato de saberes, sentidos, crenças e valores de vida. Ele envolve uma comunidade de pessoas familiares e aparentadas. Pode incorporar também redes de vizinhos de amigos, e assim por diante. Mesmo que de maneira menos formal do que outros territórios, ele envolve lugares, espaços, interações, grupos focais, redes e teias de relacionamentos. Ele responde por nossa “primeira formação” em vários domínios.

Em nossas vidas, um segundo e muito importante território de sentido é o que estou denominando de escolar. Sobretudo hoje, quando cada vez mais a escola envolve mais e mais pessoas durante um período alongado de anos, este segundo domínio que vai da infância à juventude de boa parte das pessoas (mesmo considerando as deficiências de nossa educação até agora) alarga não apenas o campo dos sistemas de sentido – muitas vezes traduzidos como

as disciplinas ou matérias que “cursamos” – como amplia bastante as interações, redes e teias que seus integrantes convivem.

Na trajetória de vida e de formação da maioria das pessoas com quem eu convivo, este território de sentido escolar estende-se até a universidade. E, em um número crescente de casos, até uma pós-graduação, entre mestrado e doutorado. Esta ampliação especializante é a que torna inúmeras pessoas um profissional. Não raro é neste território múltiplo e complexo que boa parte das pessoas com quem eu convivo adquirem não apenas uma “formação profissionalizante”, mas uma adesão a uma corrente filosófica de vida, uma adesão a uma vertente ou tendência científico-ideológica em seu campo de estudos, pesquisas e trabalho.

Algumas pessoas com formação universitária estendem o campo de suas escolhas de sentido, pensamento e ação para além do “território científico da universidade”. Pessoas que preservam uma crença religiosa, que se afiliam a uma comunidade de sentido (como os maçons, os rosa-cruzes, ou os adeptos da antroposofia), que se envolvem como militantes com um movimento social, ou que derivam para uma vocação artística. Na conclusão estarei tomando o exemplo dos próprios geógrafos, e desdobrando as alternativas de escolhas e de trajetórias.

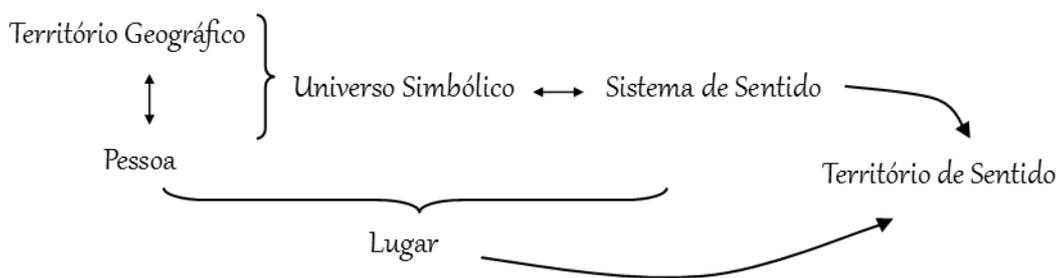
As pessoas do parágrafo acima ainda não são as que substantivam esta pesquisa. Isto porque eu trouxe aqui pessoas que não apenas estendem o seu campo de escolhas de sentido a algo para além de um território de sentido acadêmico-científico-profissionalizante, mas reconhecem-se como quem viveu uma travessia; uma ruptura com não apenas um arcabouço de crenças, saberes, sentidos, mas com um modo de vida derivado deles.

Isto porque estou defendendo aqui o tempo todo que um território de sentido, sobretudo quando vivido como uma escolha, conduz a uma con-vivência de experiência de vida prática, aplicada e derivada dos sentidos mais amplos e abertos de um universo simbólico e, em um plano mais próximo, de um sistema de sentido ou de uma interação entre diversos sistemas de sentido (a geografia fenomenológica, o paradigma científico holístico, o budismo de zen, etc.) integrados, apropriados e resinificados por ativo significado da escolha, de um propósito, de um significado, de um afeto, de um sentido de vida.

Assim, derivado de um ou alguns sistemas interativos de sentido, chamo aqui de **território de sentido**, algo que tem, como uma de suas características, o partir de uma experiência de vida (e não apenas de teorias), de vivências, de partilhas resinificadas. Nessa concepção talvez o que mais diferencie um sistema de sentido do território de sentido seja

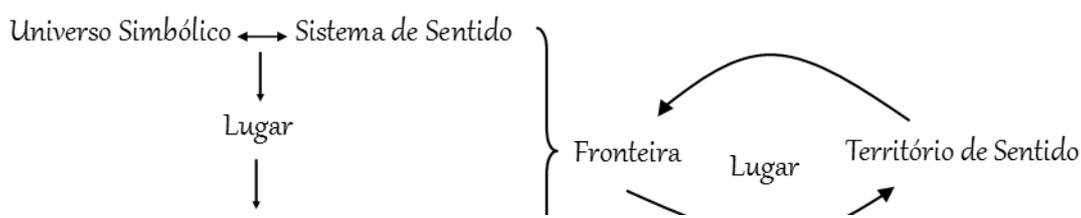
exatamente a relação, a partilha, a presença ativa em redes e teias, e a atuação. Principalmente quando em casos como os dos depoimentos desta tese. Quando um novo território de sentido representa uma ruptura com o “antes dele”, ele impulsiona o “travessiante” a uma atuação que também demarca o campo de relacionamentos, os territórios geográficos de atuação e travessia, e as pessoas, círculos de interações, redes e teias de contatos e de amizades, etc. O território de sentido depende em alguma medida da relação e define a personalidade e a constituição do eu, daquele que se apresenta ao mundo e se relaciona com o mundo atuando e se relacionando.

Retomo uma ideia que me parece essencial aqui. Um território de sentido se constitui, existe e se transforma na medida em que atua através de seus trans-habitantes. Na medida em que cria um lugar, e em que é criado pelo lugar, em interação com o sistema de sentido que se amplia à medida que o território de sentido também é ampliado, ou desafiado por sua posição de sempre-fronteira. A relação do território de sentido é direta com o lugar, com o espaço do afeto e do sentir, da escolha consciente e perceptível, talvez mesmo da crise.



LEAL, Alessandra. Org. **Fluxograma 1**, 2016

Nessa perspectiva, o território geográfico interage com um território de sentido na medida em que interage com ele, envolvendo relacionamentos do tipo: pessoa e pessoas, pessoa e natureza, pessoas e meio ambiente. Relembro em todo este processo a presença do transitório, da fronteira, da travessia, que geradora da crise, promove a apropriação das novas escolhas, e sem os quais o sentido tal como o discutimos aqui não existiria. O lugar coexiste tanto na fronteira, quanto no território de sentido, pois ele é o instante presente da relação entre afeto, acontecimento, tempo e espaço. O território de sentido ganha a noção de tempo passado, presente e futuro, pois que sua semântica, uma vez constituída ocupa um lugar na trajetória, na história de vida daquele que vive.



Relembro uma vez mais que território de sentido é o tempo-espaço, e é onde e através do qual o homem experiencia a vida e seus sentidos e significados. Dessa forma, retomando o parágrafo acima, na prática do cotidiano e nas trajetórias de vidas, em um mesmo território físico e social de vida podemos vislumbrar: o território de sentido familiar, o profissional, o devocional, enfim as multiplicidades dos sentidos do território de sentido. Ele acontece em um espaço físico ou não, em um determinado tempo e lugar. Ele constitui, corrobora ou retifica o sistema de sentido, pode contribuir para a composição de um universo simbólico, mas, não necessariamente. Ele se afirma, nesta tese sobretudo, em situação de trânsito e de travessia. Ele está mais nos entre-lugares do que nos lugares. Mais nas fronteiras do que nos lugares centrais. Mais no que muda do que no que permanece. Tal como em outras tantas situações hoje tão estudadas pelas ciências da pessoa e da sociedade, ele está bem mais visível na crise do que no “tudo bem”. Mais na transgressão do que no estabelecido. Mais na surpresa da descoberta do novo do que na segurança do “já sabido”.

Nesse contexto, é possível visualizar na tabela a seguir um esboço de diagrama dos territórios geográficos, sistemas de sentido (entre familiar, científico, político, erudito terapêutico e hippie) e territórios de sentido de nossos entrevistados, tal como já discutimos aqui e de como melhor explanaremos no segundo tópico desse capítulo.

| <b>Travessias</b> |                      |  |   |  |
|-------------------|----------------------|--|---|--|
|                   | <b>Entrevistados</b> | <b>Territórios Geográficos da vida</b>   | <b>Sistemas de Sentido (em negrito o que a pessoa identifica como novo e como uma ruptura)</b>                        | <b>Territórios de sistemas originais de sentido</b>                    |
| Grupo 1           | Arthur Shaker        | Antilhas do Caribe<br>Paraná<br>São Paulo – SP<br>Argentina<br>Bolívia<br>Peru<br>Colômbia<br>Inglaterra<br>França<br>Itália<br>Espanha<br>Índia<br>Nepal<br>Tailândia | Engenharia Civil<br>Ciências Sociais<br>Antropologia<br>Ciências da<br>Religião<br><b>Budismo</b><br><b>Theravada</b> | Familiar – escolar<br>científico até<br>pós-graduação<br>universitária |

|         |                |  |  |  |
|---------|----------------|--|--|--|
|         |                | Indonésia<br>Aldeia Xavante – MT<br>Sertão Baiano<br>Rio de Janeiro – RJ   |  |  |
|         | Ivamney Lima   | Ladário – MT<br>Rio Grande do Norte<br>Rio de Janeiro – RJ<br>Vale do Ribeira<br>Campinas<br>Paraná<br>São Paulo – SP<br>Índia<br>Portugal | Ciência Veterinária<br>Movimento<br>Político Popular<br>(Paulo Freire)<br><b>Budismo Zen</b><br><b>Linhagem</b><br><b>Advaita Sri</b><br><b>Ramana</b><br><b>Maharshi</b><br><b>Zen Peacemaker</b> | Familiar – escolar<br>até graduação<br>universitária +<br>militante político |
| Grupo 2 | Giridhari Das  | Praga/<br>Tchecoslováquia<br>Brasília – DF<br>Londres/Inglaterra<br>EUA<br>Índia<br>Alto Paraíso de Goiás                                  | <b>Hare Krihsna -</b><br><b>Abhay</b><br><b>Charanaravinda</b><br><b>Bhaktivedanta</b><br><b>Swami</b><br><b>Prabhupada</b>  | Clássico erudito<br>oriental<br>+ formação<br>universitária                  |
|         | Cecília Cabral | Niterói<br>Rio de Janeiro – RJ<br>Londres/Inglaterra<br>Piracanga – BA<br>Chapada Diamantina –<br>BA                                       | <b>Comunidade de</b><br><b>Piracanga</b><br><b>Prem Baba</b><br><b>Espiritual –</b><br><b>própria</b>  | Familiar – escolar<br>até pós-graduação<br>universitária<br>(comunicação)    |
| Grupo 3 | João Mendes    | Limeira – SP<br>Campinas – SP<br>Capitólio<br>Caldas<br>Salvador<br>Chapada Diamantina<br>Belo Horizonte                                   | <b>Terapêutico</b><br><b>próprio</b>   | Familiar – Trabalho<br>(arte educação –<br>terapias)                         |
|         | Kênia Santos   | Ponta Grossa<br>Maringá<br>Arembepe – BA<br>Chapada Diamantina<br>Porto Velho<br>Peru<br>Equador<br>Colômbia<br>Venezuela<br>Alto Paraíso  | <b>Linhagem</b><br><b>Sachcha Baba</b>   | Familiar –<br>movimento hippie   |

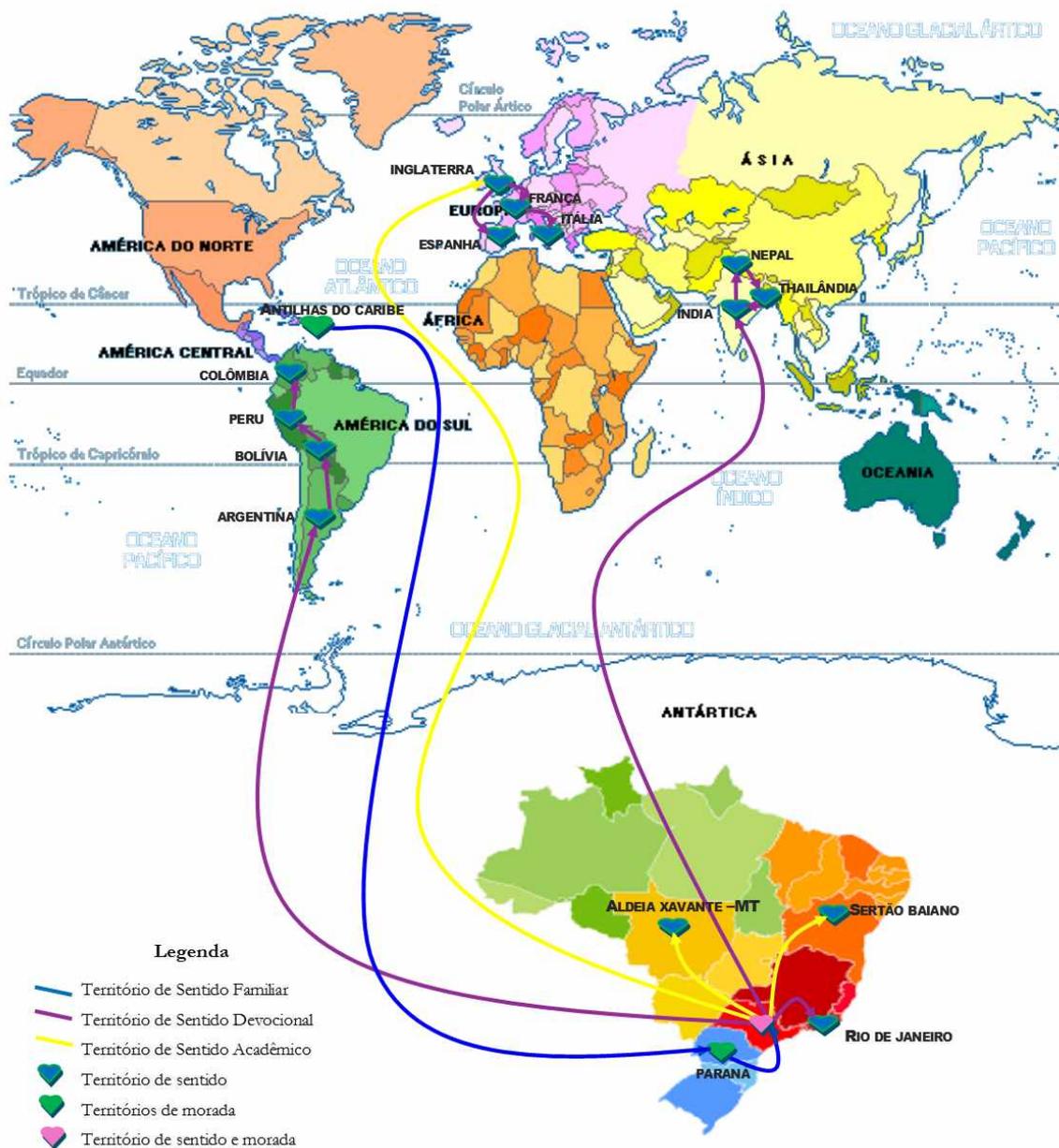
LEAL, Alessandra. Org. **Travessias**, 2016

## 5.2. A perspectiva das trajetórias de vida

A partir da rede e interações entre os territórios geográficos visitados por nossos

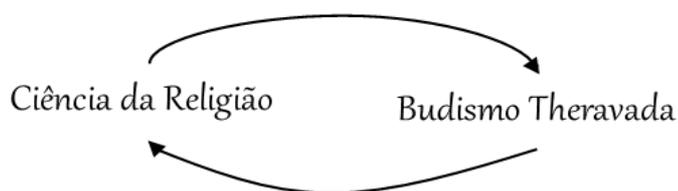
entrevistados, o sistema de sentido herdado pela família e até mesmo, em um plano mais amplo, os universos simbólicos que percorreram no decorrer de suas trajetórias desenham um ou mais de um territórios de sentido, tal como procuro desenhar nas figuras abaixo. Assim, a partir das trilhas dos lugares experienciados em e entre territórios geográficos específicos, delinheio as trajetórias e os territórios de Arthur Shaker tal como na imagem abaixo. Entre as setas, a imagem de corações sugere significativamente as escolhas movidas por intuições e afetos, enunciando as marcas do lugar por onde ele andou, constituindo nas trajetórias de seus territórios de sentido, entre as tradições vindas da ciência e as da espiritualidade. Note que adotei nomes para cada um deles seguindo em parte palavras dos próprios depoimentos.

A legenda é a mesma para as demais imagens que se seguirão. As linhas amarelas demarcam as viagens em função da profissão essencialmente acadêmica, como a ida para Inglaterra, para a Aldeia Xavante ou para o Sertão Baiano. Embora também, no caso de Arthur, em alguma medida configure o devocional de sua atuação profissional, aqui elas estão representadas como de teor profissional, já que ainda não continham, a meu ver, o cunho espiritual que ele virá a adquirir mais tarde. As linhas azuis marcam os seus deslocamentos dentro do círculo da família, entre sistemas e territórios de migração e encontros com as pessoas do “mesmo sangue”. No seu caso aqui estão fundamentalmente as migrações da infância. Desenho em lilás as viagens de sentido devocional, representadas como descobertas e de florescimento dos seus sentidos. O primeiro passo, o da ida para a Europa, por exemplo, foi em nome da profissão, mas as incursões que mearam a estadia lá representaram um desabrochar de novas percepções. Depois a ida para a Índia, o Nepal, a Tailândia e a Indonésia. Os territórios de morada estão marcados pelo coração verde, e no seu caso são os mesmos postos da família, os territórios de sentido que passam pelas visitas profissionais e devocionais, incluindo o Rio de Janeiro, através da parceria com a Sociedade Budista do Brasil, e o território de morada e vida, representado por São Paulo, que o acolheu desde a infância. Assim, a imagem a seguir mostra o território de sentido de vida de Arthur Sakker, evidenciando as trilhas das diversas áreas entre o familiar, o acadêmico e o devocional.



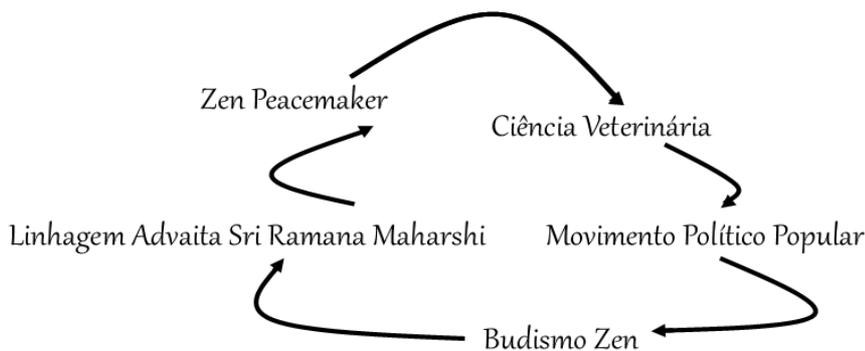
LEAL, A. Org. **Territórios de Arthur Shaker**, 2016.

No caso de Arthur Shaker, a Ciência da Religião é a membrana de seu olhar, mas a profundidade de suas córneas está no Budismo Theravada. Assim, na imagem seguinte podemos ver a perspectiva circular dessa interação em seu universo simbólico. É este sistema de sentido dual que vai se constituir o território de sentido de Arthur, entre o espiritual e o científico.



LEAL, A. Org. **Sistema de Sentido: Arthur Shaker**, 2016.

Com Ivamney Lima, podemos perceber uma teia de universos simbólicos que por sua vez desenham um sistema de sentido próprio. A ciência veterinária, o movimento político popular, o Budismo Zen, a Linhagem Advaita Sri Ramana Maharshi e o Zen Peacemaker são universos (entre a ciência, político e espiritual) que contribuem para a tessitura de seu sistema de sentido, que na lógica aqui apresentada, é própria e peculiar a Ivamney. Eles vão contribuir, como veremos com mais detalhe no tópico abaixo, para a constituição de um território de sentido ainda em fronteira, ainda em crise, ou ainda em busca e construção. E talvez por isso mesmo tão envolvidos de e com universos simbólicos tradicionais do Oriente.

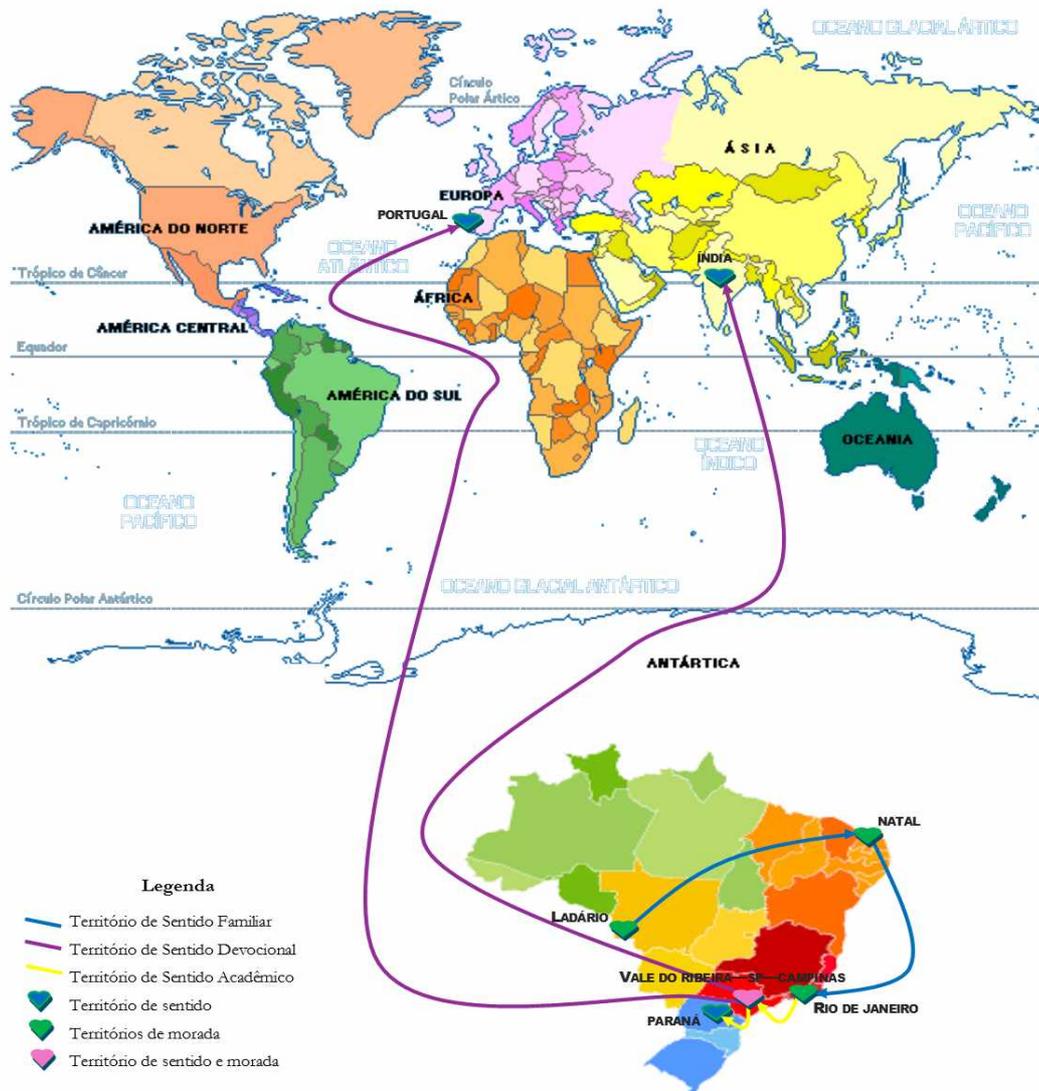


LEAL, A. Org. **Sistema de Sentido: Ivamney Lima**, 2016.

O território de sentido fluídico e peculiar de Ivamney Lima delinea-se diretamente de suas experiências nos territórios geográficos pelos quais passou. Na imagem a seguir é possível visualizar os traços de sua trajetória, muito embora os sentidos que ela tece escapem a um simples croqui espacial. É esse sistema de sentido variado que vai constituir o seu território de sentido, entre o espiritual e o político.

A migração de Ladário para Natal e depois para o Rio de Janeiro constitui os seus territórios familiares. A ida para o Vale do Ribeira, mais tarde para o Paraná e Campinas são os seus territórios de atuação acadêmica e profissional. As incursões a São Paulo, tão próxima, à

Índia e a Portugal, configuram-se como seus territórios devocionais, de descoberta e de experiência de sentido. São Paulo será uma fonte nas diversas linhas e tradições que Ivamney experimenta, seja nas terapias (terapia somática, psicodrama, teatro) como na espiritualidade (Budismo Zen, Zen PeaceMaker). Em seu caso, São Paulo, mais do que a Índia, é o porto de busca e o mar das descobertas de Ivamney. Muito embora, simbolicamente a Índia tenha em sua trajetória um valor simbólico maior.



LEAL, A. Org. **Territórios de Ivamney Lima**, 2016.  
**Territórios de Athur Shaker**

Acredito que Giridhari Das hoje está envolvido em um sistema de sentido mais homogêneo (se compararmos com o sistema de Ivamney, por exemplo), com vínculo direto com uma prática específica vinda da tradição Vaishnada Vedanta. Um sistema de sentido,

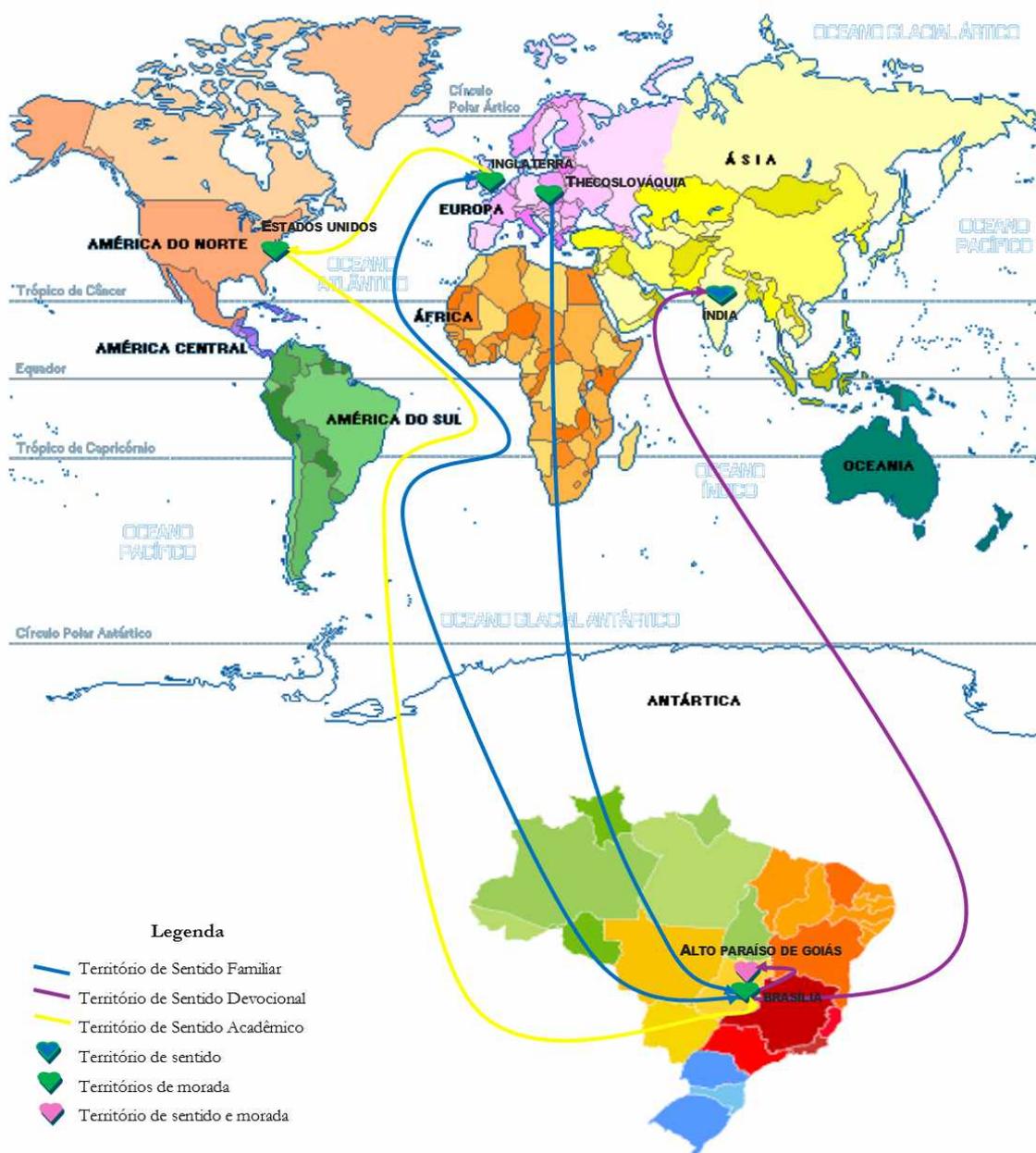
trilhado entre lugares diversos e diversos territórios geográficos. Dei a ele uma forma circular, pois ele se contém em si mesmo. É um sistema-em-si, e a partir dele se expande. É a partir de sua lente e também de sua córnea que o mundo é visto, descrito, interpretado e, em certa medida, reiventado.



LEAL, A. Org. **Sistema de Sentido: Giridhari Das**, 2016.

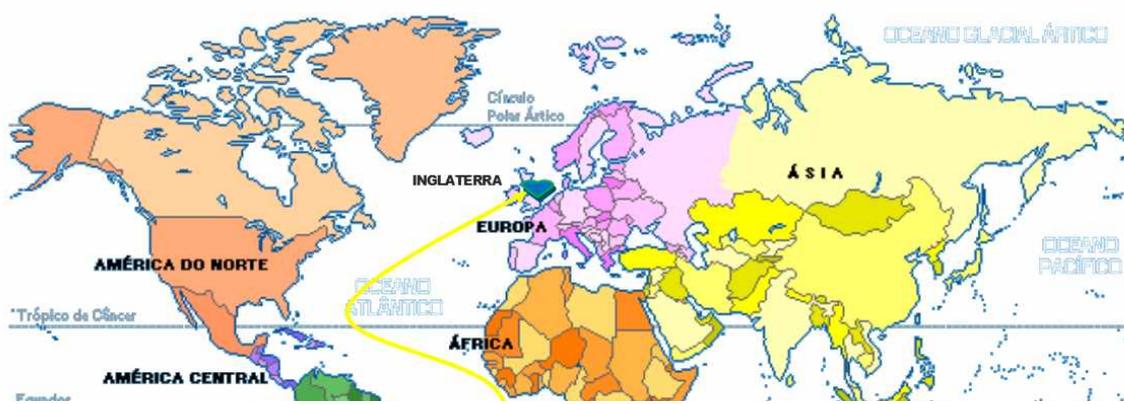
Giridhari Das sugere desenhos de sua trajetória concentrada entre Brasília e Alto Paraíso. Muito embora ele tenha dado passos largos nos primeiros anos de vida de família, em função das andanças familiares. Com o território familiar e o sistema de sentido erudito e clássico, as passagens pela Inglaterra e Estados Unidos representam passos na sua formação acadêmica, fomentando ainda mais esse espaço clássico e formal de sua formação.

A ruptura em sua vida é vivida na cidade de Brasília. E, relembro aqui, ela acontece de forma inesperada. E também é mais ou menos “ao acaso” que ele se desloca e acaba definido seus espaços de vida em Alto Paraíso, constituindo o foco espacial de seu território de sentido, ao envolver-se por completo com as crenças, as práticas e os rituais do sistema de sentido da Consciência de Krishna. Aliando uma teia de interações simbólicas e sociais que configura o seu novo território de sentido, ele estabelece geograficamente Alto Paraíso como um “lugar de vida e consagração”, já que sedia fisicamente ali o seu ashram, um ponto de encontro de buscadores e experienciadores.



LEAL, A. Org. **Territórios de Girdhari Das**, 2016.

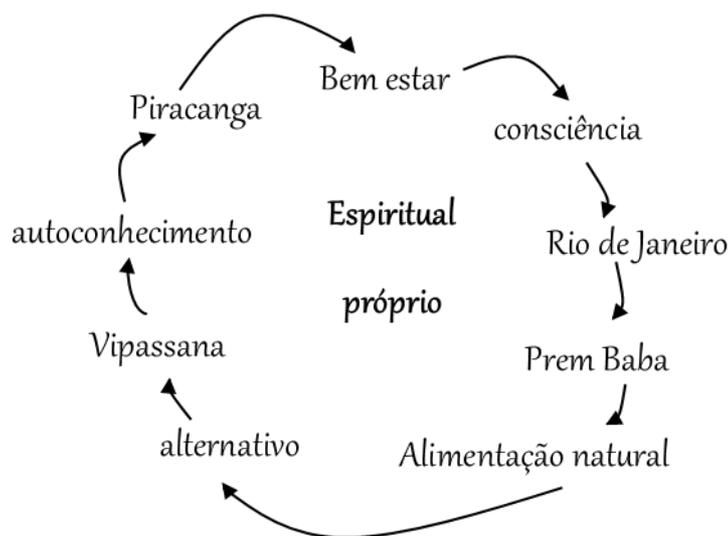
Os territórios geográficos desenhados na imagem seguinte mostram poucas trilhas, mas lugares marcantes na vida de Cecília. Ela tem unicamente Piracanga como o seu lugar de morada, diferentemente do Rio de Janeiro, Londres e a Chapada Diamantina como territórios



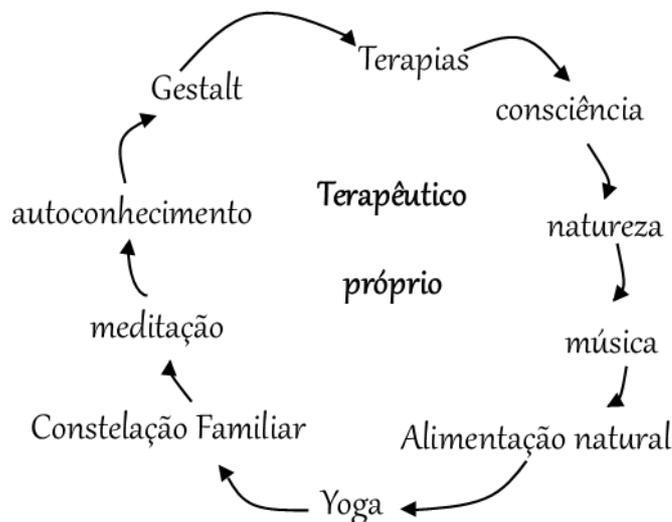
de sentido e de novas experiências. O Rio de Janeiro segue sendo o território de sua morada e de sua vida cotidiana. Alguns poucos lugares foram suficientes para transformar radicalmente o percurso de sua vida. Se pudermos falar em diversos caminhos, no caso de Cecília podemos também lembrar caminhos que seguem por estradas bem diferentes. Como a ida para a Inglaterra para uma busca por formação profissional, mas que vai abrir a porta para outras viagens de buscas existenciais. Cecília não migrou, e tem a sua família ainda hoje residente no Rio de Janeiro, assim tal cidade é o território familiar, devocional e profissional para ela.

Em Cecília Cabral, como também em João Mendes e Ivamney Lima, percebo um sistema de sentido bastante peculiar. A tessitura de seus territórios de sentido não está vinculada a uma tradição, linhagem, ou doutrina específicas, mas são em si uma colcha de sistemas simbólicos diversos. Piracanga e Prem Baba, por exemplo, contribuem simbolicamente na formação dos sentidos e crenças de Cecília. Mas não são neste momento a única fonte, ou o único caminho de sua “busca da verdade”, diferentemente do que ocorre com outros entrevistados, como Giridhari, por exemplo. Na figura a seguir incluo elementos de suas práticas, como a consciência, a alimentação natural, o bem-estar, o Vipassana, o autoconhecimento, configurando um movimento alternativo marcado por símbolos que são frequentes e correntes, e que presencie no sistema de Cecília. Eles valem aqui como exemplos.

Incluí em seu sistema de sentido a cidade do Rio de Janeiro, pois o ser caracteristicamente carioca, o riso solto, a celebração e a festividade são mais do que características em sua personalidade, verdades e condutas a serem desenvolvidas. Dançar e “pular carnaval” ainda são fundamentais em sua expressão livre e alegre de vida. Mas meditar é essencial para desenvolvimento de sua consciência e do seu bem-estar.



João Mendes, ou João Rio, parece haver construído também um sistema de sentido próprio e peculiar, isto é, menos atrelado a uma filosofia de vida, espiritualidade ou religião pré-constituídas. Ele se propôs a criar uma prática terapêutica própria, a partir de outras que aprendeu a exercer. Nele a espiritualidade não é um fim em si, como para Kênia por exemplo, mas um meio para alcançar e produzir a cura, em nome de uma expansão da expressão do ser da pessoa. Desta forma, está presente no sistema de sentido que João Mendes o autoconhecimento, a consciência, a alimentação natural, a yoga, a meditação, a Gestalt e a Constelação Familiar, enquanto bases terapêuticas. E também a arte, através da música. E ainda a natureza, como elementos inspiradores do experienciar o ser, a vida e a expressão da vida. Uma construção autônoma, ao contrário de Giridhari, e uma certa livre expressão são ponto de partida e de referência em João Mendes. Assim tende a ser a experiência da “Renascença”, como técnica terapêutica desenvolvida por ele. Acredito que consciência e livre expressão para João ocupam o mesmo lugar em seu sistema de sentido. O que para alguns é a expansão da consciência, ou o encontro de um propósito de vida, para João tende a ser a livre expressão, como o sentido de suas práticas.



LEAL, A. Org. **Sistema de Sentido: João Rio**, 2016.

João Mendes, apesar do espírito viajante e mochileiro, deslocou-se fisicamente pouco na sua busca de encontro com suas crenças e seus sentidos. Os territórios de morada ficam entre Limeira e Campinas. O território de vida em Capitólio, lugar de alimento espiritual para ele, e constante retorno. A Chapada Diamantina, Salvador, Caldas e Belo Horizonte são

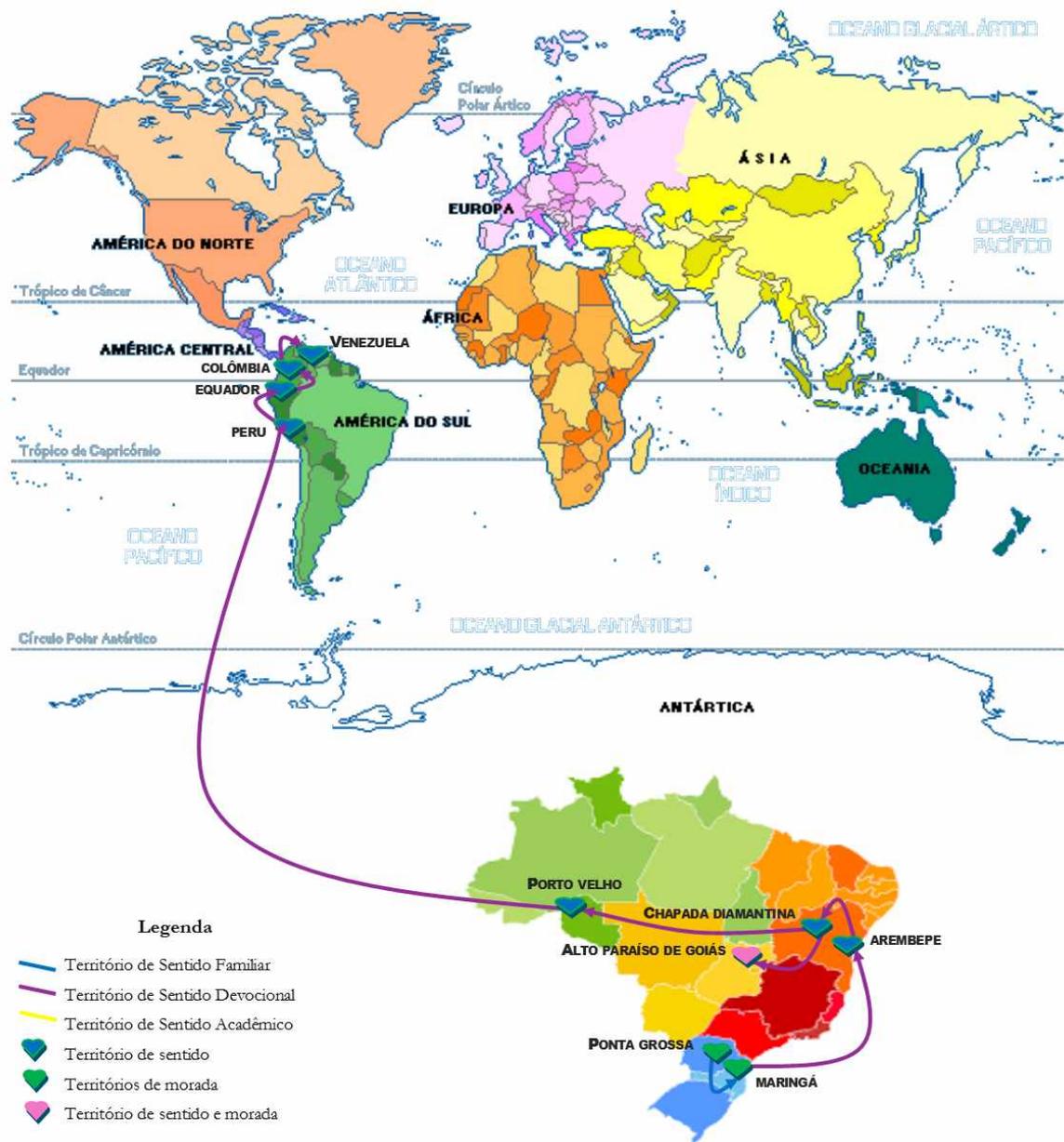
sucessivos territórios de experiência, de vivência e, a seu ver, de descoberta de novos símbolos, como lugares essenciais para a construção do que se tornaram seus sentidos.



LEAL, A. Org. **Territórios de João Mendes Rio**, 2016.

Kenia desvela os seus caminhos, já soltos desde cedo, como uma “hippie errante” e uma “desbravadora das estradas”. Encontra o seu território de morada e de retorno frequente entre Ponta Grossa e Maringá, onde viveu entre criança e adolescente. Depois da ruptura, ela se desloca para Arembepe e para a Chapada Diamantina, como pousos demorados de vida. Em suas andanças vai a Porto Velho, chega à Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, lugares que marcam os seus sentidos e suas percepções da vida. Lugares que vão ampliar a noção de comunidade e a percepção da cooperação para Kênia.

Alto Paraíso de Goiás é hoje o lugar de morada e de vida. É a sede do ashram do Prem Baba, seu guia espiritual, constituindo dessa forma o seu território de vida e de sentido devocional. É também o território de atuação profissional-devocional, através dos florais, do turismo e da culinária alternativa e natural do lugar. O território de sentido de Kênia tende a ser também o seu território geográfico, já que por igual ele se constitui e se define através de uma relação com o meio ambiente e os seus recursos.



LEAL, A. Org. **Territórios de Kênia Santos**, 2016.

O sistema de sentido de Kênia, assim como o de Giridhari Das, é único. Acredito que ela, mais do que Giridhari, incorpora alguns símbolos de outros universos em sua teia de sentidos. No entanto, em nossa conversa isso não ficou evidente. A escolha dela agora é a linhagem Sachcha Baba. E o seu “mergulho” é em seu “exclusivo” sistema simbólico, como sentidos e saberes, práticas e valores. É verdade que o seu “caminho de buscas” é recente e

que há de se levar em consideração toda a bagagem e todo o sistema simbólico que ela desenvolveu livremente até aqui. Mas, mesmo ele deixa de ser uma referência essencial, ou deixa de ser a lente principal através da qual Kênia observa e compreende o mundo, e passa a ser algo a ser integrado e reintegrado no sistema simbólico da linhagem.



LEAL, A. Org. **Sistema de Sentido: Kênia Santos**, 2016.

### **5.3. A perspectiva da travessia, da descoberta e do viver em fronteiras**

É interessante perceber como no trilhar, no caminhar de cada um, de cada uma, homem ou mulher, as descobertas, as escolhas e as direções vão sendo tomadas. E, se tomarmos os depoimentos que vem desde o capítulo 2, veremos que todas as direções de trajetórias podem acontecer. Não há um caminho único que viria, por exemplo, da ciência, do ocidente e da academia para a espiritualidade; e do oriente e do alternativo à academia.

Ao contrário, desde a oposição entre Deepak Chopra e Fritjof Capra, as duas direções são possíveis, e o que unifica as diferenças é que as pessoas com quem dialogamos nesta tese se reconhecem encontradas, ou reencontradas, em um território de fronteiras. E é justamente este haver atravessado domínios da geografia do planeta, como espaços-lugares da vida profissional-vocacional e, ainda, territórios de sentido duais ou mesmo vários, o que as faz situadas afinal em algum campo novo. Em um entre-lugar que em nossos dias começa a obrigar até mesmo universidades oficiais do ocidente e agências como a CAPES e o CNPq a abrirem novos cursos abertos a novas integrações, interações e mesmo indeterminações. Ou a estabelecerem oficialmente novas áreas de conhecimento academicamente reconhecidas. No campo das ciências da natureza este tem sido um desafio vivido a cada dia. A agroecologia e a

etnobiologia são bons exemplos. E acredito que em pouco tempo veremos algo semelhante acontecer no caso das ciências da pessoa, da cultura e da sociedade.

Voltemos aos nossos depoimentos. Aparentemente cada escolha e cada trajetória de vida parece envolver sempre uma travessia e uma opção pessoal, ou um caminho único na vida de cada um. Pelo menos esta é a sensação que tenho ao observar os relatos dos depoimentos e entrevistas desde o capítulo 2 e, com mais ênfase, do capítulo 3.

É possível que a profissão ou o território de morada sejam diferentes entre uma pessoa e outra. No entanto, aparentemente aquele olhar, aquela questão que brota e que movimenta o caminhar, mesmo quando tenha componentes socioculturais comuns, tende a ser muito inerente a cada um. Os próprios depoimentos singularizam isto. Tudo é muito peculiar a essa porção essencial que cada um(a) experimenta na sua vida. E, mesmo quando convergentes, os motivos e as buscas são pessoalmente diversos. Kênia está em um alguém que procura uma forma de servir. Está em um outro que procura estar em comunidade em busca da melhor forma de vivenciar isso. Está em outros que procuram criar e serem criativos, manifestando isto através de sua arte. Está, ainda, em outros que procuram abrir espaços ou trilhas em direção a um caminho de expansão da consciência.

Há ainda o aspecto sociopolítico presente na comum ruptura com um original território de sentido familiar, e na construção de um novo território de sentido, já que ao romper com éticas, práticas, lógicas, símbolos e, enfim, com sistemas postos, inculcados e aprendidos do berço até à escola, a “pessoa errante” abre margem para o novo, para a mudança, para o diferente. E o diferente é a abertura. É, ao ver de praticamente todas as pessoas presentes nesta tese, o lugar da fronteira, do estranhamento e do questionamento. Ao questionar o seu próprio lugar, o “estar-aqui onde todo mundo está”, as pessoas dos depoimentos desta tese seguem uma trajetória que as leva para longe do território familiar, do território escolar socialmente aceito e consagrado, em direção a abrir espaços para outros territórios.

Mais entre os depoimentos do capítulo 3 do que os do capítulo 2, vemos que todas as pessoas vivenciam um, ou mesmo alguns momentos ou períodos de crise, de busca e de “viver na fronteira”. Tempos vividos entre dúvidas, procuras, encontros e desencontros. Este período pode ser longo, como no caso de Arthur Shaker e seus cinco anos de pesquisa, de leituras, ou pode ser mais curto, como no caso de Ivamney Lima, em contato com a meditação num Templo Zen Budista. Pode ser algo que se realiza ao longo de várias tentativas e abordagens,

ou pode acontecer de um momento para o outro, dentro de uma garagem, como no caso de Giridhari Das.

Nesse sentido recorro aqui ao conceito do político ativo, lembrando novamente a ideia de Mikhail Bakhtin sobre a circularidade cultural. Ou seja, a ideia de que o diferente inclui e transforma o político, como algo que permite a ampliação da consciência, dos símbolos, do conhecimento e, portanto, da própria experiência enquanto movimento. É que por assim ser, gera poder na medida em que fortalece as escolhas e a autonomia daquele que busca e encontra; daquele que sai-de-si em busca de si-mesmo e atravessa domínios diversos, e se adentra entre fronteiras, vivendo as inevitáveis crises de quem se lança desde um lugar “seguro” em busca de algo desconhecido, até ser encontrado.

Aqui podemos retomar o exemplo do ativismo quântico de Amit Goswami, a ecologia profunda de Fritjof Capra, a medicina integrativa de Deepak Chopra, a neurociência meditativa de Matthieu Ricard, e as trajetórias desses homens do mundo da ciência, e de um mundo de trans-ciências que eles estão ajudando a criar, como exemplos de travessias entre territórios de saber e de sentido aparentemente opostos, ou pelo menos distantes. Trans-territórios que eles buscam fazer interagir para criar o novo.

Como personagens, hoje de renome internacional, e mais no próprio Ocidente do que no Oriente, eles tornam-se exemplos de uma difícil auto-realização também ao revelarem e ao demonstrarem na prática e na vida o que eles reconhecem como um encontro em um plano mais interativo, mais holístico, mais quântico mesmo. Algo que ao ver de cada um lhes auferiu um estado de paz e de serenidade que advém de uma coerência entre o discurso e a prática real cotidiana.

Este entre-lugar que eles parecem haver alcançado exatamente por se adentrarem em uma fronteira entre a ciência e a espiritualidade, mesmo não sendo um único objetivo, torna-se uma razão de vida, na medida em que suas descobertas, ideias renovadoras e práticas influenciam outras vidas, outros pensamentos, e impelem outros “buscadores” a outras escolhas, entre pessoas situadas num universo mais corriqueiro, como acredito ser o meu próprio caso.

Eles politizam mentes e círculos de saberes e de ações no instante em que polemizam, em que questionam o estabelecido e em que ousam promover o novo, o interativamente renovador dentro de um espaço de crise e abertura característicos também da fronteira e do entre-lugar. São personagens, que com as suas próprias histórias de vida participam da criação de um novo e inovador universo simbólico, ou de novos sistemas de sentido que oferecem

uma base para que outros também se encorajem a enfrentar as trilhas e buscas de territórios de fronteira.

É interessante perceber que ao passo que nossos personagens do segundo capítulo exercem uma ampla influência em uma escala mundial e, principalmente no universo da escrita, do livro, do vídeo, da ampla informação de dimensões planetárias, as pessoas convidadas ao terceiro capítulo atuam em um contexto próximo, em um espaço de diálogos íntimo aos amigos, ou a em uma pequena rede profissional-devocional. Suas ideias e ações intermediam uma rede de e entre pessoas marcadas pela presença física em relações mais face-a-face, e uma rede regida por práticas do e no cotidiano. O caminhar e a fronteira tornam-se uma referência para aquele que busca e continua buscando.

Os territórios de sentido que neste trabalho pendulam entre a ciência e aquilo em que ao longo dele estou denominando de espiritualidade, no entremeio de uma busca pelo sentido de vida, inauguram percursos que ao acontecerem e ao serem cada vez mais compartilhados aspiram gerar novos universos simbólicos e novos sistemas de sentido. Algo uno e múltiplo, que dinamize possibilidades e, conseqüentemente, amplie os nossos estados de consciência, lembrando o ativismo quântico de Amit Goswami.

Procurei sintetizar neste capítulo e procuro sintetizar mais ainda nos quadros abaixo, o delineamento do que tenho chamado aqui reiteradamente de territórios de sentido, a partir das trajetórias de vida das biografias dos nossos personagens do capítulo 2, e das histórias de vida dos entrevistados do capítulo 3. Nos dois quadros a seguir, penso ser possível observar como os entrelaçamentos de e entre universos, trajetórias, territórios e sentidos tecem redes, teias ora lineares, ora não lineares.

Estou definindo a rede do território de sentido como “linear” e como “não linear”. Entendo a linearidade, que ousou também chamar de “alinhamento”, como algo que tem a ver com uma integração dos símbolos e sentidos descobertos e incorporados em um momento de uma trajetória de vida, e uma metodologia de prática associada às ideias, saberes, sentidos e crenças descobertos e assumidos. Assim, uma pessoa convertida a uma rama de religião ou espiritualidade não apenas aceita os seus saberes e sentidos, mas coloca toda a sua vida no seguimento da observância de preceitos e práticas deles derivados. Dessa forma, uma pessoa de anterior formação acadêmico-científica segundo os padrões ocidentais converte-se a uma tradição espiritual vedanta e coloca todas as suas práticas agora na mesma direção de suas novas ideias, crenças, saberes e sentidos de vida.

Chamo de não-linear a situação em que, mesmo depois de uma “descoberta” ou uma “conversão” a um novo sistema de sentido, o todo ou algo dos saberes, sentidos, valores e

práticas anteriores, em geral de matriz originalmente científica e acadêmica, persistem e interagem com os novos sistemas de sentido. É o caso da pessoa que convertida ao Zen Budismo segue ainda em boa medida pensando o mundo e realizando práticas pessoais, profissionais e sociais associadas à sua anterior formação e à sua profissão.

#### Territórios de Sentido: entrevistados

|         | <b>Entrevistado</b> | <b>Sistemas originais de sentido</b>                                | <b>Trajetória</b>               | <b>Territórios de sentido</b>    | <b>Sistemas de sentido atuais</b>   | <b>Rede</b> |
|---------|---------------------|---|---------------------------------|----------------------------------|---|-------------|
| Grupo 1 |                     |   |                                 |                                  |   |             |
|         | Arthur Shaker       | Familiar – escolar científico até pós-graduação universitária       | Sequência da linha profissional | Científico e Espiritual          | Ciências Sociais<br>Antropologia<br>Ciência da Religião<br>Budismo Theravada  | Não-Linear  |
|         | Ivamney Lima        | Familiar – escolar até graduação universitária + militante político | Sequência da linha profissional | Científico-Político e Espiritual | Movimento Político Popular (Paulo Freire)<br>Budismo Zen<br>Tradição Advaita – linhagem Advaita Sri Ramana Maharshi | Não linear  |
| Grupo 2 |                     |   |                                 |                                  |   |             |
|         | Giridhari Das       | Clássico escolar erudito oriental + formação universitária          | Ruptura e nova opção            | Espiritual                       | Hare Krihsna - Abhay Charanaravinda Bhaktivedanta Swami Prabhupada  | Linear      |
|         | Cecília Cabral      | Familiar – escolar até pós-graduação universitária (comunicação)    | Ruptura e nova opção            | Espiritual                       | Espiritual – própria (Sistema de sentido)   | Linear      |
| Grupo 3 |                     |   |                                 |                                  |   |             |
|         | João Mendes         | Familiar – Trabalho (arte educação – terapias)                      | Ruptura e Linha profissional    | Terapêutico e Espiritual         | Terapêutico próprio (Sistema de sentido)  | Linear      |

|               |                                  |  |                            |  |                         |   |
|---------------|----------------------------------|--|----------------------------|--|-------------------------|---|
|               | Kênia Santos                     | Familiar –<br>escolar +<br>movimento<br>hippie               | Ruptura e<br>nova<br>opção | Espiritual                                   | Linagem<br>Sachcha Baba | Linear  |
| Capítulo<br>4 | Alessandra<br>Leal/Prem<br>Sarit | Familiar –<br>escolar até a<br>Presente<br>pós-graduaçã<br>o | Ruptura e<br>nova<br>opção | Espiritual e<br>práticas<br>terapêutica<br>s | Linagem<br>Prem Baba    | Não-line<br>ar com<br>tendência<br>a<br>tornar-se<br>linear |

LEAL, A. F. (org). **Territórios de Sentido**, janeiro de 2016.

Retomo aqui algo que já foi dito de forma breve no segundo tópico deste capítulo, mas que aqui teço um pouco mais relacionando ao quadro acima. Como disse nas linhas acima, todos os caminhos são viáveis no ponto de encontro de pessoas situadas em territórios de fronteira, em que a presença de alguma dimensão assumidamente espiritual – tal como ela foi definida aqui nesta tese – constitui um fato marcante. Não há uma direção única, sobretudo quando pensamos em depoimentos que vem do segundo capítulo. Há formações orientais iniciais que depois se continuam com formação científica ocidental e retornam ao holístico e ao oriente. E há percursos opostos. Assim, a forma como os caminhos de vida e trajetórias vão acontecendo, tecendo e se imbricando são inevitavelmente diversas.

Arthur Shaker, por exemplo, a partir de um sistema de sentido familiar, com uma trajetória fundamentalmente profissional acadêmica e científica, ao lado de uma opção artística, busca o sentido de sua vida inicialmente nas artes e em uma inserção na realidade brasileira, primeiro entre sertanejos do Nordeste e, depois junto a povos indígenas. Somente bem depois ele mergulha em trilhas de espiritualidade. No entanto, em momento algum ele abandona um olhar e uma prática docente e de pesquisa de teor ocidentalmente científico e acadêmico. O seu território de sentido é múltiplo e interativo. Embora ele transite entre tradições védicas, segue pautando boa parte do que pensa e leciona sobre uma aberta busca teórica e metodológica, a exemplo de seus três anos de estudos teóricos, que anteciparam sua ida para a Ásia. Desta forma, o seu território de sentido, embora abarque uma ativa dimensão espiritual, abre-se ao diálogo com o universo científico em que foi formado e que pratica através da atuação como docente e pesquisador de Ciências da Religião.

Nessa perspectiva, sua teia, sua rede e sua tessitura são não-lineares, pois mesmo com a sua ruptura e mudança radical de percepção de vida, ou o “click” (segundo suas palavras), as suas teorias e ações ocorrem não como uma oposição, mas em dois caminhos paralelos frente a suas escolhas profissionais e vocacionais. Seu sistema de sentido foi e segue sendo

fortemente marcado pela antropologia e pela ciência da religião, como metodologias que integram o sistema de sentido do Budismo Theravada como verdade que fundamenta seu território de sentido. No entanto, ele tem sua prática na Casa de Dharma, como praticante budista, e seu atua como professor e pesquisador universitário, ou seja, cientista. Ele leciona Ciência da Religião, e embora possa incluir a tradição védica em suas aulas, ela não é ali exposta como uma verdade, mas como um possível caminho ou uma filosofia de pensamento.

Ivamney Lima, por outro lado, quando deixa o seu território familiar de origem e se adentra pelo científico, com opção pela veterinária, parece não estabelecer os seus sentidos no campo da pura opção profissional. Na verdade ele não se apresenta “de cara” como veterinário, mas como um extensionista. E como um extensionista da CATI com uma forte marca ideológica e pedagógica. De certo modo ele prefere se apresentar como um educador militante que atua através da Extensão Rural. Em alguma medida ele questiona o meio e o discurso de sua atuação. Ele vai viver a sua atuação prática e cotidiana da profissão de extensionista com uma constante e crescente indagação e um questionamento, sobretudo nas suas relações com os produtores rurais.

Ele vai mesclar a sua atuação puramente profissional, vinda de um território construído a partir da ciência e da academia, com outros elementos, tais como a militância política, a partir dos movimentos da educação popular. Uma proposta de ação política através da educação, embora fosse legitimada pela ciência (vários de seus praticantes foram e seguem sendo professores universitários), representava algo que, sobretudo dentro de seu campo de trabalho como extensionista, lhe aparecia como um desafio e uma ruptura, e transgredia alguns símbolos clássicos. O científico em Ivamney Lima já não era tão “clássico e ortodoxo” (lembrar que o extensionismo se origina da “revolução verde” na agricultura capitalista vinda diretamente dos EUA), e parece penetrar significativamente em sua vida no mestrado, quando ele se coloca diante de ferramentas metodológicas contestadoras, a partir de indagações vivenciais: “O que é ação participativa?” “Por que estou falando de algo com os produtores, algo que recebo pronto do ministério, mas, que na prática não compreendo ainda o que é?” (Lima, 2016). Eu diria que é na atuação profissional, marcada por uma “virada ideológica”, que Ivamney encontra o caminho “de dentro para fora”.

Este ser político ativista e popular vai entranhar o território de sentido científico-profissional. E depois, outros símbolos e sentidos, agora de vocação francamente espiritual, irão também ressignificar a sua vida e a sua prática. Assim, vejo que o sistema de sentido de Ivamney é originalmente familiar e ortodoxamente acadêmico, sendo marcado depois por um ativismo popular em que ele encontra a vitalidade e a ruptura que mais tarde o conduzirão à

espiritualidade. Seus territórios de sentido fazem interagir o político e o espiritual, pois envolvem símbolos, saberes e valores que não lhe parecem contraditórios e que alimentam e tornam legitimadas e coerentes por ele mesmo as suas escolhas de vida.

Na trilha entre o político-profissional e o profissional-espiritual, Ivamney opta por uma filosofia de atuação profissional, mesclando uma orientação marcada por práticas internas de autoconhecimento e autopercepção com base em uma múltipla tradição espiritual envolvendo o Budismo Zen e a Tradição Advaita (linhagem Advaita Sri Ramana Maharshi). Assim, o território de sentido de Lima é não-linear, pois mesmo incorporando os fundamentos e descobertas espirituais em atuação profissional, as suas práticas meditativas e filosóficas não estão diretamente colocadas em todas as dimensões de sua prática. E mais, as lentes de sua visão incluem a espiritualidade e a integram a uma linha metodológica, a um olhar já existente. Esse olhar, embora se alargue pelos novos símbolos e perspectivas, continua tendo a militância como primeira vertente. Uma relação prática, objetiva e direta acontece nos encontros que ele promove com a sangha do Zen, nos templos ou retiros ou, ainda, nas incursões e viagens ao encontro da sangha Advaita.

Compreendo que de certa forma, Ivamney Lima ainda está na fronteira do entre-lugar no dilema de conciliação de seus territórios: o profissional e o devocional espiritual. Vejo que embora ele ancore o seu devocional-político de algum modo integrado à sua profissão como extensionista de uma instituição pública paulista, tal como Arthur Shaker, e de uma maneira mais “dual” do que ele, Ivamney se coloca ainda em dois universos: a sua vida profissional e a sua vida devocional. Ele deverá se aposentar neste ano de 2016 e seu projeto de vida “daí em diante” será dedicado inteiramente a suas vivências e práticas espirituais e religiosas. Aliás, não será um primeiro caso em que um profissional vive após a aposentadoria de um trabalho rotineiro, o momento de “libertação” para uma entrega total a uma vida regida pela espiritualidade.

Giridhari Das possui, bem mais do que Arthur Shaker, a rede do seu território de sentido linear, segundo os termos de minha análise. Reconheço que ele ultrapassou o momento de uma ruptura de fronteiras. Isto significa que, ao contrário dos dois depoimentos anteriores, ele abandonou uma promissora profissão de executivo para se dedicar inteiramente a algo que tem a ver com sua “conversão” a um sistema de espiritualidade. Giridhari Das deixa o escopo metodológico, o olhar científico como lente de observação do mundo, para utilizar outros óculos; os óculos da tradição vaishnava vedanta. Tal como eu o compreendo, o olhar científico nele é integrado ao olhar da consciência Krishna, que para ele é o caminho da

verdade. É a isto que no caso de Giridhari Das estou chamando “alinhar uma atuação profissional ao e com o território de sentido devocional”.

De forma acentuadamente mais radical do que em Arthur Shaker e em Ivamney Lima, Giridhari Das decide abandonar um caminho de vocação profissional científica para tornar possível uma plena entrega a uma atuação no plano devocional profissional. Ele deixa o sistema de sentido erudito clássico e científico para mergulhar completamente no universo espiritual. Seu universo simbólico é fundamentado pela linhagem Vaishnava Vedanta Hare Krihsna. Ele não apenas descobre um caminho mais holístico entre a ciência, a arte e a espiritualidade, como outras pessoas aqui, e ele não apenas se torna um praticante de uma tradição espiritual, mas ele se entrega por inteiro a uma vida regida pela crença confessional a que se converte, e a todas as práticas e preceitos dela decorrentes. A meu ver ele rompe com uma das alternativas e se alinha inteiramente com uma outra visão de vida, de significado do mundo, de método de trabalho, de um novo e radicalmente diverso território de sentido.

Cecília Cabral habita o sistema de sentido familiar e da carreira profissional até o momento da ruptura com todo o seu arcabouço de lógicas, práticas e éticas. Até o momento de sua “descoberta”, seu olhar, sua visão de mundo é uma reprodução corriqueira dos símbolos e valores familiares e escolares, e se traduz em suas escolhas profissionais. É ao completar o seu “formulário familiar e social” que ela adentra em uma zona de crise, ao sentir-se fora de seu lugar original e em uma posição de fronteira. E é a partir de então que provocando uma ruptura interna ela toma o trilho do caminho espiritual, construindo a partir daí seu território de sentido espiritual e devocional.

A construção de um território de sentido em Cecília é, entretanto, diferente do que vivem Arthur Shaker, e Giridhari Das. Pois tal como em João Mendes, ela não adere por inteiro a uma tradição ou uma filosofia peculiar que fundamente as suas novas escolhas. Tal como costuma acontecer com outras pessoas “buscadoras”, quase podemos dizer que seu território de sentido ainda é uma assumida colcha de retalhos, tecida a partir de fontes variadas. A ecovila Piracanga e o guia humanitário Prem Baba contribuem na construção de seu sistema de sentido, mas ela reconhece que eles não são os únicos. Ou seja, Cecília não possui e não se integra a uma única tradição, a uma única filosofia. Ela literalmente tece o seu sistema de sentido fundamentado por uma interativa e múltipla escolha de caminhos espirituais. E é por meio de sua atuação enquanto cozinheira e facilitadora de Leitura de Aura que ela vive a sua opção.

Eu diria que Cecília e João (como também Bruno Gimenes e João de Deus) não possuem um sistema unificado de sentido, tal como o definimos aqui. Eles estão mais para a

interação unicamente com seus sistemas de sentido próprios e peculiares, já que não se vinculam ou se associam a um universo propriamente dito, mas, interagem essencialmente com teias de sentido encontradas, escolhidas, incorporadas nos diversos territórios pelos quais trilharam.

João Mendes Rio, assim como Cecília Cabral, esteve imerso no universo familiar e do trabalho com a arte-educação e de terapias. É também a ruptura com aquilo que no discurso de João aparece de maneira marcante em um momento crucial de sua vida. E é concretamente uma crise de sentido que possibilita a sua adesão a outros valores e elementos simbólicos, como as terapias e as práticas espirituais (yoga e meditação), que pouco a pouco vão ressignificando sentidos e escolhas.

A ruptura com o sistema de sentido, e mesmo com o território familiar e acadêmico, abre o campo de atuação profissional para João Mendes, que se reconhece então alinhado com uma nova busca de um sentido. Desta forma, é na angústia frente aos valores e aos símbolos familiares e escolares, aparentemente limitados e incoerentes frente às suas demandas internas que, atento às exigências da sua sobrevivência material, a opção profissional de João amadurece alinhada, ou linearizada com as suas novas concepções de arte e de terapia. E é mais em nome de uma prática de cura do que em nome de uma adesão a uma religião, confissão, filosofia ou espiritualidade, que ele vai interagir a sua arte e a sua prática terapêutica. E é ao trilhar tal caminho de busca que, frente à necessidade de sobrevivência material ele busca criar, ao mesmo tempo, uma prática profissional de sustentação. Mas uma prática de arte-terapia coerente com a sua adesão a um novo território de sentido. Assim, em João Mendes, reconheço que o profissional e o devocional vão co-nascendo, coexistindo, coabitando juntos e se tornam alinhados, pois estão integrados.

Kênia por sua vez, vive o seu sistema de sentido entre a base familiar rompida e o “movimento hippie”. E ela constrói o seu território de sentido embebida no universo simbólico da linhagem Sachcha Baba, que ela tal como em Giridhari Das, encontra aqui mesmo no Brasil. Kênia não foi à Índia, o que não dificulta o seu acesso aos símbolos que compõem o universo simbólico da linhagem. Seu território de sentido é espiritual, pois ela alinhava as suas práticas profissionais às simbologias, lógicas do pensar, éticas do agir deste mesmo universo. Ela possui a sua rede em posição linear, pois práticas e sistemas, valores e fazeres estão alinhados com a lente e a córnea de um único olhar: a linhagem.

Nesta perspectiva, é a ruptura ou a integração de e com territórios e universos simbólicos aquilo que permite a tessitura de uma linearidade e de um alinhamento no caminhar. É perceptível também como o território de sentido não é necessariamente físico.

Isto se constata em Arthur Shaker e em Giridhari Das, que nascem, um nas Antilhas e o outro na Tchecoslováquia, dentro de famílias itinerantes, e que possuíam um sistema de sentido próprio. Um sistema de sentido que cria o espaço para um território familiar repleto de símbolos, lógicas, éticas e práticas que delineiam formas e percepções para seus filhos Giridhari e Arthur. São já territórios familiares tecidos com símbolos múltiplos. Depois, o território de sentido deles próprios, ou seja de Giridhari e Arthur, serão tecidos de forma também diversificada e multinacional. Arthur Shaker, cientista e antropólogo, vai experienciar a tradição budista de pleno corpo presente em sua origem, ao passo que Giridhari Das irá beber numa fonte humana, Sriman Mahavira Prabhu, independente do espaço físico.

Assim, são os símbolos e os sentidos que constroem o significado, a percepção, o “ser tocado”, como algo que parte de um contato, de uma experiência com pessoas, vivências e símbolos que advém de lugares fisicamente distantes. A própria história de Giridhari Das é ilustrativa. Sendo ele um difusor da Consciência de Krishna, e tendo estado na Índia por três vezes, cria em Alto Paraíso o seu alicerce físico de práticas e de relação, através de pessoas, grupos e uma comunidade, com redes que alimentam o seu sistema de crenças e de práticas. Assim, o território de sentido seja ele familiar, profissional, científico ou devocional não está necessariamente conectado com um território físico, mas mais substancialmente com um universo simbólico ou com sistemas múltiplos de sentido. Para algumas pessoas uma “Índia real”, geograficamente física e cultural precisa ser visitada, vivida e revisitada, como fundamento sólido de um encontro. Para outros basta uma “Índia simbólica”, situada em qualquer lugar da Bahia, ou, ao ver de algumas pessoas devotas: “situada dentro de mim”.

Do mesmo modo, nas trajetórias de vida de Deepak Chopra, Fritjof Capra, Matthieu Ricard, Bruno Gimenes, Amma e João de Deus é possível observar a tessitura de seus territórios de sentido e dos seus sistemas de crenças e práticas, tal como procurei sintetizar na tabela abaixo. É verdade que sobre estes pensadores e ativistas o meu conhecimento não é pessoal e profundo o suficiente para afirmar com propriedade o que de fato ocorre, tal como procurei fazer com os depoimentos dos nossos entrevistados. No entanto, a título de exercício do pensar, eis como delinee as suas trajetórias de vida como exemplo.

---

**Territórios de Sentido: biografias**

|  | <b>Biografia</b> | <b>Trajetória</b> | <b>Territórios de Sentido</b> | <b>Sistemas de Sentido</b> | <b>Rede</b> |
|--|------------------|-------------------|-------------------------------|----------------------------|-------------|
|  |                  |                   |                               |                            |             |

|         |                 |                                       |                         |  |            |
|---------|-----------------|---------------------------------------|-------------------------|--|------------|
| Grupo 1 |                 |                                       |                         |  |            |
|         | Deepak Chopra   | Linha profissional e Ruptura          | Científico - Espiritual | Medicina e Física Quântica Espiritual (Ayurveda)                             | Linear     |
|         | Fritjof Capra   | Linha profissional +e Ruptura parcial | Científico - Espiritual | Biologia e Física Quântica – Espiritual                                      | Linear     |
|         | Amit Goswami    | Linha profissional Ruptura            | Científico - Espiritual | Física Quântica Espiritual   | Linear     |
| Grupo 2 | Matthieu Ricard | Ruptura                               | Espiritual - Científico | Budismo Tibetano (Dilgo Khyentse Rinpoche) Biologia Molecular e Neurociência | Linear     |
|         | Bruno Gimenes   | Ruptura                               | Terapêutico Espiritual  | Terapêutico Espiritualismo   | Linear     |
| Grupo 3 | Amma            | Linha profissional                    | Espiritual              | Linhagem própria – Amma  | Linear     |
|         | João de Deus    | Ruptura                               | Espiritual              | Espiritualidade  | Não linear |

LEAL, A. F. (org). **Territórios de Sentido: biografias**, janeiro de 2016.

Chopra, entre todos, parece ser um dos que mais possui todo o seu caminho, as suas descobertas e os seus alinhamentos situados em uma única trilha: a de sua atuação profissional enquanto médico. Ele herda do universo simbólico familiar e cultural da Índia a Ayurveda que resgata e alinha frente aos conhecimentos científicos que desenvolve na medicina. A física quântica vai pautar e fundamentar muito do que associativamente ele constrói em seus programas de saúde e bem estar. A rede de seus territórios me parecem alinhadas, pois uma visão de mundo holística é, em seu caso, hereditária e desde a origem está totalmente integrada com suas práticas e propostas enquanto médico e cientista.

Capra, por sua vez, formando-se num ambiente fortemente científico e materialista, rompe com um tradicionalismo acadêmico para incorporar perspectivas mais orientais e holísticas às suas investigações. Nesse sentido, mesmo vivendo suas experiências e descobertas no eixo do território profissional, ele experimenta uma evidente ruptura, pois ele rompe com uma tradição científicista-ocidental, abrindo espaço para uma verdadeira crise da fronteira.

Assim, tanto Chopra quanto Capra e Goswami vivenciam a ruptura da fronteira na vida profissional. O universo simbólico que parece fundamentar as escolhas de Capra está estruturado sobre a biologia e a física quântica, desaguando em um universo holístico de espiritualidade que ele descobre dentro da e através da própria ciência que pratica.

Goswami, tal como Chopra e Capra, possui também a sua rede de tessituras de territórios alinhada dentro do território profissional que, em seu caso, também é devocional, tal como para Chopra e para Capra. Nele o sentido de atuação de compromisso com a vida, de alimento e sentido estão justamente inseridos na prática interativa pautada na perspectiva goswamiana, assim como na integração entre a ciência e a espiritualidade, entre uma física materialista e a física quântica dos universos paralelos e da consciência enquanto... Deus.

Matthieu Ricard experimenta uma ruptura radical de territórios de sentido, deixando o mundo científico de origem para se adentrar no território espiritual do budismo tibetano. É verdade que mais de trinta anos depois ele se volta para a ciência, com vistas a contribuir com sua experiência nos dois universos, integrando e unindo ciência e espiritualidade não só em sua vida, mas contribuindo para uma integração também mundial. A rede dos territórios de Ricard está alinhada, já que suas práticas são essencialmente no universo do budismo e a contribuição que oferece à ciência provem exatamente da experiência com a tradição tibetana de Rinponche.

Bruno Gimenes, tal como Ricard, rompe com a ciência e com a universidade. Ele rompe não apenas com um território científico original, mas, internamente, rompe com todos os seus anteriores sistemas de sentido. Ele re-alinha a sua rede de sentidos quando opta atuar profissional e intuitivamente através dos caminhos do que descobre, sustentado sobre práticas de terapias de cura.

Nesta perspectiva as trajetórias de vida de Gimenes e de João Mendes se aproximam, sendo ambas pautadas em um sistema de sentido fundamentado por suas práticas terapêuticas de um espiritualismo próprio, tal como em Cecília. O que se destaca no caso de Bruno Gimenes, João Mendes e Cecília Cabral é que embora partilhem todos a adesão a um novo sistema de sentido próprio, tecido a partir de símbolos oriundos de universos simbólicos diversos, eles alinham uma atuação profissional com a sua devoção, mesmo que não declaradamente espiritual ou religiosa.

Acrescento que no caso de Arthur Shaker, Giridhari Das e Kênia Santos, os seus sistemas de sentido mesclam-se marcantemente com universos simbólicos tradicionais. A visão de mundo, as lógicas do pensar, as éticas do agir, as práticas do fazer são fundamentadas por elementos, crenças e símbolos advindos de tradições antigas e consagradas. Eis uma

escolha diferente de Ivamney, que integra elementos do Zen Budismo e da linhagem Advaita; de Ricard que integra o universo simbólico do budismo tibetano com o universo simbólico científico; de Chopra, Capra e Goswami, que encontram no universo simbólico alternativamente científico as comprovações metodológicas para o holismo e a espiritualidade, ou seja, trazem a espiritualidade para a ciência.

Amma, ou Mātā Amritanandamayī Devi, possui a sua trajetória totalmente linear desde sempre; desde quando era uma menina pequena. Seu universo simbólico embora esteja totalmente fundamentado na tradição védica é essencialmente uma construção pessoal dela e realizada a partir dela. Ou seja, ela se reconhece como o centro de todo um sistema de sentido absolutamente espiritual, criado por ela para aqueles que a buscam. Amma constrói o seu território de sentido integrando-o segundo uma interação estreita entre o totalmente devocional, o espiritual e o profissional. Isto porque a sua vida está entregue ao serviço da devoção e das práticas espirituais não apenas para ela-mesma, mas abertas e intencionalmente oferecidas a todo um mundo. Eu diria mesmo que toda a simbologia, as lógicas, as práticas e as éticas nascem dentro de Amma e fluem dela para o mundo.

E por último, mas não menos importante, João de Deus, que reconheço viver uma ruptura, embora não envolva ciência e espiritualidade como nossos outros personagens. Ele poderá haver vivido uma ruptura parcial de um território familiar em direção à criação de seu próprio território de sentido. Algo que também não provem de uma tradição única e fidelizada, mas que em seu caso surge como uma tessitura, e mescla símbolos de pelo menos dois (pois não ousou dizer apenas) universos simbólicos: o Kardecismo e o Catolicismo. João não possui um sistema de sentido único, mas ele recria um território de sentido próprio, tal como Bruno Gimenes. Assim, ele fundamenta o seu território de sentido num plano espiritual, embora sua rede seja não linear, pois ele intercala o trabalho como um produtivo fazendeiro e o serviço voluntário como médium.

Nesse contexto, é perceptível observar como o território de sentido se constitui a partir de um “atravessar a fronteira”. É ao atravessar a fronteira do território familiar, é ao questionar parte, ou mesmo todo um sistema de sentido familiar, seja rompendo, seja corroborando-o, que uma pessoa vive a aventura de construir, em entre-lugares, os seus sistemas de sentido. É quando uma mulher ou um homem deixam para trás um espaço-lugar estabelecido, e percorrendo ou não territórios geográficos em sua busca (viajando ou não à Índia), constroem por conta própria, ou com base em sistemas outros e já existentes, os seus territórios de sentido. Territórios de múltiplas faces e abertos às mais diversas interações e integrações. Pois em princípio eles não se vinculam necessariamente a um sistema de sentido

(como uma linha científica ou uma religião confessional) único, mas resultam de tessituras muitas vezes ousadamente pessoais, ou coletivamente partilhadas de também sistemas de sentido.

Algo construído e em permanente construção, na medida em que o sujeito conhece, absorvendo ou não novos símbolos; à medida que ele descobre, vivencia e pessoalmente experimenta tais símbolos. Pois são tais elementos que fomentam o estado da fronteira e do entre-lugar. Fronteira essa visitada no momento da crise e no “tempo do questionar”, quando pessoas como Goswami e Chopra, ou Shakker criam um entre-lugar entre ciência e espiritualidade. E, assim, recriam um novo lugar, um novo sistema de sentidos dentro de um mesmo ou de um outro universo simbólico. Algo sempre vivido como um atravessar fronteiras e lançar-se a compartilhar um não-lugar ou alguns entre-lugares que provavelmente virão a se tornar um *lugar*, quando de sua provável legitimação social.

Quem me leia terá notado que raramente falo de mim mesma e me incorporo aos casos e depoimentos neste capítulo. A pergunta de alguém poderia ser; “porque ela abriu um capítulo para narrar a sua própria trajetória se depois não se incorpora em momentos de análise dos depoimentos?”

Eu teria duas respostas para esta pergunta. A primeira é que creio haver cumprido um pouco desta análise de depoimentos no próprio capítulo 4. E, com humildade, a mim me parece que seria o suficiente. A segunda é que, por sugestão de Carlos Brandão, me abrir aqui nesta tese, pois pareceria algo falso não dizer-de-mim-mesma e não declarar que, falando de outras tantas pessoas, estou o tempo todo falando de mim mesma.

Carlos Brandão certa feita em aula disse que um importante antropólogo teria declarado que, “de algum modo toda antropologia é também uma auto-biografia”. Creio que com mais motivos esta afirmação se aplica a mim mesma e a esta tese. Pois com graus e modos muito variados de reconhecimento, eu me senti pessoalmente identificada – entre crises, travessias, buscas e construções de territórios de sentido – com todas e com cada uma das pessoas que desejei trazer a estas páginas.

#### Hari Sharanam



Hari sharanam, Guru sharanam  
Sacche sharanam, Prabhu sharanam  
Om sarve bhavantu sukhinaha  
Sarve santu niramaya  
Sarve badhirani pashyantu  
ma kaschchid dukha bhag bahavet  
Om Purnamadah Purnamidam,  
Purnaad Purnamudhachyate,  
Purnasya Purnamadaya,  
Purnameva Vashishyate.

#### Hari Sharanam



Rendição a Hari, Rendição ao Guru  
Rendição à Sachcha, Rendição ao Senhor,  
Que todos possam ser felizes,  
Que todos possam viver em bem-aventurança,  
Que todos possam ver a beleza,  
Que ninguém sofra.  
Isto é perfeito, aquilo é perfeito.  
Do perfeito, floresce o perfeito,  
Tome o perfeito do perfeito  
E apenas o perfeito permanece.



# Conclusão

Onde chegamos.<sup>39</sup>



---

<sup>39</sup> **Foto Divulgação.** Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: <http://historiasparacuidardoser.blogspot.com.br/2011/08/uma-vida-de-infinitas-possibilidades.html>. Publicado em: 12/08/2011. Acessado em 13/02/2016.

## Conclusão

*Como é estranho assumir que não há nada além do que possa ser percebido pelos sentidos e medido pela linguagem da quantificação! Que reducionismo doentio de todo reino do espírito em nome do controle e da compreensão!*

...

*Amamos a praticidade de Aristóteles, mesmo sendo sua influência em nosso trabalho apenas implícita, mas não sabemos o que fazer do misticismo e da poesia, do foco sobre a alma e da vida terapêutica, em Platão e Plotino.*

Thomas Moore  
O self original<sup>40</sup>

Retomo aqui nesta conclusão um exemplo que pelo menos em alguma medida já será conhecido entre as pessoas que me leiam. Pretendo agora fazer um longo recuo nas ideias e nos depoimentos que nos acompanharam ao longo desta tese. Quero trazer as minhas reflexões e classificações ao próprio mundo dos geógrafos e da geografia. Assim, repasso aqui algo que com outras palavras – mas não muito diferentes – utilizei para pensar alternativas de vocações e para estabelecer uma classificação de trajetos, travessias e territórios.

Tomemos como um exemplo o nosso Instituto de Geografia situado no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. Será fácil imaginar que entre aquilo que está escrito no Currículo Lattes de cada professor-pesquisador, ou mesmo no dos seus inúmeros estudantes de graduação e pós-graduação, e aquilo que de uma maneira bastante mais alargada e confidente estaria presente em um longo memorial redigido para um concurso de “fim de carreira”. Poderiam estar ausentes no primeiro e presentes e declaradas no segundo algumas das alternativas de vida e de sentidos de vida que nos acompanharam até aqui. No entanto, talvez fosse necessário que uma geógrafa já aposentada se dispusesse a escrever as suas “memórias de uma vida inteira”, para que então as travessias que ela ousou viver, assim como os diferentes territórios, espaços e lugares em que com sua vida, com sua mente e através de

---

<sup>40</sup> Thomas Moore é um psicólogo norte-americano autor de vários livros. O nome completo do livro da citação é: O Self Original: meditações – vivendo com o paradoxo e a originalidade. Editora Versus, Campinas, 2004. Páginas 131 e 132.

suas vocações ela viveu, fossem afinal “confessadas” de público. É com base nisto que trago desde o próprio mundo da geografia e de seus profissionais praticantes um gradiente mais próximos de nós.

Em uma primeira dimensão, a mais uniforme, podemos colocar o geógrafo-professor-pesquisador cuja vida profissional e vocacional se esgota plenamente aí. E já seria bastante, ao ver de muitos! Aqui está aquele que trilhou um caminho único de formação, e que seguiu um caminho também único e uniforme de profissão-vocação. Se algo mais ele vive, é tão pouco visível e público que jamais aparece em seu “Currículo Lattes”. E ele talvez apenas falasse sobre “isso” em uma entrevista mais solta e aberta. Suponhamos que ele é um cartógrafo professor universitário e pesquisador da cartografia.

Mesmo que ao longo de sua vida ele tenha viajado muito e se deslocado continuamente entre terras e territórios de perto e de longe, ele habita um território de sentido único. Claro, isto ainda que pessoalmente possua uma visão própria de mundo e uma filosofia de vida que extrapolem a sua geografia. Ele convive social, geográfica e intelectualmente entre as fronteiras de um lugar único e uniforme. Tomo aqui, dentre as vocações da geografia, o exemplo do cartógrafo. Afinal, como até aqui estive tomando como palavras fundadoras sempre algo que tem a ver com viagens, fronteiras, territórios, mapas, nada mais próximo do que o exemplo de um cartógrafo.

Eu coloco em uma segunda dimensão, muito próxima da primeira, um cartógrafo igual em tudo ao antecedente. Igual, mas com uma diferença. Uma pequena, mas importante diferença; pois além de suas atividades profissionais na universidade e através da academia ele presta serviços profissionais remunerados, emitindo pareceres para órgãos públicos federais ou estaduais que reclamam os saberes de um cartógrafo.

Podemos agora estabelecer uma terceira dimensão. Um mesmo cartógrafo que ao lado de suas atividades estritamente universitárias e profissionais poderá vincular-se a um movimento social popular, e envolver-se em uma atividade de criação de uma “Cartografia Social do Brasil”. Esta atividade vocacional e não-remunerada poderá sobrepor a ele as categorias: “ativista”, ou “militante”. Acredito que tal como acontece com o primeiro cartógrafo, ainda que aqui se exerça profissionalmente uma dupla atividade, o território de sentido é ainda, em seu caso, único e uniforme. Pois tudo o que ele faz e vive está no interior do âmbito da geografia e, de forma mais específica, da cartografia.

Sabemos que não serão poucos os geógrafos que ademais de suas atividades estritamente profissionais dedicam-se a outras práticas, sejam elas consideradas apenas um “passatempo”, como um excelente geógrafo jogador de sinuca; ou algo mais profundo e

próximo da arte, como um geógrafo-fotógrafo, um geógrafo-pintor, um geógrafo-pianista ou poeta.

No entanto, somente poderemos abrir aqui uma quarta dimensão se esta “atividade a mais” for assumida não apenas pessoal e secundariamente, mas de maneira vocacional e pelo menos em alguma escala, em uma dimensão pública. Pois uma coisa é o geógrafo pintor que pinta quadros como um passa tempo e o guarda em casa, quando não distribui entre amigos próximos, e outra coisa é o geógrafo pintor que ousa expor suas telas, gerar exposições públicas e vender o seus quadros. Um geógrafo que após aposentado talvez venha a ser “somente um pintor de quadros”.

Recordo aqui situações já lembradas nesta tese, como o caso do antropólogo Darcy Ribeiro (nascido em Montes Claros) que além de antropólogo, professor e pesquisador acadêmico, foi ativista social, político parlamentar e, dentro desta nossa quarta dimensão, foi um assumido escritor de romances. Não sei se um dia ele escreveu seu Currículo Lattes e se colocou nele a sua produção literária.

Assim, estamos agora diante de uma escolha de vida e de vocações que obriga uma pessoa a deslocar-se de um lugar social e simbólico único – um território de sentido essencialmente familiar e escolar – para habitar uma área de fronteira. Ela transita, pública e vocacionalmente, entre um território de sentido e um outro, como o geógrafo que é também escritor. Mesmo quando constituiu a geografia como o seu eixo temático de referência, a sua vocação profissional e a sua “fonte de renda” (pois a literatura nada ou quase nada lhe rende), esta suposta ou real pessoa se reconhece um geógrafo-também-escritor.

Ora, sabemos também que várias geógrafas e vários geógrafos são afiliados a algum sistema de sentido extra-geografia. Algo a que damos nomes já lembrados aqui, como filosofia de vida, visão de mundo, ideologia política, confissão religiosa, espiritualidade assumida. Algo que pode ser a antroposofia, a maçonaria, ou a rosa-cruz. Ou o assumir algo confessamente espiritual ou religioso, como entre católicos, espíritas, budistas, etc.

No entanto, tal como no caso dos exemplos dos capítulos anteriores (e do meu próprio) somente irei considerar como inseridos em uma quinta dimensão geógrafos que além de uma adesão filosófica, espiritual ou religiosa para-si-mesmos, assumirem esta outra escolha como algo essencial, ativo e público em sua vida. Penso. Por exemplo, em um geógrafo espírita e médium, participante regular de um Centro Espírita em sua cidade, ou mesmo um fundador de um Centro Espírita. Penso em uma geógrafa Rosa-Cruz, com uma intensa atividade em sua instituição de escolha e de vocação devocional. Penso em um cartógrafo budista, participante

ativo de um centro de estudos e de espiritualidade de sua opção religiosa ou espiritual. Penso em pessoas como quase todas as que compareceram em nossos capítulos anteriores.

Neste caso, estamos agora diante de pessoas que se assumem vivendo de forma ativa e pública (mesmo quando fora do Currículo Lattes) não propriamente uma “dupla vida”, mais uma “vocação dual”. Ou, quem sabe? Duas vocações que uma mesma pessoa faz interagirem ou não, podendo viver cada uma delas em territórios geo-sociais e de sentido diversos. Seria o caso de um competente professor-pesquisador na sua universidade. E, fora dela, de um ativo “ministro da eucaristia” de sua paróquia católica.

Chegamos agora a uma sexta dimensão. E penso que ela já está bastante mais próxima do que estudei até aqui. E imagino que estaria bastante mais distante do mundo social e profissional da geografia, pois em minha pesquisa não encontrei geógrafas/os que pudessem ser colocados aqui.

Podemos pensar agora em um geógrafo que tenha tido toda a sua formação acadêmico-profissional no campo de uma ciência, como a cartografia científica, desde a graduação até o pós-doutorado. No entanto, por conta própria e como uma adesão vocacionalmente assumida, depois de já formado, pós-graduado e docente, ele se aproxima de alguma vertente de filosofia ou de espiritualidade oriental. Ele se aproxima de algo fora não apenas da geografia tal como a conhece, mas fora dos padrões do que ele próprio reconhece como “ciência confiável”. E, então, tal como Fritjof Capra e outras pessoas que encontramos nos capítulos anteriores, ele termina por mesclar a sua cartografia-ocidental-e-científica com saberes, sentidos e valores do taoísmo, do Zen Budismo ou de uma rama da filosofia vedanta. A tal ponto isto poderia acontecer que o cartógrafo se lançaria na proposta de uma “nova cartografia taoísta”, como um inovador “Ponto de mutação” desde a geografia.

Nesta dimensão ele se apresentará ainda como um geógrafo e um cientista de pleno direito. Mas também como um alguém que sob a forte influência de ideias e saberes extra-academia e extra-ciência oficial ousa propor um novo olhar sobre a cartografia.

Sem possuir um conhecimento que me autorize a formular uma ideia clara, creio que o surgimento de uma geografia fenomenológica terá começado pelas mãos e mentes de geógrafos habitantes de um entre-lugar, ou de um território de sentido em estado de fronteira. Este é o momento para lembrar também que boa parte de tudo o que vejo acontecer hoje ao meu redor, como os crescentes encontros, congressos, simpósios e mesmo cursos de pós-graduação (inclusive aprovados pela CAPES e financiados pelo CNPq) como os de agroecologia, ecopedagogia, território e identidade (um mestrado na Universidade de Brasília

destinado a estudantes indígenas ou quilombolas) e outros mais que lembrei em capítulos anteriores, tendem a ser uma tendência crescente e irreversível.

E eu acredito que eles irão provocar nos próximos anos novas interações entre profissionais e cientistas das mais diferentes áreas, tais como: geografia, ecologia, biologia, antropologia, economia, pedagogia, artes, etc. E provocarão também – se é que já não estão provocando - teias, redes e diálogos entre “mestres e doutores” das mais diferentes culturas, desde as do Campus Santa Mônica até as da Floresta Amazônica.

Finalmente, em uma sétima dimensão, quero relembrar o depoimento de algumas pessoas trazidas aqui, e que irão conformar o que acredito ser uma posição extrema. Falo de uma passagem pessoal de um território de sentido (e não raro geográfico e social também) para um outro.

Lembro pessoas de renome internacional, ou pessoas com quem convivo, e cujos depoimentos trouxe a esta tese, que depois de uma formação universitária e científica segundo os “padrões CAPES”, lançaram-se, através de uma verdadeira e assumida conversão, acompanhada de uma “neo-formação”, em busca de outros campos e territórios de sentido, em meio a novos e distantes saberes e crenças. E também em meio espiritualidades ou mesmo religiões orientais ou de outras origens e naturezas, de que derivam práticas pessoais, interativas e sociais de cura ou de promoção do bem-estar.

E depois desta breve viagem pelo território de sentido da geografia, devo partir dos seus exemplos exclusivos e abrir um pouco mais o nosso leque. Assim, retomo algo que já percorri ao longo desta tese. Penso agora em um médico de formação acadêmica ocidental, que depois de anos de prática médica de acordo com os saberes e valores de sua formação original, viaja à China e participa de um longo programa de formação em medicina tradicional chinesa. Ele permanecerá médico, e assim se apresentará. Poderá (ou não) permanecer integrado ao Conselho Nacional de Medicina. Mas deverá identificar-se como alguém que deixou para trás a medicina alopática, e é agora um “médico de terapias orientais”. Poderá até mesmo tornar-se um crítico ativo da “medicina alopática ocidental”. Deepak Chopra seria um exemplo. E sei que hoje em dia há vários profissionais da medicina nesta situação.

Aliás, um fato relevante e quase curioso, mas ignorado por quase toda a gente, está acontecendo ao longo destes anos. Vale a pena trazê-lo a este momento de minha conclusão. Trata-se de uma polêmica ao redor da acupuntura. Durante décadas a medicina ocidental oficial aqui no Brasil deixou a acupuntura de lado, como uma prática exótica e sem efeitos clínicos comprovados. A acupuntura era praticada por pessoas que, situadas fora de uma formação médica acadêmica, haviam se formado em sua prática exclusiva, ou associada a algo

mais amplo, como outras terapias alternativas. Alguns profissionais se apresentam mesmo como “acupunturistas”. De algum tempo para cá alguns médicos e outros profissionais da saúde começaram a receber formação em acupuntura, e a associá-la a outras práticas de cura, inclusive as da medicina alopática.

Mais recentemente a acupuntura acabou sendo reconhecida pela medicina alopática como uma prática com reais efeitos terapêuticos. Surgiu então uma polêmica ainda não profissional e nem juridicamente resolvida. Alguns médicos e, creio (sem ter dados objetivos a respeito) alguns Conselhos Regionais de Medicina começaram a reclamar para apenas médicos formados e integrantes de conselhos a indicação de tratamentos através da acupuntura. De sua parte, os terapeutas acupunturistas defenderam a sua autonomia, afirmando que a acupuntura é um saber e uma prática terapêutica milenar de origem chinesa, e que nada teria a ver com a medicina ocidental. Assim, ela não poderia, portanto, tornar-se jurídica e profissionalmente um “ato médico”. A questão está ainda pendente de decisão judiciária.

Outro exemplo são os psicólogos proibidos de integrarem técnicas alternativas de cura, como constelação familiar, leitura de aura, astrologia, theta healing, etc, em sua atuação profissional. Estive durante a escrita desta conclusão num encontro de facilitadores de constelação familiar. Muitos eram os psicólogos em crise e situados em uma área de fronteira. Alguns buscando formas de integrar a técnica em suas práticas, outros despreocupados e assumindo um compromisso com o cliente. Outros, ainda, criando formas de unir as duas áreas, identificando-se também como terapeutas e até mesmo inscrevendo-se no Conselho Nacional de Terapeutas, e como psicólogo, tendo também o registro no Conselho Nacional de Psicólogos. Variadas são as formas que cada um encontra de lidar com a fronteira. Eu diria que também os psicólogos-terapeutas, tais como Goswami, Capra e Chopra, estão na fronteira, criando um novo território de sentido, o da atuação holística e integrada de práticas para a saúde emocional

Creio que neste momento o exemplo da psicanálise poderia ser ilustrativo aqui e nos ajudaria a dar um passo adiante. Isto porque a psicanálise foi, desde o início, na Europa entre o século XIX e o XX, palco de polêmicas nunca resolvidas. Como eu própria tenho pequeno conhecimento do assunto vali-me de notas de orientação de Carlos Brandão (2016)<sup>41</sup>, que é graduado em psicologia.

Sigmund Freud, o criador da psicanálise em sua versão propriamente científica e moderna foi um médico de formação. A psicanálise criada por ele procurou construir-se como uma ciência positiva, mesmo dedicando-se ao estudo do inconsciente humano. Ora, foram

---

<sup>41</sup> Notas de orientações durante a revisão do trabalho final.

justamente alguns fundamentos organicistas, biólogos e tidos por alguns como fortemente mecanicistas aqueles que provocaram, ainda durante a vida de Freud, as primeiras dissidências na recém-fundada psicanálise. Freud teve que conviver com ex-discípulos e seguidores pioneiros de suas ideias e práticas, que logo a seguir tornaram-se dissidentes e fundaram as suas próprias escolas e linhas de psicanálise.

Eles foram alguns e, depois, vários. O mais conhecido talvez seja Jung, que separou-se de Freud justamente por entrever no ser humano dimensões mentais bastante mais flexíveis e mesmo espirituais do que em Freud. Lembro que enquanto para Freud espiritualidade e a religião não seriam mais do que dimensões de alienações e distúrbios individuais e coletivos, para Jung ambas deveriam ser levadas a sério como criações não de uma “mente doente”, mas como altas e complexas produções sociais e culturais que envolvem praticamente todas as culturas e todos os povos do planeta. O que em um era alienação, no outro era uma das mais profundas e universais criações da mente e do imaginário humano.

Ao longo do século XX diferentes escolas e instituições dedicadas à psicanálise foram criadas e se espalharam por todas as nações. E elas vão desde as mais científicas, biológicas e materialistas, até escolas e tendências abertas a outros saberes – como os do Oriente, que tanto motivaram o próprio Jung – e a outras dimensões do espírito humano.

Dando um salto para o Brasil, segundo Carlos Brandão em seu tempo de estudante de psicologia no Rio de Janeiro (1962 a 1966) não eram nas universidades (como ainda não são, na maior parte dos casos) que se formavam os psicanalistas. Psicólogos eram formados em universidades, mas a formação em psicanálise era atribuição de profissionais reconhecidos, e através de associações civis, extra-universitárias: as “sociedades de psicanálise”, entre as suas várias correntes e tendências.

Havia então uma restrição. Apenas pessoas formadas em medicina oficial e universitária poderiam a seguir completar suas formações como psicanalistas. Psicólogos formados poderiam ser analisados, mas não podiam ser psicanalistas. Após anos de pendências abriram-se as alternativas de acesso a esta formação especializada. E então muitos psicólogos puderam tornar-se psicanalistas. Mais adiante a mesma possibilidade foi aberta a pessoas formadas em quaisquer outras áreas de estudos universitários.

Hoje em dia esta área de terapia humana abriu-se a tal ponto que existem escolas reconhecidas não mais de psicanálise ou de psicologia, mas de uma filosofia clínica. E de um lado ou do outro as terapias que se dirigem ao psiquismo humano constituem hoje em dia um leque que leva a extremos tudo o que estivemos “travessando” nestas páginas.

Convivemos com terapias comportamentais, para as quais o ser humano é pouco mais do que uma máquina orgânica, regida pela biologia do corpo e de um cérebro, dentre os quais importam apenas os próprios comportamentos cientificamente demonstráveis, assim como os determinantes biológicos deles.

Convivemos com terapias para as quais na teoria e na prática para o ser humano envolve muito mais do que a sua biologia corporal, e para as quais a mente é mais ampla do que o cérebro, e são as suas interações profundas e traduzidas como complexos de sentimentos, de percepções complexas, de emoções, de conhecimentos conscientes o que importa.

Convivemos com terapias para as quais a complexidade do humano é ainda mais vasta e profunda, de tal sorte que quase tudo o que somos, entre o corpo e a mente, reside em e entre esferas inconscientes e de um difícil acesso. Terapias para as quais além de possuímos um ego, um self e um espírito (como não em Freud, mas sim em Jung), possuímos também uma alma, e talvez nela esteja a essência mais profunda de nós mesmos. Convivemos agora com terapias holísticas que não veem e nem aceitam barreira alguma entre a ciência, a filosofia, a religião e a espiritualidade.

Assim, vivemos tempos em que ao lado de uma abertura de terapias e de terapeutas em direção a saberes, a sensibilidades e a práticas tidas antes como “misticismo”, assistimos, tal como em Chopra, Capra, Goswami e as outras pessoas trazidas a esta tese, a uma busca de saberes outros, vindos de espiritualidades, filosofias e religiões do Oriente, e mesmo de povos e culturas ancestrais, antes chamadas de “primitivas”.

Eu poderia trazer aqui a teoria e a prática da Constelação Familiar, em que eu mesma dediquei-me a estudar e a conhecer, e da qual falei sumariamente mais acima. Ela é originária de um rigoroso e conhecido terapeuta. Um ex-padre e ex-missionário, Bert Hellinger, que interage práticas terapêuticas (como a primal, a sistêmica, a transpessoal) com a sabedoria de povos tribais africanos (índios Zulus da África do Sul). Sendo um campo aberto a saberes, sentidos e práticas das ciências, das espiritualidades, ao mesmo tempo em que (como acontece também em outras áreas) é tida por alguns profissionais como “não científica”, abre-se aos mais diversos especialistas de terapias de cura e bem-estar. Na mesma medida em que os seus assumidos profissionais, reconhecem-se como seus praticantes legítimos, e abrem-se a novas alternativas e “constelações”.

Acredito que a partir de variáveis de escolhas e travessias de e entre geógrafos, com o que alarguei o meu próprio esquema do começo desta tese, estaremos completando um quadro de dimensões de escolhas e de opções que, para além do que é escrito nos Currículos

Lattes de professores-pesquisadores de universidades, revela dimensões de escolhas e de interações que configuram uma situação que por não ser tão “oficial” e “acadêmica” deixa de ser mais completa e fiel.

Claro que o que foi apresentado aqui poderia ser ainda bem mais completo e complexo, se pensarmos na possibilidade de combinações em uma mesma pessoa. Em meu estudo deixei de lado justamente as vocações, as combinações e as identidades mais comuns e mais evidentes, de que exemplos notáveis na vida acadêmica foram lembradas desde os primeiros capítulos: Milton Santos, Darcy Ribeiro, José de Souza Martins, entre tantos.

A exemplo de personalidades como Amit Goswami, Fritjof Capra e Deepak Chopra, foquei a minha leitura em pessoas com quem eu própria mais me identifico. Homens e mulheres: a) situadas no entre-lugar entre a ciência ocidental e alguma modalidade de sistema de sentido científico, que se reconhecem e identificam como cientistas e, não raro, como pessoas ativas no mundo acadêmico; b) situadas em um equivalente entre-lugar, mas que se reconhecem como afiliadas, em pensamento e em prática, mais ao “lado não científico-ocidental”, do que ao reconhecido como cientificamente legítimo e padrão, do ponto de vista do mundo científico do ocidente; c) situadas no mesmo entre-lugar original, mas que a partir de um determinado momento renunciaram, em boa parte ou no todo, a uma vocação científico-acadêmica ocidental, e assumiram fundamentos de ações e identidades situadas em algum campo de prática social, de prática de cura, de espiritualidade ou de religião alternativas.

Reconheço que como este tema mereceu até agora bem poucos estudos, todas as afirmações a respeito “do que está acontecendo” poderiam exigir pesquisas bem mais profundas e completas do que a minha, que apenas trabalhou sobre alguns casos de algumas poucas pessoas, através de depoimentos transcritos desde escritos, ou pessoal e interativamente vivenciados por mim, através de entrevistas “ao vivo”. No entanto, entre o que de forma crescente acontece em campos que vão da medicina à física quântica, podemos acreditar que em pleno século XXI estaríamos vivenciando um cruzamento de antigas (algumas, na verdade, ancestrais) e de novas interações em todas as direções. Algumas delas aproximam Oriente-Occidente, e esta será certamente uma tendência crescente e fecunda em todas as áreas de conhecimentos e de práticas sociais. Outras obrigam o conhecimento científico a dialogar cada vez mais “de igual para igual” com as mais diversas tradições dos povos originários.

Quando Albert Einstein – que abandonou suas crenças no Judaísmo e se afirmava como crente e praticante de uma “religião cósmica” – defendia, antes dos físicos quânticos,

que “Deus não joga dados”, a sua sentença nada tinha de apenas uma metáfora. E quando muito recentemente Amit Goswami sugere que a física chega cada vez mais perto de compreender e dialogar com a “mente de Deus”, talvez a sua proposta também não seja apenas um jogo de palavras. Também entre físicos abre-se a polêmica sobre se a mínima partícula do átomo deveria ou não chamar-se: “partícula de Deus”.

Não são teólogos, mas os físicos teóricos e pesquisadores “quânticos” aqueles que por ciência ou fantasia sentem, ao se aproximarem dos segredos mais íntimos do Universo, que talvez estejam eles próprios em e entre territórios de fronteira, ou em entre-lugares (ou não-lugares) em que as palavras da mais avançada pesquisa científica interagem face a face com a sabedoria das espiritualidades e das religiões.

Relembro agora o que narrei ao longo de todo o capítulo 4. Dividida em e entre “dois mundos”, que vejo ora se aproximarem, ora se afastarem, e depois dos depoimentos colhidos aqui, eu me pergunto se pessoas que vão de Goswami a “mim- mesma”, seríamos casos de exceção em um mundo que deveria a rigor manter fronteiras bem delimitadas, defendendo a exclusividade de seus domínios. Ou se entre astrônomos e astrólogos, entre geógrafos e “buscadores” de entre-territórios, de não-lugares e de “terceiras margens”, não estaríamos vivendo o começo (ou o recomeço) de tempos em que fronteiras e barreiras serão pouco a pouco – mas de forma irreversível – abertas e, depois, escancaradas. E, mais ainda, fronteiras franqueadas a travessias de lado a lado não apenas para acolherem aqui e ali um alguém “transviante”, mas para configurarem novos, fecundos, amplos e abertos trans-territórios. E territórios não apenas de “sentidos”, mas de inter-sentidos, de pluri-sentidos e, um dia, de trans-sentidos.

Como illustrei antes, com exemplos da medicina, da psicologia, da psicanálise e da constelação familiar, para além do domínio da geografia e de outras ciências da natureza e da sociedade, é no campo das “ciências da cura” que entrevejo com maior clareza essas pioneiras aberturas. Ao mesmo tempo em que hoje em dia a genética, a medicina e todas as ciências ocidentais e práticas afins ousam dar enormes passos e vivenciar travessias antes tidas como desviantes, e nos apresentam descobertas não mais a cada decênio ou a cada ano, como no passado, mas quase a cada mês ou a cada semana, assistimos agora como biólogos, geneticistas, farmacólogos, terapeutas e outros cientistas e especialistas nos mais diversos campos da pesquisa da vida e das práticas de cura do corpo e do espírito, tocam de perto mistérios da vida e do ser humano cujas respostas por certo estarão muito longe das descobertas de uma ciência única, isolada.

Penso no tempo em que a genética, a medicina e a psicologia buscarão respostas na física quântica. E penso em tempos em que todas as ciências e as espiritualidades, as filosofias e as religiões dialogarão suas tradições ancestrais, ou suas inovações mais recentes, para se aproximarem juntas dos segredos e das descobertas, que são infinitas e que estão ainda ocultas diante de nós. E que estão à espera de que aprendamos a nos unir e dialogar, para se abrirem a nós em toda a sua misteriosa, material, energética, quântica e espiritual realidade.

Certa vez eu vi pela primeira vez um mapa de “cartografia social”. Nele não estavam registradas as cidades, as metrópoles e as rodovias oficiais dos nossos mapas tradicionais. Estavam registradas nele as estradinhas de terra, as pequenas comunidades tradicionais, as aldeias e terras indígenas e quilombolas. E diante daquele estranho “novo mapa” (que não era de todo o Brasil, mas de uma pequena região) eu me perguntava: qual será o verdadeiro mapa de porções do Brasil e de “todo o Brasil? O mapa oficial que nos é mostrado desde a escola, ou estas novas cartografias que indicam os “lugares esquecidos e apagados” onde, no entanto, vive e trabalha uma imensa parte das pessoas e famílias da “gente brasileira?”

Então... qual será o nosso verdadeiro mapa? Qual será o nosso mais fiel e profundo rosto? Como serão, dentro ou por detrás dele, a nossa mente, o nosso espírito, a nossa alma?

No presente trabalho procurei mostrar como esse percurso é pessoal e ao mesmo tempo coletivo é como um passo no “micro”, um passo de coragem, de inovação de um alguém que ousaria contribuir para abrir frentes e fronteiras para outros tantos que assim quiserem, que assim sentirem. Esse processo é circular e eu diria que é o que talvez contribua a promover alguns dos grandes saltos que ousamos viver e gerar enquanto humanidade.

Asato Ma



Om

Asato Ma Sat Gamaya

Tamaso Ma Jyotir Gamaya

Mrityor Ma Amritam Gamaya

Asato Ma



Om

Conduza-me da mentira  
para a verdade  
da escuridão para a luz  
da morte para a imortalidade.



# Referências

## Bibliográficas<sup>42</sup>



---

<sup>42</sup> PETICOV, Antônio. **Crossroads**. Adaptação de Alessandra Leal. Disponível em: <http://www.art-bonobo.com/peticov/17trees.htm>. Dimensões 70 x 100 cm, 1986. Acessado em: 13/02/2016.

## Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOURDIER, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989 (Coleção Memória e Sociedade).

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985. 1 – Religião e construção do mundo e 2 – Religião e manutenção do mundo.

\_\_\_\_\_. **Rumor de Anjos** – a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1996.

BERGER, Peter L. LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1974. 247 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido**. In: MOREIRA, A. e ZICMAN, R. (orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Fronteira da fé**: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. Revista Estudos Avançados número 18(52), 2004.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300017>

\_\_\_\_\_. **O Festim dos Bruxos**: estudos sobre religião no Brasil. Campinas: Unicamp, 1987.

\_\_\_\_\_. **Notas de aula da Disciplina Tópicos Especiais em Geografia**: Geoantropologia da Religião, ministrada pelo Professor Carlos Rodrigues Brandão no segundo semestre de 2012.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular e Educação**: salto para o futuro. In: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação a distância, 2008. p. 25-100.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Tao da Física**: Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Cultrix, 2011.

CHOPRA, Deepak. **Ciência e Espiritualidade**:

CLASTRES, P.; GAUCHET, M.; ADLER, ; LIZOT, J. **Guerra, Religião e Poder**. Lisboa: Edições 70, 1980.

- CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008, 352 p.
- DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- EVANS-PRITCHARD. E. E. **Antropologia Social da Religião**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Las teorías de la religión primitiva**. Madrid: Siglo XXI. 1973.
- GENNEP, Van. **Os ritos de passagem**. Petropolis: Ed. Vozes, 2011.
- GOSWAMI, Amit. **Universo autoconsciente: como a consciência cria o mundo material**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1993.
- GROUPE FRONTIÈRE. **La frontière: un objet spatial en mutation**. EspacesTemps.net, 2004 Disponível em [http:// espacestemp.net/ document842.html](http://espacestemp.net/document842.html)
- HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização a multiterritorialidade. Encontros de Geógrafos da América Latina. X, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo, X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, p. 6774 -6792.
- JARRAD, Kyle. **Matthieu Ricard: As Meditações de um Monge na Busca pela Felicidade**. Tribuna Internacional Herald,
- LUTZ, Antoine. GREISCHAR, Lawrence L. RAWLINGS, Nancy B. RICARD, Mathieu. DAVIDSON, Richard J. **Long-term meditators self-induce high-amplitude gamma synchrony during mental practice**. In PNAS, Princeton University em outubro de 2004. Disponível em: [www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.0407401101](http://www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.0407401101). Acessado em novembro de 2015.
- MAÇANEIRO, Marcial. **Religiões e Ecologia: cosmovisão, valores e tarefas**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MARTINS, Geraldo Inácio. **As tramas da des(re)territorialização camponesa: a reinvenção do território veredeiro no entorno do Parque Nacional Grande Sertão-Veredas, Norte de Minas Gerais**. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2011.
- MATTOS, Carlos de Meira. **Brasil: geopolítica e destino**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. 2.ed 151p (Coleção Documentos Brasileiros; V.170). 981 D637 V.170

MAUSS, Marcel. **Lo sagrado y lo profano**. Barcelona: Barral Editores, 1970.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo, EPU-EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. A alma, o nome e a pessoa. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. p. 177-180.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. (orgs.) **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNIZ-SODRÉ. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Salvador: Secretaria Da Cultura e Turismo/IMAGO, 2002.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **As práticas mágicas no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1991.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito**. Disponível em: [http://www.marizapeirano.com.br/livros/o\\_dito\\_e\\_o\\_feito.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/livros/o_dito_e_o_feito.pdf) - Cap. 1- A análise antropológica de rituais.

\_\_\_\_\_. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de Oliveira; SOUZA, José Carlos Aguiar de. **Consciência Planetária e religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, Cura e Benzedura: um ofício sobre a benzedeira em Campinas**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1983. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

\_\_\_\_\_. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OLIVEIRA, Ricardo Monezi Julião de. **Avaliação de efeitos da prática de impostação de mãos sobre os sistemas hematológico e imunológico de camundongos machos**. Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Dissertação de Mestrado, 2003.

PEIRANO, Mariza G. S. **A análise antropológica de rituais**. Brasília: Série Antropologia, caderno 270, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **O dito e o feito: ensaios de antropologia de rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **A magia**. São Paulo: Publifolha, 2001.

REVISTA RELIGIÃO E SOCIEDADE. **Pentecostes e Nova Era: fronteiras, passagens**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos para Religião, v.17, n.1-2. 2006.

RICARD, Matthieu. **Revolução do Altruísmo**. São Paulo: Editora Palas Athenas, 2015.

\_\_\_\_\_, REVEL, Jean-François. **O Monge e o Filósofo**: o budismo hoje. São Paulo: Editora Mandarim, 2000.

RONCAYOLO, Marcel. **Território**. In: Enciclopédia Einaudi. Portugal: Imprensa, 1986. v. 8. p.263-289.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo. Razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha. Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. Niterói: UFF, 2006. p.13-22.

SANTOS, Milton. **A questão**: o uso do território. In: SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2008. p.19-23.

SANTOS, José Rosselvelt. **Pesquisa empírica e trabalho de campo**: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. Sociedade & Natureza. Uberlândia, 11 (21 e 22), p.111-125, jan. /dez. 1999.

SERRA, O. **Linguagem, mito e enigma**. Archai n. 8, jan-jun 2012, p.115-128. [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_8\\_13](https://doi.org/10.14195/1984-249X_8_13)

SHELDRAKE, Rupert. **A presença do passado**: Ressonância Mórfica, Instituto Piaget, Lisboa. 1996.

SILVA, Gutemberg de Velhuna. **A fronteira política**: alguns apontamentos sobre este tema clássico da Geografia Política. In: Revista Acta Geográfica, ano II, nº04, julh-dez. 2008. <https://doi.org/10.5654/actageo2008.0204.0001>

\_\_\_\_\_. **O renascimento da natureza**: O Reflorescimento da Ciência e de Deus, Cultrix, São Paulo. 1993.

SOUZA, Régis de Toledo; SILVA, André Luiz da (orgs.). **Religião & Imagética**: caminhos da devoção popular no Brasil e no México. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

SOUZA, Rita de Cássia M. de. **Geografia e geopolítica na formação nacional brasileira**: Everardo Adolpho Backheuser. (Tese) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestruturura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (Coleção Antropologia).

## Entrevistas e Reportagens

## Deepak Chopra

OLIVEIRA, Monique. **A saúde é o espelho do que pensamos.** [Entrevista com Deepak Chopra] Revista Isto é. Nº Edição: 2220, de 22 de Agosto de 2013. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/320366\\_A+SAUDE+E+O+ESPELHO+DO+QUE+PENSAMOS+](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/320366_A+SAUDE+E+O+ESPELHO+DO+QUE+PENSAMOS+)

## Fritjof Capra

GITEL, Murilo. **Fritjof Capra:** "Sobrevivência da humanidade dependerá de nossa alfabetização ecológica". [Reportagem]. Editora EcoD. Disponível em <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2015/julho/fritjof-capra-sobrevivencia-da-humanidade>. Acessado em 19/11/2015.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **A Ciência Universal. Entrevista com Fritjof Capra.** [Reportagem]. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-anteriores/9697-a-ciencia-universal-entrevista-com-fritjof-capra>. Acessado em 20/11/2015.

LOPES, Juliana. **Entrevista com o físico Fritjof Capra.** [Entrevista]. Revista Eletrônica: BemZen Estilo de vida. Disponível em: <http://bemzen.uol.com.br/noticias/ver/2012/02/29/3200-abaixo-o-humanismo-individualista>. Acessado em: 20/11/2015.

NAHRA, Alessandra. **Fritjof Capra:** Entrevista. [Entrevista]. Libertas Comunitas. Disponível em: <http://www.libertas.com.br/antigo/index.php?central=conteudo&id=752>. Acessado em 20/11/2015.

PISANI, Francis. **Redes como um padrão unificador da vida envolvendo diferentes processos em diferentes níveis:** uma entrevista com Fritjof Capra. [Entrevista]. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: [wp.ufpel.edu.br/.../08/CAPRA-ENTREVISTA-A-FRANCIS-PIANSI.pdf](http://wp.ufpel.edu.br/.../08/CAPRA-ENTREVISTA-A-FRANCIS-PIANSI.pdf). Acessado em 16/01/2016.

RODA VIVA. **Memória Roda Viva:** Fritjof Capra. [Entrevista]. TV Cultura: Programa Roda Viva. Disponível em: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/406/entrevistados/fritjof\\_capra\\_2006.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/406/entrevistados/fritjof_capra_2006.htm). Acessado em 19/11/2015.

## Amit Goswami

ÁLVARES Victória. **Amit Goswami:** Deus não está morto. [Entrevista]. DIARIO/RECIFE. Disponível em: <http://fatorquantico.blogspot.com.br/2014/02/amit-goswami-deus-nao-esta-morto.html>. Acessado em 16/11/2015.

GALLI, Marcelo. **Evangelho para uma nova Ciência:** Físico quântico indiano Amit Goswami propõe a conciliação entre a Ciência e a espiritualidade, e contribui para validar

conceitos da Psicologia como inconsciente. [Entrevista]. Revista Ciência, Vida e Psique. Disponível em:

GOSWAMI, Amit. **Filosofia, nossa visão de mundo tem importância na nossa vida.** [Texto]. Disponível em: <http://www.amitgoswami.com.br/#!/A-Filosofia-nossa-Visão-de-Mundo-tem-importância-em-nossa-vida-cotidiana/c1qox/559589900cf2585ebcdc53f2>  
Goswami, 2015. <https://doi.org/10.1155/2015/485762>

GRACIANO, Romeo. **A Física Desvela a Consciência.** [Entrevista]. Revista Planeta. Disponível em: <http://mickbernard.blogspot.com.br/2009/04/a-fisica-desvela-consciencia-mais.html>. Acessado em 16/11/2015.  
<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/60/entrevista-o-fisico-quantico-indiano-amit-goswami-une-ciencia-194197-1.asp>. Acessado em: 18/11/15  
[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/320366\\_A+SAUDE+E+O+ESPELHO+DO+QUE+PENSAMOS](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/320366_A+SAUDE+E+O+ESPELHO+DO+QUE+PENSAMOS) Acessado em 16/11/2015.

REVISTA PLANETA. **A economia espiritual de Amit Goswami.** [Entrevista]. Disponível em: <http://www.revistaplaneta.com.br/a-economia-espiritual-de-amit-goswami/>. Acessado em 16/11/2015.

### Matthieu Ricard

CASTRO, Haroldo. **Este é o homem mais feliz do mundo?** [Reportagem]. Revista Galileu. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG84137-7943-205-1,00-ESTE+E+O+HOMEM+MAIS+FELIZ+DO+MUNDO.html>. Acessado em: 14/11/2015.

CRESPO, Lúcia. **Matthieu Ricard: a revolução altruísta está a caminho.** [Entrevista]. Jornal de Negócios. Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/matthieu-ricard-a-revolucao-altruista-esta-a-caminho.html>. Acessado em: 14/11/2105.

CUNHA, Daniel. **Matthieu Ricard e a revolução do altruísmo.** [Reportagem-entrevista]. Editora Palas Athena. Disponível em: <http://www.namu.com.br/materias/matthieu-ricard-e-revolucao-do-altruismo>. Acessado em 11/11/2015.

PEREIRA, Nando. **Altruísmo verdadeiro contra crença que somos intrinsecamente maus.** [Entrevista]. Revista Digital DharmaLog. Disponível em: <http://dharmalog.com/2013/07/24/em-entrevista-matthieu-ricard-defende-altruismo-verdadeiro-contra-crenca-que-somos-intrinsecamente-maus-video/>. Acessado em: 14/11/2015.

### Mata Amritanandamayi 's Devi (Amma)

BBC BRASIL. **Milhares fazem fila em Londres para receber abraço de indiana.** [Reportagem]. Disponível em:

[http://www.bbc.com/portuguese/videos\\_e\\_fotos/2011/11/111117\\_abraco\\_indiana\\_dg.sntm](http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2011/11/111117_abraco_indiana_dg.sntm)  
l. Acessado em Acessado em: 14/11/2015.

CÔRTEZ, Celina **A deusa do abraço**. [Reportagem]. Revista Isto é alternativa. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/14244\\_A+DEUSA+DO+ABRACO](http://www.istoe.com.br/reportagens/14244_A+DEUSA+DO+ABRACO). Acessado em 12/02/2016.

### **João de Deus**

NOGUEIRA, Pablo. **O homem de Abadiânia**: Quem é João de Deus, o médium brasileiro que atrai legiões de fiéis de todo o mundo com suas supostas curas espirituais. [Reportagem]. **Revista Galileu**. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR85321-7943,00.html>. Acessado em 10/11/2015

RIZZO, Allana. **Oprah Winfrey grava programa com o médium João de Deus**. [Reportagem]. **Jornal Estadão**. [Jornal] Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,oprah-winfrey-grava-programa-com-o-medium-joao-de-deus,855138>, em 29 de março de 2012. Acessado em: 10/11/2015.

VILLAMEA, Luiza. **A dupla face de Abadiânia**. [Reportagem]. Revista Brasileiros. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2013/07/a-dupla-face-de-abadiania/>. Acessado em: 22/11/2015.

STACCIARINI, Isa; FORTES, Breno. **Médium João de Deus conta por que escolheu medicina tradicional em cirurgia**. Disponível em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/10/16/interna\\_cidadesdf,502667/apos-cirurgia-medium-joao-de-deus-conta-por-que-recorreu-a-medicina.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/10/16/interna_cidadesdf,502667/apos-cirurgia-medium-joao-de-deus-conta-por-que-recorreu-a-medicina.shtml). Acessado em: 22/11/2015.

BATISTA JR. João. **João de Deus**: o médium do povo (e dos poderosos). [Reportagem]. Revista **Veja** São Paulo. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/joao-de-deus-medium-perfil/>. Acessado em: 22/11/2015.

NICACIO, Adriana. **Os poderes de João de Deus**. [Reportagem]. Revista Isto é Independente. Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/186615\\_OS+PODERES+DE+JOAO+DE+DEUS](http://www.istoe.com.br/reportagens/186615_OS+PODERES+DE+JOAO+DE+DEUS). Acessado em: 22/11/2015.

### **Sites**

#### **Deepak Chopra**

DEEPAK CHOPRA. Disponível em: <https://www.deepakchopra.com/>. Acessado em 14/11/2015.

THE CHOPRA CENTER. Disponível em: <http://www.chopra.com>. Acessado em 20/11/2015.

CHOPRA CENTER MEDITATION STORE FOLLOW US. Disponível: <https://chopracentermeditation.com/>. Acessado em 14/11/2015.

### **Fritjof Capra**

FRTIJOF CAPRA. Disponível em: [www.fritjofcapra.net/](http://www.fritjofcapra.net/). Acessado em 21/11/2015.

CENTER FOR ECOLITERACY. Disponível em: [www.ecoliteracy.org](http://www.ecoliteracy.org). Acessado em 21/11/2015.

ESCOLA DE REDES. Disponível em: [www.escoladeredes.net/group/bibliotecafritjofcapra](http://www.escoladeredes.net/group/bibliotecafritjofcapra). Acessado em: 21/11/2015.

### **Amit Goswami**

AMIT GOSWAMI. Disponível em: [www.amitgoswami.com.br](http://www.amitgoswami.com.br). Acessado em 16/11/2015.

AMIT GOSWAMI. Disponível em: [www.amitgoswami.org/](http://www.amitgoswami.org/). Acessado em 16/11/2015.

ATIVISMO QUANTICO. Disponível em: [www.ativismoquantico.com/](http://www.ativismoquantico.com/). Acessado em 16/11/2015.

QUANTUM ACTIVIST. <http://www.quantumactivist.com/>. Acessado em 16/11/2015.

EDITORIA GOYA. Disponível em: [www.editoragoya.com.br](http://www.editoragoya.com.br). Acessado em 16/11/2015.

### **Mathieu Ricard**

MATTHIEU RICARD. Disponível Em: [www.matthieuricard.org/en/](http://www.matthieuricard.org/en/). Acessado em 16/11/2015.

KARUNA SECHEN. Disponível em: [www.karuna-shechen.org/](http://www.karuna-shechen.org/). Acessado em 12/01/2016.

### **Bruno Gimenes**

LUZ DA SERRA. Disponível em: <http://www.luzdaserra.com.br/nossa-historia>. Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.brunojimenes.com.br](http://www.brunojimenes.com.br). Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.ocriadordarealidade.com.br/](http://www.ocriadordarealidade.com.br/). Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.asuamissao.com](http://www.asuamissao.com). Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.ochamadodaluz.com.br/author/ead120](http://www.ochamadodaluz.com.br/author/ead120). Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.opoderdoser.com](http://www.opoderdoser.com). Acessado em: 15/11/2015.

BRUNO GIMENES. Disponível em: [www.fitoenergetica.com.br/author/ead120/](http://www.fitoenergetica.com.br/author/ead120/). Acessado em: 15/11/2015.

SOMOS TODOS UM. PORTAL BRUNO J. GIMENEZ. [Artigos.] Disponível em: <http://somostodosum.ig.com.br/p.asp?i=10090>. Acessado em: 15/11/2015.

### **Mata Amritanandamayi 's Devi (Amma)**

AMMA BRASIL ORG. Disponível em: <http://www.ammabrasil.org/ensinamentos/dharma.htm>. Acessado em 18/11/2015.

AMMA. Disponível em: [www.amma.org/](http://www.amma.org/). Acessado em 18/11/2015.

AMMA. Disponível em: <http://www.amritapuri.org/yatra>. Acessado em 18/11/2015.

AMMA. Disponível em: [www.amma-europe.org](http://www.amma-europe.org). Acessado em 18/11/2015.

EMBRACING THE WORLD. [www.embracingtheworld.org/about-amma](http://www.embracingtheworld.org/about-amma). Acessado em 18/11/2015.

### **João de Deus**

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA. Disponível em: <http://www.joaodedeusabadiania.com/> Acessado em: 10/11/2015.

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA. Disponível em: [www.joaodedeus.com.br](http://www.joaodedeus.com.br). Acessado em: 10/11/2015.

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA. Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCbrbkz\\_4ISMqwc52npic23w](https://www.youtube.com/channel/UCbrbkz_4ISMqwc52npic23w). Acessado em 13/02/2016.

### **Arthur Shaker**

ARTHUR SHAKER. Disponível em: <http://arthurshaker.blogspot.com.br/>. Acessado em 18/01/2016. Acessado em 18/01/2016.

ARTHUR SHAKER. Disponível em: <http://www.escavador.com/sobre/394303/arthur-shaker-fauzi-eid#>. Acessado em 18/01/2016.

ARTHUR SHAKER. Disponível em: <https://soundcloud.com/arthurshaker>. Acessado em 18/01/2016.

CASA DE DHARMA. Disponível em: <http://casadedharmaorg.org/quem-somos/>. Acessado em 18/01/2016.

NÚCLEO NEUROCIÊNCIAS, MINDFULNESS E SAÚDE. Disponível em: <http://saudemindfulness.blogspot.com.br/>. Acessado em 18/01/2016.

### **Giridhari Das**

GIRIDHARI DAS. Disponível em: <http://giridhari.com.br/>. Acessado em 05/01/2016.

PARAÍSO DOS PÂNDAVAS. Disponível em: [www.pandavas.org.br/](http://www.pandavas.org.br/). Acessado em 05/01/2016.

GIRIDHARI DAS. Disponível em: [www.3t.org.br/](http://www.3t.org.br/). Acessado em 05/01/2016.

GIRIDHARI DAS. Disponível em: <https://instagram.com/caminho3T>. Acessado em 05/01/2016.

GIRIDHARI DAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iQobg-TMMY4>. Acessado em 05/01/2016.

GIRIDHARI DAS. Disponível em: <https://www.mixcloud.com/giridharipandavas/>. Acessado em 05/01/2016.

GIRIDHARI DAS. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/gdtubebr>. Acessado em 07/01/2016.

### **João Mendes Rio**

JOÃO MENDES RIO. Disponível em: <http://joaomendesrio.wix.com/joaomendesrio>. Acessado em 24/01/2016.

JOÃO MENDES RIO. Disponível em: e <https://soundcloud.com/joaomendesrio>. Acessado em 24/01/2016.

### **Outros sites**

O MESTRE THICH NHAT HANH. Disponível em: <http://sobrethichnhathanh.blogspot.com.br/>. Acessado em 20/11/2015.

## Vídeos

### Deepak Chopra

OPPENHEIMER. **Deepak Chopra e a Medicinal Alternativa.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o-dOzFkpDmg> Publicado em 21 de fevereiro de 2013. Acessado em 20/11/2015.

ALEXIS ROJAS. **Entrevista com Deepak Chopra.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9Gc4u\\_nH-Qg](https://www.youtube.com/watch?v=9Gc4u_nH-Qg) Publicado em 17 de set de 2011. Acessado em 20/11/2015.

CNN EM ESPANHOL. **Cómo alcanzar la prosperidad?, Chopra lo revela.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yj5eXDzeXzc>. Publicado em 18 de novembro de 2014. Acessado em 20/11/2015.

LASCIUDADESDELASIDEAS. **Deepak Chopra & Richard Dawkins. El Encuentro del Siglo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BiwLrxPb1fE>. Publicado em 15 de nov de 2013. Acessado em 20/11/2015.

CENTAURO. **La Cueva del Cristal.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=leSKhIZl6nI>. Publicado em 2 de maio de 2013. Acessado em: 20/11/2015.

CENTAURO. **El Sendero del Mago.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K9mPDVsfa3s>. Publicado em 27 de janeiro de 2013. Acessado em: 20/11/2015.

POSITIVAMENTE PIENSA. **Alquimia de la Transformación Espiritual Deepak Chopra.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f2tTO-IJFMo>. Publicado em 19 de out de 2014. Acessado em 20/11/2015.

Deepak Chopra - **Encuentra tu equilibrio (Colección Mente Sana 1-3).** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kKLT2d\\_PYMo](https://www.youtube.com/watch?v=kKLT2d_PYMo). Publicado em 27 de jan de 2013. Acessado em 20/11/2015.

### Fritjof Capra

GLOBO NEWS. **Fritjof Capra 2012.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nj72c4ragyc>. Acessado em: 20/11/2015.

RNW. **Espacio de em Blanco.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qs5ZuoPezBI>. Publicado em 15 de dezembro 2015. Acessado em 16/01/2015.

SANTANDER BRASIL. **Práticas de educação para sustentabilidade.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g7sAj6RlwC0>. Publicado em 21 de maio de 2012. Acessado em 20/11/2015.

CENTRO SEBRAE SUSTENTABILIDADE. **Ciclos:** Fritjof Capra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kNqhyVI-YUo>. Publicado em: 17 de julho de 2015. Acessado em 21/11/2015

ESCOLAS DE REDES. **Fritjof Capra:** Redes Como um Padrão Unificador da Vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u6dhuLKpYgg>. Publicado em 11 de maio de 2015. Acessado em: 21/11/2015.

RODA VIVA. **Roda Viva | Fritjof Capra | 31/01/2006.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ta3fHs9NRoo>. Publicado em 31 de janeiro de 2006. Acessado em 16/01/2016.

### **Amit Goswami**

AMERICAN INSIGHT. **Filme:** Crossroads: Labor Pains of a New Worldview. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5n1p9P5ee3c> Publicado em: 25 de novembro de 2014. Acessado em 16/11/2015.

III CONGRESO DE CONCIENCIA CUÁNTICA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzetwLKF-5g>. Publicado em 28 de maio de 2015. Acessado em 16/11/2015.

LEGALISE FREEDOM. **Amit Goswami - Quantum Consciousness:** The Mind of God. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPUDCkPGkno>. Publicado em 10 de abril de 2013. Acessado em 16/11/2015.

MINDALIAN TELEVISION. **Conferencia completa de Amit Goswami "Sobre la Vida y la Muerte: ¿Y Tú Que Sabes!?"** en el Congreso Vida después de la vida, en Albacete octubre 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GwtI-WmUNPk>. Publicado em 23 de abril de 2013. Acessado em 16/11/2015.

SIMPOSIO SAÚDE QUÂNTICA. **Amit Goswami.** Disponível em: <http://www.simposiosaudequantica.com.br/pt/palestrantes/amit-goswami.php>. Acessado em 16/11/2015.

### **Matthieu Ricard**

CANAL RSA VISION. **A arte da meditação.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eKhGZuKBSA8>. Publicado em 27 de jan de 2014. Acessado em 15/11/2015.

CANAL SWPT.ORG. **Mude sua mente. Mude o mundo.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9TV3mGQaivc>. Publicado em 21 de maio de 2013. Acessado em 15/11/2015.

KRF PORTUGAL. **Matthieu Ricard - Conferência Felicidade e Altruísmo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u0xjKt8RhVI>. Publicado em 10 de junho de 2014. Acessado em 15/11/2015.

PALAS ATHENA. **O que nos ocultaram sobre o altruísmo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0U8pWkfpnYA>. Publicado em 2 de jun de 2015. Acessado em 15/11/2015.

REDES EDUCACION (ES). **A Ciência da Compaixão**. Disponível em: <https://youtu.be/oFGAeDWkiHo>. Publicado em 20 de mar de 2012. Acessado em 15/11/2015.

TALKS AT GOOGLE. **Matthieu Ricard: A Revolução do Altruísmo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-f6qot6uSRw>. Publicado em 29 de agosto de 2015. Acessado em 15/11/2015.

TED. **Matthieu Ricard: como ter o altruísmo como guia**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_GKCr8rq8](https://www.youtube.com/watch?v=p_GKCr8rq8) Publicado em 20 de jan de 2015. Acessado em 15/11/2015.

TED'S TALK'S. **Matthieu Ricard: Hábitos da Felicidade**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8gutp4\\_c3V8](https://www.youtube.com/watch?v=8gutp4_c3V8). Publicado em 12 de janeiro de 2009. Acessado em: 15/11/2015.

### **Bruno Gimenes**

MARCIA LUZ TV. **Entrevista Bruno Gimenes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX5PRw46QPk>. Publicado em 15 de julho de 2015. Acessado em 28/11/2015.

CÁTIA DAMASCENO. **Entrevista Bruno Gimenes**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTl66Bf1eig>. Publicado em 23 de abril de 2015. Acessado em 28/11/2015.

ANDRÉ LIMA - EFT. **Fitoenergetica: Entrevista com Bruno Gimenes e Patricia Candido**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X4TSUVuaNX0>. Publicado em 4 de mar de 2015. Acessado em 28/11/2015.

### **Mata Amritanandamayi 's Devi (Amma)**

BHARATEEYAM. **Amma's Speech at United Nations on Sustainable Development 2015**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSbGa2Y0WI>. Publicado em 8 de jul de 2015. Acessado em 09/11/2015.

CCARE AT STANFORD UNIVERSITY. **Conversations on Compassion with Amma**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IjkDV1QUbdI>. Publicado em 13 de junho de 2014. Acessado em 09/11/2015.

MICHAEL YASMÍN SOL. **Amritanandamayi's story.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dMNSLxER11>. Publicado em 6 de out de 2012. Acessado em 09/11/2015.

### **João de Deus**

APRIMORAMENTO HUMANO. **João de Deus:** Mediunidade e Cura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsKFqsJLPyc>. Publicado em 9 de nov de 2012. Acessado em 12/11/2015.

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA. **Depoimentos:** Médiun João de Deus e Dr. Roger. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9QU573-6DkY>. Publicado em 29 de maio de 2012. Acessado em 11/11/2015.

CASA DE DOM INÁCIO DE LOYOLA. **João de Deus programa Oprah.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jvFCxdmTHOk>. Publicado em 25 de agosto de 2011. Acessado em 11/11/2015.

STACCIOARINI. Isa. **Médiun João de Deus conta por que escolheu medicina tradicional em cirurgia.** [Vídeo]. Correio Brasiliense. Disponível em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/10/16/interna\\_cidadesdf,502667/apos-cirurgia-medium-joao-de-deus-conta-por-que-recorreu-a-medicina.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/10/16/interna_cidadesdf,502667/apos-cirurgia-medium-joao-de-deus-conta-por-que-recorreu-a-medicina.shtml). Acessado em: 11/11/2015.

Om Sarve



Om Sarve Bhavantu Sukhinaha  
Sarve Santu Nirāmayā  
Sarve Badhrāni Pashyantu  
Mā Kashchid Dukha Bhag Bhavet

Om Sarve



Que todos os seres sejam felizes.  
Que a existência possa suprir  
todas as suas necessidades.  
Que todos possam encontrar  
o Deus interior.

